

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA



# MITOLOGIA DA MINEIRIDADE

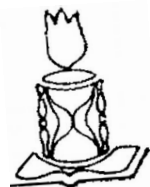
O IMAGINÁRIO MINEIRO NA VIDA POLÍTICA E  
CULTURAL DO BRASIL

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento  
de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da USP, sob orientação do  
Prof. Dr. Azis Simão

SÃO PAULO

1986

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA



# MITOLOGIA DA MINEIRIDADE

O IMAGINÁRIO MINEIRO NA VIDA POLÍTICA E  
CULTURAL DO BRASIL

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento  
de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da USP, sob orientação do  
Prof. Dr. Azis Simão

SÃO PAULO  
1986



## O VELHO RELÓGIO .

*Mais velho era o relógio que a fazenda.  
De filigranas de ouro trabalhado  
A arteção genial encomendado  
Por um nobre senhor da alta legenda.*

*Um vice-rei da Europa trouxe a prenda  
E deixou-o por cá, ensimesmado  
Na glória vã de cousa do passado  
Do tempo entretecendo a frágil renda.*

*A vida gasta os homens e os relógios  
(Esses também merecem necrológios)  
E o relógio parou, por fim, num baque...*

*Se a fazenda ainda existe é, apenas, para  
creio que agasalhar a espécie rara  
Que num "ai" se calou de um tic-tac.*

*José do Nascimento.*

I N D I C E G E R A L

# I N D I C E   G E R A L

## AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I: AS FONTES DO MITO .....	36
1. No Rastreo do Regional .....	36
2. Sensibilidade Romântica .....	56
3. As Nuanças de Quixote .....	68
CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO MÍTICA .....	95
1. A Apropriação das Origens .....	95
2. A Fruição da Cultura .....	111
3. A Vocação Democrática .....	118
4. A Enunção do Perfil .....	131
CAPÍTULO III: O ENLEIO DO IMAGINÁRIO .....	143
1. Ritualismo .....	143
2. Codificação .....	170
CAPÍTULO IV: IMAGINÁRIO E SOCIEDADE .....	209
1. Temporalidade e Representação .....	209
2. A Produção da Vida Material .....	222
3. O Microcosmo da Vida Social e Cultural .....	274
CAPÍTULO V: CULTURA E POLÍTICA .....	328
1. O Lugar da Memória .....	328
2. A Vivência da Política .....	356
3. O Espaço da Literatura .....	395
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	431
BIBLIOGRAFIA .....	435

A G R A D E C I M E N T O S

## AGRADECIMENTOS

Redigir agradecimentos às pessoas envolvidas na elaboração de uma tese tem, às vezes, a função de cumprir um ritual, uma formalidade. Não é este o meu caso, pois todos a queles que se envolveram na realização deste trabalho, fizeram-no com tal despreendimento, a despeito de suas obrigações e compromissos pessoais, que me sinto ocupada, neste momento, por um profundo sentimento de gratidão, a ponto de descrever da possibilidade de expressá-lo na sua inteireza.

O Professor Dr. AZIS SIMÃO acolheu-me como sua orientanda e dele sô recebi apoio e incentivo. Dele hauri as questões teóricas mais profundas que atravessam o conjunto deste trabalho. Mais do que um professor atencioso e competente, é um verdadeiro mestre.

O NÚCLEO DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS DE SÃO PAULO, deu-me o apoio financeiro indispensável à realização da pesquisa, portanto, ficam os agradecimentos aos seus diretores MARIA CECÍLIA SPINA FORJAZ e SERGIO MICELI. Da mesma forma, tenho uma dívida de gratidão para com os Professores Dr. TEÓFILO QUEIROZ JR. e Dr. ORLANDO PINTO DE MIRANDA, que no exame de qualificação apontaram para questões relevantes no projeto da tese.

FERNANDO NOVAIS ofereceu-me absoluta disponibilidade de seu precioso tempo e o privilégio da sua presença insubstituível. Não saberia como separar este trabalho dessa longa e fecunda convivência, povoada por sugestões e idéias que se materializaram em inúmeras passagens deste estudo.

GISELA GOLDENSTEIN, amiga e irmã, acompanhou, desde o início, as vicissitudes de sua elaboração. JOSÉ RICARDO BARBOSA GONÇALVES, amigo imprescindível e aliado incondicional, mobilizou seu espírito crítico atilado, mas também sua benevolência, tão preciosos àqueles que enfrentam a árdua tarefa do doutoramento.

Foi, contudo, com JOÃO MANUEL CARDOSO DE MELLO, que comecei a discutir as idéias primeiras deste trabalho. Recordo-me, sempre, de suas opiniões inteligentes e profundamente críticas.

Nas idas a Belo Horizonte contei com a hospitalidade e o afeto dos grandes amigos PIEDADE e CAIO BOSCHI. O caro FRANCISCO IGLÉSIAS prontificou-se a ouvir-me e tornou minhas estadas em Minas extremamente agradáveis e proveitosas. JOÃO ANTÔNIO DE PAULA, até o último momento, deu seu apoio irrestrito. OTÁVIO SOARES DULCI, tão envolvido quanto eu mesma com o tema da mineiridade, mostrou-se sempre disponível. Meu conterrâneo, Dr. VIVALDI MOREIRA, presidente da Academia Mineira de Letras, abriu-me, generosamente, a Biblioteca e o Arquivo desta instituição. O Sr. EDSON MOREIRA fez sugestões valiosas de obras, chegando mesmo a oferecer-me livros de sua coleção pessoal. Dona LAÍS ÁVILA, diretora da Biblioteca Pública de Minas Gerais, com a gentileza tipicamente mineira, pôs à minha disposição o acervo. Dona DORA MARTINS BELEM, Chefe da Seção Mineiriana, acompanhou-me com atenção e desvelo durante incontáveis dias de pesquisa frutífera. VERA ALICE CARDOSO facilitou-me o acesso ao material do Centro de Estudos Mineiros. A todos, o meu sincero e emocionado agradecimento.

I N T R O D U Ç Ã O

## I N T R O D U Ç Ã O

As expressões singulares da existência têm sido, no mais das vezes, desconsideradas como formas legítimas do conhecimento. Tudo que é particular e próprio às experiências individuais é, comumente, acimado de subjetivismo, de fonte de enganos, quando não de ensaios suspeitos em busca de legitimação social. Se é possível encontrar, em gradações diversas, traços que corroborariam tal visão, assumí-la como regra inerente a toda e qualquer tentativa de interpretação da realidade resul<sup>u</sup>taria na criação de um novo ardil. Todo trabalho intelectual é histórico não apenas no sentido de versar sobre um momento da criação coletiva dos homens, mas, principalmente, porque se colocam problemas e inquietações que estão presentes, mesmo em forma virtual, na ribalta da sociedade. Reversivamente, todo trabalho tem a sua história, e aqui as manifestações peculiares às trajetórias e limitações pessoais inscrevem-se nos escaninhos da reflexão. Assim, o reconhecimento dessa dupla de<sup>u</sup>terminação, se porventura relativiza a magnitude e a originalidade das nossas observações, pode erigir-se, do mesmo modo, num feíto peculiar de expressão social, pois, "graças à sua participação no meio discursivo, a experiência individual é por sua própria natureza, mais que meramente individual"<sup>1</sup>. Ora, a desconsideração do singular parece-nos ser uma das marcas do mundo contemporâneo, que subsumiu o específico, transformando-o num mero matiz do conjunto<sup>2</sup>. A ruptura de liames tecidos em

---

(1) ADORNO, T.W. - *Dialéctica Negativa*. Tradução espanhola, Madrid, Taurus Ediciones, 1984, p. 51.

(2) "As malhas do todo vão enlaçando-se cada vez mais estreitamente, segundo o modelo do ato de troca. A consciência



fios apertados e mesmo sufocantes, põe, provavelmente, a necessidade de contestar-se o ideal científico corrente, manifesto em procedimentos e em fórmulas de investigação que pretendem tornar a auto-reflexão de todo ausente, considerada como a personificação dos desvios e dos enganos. "A exclusão do indivíduo não produziria um homem superior, purificado das escórias do imprevisível, senão só um repetidor inconsciente do que fosse programado"<sup>3</sup> A ciência positiva que esculpiu um investigador ávido de regras formais e de uma conduta *sine ira et studio* encontrou sua forma mais candente no mundo da administração<sup>4</sup>

Este trabalho insinua-se, ao contrário, num espaço onde o pessoal tem seu lugar e mescla-se de tal maneira na análise, que suscitou indagações, ajudou a encaminhar problemas, serviu como parâmetro analítico, enfim criou uma partitura onde ao compasso do sociológico somou-se o ritmo do vivido. Das reverberações mineiras caminhamos para a reflexão sobre as visões

- (2) CONT.- individual tem um âmbito cada vez mais reduzido, cada vez mais profundamente pré-formado e a possibilidade da diferença vai ficando limitada *a priori*, até converter-se em mero matiz na uniformidade da oferta". ADORNO, T.W. "La crítica de la cultura y la sociedad". In: *Prismas*. Tradução espanhola. Barcelona, Ediciones Ariel, 1962, p. 12.
- (3) ADORNO, T.W. - *Dialéctica Negativa*. Obra citada, p. 52.
- (4) A expressão *sine ira et studio* é utilizada por Max WEBER para caracterizar o procedimento da burocracia. WEBER, M. *Economia y sociedad*. 2ª edição. Tradução espanhola. México. Fondo de Cultura Económica, vol. 1, p. 179. Para uma análise do fenômeno da administração na sociedade contemporânea, ver: ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. "Cultura y administración". In *Sociológica*. 2ª edição. Tradução espanhola. Madrid, Ediciones Taurus, 1971.

de Minas. Tais interpretações propuseram-nos temática mais ampla, qual seja a de uma reflexão que tentasse abarcar, de forma articulada, as expressões culturais produzidas no âmbito regional e seu contexto histórico, isto é, a tecitura social que as engendrou. Do conjunto dos traços sobrepõe a face política. Gestou-se em Minas Gerais uma cultura política própria que ganha relevo nos momentos de transição no Brasil, visível no chamado fenômeno da conciliação<sup>5</sup>. Trãvestido em roupagens várias, essa concepção, como sõi acontecer, nasce no bojo de um novo pacto político-social, no qual os representantes mineiros sempre foram parceiros poderosos. Nessas ocasiões, surge, com freqüência, o reconhecimento de que a cultura mineira, convencionalmente denominada por *mineiridade*, conteria os princípios do "entendimento nacional". Reconhecem-se nos mineiros qualidades essenciais de bom-senso, de moderação e de equilíbrio, virtudes estas consideradas essenciais à urdidura do acordo. Recentemente, a imprensa brasileira dedicou espaço considerável a esses atributos, personificados na figura de Tancredo Neves, tido como peça fundamental e insubstituível no processo de mudança do regime. Não foi casual que a sua morte tenha criado tamanho temor, tamanha incerteza e tamanho impasse. Se deixarmos de lado o problema da excessiva personalização, traço

---

(5) "A conciliação foi uma arte finória da minoria dominante e visou sempre ao compromisso de interesses divergentes dos seus próprios grupos. Nesta arte distinguiram-se a liderança mineira, que sempre participou do comando nacional desde a Independência, a minoria fluminense, com seus grandes interesses da terra e do café, e a baiana". RODRIGUES, José Honório - *Conciliação e Reforma no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982, p. 121.

fundante da cultura política brasileira e sintoma de instituições frágeis, cabe perguntar-se sobre a necessidade de apelar ao "caráter regional", ao "espírito particular dos mineiros", tidos e havidos como a própria manifestação da temperança. É nesse cenário que essa tese se aloja.

Caberia considerar, nesse passo, se o perfil da mineiridade não tem sido retocado pelo embate político que se hospeda no interior do Estado, de onde sairia devidamente polido e pronto para ser propagado ao conjunto da sociedade. A mineiridade, no decurso da apropriação, seguiria uma trajetória autônoma *vis-à-vis* das suas matizes sociais, adquirindo cunho ideológico particular, ao encontrar-se deslocada do lastro social que a gerou. Configura-se, por conseguinte, um tipo de ideologia secundária, onde a capa acoberta o véu. O duplo viés assegura, todavia, a existência do tecido ideológico, mas remete a indagação para a natureza de mecanismos históricos, que não conseguem produzir, espontaneamente, a sua própria aparência. Referimo-nos à decantada peculiaridade da sociedade brasileira que, desde o processo de formação, gestou determinadas combinações históricas. Para o investigador, as especificidades superlativizam a já penosa tarefa de compreensão da realidade; no que tange à sociedade, fundamentam a existência de um universo cultural que articula diferentes conteúdos, dispostos em envólucros excêntricos. Na própria constituição do Estado Nacional imprimiu-se a marca indelével da nossa originalidade. Herdeiros da Europa fomos, no entanto, versáteis na feitura do arranjo.

Lá, o processo de formação dos Estados Nacionais expressou, grosso modo, o deslocamento dos particularismos re-

presentado pelo poder local e do universalismo revelado pelo papado<sup>6</sup>. O movimento de constituição dos Estados significou, nesse sentido, a ultrapassagem das identidades regionais afirmadoras dos particularismos e o enfrentamento do Império Universal. Nas palavras de um moderno historiador francês, "todos os Estados do Ocidente eram ameaçados ... Entretanto, a ruína do Papado seguirá de muito perto a ruína do Império". "Nos séculos XIV e XV o Ocidente é marcado por um profundo 'regionalismo'. Aldeias, cidades, castelarias, dioceses, condados têm uma vida muito influente e sempre animada ... Quando os vínculos entre o senhor feudal e o vassalo perdem a eficácia, é com esses poderes e com essas corporações que o príncipe deve dialogar"<sup>7</sup>.

No decurso, a diversidade de ritmos e de natureza do andamento centralizador gestou a apreensão desigual do fenômeno pela historiografia<sup>8</sup>. A afirmação do poder real, sacramen-

---

(6) Sobre o tema podem-se consultar entre outros: GUENÉE, Bernard - *O Ocidente nos séculos XIV e XV (os Estados)*. Tradução portuguesa. São Paulo, Livraria Pioneira Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1981; HECKSCHER, Eli - *La Epoca Mercantilista*. Tradução espanhola. México, Fondo de Cultura, 1944, cap. 1; ANDERSON, Perry - *Lineages of the Absolutist State*. London, Verso Edition, 1979.

(7) GUENÉE, Bernard - *Obra citada*, pp. 55 e 65.

(8) ... "Os historiadores franceses pensam que a iniciativa continuou sendo do príncipe. Colocam-se sempre do ponto de vista do príncipe. Desse modo, entre a monarquia feudal e a monarquia absoluta, fazem existir uma monarquia moderada ou limitada, ou mesmo controlada. Em compensação, os historiadores alemães ou de cultura alemã, desde O. GIERKE, vêem nesse tempo um diálogo de igual para igual entre o príncipe, de um lado, e, de outro, um país constituído em

tada nas idéias de pátria e de nação, rigorosamente gestadas na Época Moderna, lastreou na História a justificação da sua existência. Por isso, é possível afirmar-se que, de uma certa forma, foram os historiadores os responsáveis pela construção da idéia de nacionalidade, pois "não existe nação sem história nacional e as primeiras apareceram no Ocidente, no século XII"<sup>9</sup>. Nesse andamento, tais produtores culturais constituíram-se nos grandes intérpretes de determinados movimentos históricos e, ao reproduzirem os seus significados particulares, conferiram o que Weber denominou por "valor ao conhecimento"<sup>10</sup>. A histo-

- 
- (8) CONT.- Estado (*Stände*), cujos representantes reúnem-se em assembleias e podem concluir com o príncipe verdadeiros tratados que W. Naf chama de *Herrschaftsverträge* e que daí em diante regulam a vida do Estado". GUENÉE, Bernard - *Obra citada*, pp. 66-67.
- (9) "Por volta de 1135, Geoffroy de Monmouth escreve a sua *Historia Regnum Britanniae*. Na segunda metade do século XII, com o incentivo do arcebispo Absalão, Saxo Grammaticus escreve a primeira história nacional dinamarquesa. Entre 1185 e 1204, de mil fragmentos-esparsos, os Monges de Saint Denis compilam uma *Historia Regnum Francorum*. Na segunda metade do século XIII, Mateus de Vendome, abade de Saint Denis, manda redigir uma versão mais completa dessa obra. E por sua ordem, em 1274, o monge Primat faz sua tradução para o francês. No século XV, *As Grandes Crônicas de França* são quase uma Bíblia para os Franceses". GUENÉE, Bernard - *Obra citada*, p. 103.
- (10) "E posto que sem a fé do investigador no significado de um conteúdo cultural qualquer, resulta completamente desprovido de sentido todo estudo do conhecimento da realidade individual, explique-se que busque orientar o seu trabalho segundo a direção de sua fé pessoal e segundo o reflexo dos valores no espelho de sua alma. E os valores aos quais o gênio científico refere os objetos de suas investigações, serão capazes de determinar a 'opinião' de toda

riografia, tornando-se porta-voz de toda uma época direcionou a compreensão desses momentos no futuro e espalhou, de maneira primorosa, a conhecida assertiva de Benedetto Croce de que toda história é sempre contemporânea.

O aparecimento de estudos sobre os diversos regionalismos na Europa — e que hoje já têm forte tradição — foram suscitados, principalmente, pelos movimentos separatistas e pelas afirmações particularistas das nacionalidades<sup>11</sup>. Em contrapartida, as tentativas autonomistas encontram o Estado constituído por uma marcante hegemonia — no sentido gramsciano, isto é, enquanto "função que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e aquela de 'domínio direto', ou de comando que se expressa no Estado e no governo 'jurídico'. Estas funções são precisamente organizativas e conectivas"<sup>12</sup>.

No Brasil, a temática regional permanece em posição secundária no panorama da literatura acadêmica que abeberou no

---

(10) CONT.— uma época. Isto é, não apenas poderiam ser decisivos para aquilo que nos fenômenos se considera 'valioso', senão, também, para o que passa por ser significativo e insignificante, 'importante' e secundário". WEBER, Max — *Sobre la teoría de las ciencias sociales*. Tradução espanhola, Barcelona, Ediciones Península, 1971, p. 50.

(11) Sobre o regionalismo na Europa: BUSQUETS, Julio — *Introducción a la sociología de las nacionalidades*. Madri, Edicusa, 1971; FOUGEYROLLAS, Pierre — *Por une France Fédérale — vers l'unité européenne pour la révolution régionale*. Paris, Editions Denöel, 1968; GOLPE, E. Menéndez-Valdés — *Separatismo y unidad (una mistificación histórica)*. Madri, Seminários y Ediciones, 1973.

(12) GRAMSCI, Antonio — *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Tradução portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968, p. 11.

federalismo e na permanência dos poderes locais, a fonte principal das suas inspirações. Simultaneamente, a peculiar formação histórica cujos traços integradores foram notáveis, se expressa, sobremaneira, no pensamento político brasileiro, privilegiador do centralismo sobre o regionalismo, mesmo quando este esteja no foco da análise<sup>13</sup>. Já na própria marcha da Independência, a unidade territorial foi preservada, num processo de ruptura que "mantém a monarquia e preserva a escravidão"<sup>14</sup>. Nesse quadro, os trabalhos voltados à compreensão da emergência do Estado Nacional podem ser agrupados em dois eixos principais, segundo Fernando Henrique Cardoso, para quem é possível "caracterizar o pensamento político brasileiro deste século, dizendo que nele há duas tendências; a que vê no Estado o pólo aglutinador de uma sociedade onde a organização das classes é frouxa e a que vê na força do localismo oligárquico a base real de poder, fazendo o Estado uma resultante dos compromissos entre os vários localismos ... Amiúde, os que vêem a sociedade brasileira como um amálgama de grupos que, se não são desconexos, ligam-se por interesses que independem das posições de classes, tendem a considerar o Estado como princípio unificador capaz de integrar a Nação; enquanto os partidários da linha oposta vêem nos partidos e no problema da representa

---

(13) Um bom exemplo de estudo sobre a dispersão do poder político, mas que manteve como parâmetro constante a centralização estatal, encontra-se em: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1976.

(14) NOVAIS, Fernando A. - "Passagens para o Novo Mundo". *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, nº 9, 1984, p. 7.

ção e da organização político-jurídica a possibilidade 'legítima' de alcançar o mesmo objetivo"<sup>15</sup>. Portanto, o primeiro privilegia a dimensão Estado enquanto centro irradiador da nação<sup>16</sup>; o segundo distingue a sociedade trabalhadora a partir das categorias elites, classes, estamentos, castas e camadas sociais, enquanto núcleo organizador<sup>17</sup>. No primeiro exemplo, é comum discutir-se o problema da identidade nacional e/ou da construção do Estado como fruto de longo e doloroso processo. No segundo caso, a dificuldade categorial expressa a complexi

- 
- (15) CARDOSO, Fernando Henrique - *Autoritarismo e Democratização*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1975, p. 165.
- (16) Sobre a relação entre o pensamento político e a construção do Estado: LAMOUNIER, Bolivar - "Formação de um pensamento autoritário na Primeira República; uma interpretação". In *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. Vol. 9. Bóris FAUSTO (org.). São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1978, pp. 345-374.
- (17) Os livros de Oliveira Vianna e de Raymundo Faoro constituem-se em expressões do primeiro eixo. OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de - *Instituições Políticas Brasileiras*, 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1955, 2 volumes, FAORO, Raymundo - *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*, 5ª edição. Porto Alegre, Editora Globo, 1979, 2 volumes. Para o segundo exemplo: FERNANDES, Florestan - *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968; FERNANDES, Florestan - *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973; FERNANDES Florestan - *A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975; FERNANDES, Florestan - *Circuito Fechado*. São Paulo, Hucitec 1976; CARVALHO, José Murilo de - *A construção da ordem. A elite política imperial*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980; NOVAIS, Fernando A. - "Passagem para o Novo Mundo". *Obra citada*.



dade da própria formação brasileira.

As obras de Oliveira Vianna e Raymundo Faoro, com ênfases diferentes, representam um tipo de análise que mescla identidade nacional e o caráter do Estado. Em Oliveira Vianna o tom predominante é o primeiro: ... "ao povo brasileiro sempre faltou uma consciência nacional, um sentimento consciente e profundo da sua finalidade histórica, do seu destino como povo"<sup>18</sup>.

Em Faoro é marcante a preocupação com a estrutura burocrática do ... "Estado, presente a tudo e que tudo prevê, ... criando um país à sua feição, o país oficial"<sup>19</sup>. No entanto, as duas obras acabam por operar uma relação entre identidade e Estado. Para Oliveira Vianna, a inexistência da "consciência nacional" transformou o Estado no pólo aglutinador da nacionalidade e modelador da estatura pública da elite política no Império, através do poder carismático do Imperador. "Este poder supremo - educado para as imparcialidades do governo pela natureza do seu próprio cargo e possuído inteiramente da 'consciência nacional' - era quem selecionava os 'homens de 1000' e formava a elite destinada ao funcionamento desta terceira estrutura do Estado Nacional, criado em 1824"<sup>20</sup>. Para Raymundo Faoro, a transposição da administração portuguesa para a colônia impediu o florescimento da cultura autêntica. "A cultura, que poderia ser brasileira, frustra-se ao abraço sufocante da carapaça administrativa, trazida pelas caravelas de Tomê de

---

(18) OLIVEIRA VIANNA, Francisco de - *Instituições políticas brasileiras* - Obra citada, p. 380. Grifo do autor.

(19) FAORO, Raymundo - *Obra citada*, p. 392.

(20) OLIVEIRA VIANNA, Francisco de - *Obra citada*, p. 399.

Souza, reiterado na travessia de D. João VI, ainda o regente de D. Maria I, a louca, dementada pelos espectros da Revolução Francesa ... A máquina estatal resistiu a todas as setas, a todas as investidas da voluptuosidade das Índias, ao contato de um desafio novo - manteve-se portuguesa, hipocritamente casta, duramente administrativa, aristocraticamente superior. Em lugar da Revolução, o abraço lusitano produziu uma *social enormity*, segundo a qual velhos quadros e instituições anacrônicas frustam o florescimento do mundo virgem"<sup>21</sup>.

Na visão de Florestan Fernandes, a maneira de captar as particularidades da estratificação social brasileira no período reside no emprego concomitante dos conceitos de casta, do estamento e de classe. O aperfeiçoamento da categorização exigiria, segundo a opinião do autor, o aprofundamento das investigações empíricas no sentido de "uma melhor exploração das teorias existentes sobre as sociedades estratificadas e, em particular, para suscitar um quadro teórico integrativo, capaz de *render conta* da complexa situação brasileira"<sup>22</sup>). Por isso, acaba optando pelo uso simultâneo dessas categorias, diferenciando-as no bojo da análise. Ao tratar da sociedade em seu conjunto, caracteriza-a a partir das noções de estamento e de casta. Estamental na apreensão dos senhores rurais; regime de castas quando se refere aos escravos. A forma de dominação política é patromonial/estamental. As frações dirigentes são as elites. À categoria 'classes', confere uma utilização livre, servindo para tratar camadas sociais, sem pretensões diferen-

---

(21) FAORO, Raymundo - *Obra citada*, p. 748.

(22) FERNANDES, Florestan - *Circuito fechado*. Obra citada, p. 31. Grifo do autor.

ciadoras<sup>23</sup>. A incorporação híbrida das categorias analíticas surge discriminada, portanto, quer por níveis de discurso distintos (descritivo, analítico), quer por diversos planos da realidade (social, político, econômico), quer ainda pela exclusividade das camadas sociais (senhores, frações dirigentes, escravos). Francisco Iglésias anota a fluidez conceitual que permeia os estudos sobre a sociedade brasileira<sup>24</sup>. Fernando Henrique Cardoso chama a atenção para a dificuldade de se apreender a sociedade colonial, a partir de categorias formalmente definidas. "Não possui, portanto, qualquer base histórico-estrutural considerar quer como *burgueses agrários*, quer como senhores feudais aos senhores de escravos e aos produtores coloniais imbricados socialmente em situações nas quais as relações de produção não se baseavam na venda da força de trabalho livre e na venda de força de trabalho, mas pouco se baseava na apropriação do excedente produzido por trabalhadores *servis*... Demônios, bifrontes, se se quiser, duplamente contraditórios, excrecências necessárias para o avanço, no centro do sistema, da acumulação que eles próprios em parte propiciaram"<sup>25</sup>. Antonil já apontava a heterogeneidade dos traços sociais modeladores dos senhores de engenho. "O ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser

(23) A análise respalda-se nas obras de Florestan Fernandes de décadas ao período: Está bastante evidente em *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*.

(24) IGLÉSIAS, Francisco - "Revisão de Raymundo Faoro". *CADERNOS DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA*, nº 3, março de 1976, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 133.

(25) CARDOSO, Fernando Henrique - *Autoritarismo e democratização*. Obra citada, pp. 110 e 111. Grifo do autor.

servido, obedecido e respeitado de muitos. E se for, qual deve ser, homem de cabedal e governo, bem se pode estimar no Brasil o ser senhor de engenho, quando proporcionadamente se estimam os títulos entre os fidalgos do Reino"<sup>26</sup>. A análise, por essa via, busca apanhar as nossas especificidades onde "a formação de um Estado nacional independente desenrolou-se sem que se processassem alterações anteriores ou concomitantes na organização da economia e da sociedade. Portanto, ele se deu sem que o regime de castas e estamentos sofresse qualquer crise, pois ele constituiu a base econômica e social de transformações dos 'senhores rurais' numa aristocracia agrária"<sup>27</sup>. Daí, a construção do Estado Nacional durante o Império ter um quê de artificialismo, quando observado através de uma lente de longo alcance. Em primeiro lugar, porque agasalha as pretensões liberais de organização do regime com a permanência da escravidão. "O paradoxo é curioso: regime pretensamente liberal fundado na escravidão e que, pela própria lei, exclui o povo quase todo"<sup>28</sup>. Em segundo, porque a especialização produtiva

---

(26) ANTONIL, André João - *Cultura e opulência do Brasil*. Texto da edição de 1711, Introdução e comentários por Alice P. Canabrava. São Paulo, Editora Nacional, 1967, p. 139.

(27) FERNANDES, Florestan - *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Obra citada, p. 22.

(28) EGLÉSIAS, Francisco - *Obra citada*, p. 132. "A teia constitucional do primeiro lustro de trinta mostra a dissonância entre as instituições transplantadas e a realidade política". FAORO, Raymundo - *Obra citada*, p. 310. Segundo Florestan Fernandes, o liberalismo brasileiro "possui nítido caráter instrumental e se propõe o complexo problema de como criar uma Nação num país destituído até das condições elementares mínimas de uma 'sociedade nacional'". FERNANDES, Florestan - *A Revolução burguesa no Brasil*. Obra citada, p. 35.

das diversas regiões espelha potencialidades diferenciais de crescimento, conferindo heterogeneidade aos setores sociais dominantes<sup>29</sup>. Em terceiro, porque o jovem país ao fugir da órbita portuguesa, resvalou para o círculo britânico<sup>30</sup>. Em quarto, porque a própria legitimidade do poder central foi contestada por questões regionais agudas, atingindo o seu clímax no período regencial<sup>31</sup>. Em quinto, e, por último, porque o proble-

- (29) Para uma análise da diferenciação regional: ARRUDA, José Jobson de Andrade - "A prática econômica setecentista no seu dimensionamento regional". *Revista Brasileira de História*, nº 10, *Produção e Transgressões*. São Paulo, Editora Marco Zero, 1985, pp. 147-156.
- (30) Sobre o imperialismo britânico no Brasil: MANCHESTER, A. K. - *British preeminence in Brazil. Its rise and decline. A study in european expansion*. New York, Octagon Books, 1972. SEMMEL, Bernard - *The rise of free trade Imperialism*. Cambridge, Cambridge University Press, 1970.
- (31) "Enfim, nesta etapa, o poder dos proprietários se realiza imediatamente, diretamente, ao próprio nível local. Entretanto, esta modalidade de dominação reforça a autonomização dos interesses localistas dos proprietários, reduzindo-lhes as possibilidades de identificação e atuação unitária e incitando em algumas localidades as tentativas 'separatistas'". FERNANDES, Heloísa Rodrigues - *Política e segurança, Força Pública do Estado de São Paulo: fundamentos histórico-sociais*. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1974, p. 66. Numa visão oposta, ver: MATTOS, Ilmar Rollof de - *O Tempo Saquarema*. Tese de Doutorado, apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, exemplar mimeografado, 1984. "Sem embargo, a Coroa ocupa, agora, o lugar da região, mas se o faz, devemos acrescentar, não é para que a mesma desapareça, e sim justamente para assegurar a sua continuidade... À Coroa compete, pois, efetuar uma restauração; ela reivindica o monopólio desta execução. A unidade do território simboliza a unidade que deve presidir esses interesses em restaurações". p. 95.

ma da constituição do Estado Nacional não está abolido nem mesmo com o advento da República e a persistência da temática, no pensamento político brasileiro, atesta a sua presença<sup>32</sup>. O primeiro plano da fotografia não consegue, pois, escamotear a paisagem ao fundo.

Os intelectuais brasileiros dirigiram-se, não por acaso, à busca incessante das nossas raízes, rastreando o perfil definidor do conjunto, intentando amalgamar a sociedade, ora através de um Estado todo poderoso, ora a partir de uma fisionomia modelada pelo caráter nacional<sup>33</sup>. Nas palavras lapidares de Euclides da Cunha, "uma nacionalidade feita por uma teoria política"<sup>34</sup>. A centralização do poder do Estado e a crença no caráter nacional, concepções que guardam profunda homo-

---

(32) "É, geralmente, sabido que, apesar do livre fluir das idéias por sobre as fronteiras políticas, determinados temas reaparecem só no pensamento organizado de cada país". MANNHEIM. Karl - *Ensayos de sociología de la cultura. Hacia una sociología del espíritu, el problema de la "Intelligentsia", la democratización en la cultura*. 2ª edição. Tradução espanhola. Madrid, Aguilar Ediciones, 1963, p.49.

(33) Além dos já citados Oliveira Vianna e Raymundo Faoro lembremos de: HOLANDA, Sérgio Buarque de - *Raízes do Brasil*. 4ª edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963. Para uma análise do caráter nacional: LEITE, Dante Moreira - *O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia*. 3ª edição. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976. Sobre as linhas de abordagem da sociedade brasileira: FORJAZ, Maria Cecília S. "De como 'a autonomia do político' aprisionou os cientistas sociais brasileiros". *Cadernos de Opinião*, nº 14, outubro/novembro de 1979, pp. 11-17.

(34) CUNHA, Euclides da - *À margem da História do Brasil*. 3ª edição. Porto, Livraria Charbron, 1922, p. 237.

logia, caminharam *pari passu*<sup>35</sup>.

Em tal panorama, não é de se estranhar a desconsideração de certos temas, tidos como menores, jogados que foram no limbo das preocupações acadêmicas. Originários dos últimos anos, os estudos sobre o regionalismo não ultrapassam a uma dezena<sup>36</sup>. É curioso notar, que o interesse tenha sido suscitado, numa fase de crescente homogeneização cultural capitalista e

---

- (35) Sobre a questão da identidade e a cultura brasileira ver: SCHWARZ, Roberto - "Nacional por subtração". *Folha de São Paulo*, 7 de junho de 1986, p. 66.
- (36) Sobre o regionalismo: LOVE, Joseph L. - *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. Trad. port. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971. LOVE, Joseph L. *A locomotiva, São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937*. Trad. port. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982. WIRTH, John D. - *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Trad. port. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982. LEVINE, Robert M. - *A Velha Usina, Pernambuco na Federação Brasileira 1889-1937*. Trad. port. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1980. PANG, Eul-Soo - *Coronelismo e Oligarquias (1889-1943). A Bahia na Primeira República*. Trad. port. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979. OLIVEIRA, Francisco de - *Elegia para uma Re(li)gião*. Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977. SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *Regionalismo nordestino. Existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo, Editora Moderna, 1984. SOUZA, Terezinha Oliveira - *Impasses do Federalismo Brasileiro. Sergipe e a Revolução de Fausto Cardoso*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985. KEINERT, Ruben Cesar - *Regionalismo e Anti-Regionalismo no Paraná*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo. Exemplar mimeografado, 1978.

no momento em que o perfil autoritário do Estado pós-1964 estivesse definido<sup>37</sup>. Os estudos dessa natureza podem derivar o seu significado do reconhecimento do remate final no processo de centralização do poder do Estado e da complexidade da sociedade brasileira, que perdera o derradeiro traço inorgânico. De outro lado, se é próprio dos regimes autoritários a inexistência de ideologias integradas, também não lhes é estranha a mobilização de atitudes de cunho nacionalista numa busca, por vezes infrutífera, de legitimidade política<sup>38</sup>. Nesses momentos, costuma vicejar o problema da identidade nacional. No ápice do autoritarismo brasileiro, amalgamaram-se características passadas e presente, atribuídas à nacionalidade, com de-

---

(37) O fenômeno da homogeneização capitalista permeia as obras da Escola de Frankfurt, manifesto na tendência à socialização total. Especialmente: MARCUSE, Herbert - *Ideologia da sociedade industrial*. Trad. port. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1969. ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. - "Cultura y administración". In *Sociologica*. 2ª edição. Trad. esp. Madrid, Editorial Taurus, 1971. ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. - *Dialectica del Iluminismo*. Trad. esp. Buenos Aires, Editorial Sur, 1971.

Sobre o autoritarismo no Brasil: CARDOSO, Fernando Henrique - *O Modelo Político Brasileiro e outros ensaios*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972. CARDOSO, Fernando Henrique - *Autoritarismo e Democratização*. Obra citada. FERNANDES, Florestan - *A Ditadura em questão*. 2ª edição. São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1982.

(38) Juan Linz estabelece a distinção entre mentalidade e ideologia, ao caracterizar os regimes autoritários. LINZ, Juan - "Um regime autoritário! Espanha". In *Política e Sociedade*. Fernando H. CARDOSO & Carlos E. MARTINS (org.) São Paulo, Editora Nacional, 1979.



terminadas peculiaridades regionais<sup>39</sup>. Em contraposição, a economia e a cultura internacionalizavam-se de forma inelutável. A defesa da identidade nacional manifestava-se, de forma mais visível, no ataque às mensagens importadas emitidas pelos veículos da indústria cultural, considerados perigosos solventes da nossa integridade. O debate sobre a identidade nacional, ao adquirir uma face adequada à moldura do novo tempo, foi recuperado por correntes de matizes ideológicos diversos. Recobrou-se, em outro compasso, a partitura de uma sinfonia composta por sons familiares, que fora recusada por setores da intelectualidade brasileira, que se autodefiniam como modernos.

Os conteúdos culturais que, no passado, delinearam o contorno da literatura social regionalista, despontaram, nos anos recentes, nas discussões e nas obras dos cientistas sociais<sup>40</sup>. A expressão literária, opostamente, caminhou no sen-

---

(39) Para Ruben Oliven ... "no começo da década de sessenta, o regionalismo, especialmente o nordestino, era visto como um dos temas mais candentes da nacionalidade". OLIVEN, Ruben George - *Violência e cultura no Brasil*. 2ª edição. Petrópolis, Editora Vozes, 1983, p. 82. Especialmente na época do "Milagre Brasileiro", é interessante notar a mescla entre crença no "Brasil potência" com o "espírito da malandragem". Sobre este último assunto: ANTÔNIO CÂNDIDO - "Dialética da malandragem". *Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1970, nº 8, pp.67-92. MATTIA, Roberto da - *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1980.

(40) O crítico literário Alfredo Bosi, analisa o romance regional: BOSI, Alfredo - *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1977. A ênfase na di-

tido de revelar vivência universais. Estamos pensando, principalmente, no movimento concretista que ... "impôs-se, a partir de 1956, como a expressão mais viva e atuante da nossa vanguarda estética". A poesia concreta cria um quadro de referências trans-nacional. "E, na verdade, não é difícil reconhecer nos poemas concretos o universo referencial que a sua estrutura propõe comunicar: aspectos da sociedade contemporânea, assentada no regime capitalista e na burocracia, e saturada de objetos mercáveis, de imagens de propaganda, de erotismo e sentimentalismo comerciais, de lugares comuns díspares que entram a linguagem, amenizando-lhe o tônus crítico e criador"<sup>41</sup>. Aqui, porque a modernidade passou, talvez, a definir a problemática do homem contemporâneo. Lá, porque as resistências podem provocar entraves, sendo necessário esconjurar as permanências ganglionadoras. Como é próprio da expressão literária a possibilidade de vislumbrar os acontecimentos *ex-ante*, poderemos conjecturar sobre o sentido das vagas futuras. Assim, o objeto dessa tese estaria privilegiando configurações culturais passadistas e repousaria no lapso de um tempo quase inteiramente perdido. Refletir sobre a identidade cultural dos mineiros, enfim, sobre o mito da mineiridade, teria outra relevância além da existente para a própria autora? Pensamos que sim. Perseguimos, predominantemente, as raízes de certos significados culturais manifestos numa cultura política peculiar, numa densa literatura e na tendência à produção de memórias.

---

(40) CONT.- mensão social dos romances regionalistas é marcada por: ANTÔNIO CÂNDIDO - "Poesia, Documento e História". In *Brigada Ligeira* (ensaios). São Paulo, Editora Martins, 1945.

(41) BOSI, Alfredo - *Ibidem*, pp. 528 e 535.

Buscamos, também, entender o porquê da mescla de gêneros discursivos, manifesta em falas políticas, em livros de memórias, em obras literárias. Tencionamos compreender os motivos que levam uma literatura fortemente enraizada a criar expressões marcadamente universais. Tentamos conhecer as razões da apropriação política da mineiridade no concerto nacional. Procuramos, finalmente, a vida social que pulsa e conforma, na sua fluidez, tais produções. Em síntese, trataremos de rastrear os componentes do mito, e de apalpar o rosto fugidio da identidade cultural.

Os significados culturais produzidos pelo pensamento mítico conferem aos seres sociais a possibilidade de tornarem-se proeminentes sobre a experiência vivida. A adesão mítica abre as portas de entrada para um plano de vida superior. Os homens julgam encontrar aí o repositório da sua identidade, sentindo-se enlevados pela sensação de possuírem a propriedade exclusiva da chave que os define. "Se tenho uma consciência mítica, em nenhum momento posso considerar minha existência como uma inicialidade absoluta"<sup>42</sup>. As crenças míticas inauguram, pois, a certeza de ter-se adentrado ao universo da História, onde se pode haurir o sentido das trajetórias particulares. O papel identificador desempenhado pelos mitos obriga-os a desenvolver operações de decantação da História, transformando "uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade"<sup>43</sup>. Motivados pela procura da identidade, podem

(42) KOLAKOWSKI, Leszek - *A presença do mito*. Trad. port. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1972, p. 23.

(43) BARTHES, Roland - *Mitologias*. Trad. port. 2ª edição. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1975, pp. 162-163.

os homens, finalmente, abraçar o paraíso, engolfados pela brisa da imortalidade.

As construções míticas, por fornecerem o material para a elaboração das identidades culturais, caracterizam-se por forte logicidade, visível na coerência da sua fala sobre o real e manifesta na integração das partes que as compõem. São as motivações os êmulos essenciais dos mitos e, por meio delas, podem trabalhar "a analogia do sentido e da forma"<sup>44</sup>. Nessa medida, os motivos embaixadores das significações míticas encontram-se depositados na teia social abrangente. Evidentemente, o mito reterá apenas algumas dimensões da realidade e desprezará aquelas que poderiam introduzir ruídos estridentes, dilaceradores da sua harmonia, para cuja execução conta com a mesma habilidade do *bricoleur*<sup>45</sup>. Daí as explicações míticas adquirirem um conteúdo aparentemente ahistórico, referendado na própria afirmação da unidade intrínseca, porto seguro contra os ventos devastadores. No entanto, "o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da natureza das coisas"<sup>46</sup>. É a História a verdadeira atribuidora, então, dos significados dos mitos. As expressões absolutas estão excluídas das figuras míticas e, mesmo quando se remetem para o conjunto, conseguem considerá-lo apenas na sua totalidade. "Este último caso é o da mãe pintura, toda ela baseada no mito do 'cheio' e do 'acabado' (é o caso inverso, mas simétrico, do

---

(44) BARTHES, Roland - *Mitologias*. Obra citada, p. 147.

(45) Utilizamos-nos, de forma livre, da analogia estabelecida por Lévi-Strauss entre o trabalho do *bricoleur* e a reflexão mítica. LÉVI-STRAUSS, Claude - *El pensamiento Salvaje*. Trad. esp. México, Fondo de Cultura Económica, 1964.

(46) BARTHES, Roland - *Obra citada*, p. 132.

so da pintura mitifica um excesso de presença)"<sup>47</sup>. A abundância na colocação da paisagem abandona os tons matizados, concedidos pela veraz imagem do mundo. As filigranas são ainda desprezadas, no decurso das transposições míticas, e no palco onde se movimentam os atores das peças inexiste a perspectiva. A função desenrola-se representando "Molière inteiro num 'colarinho de médico'"<sup>48</sup>.

Os mitos, dada a sua natureza de pura significação, colocam para o investigador a tarefa de estabelecer as conexões entre as falas por eles emitidas e a História de onde são originários. "Uma vez que se rechaça ao mito um reino independente das significações, o significado converte-se em objeto natural da investigação sociológica"<sup>49</sup>. O principal empreendimento dos cientistas sociais preocupados com as elaborações míticas deve dirigir-se para o estabelecimento dos elos entre os problemas transpostos pelos mitos e a rede social que lhes atribui significado. O plano da significação diz respeito ao do próprio discurso mítico<sup>50</sup>. O nível do significado é formado no processo de análise, cujo produto esclarece o sentido real dos mitos. A logicidade da artesanaria mítica corresponde o surdo movimento da História que, mesmo nas manifestações menos cumulativas, convive com o gênio inovador, caminhando em direção da

---

(47) BARTHES, Roland - *Obra citada*, p. 148.

(48) *Idem*, *ibidem*, p. 148.

(49) MANNHEIM, Karl - *Obra citada*, p. 102.

(50) O termo discurso está sendo apropriado de forma corrente sem nenhuma preocupação de caráter conceitual.

mudança<sup>51</sup>. Enfim, o objetivo da reflexão mítica "é fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (tarefa irrealizável, quando a contradição é real), um número teoricamente infinito de camadas será criado, cada qual ligeiramente diferente do que a precedeu. O mito desenvolver-se-á como em espiral, até que o impulso intelectual que o produziu seja esgotado"<sup>52</sup>. Daí, o processo de elaboração mítica pressupõe: 1º)- A permanência de condições históricas que lhe ofertam o material; 2º)- certa "criatividade social" capaz de lhe fornecer a forma; 3º)- a necessidade de responder a questões através de explicações imediatas; 4º)- a existência de produtos culturais como mediadores simbólicos; 5º)- as motivações de determinadas categorias sociais. Os dois últimos itens dizem respeito, predominantemente, às sociedades complexas, cujo ritmo acelerado cria uma forte cadeia de temporalidade, exigindo da criação mítica um constante reportar-se à memória, repositório primário das invariâncias. Por isso, os mitos históricos encontram no passado o *locus* genuíno da sua substância, "a história evapora-se, permanece apenas a letra"<sup>53</sup>. Dessa maneira, não trabalhamos com a mesma distinção estabelecida por Renato Ortiz, entre mito e identidade. Para o autor, o mito "se revela como o saber do particular" enquanto a identidade "é uma entidade

---

(51) Retiramos de Lévi-Strauss a noção de história cumulativa. LÉVI-STRAUSS, Claude - "Raça e História". In *Raça e Ciência I*. Trad. port. São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.

(52) LÉVI-STRAUSS, Claude - "A estrutura dos mitos" *pologia estrutural*. Trad. port. Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, 1967, p. 265.

(53) BARTHES. Roland - *Obra citada*, p. 139.

abstrata e como tal não pode se apreendida na sua essência"<sup>54</sup>. Contrariamente, pensamos ser da essência dos mitos o caráter abstrato, ainda mais nítido quando repousa sobre a matéria-prima histórica das sociedades capitalistas, que criou uma crescente homogeneidade cultural, subsumindo o particular num processo de integração totalizador<sup>55</sup>. De outro lado, cabe perguntar-se sobre a viabilidade de apreensão da essência do mito. Em si mesma, ela não nos parece possível, uma vez que a significação mobilizada pelos mitos "não existe no absoluto"<sup>56</sup>. As explicações míticas adquirem dimensão explicativa, apenas quando conseguimos desvendar a interpenetração do social e do mental, vale dizer, quando somos capazes de dar conta das conexões entre elas e o histórico e de mostrar que, apesar de ecoar um discurso homofônico, os mitos são pré-formados na história. Numa outra perspectiva, os mitos não poderiam reproduzir o particular na sua essencialidade, visto que apenas o categorizamos como tal, na teia de relações compostas por outros particulares. Todas "as compreensões comuns numa sociedade existem só na medida em que grupos determinados sejam capazes de assegurar sua continuidade no tempo e no espaço"<sup>57</sup>. Do embate social

(54) ORTIZ, Renato - *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985, p. 138.

(55) O livro de Everardo Rocha é um exemplo, bem realizado, de análise dos anúncios publicitários a partir do universo mítico. ROCHA, Everardo P. Guimarães - *Magia e Capitalismo. Um estudo antropológico da publicidade*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

(56) LÉVI-STRAUSS, Claude - *La potière jalouse*. Paris, Librairie Plon, 1985, p. 258.

(57) MANNHEIM, Karl - *Obra citada*, p. 127.

advêm o caráter histórico dos mitos e nele diferentes significados são gestados<sup>58</sup>. Para os dominantes garante-se a durabilidade, sob a condição de conseguirem articular uma fala que, sem perder o caráter genuíno, incorpore princípios emitidos por outras vozes. De fato "é da natureza do mito empregar sempre muitos códigos de cuja superposição retiram as regras da tradutibilidade. Sempre global, a significação de um mito não se deixa jamais reduzir àquela que se poderia tirar de um código particular"<sup>59</sup>. As nossas reflexões encaminham-se, portanto, pelo estabelecimento da homologia entre identidade e mito. Evidentemente, a linha das gradações não é horizontal, mas entre cortada por pontos ascendentes e descendentes, numa toada composta por questões que a História põe e repõe, incessantemente, para o homem.

A identidade cultural e o pensamento mítico, embora intrinsecamente conectados, comportam, no entanto, um tipo de análise que realce as peculiaridades, ao invés de enfatizarem-se as semelhanças. Cada fenômeno *per se* pode guardar propriedades singulares, mas cuja especificidade resulta menos do caráter intrínseco a cada um, do que do escopo pretendido pela análise. É óbvio, que em se tratando de sociedades menos complexas, a diferenciação entre ambos pode ser desimportante, uma vez que as construções míticas costumam recobrir todo o con

---

(58) "Os diferentes indivíduos sô formam uma classe, enquanto se vêem obrigados a sustentar uma luta comum contra outra classe". MARX, Karl & ENGELS, Friederich - *La Ideología Alemana*. Trad. esp. Buenos Aires, Ediciones Pueblos Unidos, 1973, pp. 60-61.

(59) LÉVI-STRAUSS, Claude - *La potière jalouse*. Obra citada, p. 245.



junto social e a identidade pode fluir de forma imediata, por não precisar articular diferenças marcantes. No caso das sociedades complexas, o problema adquire outra natureza, tornando a dimensão da identidade crucial. Isto é, a cobertura compreendida pelos mitos seria parcial, se a identidade não fosse sublinhada, numa tentativa ingente de se superpor às desigualdades. Referimo-nos, explicitamente, aos mitos da nacionalidade definidores do geral sobre o particular<sup>60</sup>. Tratando-se de sociedades como a brasileira, dadas as suas especificidades, como vimos, o problema fica superdimensionado. Aí, mitos e identidade caminham juntos e a tentativa de desconectá-los resvala em preciosismo teórico, que não leva a lugar algum. A nacionalidade pensa-se de forma coletiva, através de categorias universalizadoras, sorvendo, avidamente, no passado, a seiva que nutre os arquétipos<sup>61</sup>. O Estado é a instituição que encarna o princípio da identidade, por isso, durante a centralização do poder na época moderna, as histórias nacionais nasceram embaçadas na memória. "Assim, tem pois de ser encontrado para o Estado um princípio intelectual (Gedankenprinzip) que não é mais qualquer princípio de opinião, como o instinto social, a necessidade de assegurar a segurança da propriedade, etc...; nem um princípio piedoso, como a instituição divina da

---

(60) O geral é por nós entendido como a forma ilusória do comum. Ver MARX, Karl & ENGELS, Friedrich - *Obra citada*, p. 35.

(61) Os arquétipos para Jung, são termos mitológicos. *Apud* LÉVI-STRAUSS, Claude - *Antropologia estrutural*. Obra citada. Também: JUNG, "Cristo-Arquétipo". In *Dialética do Indivíduo. O indivíduo na natureza, história e cultura*. Massimo CANEVACCI (org.). Trad. port. 2ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984, pp. 89-100.

soberania, mas o princípio da certeza de que *é a identidade com minha consciência de mim*"<sup>62</sup>. Nesse sentido, o Estado instaura a identidade universal do homem e, correlatamente, dirige-se à sociedade através de categorias abstratas e unitárias como as de povo e de nação<sup>63</sup>. A vertente particularizadora dos mitos fica deslocada, quando o alvo ~~é~~<sup>são</sup> as sociedades complexas e, a crítica ao caráter etnocêntrico da identidade universal provoca, antes, o impulso de questionamento, do que a procura dos traços singularizadores<sup>64</sup>. Consideremos o problema, a partir de outra bibliografia, num andamento de análise diverso.

A problemática da identidade não é infensa ao marxismo. A rigor, Hegel, ao postular a possibilidade da identificação entre sujeito e objeto e entre pensamento e realidade, colocou para os marxistas, principalmente na vertente historicista, a questão da identidade<sup>65</sup>. A totalidade hegeliana que,

---

(62) HEGEL, G.W.F. - *Leçons sur la philosophie de l'Histoire*. Trad. francesa. 3ª edição. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 339. Grifos nossos.

(63) POULANTZAS, Nicos - *Poder político y clases sociales en el Estado capitalista*. 2ª edição. Trad. espanhola. México, Siglo Veintiuno Editores, 1970, p. 240.

(64) Para Jean-Marie Benoist, o tratamento da identidade "oscila entre dois pólos de uma identidade própria a cada uma das culturas ou a cada um dos sujeitos e, do horizonte de um reinstalação da natureza humana sob a forma de uma identidade universal do homem em si". BENOIST, Jean-Marie - "Conclusions". In *L'Identité*. Seminaire dirigé par Claude Lévi-Strauss. Paris, Presses Universitaires de France, 1977, p. 318.

(65) A distinção entre as vertentes historicista e estruturalista no marxismo está sendo entendida a partir de concepções diferentes da totalidade, tratada como processo ou como estrutura. Sobre o anti-historicismo da visão estru

no seu fluir contraditório, promove, finalmente, a reconciliação, desemboca no pensamento de Marx, na finalização da História com o comunismo, onde a transparência resultante transforma os homens em seres verdadeiramente livres<sup>66</sup>. Para Mannheim, Hegel recupera o "Geist como a alma da História e como 'mais alto' tipo de razão, que também implica contemplação, volição e ação"<sup>67</sup>. O Geist ausente do constructo teórico marxista retorna na noção de consciência de classe do proletariado, já agora com outro significado, mas, embasada na mesma idéia de universalidade. As análises sobre a consciência de classe em Lukács ilustram, sobremaneira, a idéia que vimos desenvolvendo até agora, pois aí estão presentes tanto a reconciliação promovida pela classe, quanto a sua consciência como encarnação do universal. Aliás, sem assumir-se a universalidade da consciência, nenhuma conciliação pode ser promovida. "O proletariado se realiza a si mesmo ao suprimir-se e superar-se, ao combater até o final sua luta de classe e produzir, assim, a sociedade sem classes"<sup>68</sup>. Enfim, a sua condição de classe uni-

---

(65) CONT.- turalista: SILVEIRA, Paulo - *Do lado da História (uma leitura crítica da obra de Althusser)*. São Paulo, Livraria Editora Polis, 1978, especialmente capítulo IV.

(66) "É, pois, a existência de indivíduos livres, e não de um novo sistema de produção, que manifestará a fusão do interesse particular e do interesse geral. O fim, é o indivíduo: este traço 'individualista' é uma das preocupações essenciais da teoria marxista". MARCUSE, Herbert - *Raison et Révolution. Hegel et la naissance de la théorie sociale*. Trad. francesa. Paris, Les Éditions de Minuit, 1968, p. 330.

(67) MANNHEIM, Karl - *Obra citada*, p. 99.

(68) LUKÁCS, Georg - *Historia y consciencia de clase. Estudios de dialéctica marxista*. Trad. espanhola. México, Editorial Grijalbo, 1969, p. 88.

versal torna-o portador do sentido da História, ao realizar a liberdade e promover "a unidade entre o pensamento e o ser"<sup>69</sup>. Que outros conteúdos poderíamos retirar dessas passagens, a não ser o da identidade universal de Hegel? Por isso, a partir da consciência do proletariado, a noção de identidade emiscui-se na abordagem marxista, evidentemente, com novo encaminhamento, mas que se torna útil para nós, por procurarmos os nexos entre o mito da mineiridade e as suas formas identificadas.

Nessa linha de interpretação, postulamos ser viável basear os nossos passos analíticos. No entanto, buscamos interligar certa expressão da identidade, com a forma total que lhe diz respeito, mas rejeitamos qualquer possibilidade de hipostasiá-la na totalidade. Explicitando: para nós, a identidade é concebida enquanto síntese de traços sociais produzidos por uma realidade e incorporados por agentes determinados e, não, como expressão acabada do próprio movimento da sociedade. Assim, na nossa perspectiva, trata-se, ao mesmo tempo, de incorporar os componentes negadores daquela identidade, de tentar percebê-los na sua dinâmica que, no limite, a ultrapassariam. Julgamos poder encontrar, na literatura produzida pelos mineiros, subsídios para essa tarefa. Nessa medida, consideraremos, também, os seus conteúdos, não apenas a sua forma, experimentaremos o rompimento da "legalidade formal do pensamento", queremos, por fim a "utopia"<sup>70</sup>. Pretender a utopia significa, de

(69) Segundo Marcuse, a unidade "entre o pensamento e o ser" presentes nas obras do jovem Marx é aparentada da noção de razão em Hegel. MARCUSE, Herbert - *Obra citada*, p. 321.

(70) Conforme ADORNO, T.W. - *Dialéctica Negativa*. Obra citada, p. 62.

outro lado, navegar nas expressões ideológicas, por serem noteadoras das práticas, intromissoras nas frases, criadoras dos significados<sup>71</sup>. Queremos perceber, outrossim, como a concórdia com um pensamento faz emergir a acomodação do sujeito<sup>72</sup>. Nesse passo, a adequabilidade ao modelo transforma-o numa camisa de força, difícil de ser rompida. Recorrer à gênese de tais significados é, concomitantemente, importante nesse estudo, uma vez que permitiria rastrear a lógica da sua apropriação, quer por agentes que poderiam estar adversos a eles, quer pela instituição Estado. A identidade reduz-se à "forma originária de ideologia" quando, na sua firmeza, assume a pretensão da verdade<sup>73</sup>. Quando fenômeno dessa natureza ocorre, a identidade transmuta-se em dominação, como Ulisses nas garras do gigante que "não se limita a zombar dele, senão que lhe revela seu verdadeiro nome e sua origem, como se a pré-história tivesse ainda tanto poder sobre ele"<sup>74</sup>.

Por tudo isso, a tentativa de sobrelevarem as diferentes configurações da mesma matriz identificadora em manifestações culturais específicas constituirá a marca desse trabalho. E, de outro lado, encontraremos, por vezes, expressões

---

(71) Retiramos de Althusser a noção de prática ideológica. ALTHUSSER, Louis - *La revolución teórica de Marx*. Trad. espanhola, 3ª edição. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 1971. Especialmente, capítulo VI.

(72) "A identidade se converte em instância de uma doutrina da acomodação". ADORNO, T.W. - *Dialéctica Negativa*. Obra citada, p. 151.

(73) Expressão de Adorno., *Ibidem*, p. 151.

(74) ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. - *Dialéctica del Iluminismo*. Trad. espanhola. Buenos Aires, Editorial SUR, 1971, p. 88.

particulares da identidade apoiada nas diferenças, frutos da teia social e, não, das similitudes<sup>75</sup>. O que resvalar à identificação geral, por pura *mimesis* ou por pragmatismo, poderá caracterizar uma situação de domínio<sup>76</sup>. Questionaremos, aliás, a própria noção de identidade, no decorrer dessa tese. Poderíamos, por meio dela, encontrar um jeito de situar os agentes no âmbito da sociedade? Teria a identidade papel semelhante ao do totemismo nas sociedades simples?<sup>77</sup>. De outro lado a "ruptura das territorialidades humanas tradicionais"<sup>78</sup> tornaria viável falar-se, ainda, em identificações mesmo parciais? Seria a identidade uma atribuição do investigador, como cogita Lévi-Strauss, ou existe, de fato, como objeto de conhecimento?<sup>79</sup>.

- 
- (75) A concepção de identidade parcial está presente na teoria freudiana, uma vez que o conceito de inconsciente "coloca em questão o caráter unitário da consciência". GREEN, André. "Atome de parenté et relations oedipiennes". In *L'Identité*. Obra citada, p. 82. Semelhantemente, a identificação operada no banquete totêmico é parcial, pois faz emergir o sentimento de culpa comum. FREUD, S. - "Da horda primitiva à família". In *Dialética da família. Gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. Massimo CANEVACCI (org.). Trad. port. 3ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984, pp. 102-117.
- (76) ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. - *Dialética del Iluminismo*. Obra citada, pp. 76-77.
- (77) Para uma análise do totemismo enquanto sistema de classificação: LÉVI-STRAUSS, Claude - *O totemismo hoje*. Trad. port. Petrópolis, Editora Vozes, 1975.
- (78) GUATTARI, Felix - *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. port. 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985, p. 181.
- (79) ... "A identidade é um tipo de morada virtual, à qual precisamos nos referir para explicar um certo número de coisas, mas sem que ela tenha mais existência real". LÉVI-STRAUSS, Claude - *L'Identité*. Obra citada, p. 332.

Cabe perguntar-se, ainda, sobre a sedução mesmo que o objeto exerce sobre o investigador. Não estaríamos enredados no nosso próprio tema? Resta-nos o consolo das palavras de Adorno: "Expressão e rigor não são ... possibilidades dicotômicas. Ambas se necessitam mutuamente, uma não existe sem a outra. O pensamento exime a expressão de sua contingência, se preocupa da expressão e esta dele. O pensamento não é concluinte até que esteja expresso na exposição verbal; o dito vagamente está mal pensado. A expressão obriga ao expressado a ser rigoroso"<sup>80</sup>.

A fluidez das nossas recordações agregamos as densas memórias escritas em Minas Gerais. Além da consistência dessas obras, descobrimos que os mineiros dedicam-se com afincamento ao memorialismo, numa espécie de sacralização das suas lembranças. Alguns exemplos chegam a beirar ao puro saudosismo, quando outros alcançam a altitude das boas expressões literárias. Se todos são igualmente importantes na nossa análise, representam, de outro lado, energias criadoras de intensidades distintas. Tentar dar conta dessas peculiaridades é, também, nosso objetivo. Ao mesmo tempo, as memórias constituem-se em rico material para o sociólogo. Através delas poderemos sentir as pulsações do social, acompanhar o ritmo da sociabilidade, recortar a personificação do regional, no ir e vir entreo objeto de conhecimento e a forma do conhecimento. Também os viajantes ressurgem como importantes, nessa sequência de análise. Os estrangeiros que se dirigiram ao Brasil, no século XIX, contemplaram-nos com páginas que se aproximam tanto de nós, chegando a inquietar, em muitas passagens, os modernos historia-

(80) ADORNO, T.W. - *Dialética Negativa*. Obra citada, p. 26.

dores. Numa mescla de relatos, análises e observações pessoais, esses viajantes fundaram as bases sobre as futuras interpretações do Brasil. Também por isso, aparecem como fonte e explicação, a um só tempo. No que diz respeito às Gerais, as missões estrangeiras organizaram parte do material empírico e chegam a observações tão argutas, mas, também, tão expressamente elevadas, que, não por mera casualidade, firmaram os pilares do mito. Em sentido semelhante, os cronistas recompuseram o passado mineiro, entressachando as observações dos viajantes, fontes históricas, informações colhidas *in locu* entre os contemporâneos e opiniões pessoais. *Memórias do Distrito Diamantino*, de Joaquim Felício dos Santos, é obra exemplar dessa vertente. Certos historiadores mineiros, ao caminharem no campo aberto pelos anteriores, não conseguiram se esquivar da glorificação do passado mineiro. Bibliografia para a análise, grafaram, concomitantemente, parte dos traços que delineiam o mito. Foram os ensaístas, no entanto, os codificadores definitivos da mineiridade. Respaldados nas diversas fontes arroladas acima, grangearam para os mineiros o contorno da sua identidade. Os políticos mineiros ungiram-se no aroma identificador, que exalava por todos os poros, transformando-se nos grandes emissários do mito. Com as suas ações aduziram novos tons à fotografia. As expressões políticas dos mineiros combinam memórias, alusões ao passado, arguta capacidade de análise, conformando um discurso original. Provavelmente, a maior originalidade mineira está na literatura. Tipicamente mineira no conteúdo manifesto das suas personagens, empurra a visão para além-montanhas. Mineira e universal, com um pé na terra e o outro após-fronteira. O fechamento do círculo é o seu esfumamento. A circularidade do tempo mítico, do ir e vir até a sua



ultrapassagem, como nas palavras de Guimarães Rosa: "Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos".

Buscar os tempos do mito, recompor sua imagem, acompanhar os seus desdobramentos, vislumbrar a sua possível ruptura, eis a tarefa a que nos propusemos. Nesta linha, procederemos primeiro ao levantamento das fontes materiais do mito, ou seja, das formas de expressão que vão conformando o perfil. No momento seguinte, empreenderemos a análise dos princípios reais, vale dizer, da história que pré-forma a figura. Caracterizando o objeto, poremos em revista a constituição das práticas sociais, que tornaram o mito mobilizável. Procuraremos entender as motivações subjacentes ao processo de apropriação da mineiridade. As condições da sua ressonância, enfim. Acompanharemos um pêndulo, que oscila de um extremo a outro, ao ponto da imobilização e, mesmo, do estilhaçamento. Em suma, o mito da mineiridade desde a sua gênese, passando pelo seu desenvolvimento, até o seu esgarçamento, no compasso de um longo período de tempo.

*"O tempo de despedir-me e contar  
que não espero outra luz além da que nos envolveu  
dia após dia, noite em seguida à noite, fraco pavio,  
pequena ampola fulgurante, facho, lanterna, faísca,  
estrelas reunidas, fogo na mata, sol no mar,  
mas que essa luz basta, a vida é bastante, que o tempo  
é boa medida, irmãos, vivamos o tempo".*

*Os últimos dias.*

Carlos Drummond de Andrade.

C A P I T U L O I C

A S F O N T E S D O M I T O

## 1. NO RASTREIO DO REGIONAL

O mito da mineiridade, objeto central desta tese, não se constituiu, ainda, em tema exclusivo de reflexão acadêmica. A referência à mineiridade tem aparecido em trabalhos cujo núcleo de pesquisa é outro, e num andamento de análise regido por questões distintas das nossas. Em certos estudos, voltados para a compreensão do processo partidário em Minas, ou para as formas de articulação política da classe dominante regional, a mineiridade tem despontado apenas enquanto um componente explicativo<sup>1</sup>. Assim, as relações entre o mito e a identidade cultural, e as suas possíveis conexões com o Estado, surgem como inspiração especial deste trabalho. A própria temática do regionalismo, já o dissemos, ocorreu na produção intelectual brasileira só nos anos recentes. Para nós, parece importante considerar essas obras, uma vez que os discursos regionalistas compõem-se de expressões produzidas a partir das diferenças formadas em relação às demais circunscrições territoriais e frente ao Estado nacional. Os historiadores elaboraram em maior número os trabalhos sobre o regionalismo, imediatamente seguidos pelos cientistas sociais.

Na abordagem historiográfica, principalmente, o regionalismo foi compreendido como manifestação típica da fede-

---

(1) Há dois trabalhos exemplificadores dessa linha: DULCI, Otávio Soares. "As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia". *Ciências Sociais hoje*. São Paulo, Editora Cortez, 1984, páginas 7 a 32. STARLING, Heloisa M. Murgel. *Os Senhores das Gerais. Os novos Inconfidentes e o golpe militar de 1964*. Petrópolis, Editora Vozes, 1986.

ração brasileira, no período da descentralização republicana. Desse ponto de vista, o federalismo radica-se nos preceitos liberais de estruturação do poder político, para os quais todas as formas de centralismo rescendem a iniciativas constritoras da liberdade<sup>2</sup>. O federalismo, numa definição de cunho jurídico, diz respeito a realidade do "Estado-soberano, formado de uma pluralidade de Estados, no qual o poder do Estado emana dos Estados-membros ligados numa unidade estatal"<sup>3</sup>. No primeiro momento da estruturação do sistema republicano de governo, o federalismo corresponde a um desfecho pragmático, amalgamador de contrastes e não uma resposta adrede preparada<sup>4</sup>. Durante a primeira República, contudo, o federalismo cingiu-se às vozes dos proprietários rurais brasileiros, configurando uma forma política solícita, promotora dos galardões de alguns<sup>5</sup>.

- 
- (2) Sobre o tema podem-se consultar entre outros: LASKI, Harold J. *El liberalismo Europeo*. Tradução espanhola 3ª edição, México, Fondo de Cultura Económica, 1961. MACKPHERSON, C.B. *The political theory of possessive individualism. Hobbes to Locke*. 8ª edição, Oxford, Oxford University Press, 1979.
- (3) BRASILEIRO, Ana Maria. "O federalismo cooperativo". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. nº 39, julho de 1974, página 84.
- (4) FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do Patronato Político Brasileiro*. 5ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1979, página 563.
- (5) Para Amaro Cavalcanti o federalismo brasileiro era "uma espécie de patrimônio ou a presa exclusiva de certos indivíduos ou de um grupo, que o explora irresponsavelmente, em nome de sua autonomia de estado federado". Cavalcanti, Amaro. "Regime Federativo e o República Brasileira". Apud Oswaldo Trigueiro. "A crise do Federalismo". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, nº 11, junho de 1961, 39.

Por isso, "nosso federalismo, como em geral o federalismo latino-americano, sempre foi tido como tanto ou quanto artificial ... Sem embargo disso, o federalismo foi uma das importações políticas que mais depressa se aclimataram em nosso país"<sup>6</sup>. A combinação entre artificialismo e adaptabilidade reporta-se a problemática geral da cultura brasileira, que nas palavras de Roberto Schwarz, gestou uma terra povoada por "idéias fora do lugar"<sup>7</sup>: A vigência das tradições democráticas nunca passaram, nesse período, de petições de princípios, criando um descompasso entre a forma institucional e a vida de uma prática verdadeiramente representativa<sup>8</sup>. "A superposição do regime representativo, em base ampla, a essa inadequada estrutura econômica e social, havendo incorporado à cidadania ativa um volumoso contingente de eleitores incapacitados para o consciente desempenho de sua missão política, vinculou os detentores do poder público, em larga medida, aos condutores daquele rebanho eleitoral"<sup>9</sup>. A Constituição de 1891 criou um federalismo de tipo "isolacionista ou dual". concorde com o desempenho da propriedade agrária, regido pelos estados mais poderosos<sup>10</sup>. En

(6) TRIGUEIRO, Oswaldo. *Obra citada*, páginas 40-41.

(7) A expressão "idéias fora do lugar" foi elaborada por: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977.

(8) Conforme TRIGUEIRO, Oswaldo. *Obra citada*, página 45.

(9) LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto. (O município e o Regime Representativo no Brasil)*. 2ª edição. São Paulo, Editora Alfa Ômega, 1975, página 253.

(10) Expressão retirada de: BRASILEIRO, Ana Maria. *Obra citada*, páginas 93-94. A política dos governadores, durante a República Velha, manifestou os interesses dos Estados

tretanto, tal andamento não correspondeu ao obscurecimento do poder central. A ausência de partidos com feição nacional prenuncia, antes, a fraqueza do que o revigoramento dos condutores da política no plano estadual. Tudo indica, que o Estado paralelamente à convivência federativa, caminhou no sentido do seu fortalecimento<sup>11</sup>. O fenômeno do coronelismo, primorosamente analisado por Vitor Nunes Leal, significa, essencialmente, a debilidade do poder municipal, diante da crescente importância do plano federal<sup>12</sup>. Concomitantemente, no âmbito do município, o coronelismo "pressupõe ... a decadência do poder privado e funciona como processo de conservação do seu conteúdo residual"<sup>13</sup>. Desse modo, o federalismo, se não significou a ruína do poder agrário, traduziu, primordialmente, um arranjo político, cujos compromissos hospedaram-se no Estado e foram por

---

(10) CONT.- de São Paulo e de Minas Gerais. Sobre esse assunto: MARTINS, Almilcar Filho. *A Economia Política do Café com Leite. (1900-1930)*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1981.

(11) Conforme CARDOSO, Fernando Henrique. "Dos Governos Militares a Prudente - Campos Sales". *História Geral da Civilização Brasileira* dir. por Boris Fausto (período republicano), tomo III, vol. 19. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1975, p. 175. "No tipo de federalismo brasileiro não só os Estados conservam muito poucos poderes próprios, como ainda o Governo Federal se reserva o direito, em caso de necessidade, de assumir a gestão das faculdades concedidas; é o exercício do direito de "intervenção", que constitui modalidade característica do federalismo da América Ibérica". LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasís*. 12ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1984, página 235.

(12) Conforme LEAL, Vitor Nunes, *Obra citada*, página 20.

(13) Idem, *Ibidem*, página 252.

ele comandados. As obsessões autonomistas remanesceram no passado; o panorama futuro delineou o desenvolvimento crescente da soberania estatal. O Estado constituído em 1930 não encontrou óbices fundamentais ao reordenamento do domínio público, e pôde redefinir a frio as suas ligações com os poderes locais<sup>14</sup>.

Os estudos sobre o regionalismo brasileiro transitam em diferentes momentos desse processo, às vezes considerando especialmente um aspecto, ora operando várias combinações, ou mesmo, bordando a ultrapassagem dessas marcas. Buscamos elencá-los, segundo um critério que compreendesse as dimensões privilegiadas da realidade, e as veredas interpretativas escolhidas, isto é, no prisma do recorte do objeto e da filiação teórica presente. Conseguimos visualizar três grandes grupos. No primeiro, alinham-se os livros de John Wirth sobre Minas Gerais, de Robert Levine sobre Pernambuco, e de Joseph Love sobre São Paulo e Rio Grande do Sul<sup>15</sup>. As três primeiras

---

(14) Conforme: MARTINS, Luciano. "A Revolução de 1930 e seu significado político". Apud. Rosa Maria Godoy Silveira. *O Regionalismo Nordeste. Existência e Consciência da Desigualdade Regional*. São Paulo, Editora Moderna, 1984, página 27.

(15) WIRTH, John D. *O Fiel da Balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982; LEVINE, Robert. M. *A Velha Usina. Pernambuco na Federação Brasileira 1889-1937*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1980. LOVE, Joseph. *A Locomotiva. São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro Editora Paz e Terra, 1982. LOVE, Joseph. *O Regionalismo Gaúcho e as Origens da Revolução de 1930*. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Perspectiva, 1975.

obras foram produzidas em conjunto com o objetivo de "escrever história comparativa de um ponto de vista regional, isto é, apontando semelhanças e diferenças entre os três Estados principais, identificando, ao mesmo tempo, modos de interação no nível nacional"<sup>16</sup>. A última teve precedência no tempo, constituindo-se na matriz dos livros concebidos a seis mãos. As obras guardam, portanto, uma estrutura formal comum, presente na própria distribuição dos capítulos, e as diversidades ficam por conta das especialidades históricas regionais no período de tempo delimitado. "O período em consideração começa com a devolução do poder às antigas províncias pelo Império centralizado, e acompanha o verso da gradual retomada da autoridade e da responsabilidade pela União, o que ocorreu nos cinquenta anos que se seguiram. A nova centralização começou muito antes que a República Velha (1889-1930) fosse abolida pela revolução de 1930. E foi anunciada de maneira formal - e estritamente - pela ditadura estadonovista, o regime unitário de Getúlio Vargas (1937-1945)"<sup>17</sup>. No andamento global da análise, subjaz a relação entre a estrutura do poder constituída nos três estados e a dinâmica da política nacional. A luz, entretanto, detem-se nos estados enquanto "unidades tomadas para análise, porque são os focos das fidelidades políticas e da própria organização política. Não houve partidos nacionais ou multiestaduais no período em questão"<sup>18</sup>

(16) A introdução dos tres livros foi escrita a seis mãos. Quando as citações referirem-se a essa parte, usaremos o livro LOVE como indicação. LOVE, Joseph. *A locomotiva ...*, citada, página 7.

(17) *Idem, Ibidem*, pagina 7.

(18) *Idem, Ibidem*, pagina 10.



O privilegiamento da dimensão Estado transformou o âmbito federal em mero pano de fundo. Ato contínuo, no capítulo VI, comum nas três obras indicadas, - *Estado e país: dimensões políticas* - o enfoque local direcionou a análise, circunscrevendo-se às demandas dos setores dominantes rumo ao poder central. Com efeito, os "brasilianistas", ora considerados, escreveram sobre os estados mais importantes na federação republicana, distinguindo o papel das elites na feitura do tecido e dos matizes, que a história adquiriu no período. O critério utilizado foi empírico: "A elite política é definida como composta pelos ocupantes dos cargos mais importantes no governo e nos partidos dominantes, tanto a nível estadual como federal, entre 1889 e 1937"<sup>19</sup>.

A partir daí, o andamento da análise gira em torno de um epicentro definido, obrigando a que a distribuição dos assuntos nos capítulos parta, continuamente, do mesmo ponto. Quando tratam da ocupação territorial, e da estrutura social, por exemplo, predominam dados geográficos, ou índices populacionais. A transformação da paisagem e o perfil societário são convertidos em *fenômenos em si*, faltando deslindar a força dos nexos sociais, escondidos detrás da transformação da natureza e dos agregados estatísticos. Sediados nas elites, são impelidos a aprofundar as relações intra camada dominante, em detrimento dos laços entre camadas sociais. Como decorrência, o traçamento teórico básico estará assentado na noção de comportamento político: "Regionalismo é definido como um comportamento (político) caracterizado, de um lado, pela aceitação de uma unidade política mais abrangente, mas, de outro, pela busca de

---

(19) *Idem, Ibidem*, página 215.

um certo favoritismo e de uma certa autonomia de decisão (em matéria política e econômica), mesmo ao risco de pôr em perigo a legitimidade do sistema político vigente"<sup>20</sup>. O monopólio da vida política na República velha, por estar contido nas mãos dessa camada social, transformou as elites no tema de análise, deixando a entrever que a opção teórica fundou o objeto. Cabe ria considerar, por outro lado, que o relevo atribuído à ação política, beira ao voluntarismo *strictu-sensu*, convertendo o processo de dominação e o Estado em nuances pálidas do conjunto. A teoria da modernização firmou os parâmetros últimos das pesquisas. Daí o uso das noções de comportamento político, de geração política, de elite e de massa. A ênfase na modernização consoma a vestimenta do voluntarismo politicista. A capacidade de fazer história, atribuída às elites, explica o retardamento ou o avanço sociais. No caso de Pernambuco, "devido à resistência à mudança da aristocracia de açúcar, as medidas tomadas para modernizar a economia deram resultados desiguais e incompletos"<sup>21</sup>. O processo de mudança social resta dependente do alcance do olhar de alguns.

Caberia considerar ainda que, a despeito do inegável interesse das obras que estamos analisando, elas parecem tender para uma visão externa ao Brasil Republicano. Evidentemente, a inspiração teórica lançou a carta definitiva no jogo. O papel modernizador das elites reporta-se aos empreendedores schumpeterianos auto-determinados, construtores da sociedade capitalista. Por isso, a comparação com os Estados Unidos não é simples casualidade: "Resumindo, houve um crescimento econô

---

(20) *Idem, Ibidem*, página 11.

(21) LEVINE, Robert M. *Obra citada*, página 236.

mico, mas não o suficiente para energizar a sociedade no modelo norte-americano"<sup>22</sup>. Ao mesmo tempo, as noções de elite e o seu par conceitual - a massa -, de vasta tradição na literatura sociológica norte-americana, retratam concepções engendradas a partir de uma realidade social ausente do Brasil, pelo menos naquele momento<sup>23</sup>. O sentido último parece residir, de fato, numa imprópria compreensão das nossas especificidades, invalidando a cópia de modelos externos, descartando a possibilidade de repetirmos, no futuro, o passado das sociedades desenvolvidas. Convivemos com o federalismo sem um sistema de representação política desenvolvido, gestando certo artificialismo e sensação de deslocamento, rasto de todos os países dependentes.

No segundo grupo dos estudos sobre o regionalismo brasileiro, ordenam-se trabalhos cujo eixo da explicação desloca-se das elites para as oligarquias. Nesse espaço, são representativos os trabalhos de Eul-Soo-Pang, sobre a Bahia e de Terezinha Oliva de Souza, sobre Sergipe<sup>24</sup>. Os termos "oligar-

---

(22) WIRTH, John D. *Obra citada*, página 310.

(23) O livro de MILLS constitui-se num bom exemplo de análise nesse sentido. MILLS, Wright. *A Elite do Poder*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1962. Para uma crítica a essas noções: COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação. Teoria e Ideologia*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1973.

(24) PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias 1889-1934. A Bahia na Primeira República Brasileira*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979. SOUZA, Terezinha Oliva de. *Impasses do Federalismo Brasileiro (Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso)*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985.

o "Estado forte e centralizado" encontrava-se ausente.

Mesmo que discordemos do andamento da análise e de asserções pouco matizadas como a referente à natureza do Estado durante a Primeira República, o recorte do objeto, ao incidir sobre o domínio oligárquico - coronelístico, permitiu a apreensão das características do poder rural no Brasil. Há, ou trossim, transposições históricas inadequadas, presentes no manuseio de denominações como "clã" e "exército feudal", pensar os senhores da terra e os seus jagunços<sup>29</sup> além do espectro da modernização rondar a cena da análise. De fato, distinguir a República Velha enquanto época de transição foi possível, apenas porque entrecorta a fase arcaica da quadra moderna. "À medida que o desenvolvimento e a modernização aumentarem, uma nova elite emergirá. O interior diminuirá e a cidade avançará em direção ao centro do poder ... O processo de mudança ainda está acontecendo, e em breve os coronéis, assim como os cangaceiros e os fanáticos, passarão à História como relíquias da Primeira República"<sup>30</sup>. Subentende-se, rumo à sociedade industrializada, afluyente, cujo poder central encontra-se plenamente soberano. O regionalismo feito domínio político de oligarquias movidas por interesses particularistas, traça vigorosamente o poder local, mas deixa, ainda, na sombra a dinâmica das articulações entre a centralização do Estado e as autoridades pulverizadas.

*Impasses do Federalismo Brasileiro* de Terezinha Oliveira de Souza desperta a atenção no conjunto das obras. Discute

(29) *Idem, Ibidem*, página 24.

(30) *Idem, Ibidem*, página 235.

o federalismo a partir de Sergipe, estado periférico no concerto do poder republicano. O assunto é um momento específico da história republicana estadual. "A revolta de Fausto Cardoso é significativa de um momento de cisão na fração hegemônica da burguesia sergipana, momento crítico em que as camadas médias urbanas encontram condições de se pronunciar. O discurso antioligárquico das camadas médias urbanas é veiculado pela própria cisão oligárquica, que busca, no fundo, a recomposição do poder. O movimento é compreendido assim na sua ambigüidade: o ataque ao caráter elitista, fechado e dominador do grupo no poder é a linguagem de que se serve também a dissidência situacionista"<sup>31</sup>. A autora opera a identificação entre oligarquia e burguesia. Ressalta o uso das camadas médias urbanas efetuado pelo cisma oligárquico com vistas à simples transferência de grupos no poder. Chama a atenção para a participação política vicária dos pequenos estados, no plano federal, que só encontravam canais de expressão através do enfeudamento de suas oligarquias por outras mais fortes. Enfim, salienta o papel secundário de Sergipe, cuja "composição oligárquica se dera com a ajuda do Governo Federal, atendendo, num momento, aos desígnios do "Bloco". Um dos saldos da Revolta foi promover o definitivo ajustamento de Sergipe ao novo centro de controle da "política dos governadores"<sup>32</sup>. Insinuam-se, nessas passagens, determinado conceito de Estado enquanto *locus* de apropriação do setor mais forte da classe dominante, manifesto no enunciado - "desígnios do Bloco" -; a visualização da dependência nordestina resultante da debilidade das suas oligar

(31) SOUZA, Terezinha Oliva de. *Obra citada*, página 14.

(32) *Idem*, *Ibidem*, página 244.

quias; e, decorrentemente, a concepção de espaços regionais de finidos por formas diferenciais de domínio político. Nesse novo veio interpretativo a modernização cedeu terreno à oligarquia transubstanciada em classe social, trabalhada a partir dos nexos entre as suas diversas facções. Delineia-se, pois em caso limite de aplicação da categoria poder oligárquico, para desenhar o espaço regional.

No terceiro grupo de trabalhos sobre o regionalismo, estão dispostos *Elegia para uma Religião* de Francisco de Oliveira, *Regionalismo e Anti-regionalismo no Paraná* de Rubem César Keinert, e *O Regionalismo Nordestino* de Rosa Maria Godoy Silveira<sup>33</sup>. O primeiro constitui-se num juízo às estratégias de planejamento da SUDENE e os dois últimos manejam a crítica da identidade regional. Os três espelham um tipo de abordagem onde o movimento global da reprodução capitalista confere sentido à região, redefinindo-as. O trabalho de Francisco de Oliveira inspirou as pesquisas subsequentes, principalmente a primeira, orientando o andamento das análises de Keinert e de Godoy Silveira.

Na crítica à política de desenvolvimento regional, implementada pela SUDENE, o autor detem-se "no exame das tendências de homogeneização monopolística do espaço econômico,

(33) OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma religião. SUDENE, Nordeste, Planejamento e Conflitos de Classes*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977. KEINERT, Rubem Cesar, *Regionalismo e Anti-Regionalismo no Paraná*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1978, Exemplar mimeografado. SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *Obra citada*.

no exame do caráter diferenciado que pode persistir na reprodução do sistema global, no exame das contradições que esse caráter diferenciado pode colocar; neste sentido, as regiões seriam definidas pelo caráter diverso das leis de sua própria reprodução e pelo caráter de suas relações com as demais"<sup>34</sup>. É, pois, sob o prisma da reprodução e do seu impacto sobre as particularidades, que o regional é determinado. Nessa perspectiva, a região torna-se "o espaço onde se imbricam dialeticamente numa forma especial de lutas de classes, onde o econômico e o político se fusionam e assumem uma forma especial de aparecer no produto social e nos pressupostos de reposição"<sup>35</sup>. Deste modo, o regional perde o cunho de *dado*, transformando-se num processo cuja dinâmica retira a energia das determinações globais do todo social. A convivência de partes com ritmos de sinais de desenvolvimento desembocaria na subsunção das mais fracas pelas mais fortes, num processo que tende a aprofundar as desigualdades ao invés de superá-las. "A especificidade de cada 'região' completa-se, pois, num quadro de referências que inclui outras 'regiões' com níveis distintos de reprodução do capital e relações de produção"<sup>36</sup>. Daí opta-se por um enfoque que privilegia o entrelaçamento a partir do qual as partes são recortadas, descurando-se as definições que buscam detectar os traços intrínsecos às diferentes regiões. Nesse andamento, a expansão e as mudanças das relações capitalistas na periferia são realçadas, constituindo-se dois planos de especificidades interligados. O primeiro diz respeito à própria reprodução pe

(34) OLIVEIRA, Francisco de. *Obra citada*, páginas 25 e 26.

(35) *Idem, Ibidem*, página 29.

(36) *Idem, Ibidem*, página 28.

riférica e o segundo às especialidades regionais respectivas.

Os trabalhos seguintes, centrados no fenômeno da identidade regional, partem do mesmo pressuposto. *Regionalismo e Anti-Regionalismo no Paraná* intenta perceber "como o regionalismo e o anti-regionalismo jogam um papel importante no embate entre a reprodução de um capital que necessita do espaço nacional e os capitais que dominam determinadas circunscrições desse mesmo espaço"<sup>37</sup> Os atritos advindos do tipo de enfrentamento delineado, portanto, são fundamentais à caracterização do regionalismo. "O estudo realizado propõe-se a captar a especificidade da questão no momento em que o desenvolvimento das relações de produção capitalistas já garantia as condições de consolidação do Estado capitalista no Brasil"<sup>38</sup>. O processo de modernização é, aqui, substituído pela dinâmica capitalista e o Estado entra na cena das considerações, deixando o lugar secundário a que fora relegado nos trabalhos analisados acima. O próprio regionalismo constitui-se no nível da ideologia das classes dominantes nos Estados, numa contrapartida a concentração e à centralização da política e da economia no âmbito nacional<sup>39</sup>. Por isso, o centro dos movimentos regionalistas no Brasil diz respeito a motivações essencialmente políticas e econômicas, reproduzindo uma forma de resistência à crescente absorção da parte pelo conjunto<sup>40</sup>. A identidade regional é a capa que agasalha aspirações de sobrevivência, cuidadosamente acalentadas. A visão do espaço regional, dessa forma, cons

(37) KEINERT, Rubem César.. *Obra citada*,

(38) *Idem, Ibidem*, página 7.

(39) *Idem, Ibidem*, página 28.

(40) *Idem, Ibidem*, páginas 19-20.



trôï-se no curso da luta, onde os jeitos de enfrentamento e de acomodação entre distintas frações da classe dominante são fundamentais. Conseqüentemente, as condições de resistência derivam da força da classe dominante local, frente às tendências abrangentes. O regionalismo é conduzido para o embate entre os segmentos sociais dominantes, na dinâmica da história. É verdade que o autor aponta para certa inexorabilidade, presente na inevitável reprodução capitalista, que visa ao nacional. A tendência à perda ronda as circunscrições, que caminham enlevadas pelo todo. O discurso regional vira manifestação da resistência e tende a reescrever-se no andamento geral. Por isso, o autor trabalha com a categoria "formação regional", tentando captar as imbricações particulares a cada momento, do processo de acumulação e reprodução capitalistas<sup>41</sup>. "... A formação regional não se explicaria por si mesma, ou seja, sem uma referência à formação social de que faça parte, necessária para explicar condições de reprodução não evidentes pela dinâmica interna da formação"<sup>42</sup>. Semelhantemente, nesse trabalho, o regional é recortado do conjunto, delineando-lhe a dinâmica, modelando-lhe a feição. *Regionalismo e Anti-Regionalismo no Paraná* e *Elegia para uma Religião* orientam-se por uma matriz teórica comum, mas o primeiro enfatiza as dimensões social e ideológica, enquanto o segundo transita, marcadamente, no espaço do movimento do capital que, como é óbvio, não as exclui, embora compreenda aspectos distintos de privilegiamento.

*O Regionalismo Nordestino* examina as condições responsáveis pela emergência da consciência do espaço. Nos fins

---

(41) KEINERT, Rubem César. *Obra citada*. páginas 20-21.

(42) *Idem*, *Ibidem*, página 22.

do século XIX, com o advento da República, "... o discurso regionalista começa a ganhar maior consistência", no momento da hegemonia consolidada do setor cafeeiro e das mudanças na reorganização produtiva do açúcar<sup>43</sup>. "A ideologia regionalista, tal como surge é, portanto, a representação da crise na organização do espaço do grupo que a elabora. Uma fração açucareira da classe dominante brasileira, em vias de subordinação a uma outra fração hegemônica (comercial-cafeeira), se percebe no seu *locus* de produção e no relacionamento deste *locus* com outros espaços de produção, de forma predominante aquele da fração hegemônica"<sup>44</sup>. Isto é, os produtores do açúcar divisaram, nitidamente, a perda relativa e absoluta do seu significado no contexto do país e vislumbram a sujeição dos seus interesses frente a outros mais poderosos. A perda do espaço corresponde a articulação regional da "classe dominante". O regionalismo nordestino, produto da crise e da sua consciência, constituiu-se numa matriz ideológica que articula "... o conceito de região como categoria interpretativa da realidade"<sup>45</sup>. Regionalismo e região - produções ideológicas da classe dominante - vinculam-se às transformações históricas provenientes do rearranjo do todo, constituindo-se em expressões concomitantes de reação e de enfrentamento. As elaborações regionais configuram-se, na mesma vertente analisada acima, em discursos de resistência. "Crise significa, então, um momento do processo histórico em que os elementos básicos componentes do espaço regional estão sendo reestruturados (substituídos ou transformados)

---

(43) SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *Obra citada*, página 58.

(44) *Idem, Ibidem*, página 17.

(45) *Idem, Ibidem*, página 18.

em decorrência de condições internas e externas à região, e cujo sentido é conferir maior racionalidade à ordem capitalista mais ampla"<sup>46</sup>. A inexorabilidade inerente ao capitalismo, já realçada na análise anterior, está presente em toda a sua pujança. O sentido imanente da racionalidade joga a criação regionalista na vala comum dos projetos fadados ao engano, por caminharem na direção oposta ao curso da história. "Dessa maneira, as medidas que, no seu processo de transformação que se abate sobre seu espaço, embora se apoiem no passado para justificarem a pretensão de uma volta ao "equilíbrio perdido", enredam a *classe dominante regional em uma armadilha que a joga no futuro, mas em um futuro sobre cujo desenrolar não exerce o controle principal*. Ou seja, quanto mais tenta escapar da armadilha do capitalismo, mais para ela caminha, muito embora se acredite dela se afastando"<sup>47</sup>. O regionalismo nordestino, segundo a autora, aspira uma atmosfera enevoadada por densas formações pré-capitalistas<sup>48</sup>. O *Manifesto regionalista de 1926*, expressão candente dessa perspectiva, reporta-se à "... ótica de um determinado grupo responsável por sua elaboração, as oligarquias rurais, (onde) Freyre formula uma idealização saudosista de tais valores, tentando preservá-los das mudanças em curso"<sup>49</sup>.

O regionalismo configura, pois, a consciência infeliz das oligarquias decadentes. Não obstante, caberia conside

---

(46) SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *Obra citada*, 55.

(47) *Idem, Ibidem*, página 232. Grifo nosso.

(48) *Idem, Ibidem*, página 234.

(49) *Idem, Ibidem*, página 24.

rar que a percepção das diferenças e dos descompassos regionais, foi prenúncio do debate que desembocou no aparecimento posterior das políticas de incremento e de planejamento do Nordeste. No *manifesto* Freyre pede "... estudos ou indagações dentro de um critério de inter-relação que, ao mesmo tempo que se amplie, no nosso caso, o que é pernambucano, paraibano, nordestino-grandense, piauiense e até maranhense ou alagoano, ou cearense em nordestino, articule o que é nordestino em conjunto, com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano"<sup>50</sup>. A autora encontra, nessa passagem, a perspectiva "de um patriarcado agrário açucareiro, identificado com o projeto nacionalista, em uma generalização esvaziadora das relações contrárias de classes e estamentos"<sup>51</sup>. Poderia, perfeitamente, localizar aí a esperança de suscitar a atenção do Estado brasileiro para os problemas nordestinos. O trecho parece apontar não para um distanciamento passadista; sugere, ao contrário, a ênfase no regional para conclamar à articulação. Nesse caso, a visão passadista conteria componentes seguramente modernos, e o tratamento do discurso pressuporia entender a especial combinação dessa dupla face. Não seria esse um dos traços fundamentais, sobejamente característico, das elaborações culturais no Brasil?

Em suma, no tratamento do regional sobressaem os momentos de criação ideológica da classe dominante, presentes, porém com intensidade mais fraca, no trabalho anterior. A diferença afigura-se no peso conferido à ideologia. No livro em

---

(50) FREYRE, Gilberto. "Manifesto Regionalista de 1926" Apud Rosa Maria Godoy Silveira. *Obra citada*, página 23.

(51) SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *Obra citada*, página 23.

questão opera-se um certo deslocamento das criações mentais *vis à vis* da realidade. A abordagem da identidade regional supõe, no entanto, desvendar as elaborações produzidas por sujeitos sociais, que não se constituem em meras ilusões, mas em momentos fundantes do próprio real. A constância dos discursos regionalistas testemunha a existência de um fenômeno, cujo significado provoca o seu conhecimento. A permanente reinvenção deve corresponder múltiplos processos de determinações, de enleamento do particular no geral. Pela variegada rede de significados responde a inextricável teia da história. No êncalço desse duplice movimento, consideraremos as invenções míticas na feitura da identidade regional, que asseveram a uniformidade do quadro, rodeadas pelo espetáculo das diferenças.

## 2. SENSIBILIDADE ROMÂNTICA

A transferência da corte portuguesa para cá, em 1808, inaugurou um período de conhecimento do Brasil. De fato, a literatura de viagens exprimiu, no plano da produção intelectual, o conjunto de transformações alçado pela antiga colônia, e, no que tange aos estrangeiros, significou a queda de barreiras que os impediam de adentrar ao Brasil. As obras dos viajantes reintroduziram-nos no concerto internacional e reproduzem, em outro contexto, a atração que exercêramos nos dois primeiros séculos de nossa história, realizando, por isso, uma verdadeira redescoberta do Brasil<sup>52</sup>. "De modo que a curiosidade tão longamente sofreada pode agora expandir-se sem estorvo e, não poucas vezes, com o solícito amparo das autoridades. Nesses poucos anos foi como se o Brasil tivesse amanhecido de novo aos olhos dos forasteiros, cheio da graça milagrosa e das soberbas promessas com que se exibira aos seus mais antigos visitantes. Num intervalo de cerca de dois séculos, a terra parecera ter perdido, para portugueses e luso-brasileiros, muito de sua primeira graça e gentileza, que agora lhe vinha restituída. Pois é bem certo que uma familiaridade demasiada nos faz muitas vezes cegos ao que há de insólito em cada coisa, mormente nessas coisas naturalmente complexas como o são uma paisagem, uma so

---

(52) "Há de ser homens de outras terras, emboabas de olho azul e língua travada, falando francês, inglês, principalmente alemão, os que se vão incumbir do novo descobrimento do Brasil". HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A Herança Colonial - sua desagregação". *História Geral da Civilização Brasileira*, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, Tomo II, 1º volume, 2ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965, página 13.

cidade, uma cultura"<sup>53</sup>. Interessante perceber que a nova alvorada brasileira tingiu-se de cores pinceladas nas palhetas da cultura européia de vanguarda.

Os viajantes abeberaram no pensamento ilustrado o gosto pela precisão, de feíto racional, mas sobretudo, estavam imbuídos da vaga romântica, que assomava avassaladoramente o espírito dos europeus de então<sup>54</sup>. Amalgamaram a busca do conhecimento objetivo, empírico, com a vontade de aventura, sem cujos êmulos teríamos, talvez, perdido páginas importantes da nossa memória. De outro lado, a memória que se forjara da terra descoberta nos quinhentos e que fora retomada pelos viajantes dos oitocentos, se se pode concebê-la como uma ruptura, dado que introduz nova maneira de olhar a realidade, bem, ao mesmo tempo, um lastro comum característico da continuidade. A clivagem diz respeito à própria natureza do empreendimento que, muitas vezes, resultava de interesses científicos; havia, também, motivações econômicas, políticas e pessoais<sup>55</sup>. Os relatos obtidos manifestam-se numa forma documental, arvorando uma objetividade inerente à toda pretensão de espelhamento fidedigno

(53) Idem, *Ibidem*, páginas 12 e 13.

(54) Para a relação entre os viajantes e o romantismo: CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*. 1º volume (1750-1836). 5ª edição. Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. Capítulo VIII, parte 2: "Pré-romantismo franco-brasileiro".

(55) Sobre as várias motivações que dirigiram o interesse dos viajantes ver: LEITE, Ilka Boaventura. *Negros e Viajantes em Minas Gerais - século XIX* - Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986, Capítulo I.

do real. Em outras palavras, a produção dos viajantes distancia-se das concepções míticas, que povoaram a mente dos europeus na época dos descobrimentos<sup>56</sup>. A persistência reside no fato de a memória confeccionada ser fruto dos "emboabas de olho azul e língua travada", recolocando o espinhoso problema de ter-se uma história formada por homens imbuídos de princípios culturais diferentes. Como a produção histórica possui o papel de orientar a feitura dos traços moduladores da identidade coletiva, também a nossa identidade teria, na sua gênese, raiz adventícia. Nos nossos dias, como já vimos, "brasilianistas" repetiram a trajetória dos estrangeiros do século XIX e pode não ser casual que alguns tenham se dedicado a estudar exatamente as particularidades regionais, redescobrendo, em parte, o tema para os brasileiros. Em qualquer dos casos, a identidade despontaria num quadro eivado de comparações, quer explicitamente no exemplo da literatura de viagens, quer embutidas nas orientações últimas das análises modernas. O enquadramento da identidade a partir do contraponto, se pode resultar em observações argutas, produzidas pelo próprio estranhamento, tem, também, o caráter de incompletude, ao estar permeada pela idéia de uma história descompassada frente às noções hegemônicas. As nossas diferenças aparecem como afasia histórica, as nossas particularidades transmudam-se numa cultura vivenciada no avesso.

No percurso dos viajantes pelo Brasil, sobrelevam-se as peculiaridades regionais e, por isso, elas encontram-se na

---

(56) A respeito da mitificação das terras descobertas, consultar a obra clássica: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.



base das elaborações míticas do tipo que estamos considerando nesse trabalho. Com certeza, porque a diversidade foi muito maior no passado, do que é hoje; também, porque alguns se deram conta da desuniformidade presente no período da emancipação. A sutileza de Saint-Hilaire, tal fato não escapou: "Ao sistema monárquico que substituíra um despotismo cujo resultado era de esgotar e desunir, não se soube aplicar instituições uniformes e monárquicas. O Brasil estava emancipado: como, porém, todas as minúcias do regime colonial subsistiram, não houve harmonia no conjunto, da administração, e daí, como se verá alhures, os terríveis perigos que ameaçaram por um instante o Brasil, e mesmo a maior parte dos embargos que encontrará por muito tempo o governo atual"<sup>57</sup>. Tais palavras soam como profecia. Apontam para um Estado cuja soberania é discutível e alertam para as resistências à centralização do poder, que darão o tom do período regencial. Concomitantemente, ao constatar a desarmonia do todo, as suas reflexões, necessariamente, voltar-se-iam para as especificidades. Há, contudo, na raiz do romantismo, total rejeição às verdades generalizadoras e que se manifestam em princípios absolutos. Nesse sentido, a ênfase nas particularidades é inerente à imaginação romântica, centralizada na individualidade<sup>58</sup>. Para Blake, "generalizar é de idiota. Particularizar é a verdadeira distinção do mérito. Os conhecidos gerais são a propriedade do idiota"<sup>59</sup>. Noutro passo: "Que é a natureza geral" Existe tal coisa?

(57) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1822). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, página 51.

(58) Conforme BOWRA, C.M. *La imaginación romántica*. Tradução espanhola, Madrid, Taurus Ediciones, 1972, página 22.

(59) BLAKE, William. *Poetry and Prose*. Apud, BOWRA, C.M. *Ibidem*, página 22.

Que é o conhecimento geral? Onde está isso? Estritamente falando, todo o conhecimento é particular"<sup>60</sup>. Aos românticos, portanto, o conhecimento subjaz na imanência do ser no mundo e, muito embora o trecho acima citado amolde-se à crítica da racionalidade universal dos ilustrados, introduz a particularização, marca indelével do pensamento científico posterior. Nesses termos, se a crença na realidade racional e num sujeito doto de razão são essenciais ao conhecimento científico, o desenvolvimento da ciência empírica pressupõe a observação particularizadora. Por isso, iluminismo e romantismo poderiam caminhar lado a lado; na constituição da ciência moderna<sup>61</sup>. Foram as vertentes mais extremadas do romantismo que relegaram a razão a um plano inferior; em outras, ao contrário, o mundo sensível confecciona os elementos formadores da imaginação. "Segundo Wordsworth a imaginação deve submeter-se ao mundo externo porque este não está morto, senão que vive e tem sua própria alma que é, ao menos na vida que conhecemos, distinta da alma humana ... Wordsworth cria que podia ajudar a estreitar os laços entre a alma da natureza e a do homem ... que o mundo externo se ajusta à alma individual e esta à natureza do mundo externo"<sup>62</sup>. Postula-se a separação entre o individual - manifesto na imaginação - e o mundo exterior, para depois buscar um ajustamento entre ambos. Assim, é possível entrever-se a emergência do *geist*, tão caro aos românticos, que é noção importante para se pensar os problemas da identidade. Daí, identi

---

(60) BLAKE, William. *Ibidem*, Apud, BOWRA, C.M. *Ibidem*, página 22.

(61) A respeito do espírito científico presente no romantismo: TALMON, J.L. *Romantismo e Revolta. Europa 1815-1848*. Tradução portuguesa, Lisboa, 1967, página 157.

(62) BOWRA, C.M. *Obra citada*. páginas 30 e 31.

tidade e nacionalismo serem concepções que caminharam *pari-passu*. A nacionalidade transforma-se em repositório da identidade e pode ofertar aos homens a possibilidade de exprimir-se de maneira genuína<sup>63</sup>. No Brasil, o movimento romântico perseguiu os princípios da constituição da nacionalidade que, para certos autores, "era a celebração da pátria, para outros o indianismo, para outros, enfim, algo indefinível mas que *nos exprimisse*"<sup>64</sup>. Os impulsos expressivos encontram no mundo externo a matéria prima, a partir da qual podem elaborar manifestações mais individualizadas, por conseguinte, ele é também o escoadouro das emoções grandiosas. A realidade visível modela a imaginação e é por ela conformada. A vida humana é concebida, na sua essencialidade, como uma rede, na qual vibram, rigorosamente, os influxos internos. "O mundo representa para o romântico uma infinidade de ocasiões para experiências"<sup>65</sup>. A incessante busca de traços enriquecedores da existência, adquire feições diferentes e aparece, numa das faces, sob o constante apelo à natureza<sup>66</sup>. A inquietação da procura do caminho da auto-expressão faz dos românticos, homens seduzidos pelo exótico<sup>67</sup>. Não casualmente, o romantismo recuperou o encanto

---

(63) Conforme TALMON, J.L. *Obra citada*, página 110.

(64) CÂNDIDO, Antonio. *Obra citada*, volume II, página 10. (grifo do autor). Todo o volume segundo, dessa obra fundamental, dedica-se à análise do romantismo brasileiro.

(65) TALMON, J.L. *Obra citada*, página 151.

(66) Conforme TALMON, J.L. *Ibidem*, página 145.

(67) ... "Os românticos foram buscar nos países estranhos, nas regiões esquecidas e na Idade Média pretextos para desferir o vôo da imaginação". CÂNDIDO, Antonio. *Obra citada*, página 23.

das memórias e deixou-se enlevar pelo chamamento das terras distantes<sup>68</sup>. No processo, a América constituiu-se num dos pólos de atrações. Para Chateaubriand as terras americanas são "o novo universo onde recomeça o gênero humano"<sup>69</sup>. No espírito pré-romântico e do romantismo configurado, o Brasil foi redescoberto.

A literatura de viagens parece ter sorvido parte deste caldo de cultura. Evidentemente, não desprezamos os interesses imperialistas das nações mais desenvolvidas, para as quais o conhecimento do jovem país, poderia constituir-se num fator importante para direcionar investimentos e encaminhar seus produtos para o mercado brasileiro<sup>70</sup>. No entanto, pensa-

---

(68) Le Goff chama a atenção para a revivescência da memória pelo romantismo: LE GOFF, Jacques. "Memória". *Enciclopédia Einaudi; Memória-História*. Volume I. Tradução portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, página 37. Há uma conexão entre memória e identidade, os românticos devem tê-la valorizado por esse motivo.

(69) CHATEAUBRIAND, F.R. *Memoires d'Outre Tombe*. Apud. Antonio Cândido, *Obra citada*, Volume I, página 286. "Na segunda metade do século XVIII as novas áreas passaram a ser valorizadas intelectualmente. É que então começou a corporificar-se o pensamento romântico, que iria influir em todos os setores da atividade humana e criar novo espírito". IGLÉSIAS, Francisco. "Um conceito equívoco: a História universal". In. *História e Ideologia*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971, página 24.

(70) O trabalho de Ilka Boaventura Leite enfatiza, predominantemente, a dimensão imperialista das viagens. *Obra citada*, parte I. Para Elizabeth Mendes, a literatura de viagens é "uma das formas de conhecimento da burguesia". MENDES, Elizabeth de Camargo. *Os viajantes no Brasil: 1808-1822*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981. página 8.

mos que, muito embora este lado seja verdadeiro, a compreensão do significado de uma obra cultural não se esgota na detecção dos motivos mais explícitos, ainda que eles possam ser o móvel primeiro. A literatura de viagens é bastante expressiva, nem tanto pelo seu volume, mas pela riqueza das informações, pela sensibilidade na captação dos traços do Brasil oitocentista, constituindo-se em material imprescindível àqueles que se preocupam com problemas como os nossos. Além do mais, os viajantes representam uma ruptura nas formas dos europeus conceberem a América. "Só a contar do século XIX, porém, é que a América passou a ser encarada como realidade, tal como devia ser, pois até então era apenas campo de aventura ou de explorações econômicas"<sup>71</sup>. À concepção paradisíaca, durante os descobrimentos, seguiu-se uma visão infernal da terra. "O Brasil, colônia portuguesa, nascia assim sob o signo do Demônio e das projeções do imaginário do homem ocidental ... O primeiro movimento - o de Pedro Álvares - se fez no sentido do céu: a este acoplar-se-ia a colônia, não fossem os esforços bem sucedidos de Lúcifer, pondo tudo a perder"<sup>72</sup>. No século XVIII, predominou a visão da debilidade e imaturidade da América, que representa, no nível da percepção do continente, certa persistência da idéia de infernalização<sup>73</sup>. Contudo, há, ao mesmo tempo,

---

(71) IGLÉSIAS, Francisco. *Obra citada*, página 25.

(72) MELLO e SOUZA, Laura de. *Sabbats e Calundus. Feitiçaria, práticas mágicas e religiosidade popular no Brasil Colonial*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985, página 9.

(73) Retiramos a idéia de debilidade da América de GERBI, Antonello. *La disputa del nuevo mundo. História de uma polémica. 1750-1900*. Tradução espanhola, Fundo de Cultura Econômica, 1960, página 3.

alguma ruptura, pois esta nascia de um pensamento mítico-religioso, enquanto aquela gestou-se no interior de outra concepção. De maneira mais explícita, queremos afirmar que, no primeiro caso, o predomínio de manifestações religiosas aloja-se no seio de uma cultura em processo de laicização e, no segundo, predomina a racionalidade configurada<sup>74</sup>. No meio do caminho, a acentuação de um dos lados, ou a simbiose entre ambos podem ocorrer<sup>75</sup>. A própria Colônia teve um papel no desenvolvimento da cultura racional, pois, o motor da exploração visou a promover os "lucros excedentes - lucros monopolistas - que se acumulam entre os empresários metropolitanos"<sup>76</sup>. Tanto o pragmatismo inscrito na natureza da exploração, quanto os traços da mentalidade mágico-religiosa, são componentes fundantes desse quadro de pensamento. Todavia, durante a Época Moderna, o racionalismo é crescente e, "desde os séculos XVI e

---

(74) Para a análise da racionalização da cultura ocidental: WEBER, Max. "A psicologia social das religiões mundiais". In *Ensaio de Sociologia*. Tradução portuguesa, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1971.

(75) Deriva da primeira concepção o desenvolvimento da mentalidade quantitativa entranhada no universo mental da burguesia mercantil ascendente, como se pode depreender dos textos: BARRADAS DE CARVALHO, Joaquim. "Sur l'Introduction et diffusion des chiffres arabes au Portugal". In *Bulletin des études portugaises et de l'institut français au Portugal*. Lisboa, 1957, Volume XX. KOYRÉ, Alexandre. *Études d'histoire de la pensée philosophique*. Paris, Gallimard, 1961, especialmente o Capítulo: "La vide et l'espace infini au XIV<sup>e</sup> siècle", páginas 37 a 102.

(76) NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo, Editora Hucitec, 1979, página 80.

XVII, dominou o Ocidente como parte da racionalização particular da vida civil, e que se tornou familiar nesta parte do mundo"<sup>77</sup>.

A tese buffoniana sobre a inferioridade da América, resultou da inviabilidade de aplicação direta do conhecimento haurido a partir do estudo das espécies zoológicas europeias<sup>78</sup>. A crença no caráter unitário da razão encontrou, no Novo Mundo, todos os motivos para ser negada. Ao invés de reconsiderá-la, o que seria, provavelmente, difícil para homens imbuídos da certeza de estarem encarnando os mais altos princípios da humanidade, resvalou-se para a inferiorização. Gestou-se, ao contrário, uma concepção hierárquica da natureza e dos homens, onde a Europa encontrava-se no cume e a América ocupava as posições inferiores<sup>79</sup>. Estabeleceu-se um nexu "segundo o qual a natureza americana é débil porque o homem não a tem dominado, e o homem não a tem dominado porque, por sua vez, é frio no amor e mais semelhante aos animais de sangue frio, mais próximo à natureza aquática, e em putrefação"<sup>80</sup>. É como se estivéssemos alijados da vida histórica, animalizados portanto, visto ser a capacidade de transformar a natureza o fundamento da cultura. A idéia da natureza totalmente domada e submissa à vontade dos homens, tão acariciada pelos iluministas, desdobrou-se num procedimento poderoso de domínio sobre a sociedade<sup>81</sup>. À Europa iluminada não poderia escapar à bruta

---

(77) WEBER, Max. *Obra citada*, página 337.

(78) Conforme Gerbi, Antonello. *Obra citada*, página 26.

(79) Idem, *Ibidem*, página 29.

(80) Idem, *Ibidem*, página 8.

(81) A respeito da vocação iluminista para o domínio dos homens: ADORNO, T.W. e M. HORKHEIMER. *Dialéctica del Iluminismo*. Tradução espanhola, Buenos Aires, Editorial Sur, 1970.

lidade da colonização, nem a consciência de que esta nasceu dos seus espasmos. A colonização é um processo de violência sobretudo sobre homens; o escravismo é, em essência, a sua expressão mais forte. Ora, as concepções negativas do século XVIII podem servir àqueles apegados à permanência da condição colonial; de outro lado, manifestam, também, um tipo de consciência infeliz, pois minoraria a necessidade de absorver a ruptura, já agora uma possibilidade real, nos fins do século XVIII. O reconhecimento das colônias como membros do corpo europeu era inevitável, no entanto, a sua identidade haveria de passar, necessariamente, por elas. Atribuir caráter mesquinho à América é útil em qualquer dos casos e esconjuraria, como vantagem, a participação dos europeus no conjunto. Em suma, os diferentes jeitos de apreender os homens de ultramar, implicam em assumir-se postura proeminente e detentora das percepções. "Desde a descoberta da África e da América o homem selvagem é objeto, o homem civilizado, o único sujeito; ele carrega consigo a civilização, ele a fala, ele a pensa e porque ela é o móvel da sua ação, ela torna-se o referente do seu discurso"<sup>82</sup>. Articular as concepções civilizatórias pressupõe considerar o objeto a ser moldado e através deste, o europeu "pode-se reconhecer e aprende a se conhecer"<sup>83</sup>. Reversivamente, nós não detemos o controle do nosso auto-conhecimento. Na condição de objetos, vivenciamos a situação de uma humanidade aprisionada em mentes nutridas por influxos externos<sup>84</sup>. Nós e eles somos elemen

---

(82) DULCHET, Michèle. *Anthropologie et Histoire au Siècle des Lumières. Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvétius, Diderot.* Paris, François Maspero, 1971, página 17.

(83) Idem, *Ibidem*, página 15.

(84) As raízes desse fenômeno entranham-se na própria natureza



tos integrantes do todo, mas as rédeas escapam das nossas mãos. Excluídos da humanidade cristã fomos lançados, depois, nos braços da humanidade abjeta. Como decorrência, a literatura de viagens, do século XIX, representa um ponto de viragem, por gestar nova visão da América. Ter sido produzida na onda imperialista não é, por certo, desimportante: porém, há profundo sentido na ultrapassagem das concepções detratadoras: nela recuperamos, enfim, a condição de humanidade. Os novos viajantes realizaram, em outro prisma, a sua auto-identificação ao identificar-nos. Através das suas obras, também nós, encontraríamos subsídios importantes para nos conceber. Se a aventura que empreenderam continuava, ainda, povoada por imagens do passado, ao lado delas abriram-se fendas que vertiam raios luminosos. As viagens foram a odisséia moderna do homem europeu<sup>85</sup>. No século passado, provavelmente, nós estaríamos iniciando a nossa própria odisséia.

---

(84) CONT.- do processo colonizador pela relação metrópole - colônia, na qual o movimento da reprodução não se completa endogenamente. Conforme: NOVAIS, Fernando, A. *Obra citada*. ARRUDA, José Jobson de. "A produção econômica". In *Ô Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*. (org.) Maria Beatriz Nizza da Silva. Editora Estampa, Lisboa, no prelo. CARDOSO DE MELLO, João Manuel. *O capitalismo Tardio (Contribuição à Revisão Crítica da Formação e Desenvolvimento da Economia Brasileira)*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

(85) "A história da descoberta do mundo assemelha-se a um romance: itinerários singulares e empresas desesperadas conferem um certo aspecto de Odisséia a estas viagens, a estes pèriplos, a estes reconhecimentos, onde muito é fruto de iniciativas individuais, como no tempo dos conquistadores: "DUCHET, Michèle. *Obra ditada*, página 39.

### 3. AS NUANÇAS DE QUIXOTE

Nas imagens dos viajantes sobre as Minas Gerais evidenciam-se, muitas vezes, o forte impacto que a paisagem lhes provoca, expressa no encadeamento das palavras, deixando-se transparecer na incontinência das expressões. É como se a paisagem mineira evocasse em suas mentes as lembranças mais caras, necessariamente sofreadas pelo longo afastamento e, de repente, brotassem a despeito das suas vontades. Povoados pela melancolia, que ocupa pessoas afastadas das suas querências, pintam a paisagem com sentimentos vigorosos. "O viajante, que vai de São Paulo para Vila Rica, facilmente notará, com observação mais rigorosa, que a feição geral da região se vai pouco a pouco mudando, depois de haver transposto o divisor das águas que, para o Sul, dirige as do Rio Grande, ao troar do tumulto de sua queda, se despede aqui, por assim dizer, da montanha nativa, para se dirigir às regiões baixas à Oeste, prepara o viajante, ao mesmo tempo, para grandiosos panoramas, que o esperam, quando ele prossegue além para o Norte. As montanhas se vão tornando mais altas e escarpadas, os vales mais profundos; rochas maciças nos cumes ou no vale interrompem mais frequentemente as lindas encostas verdes e as campinas; as fontes precipitam-se mais rápidas embaixo; ora o viajante se acha em alto ponto de vista, de onde descortina panorama da maior diversidade de cumes isolados e vales profundos, ora se vê fechado entre paredes de montanhas, ameaçadoramente abruptas. *Tudo vai tomando sempre mais verdadeira feição alpina, heróico-romântica*"<sup>86</sup>. Há, nitidamente, certo encantamento frente ao

---

(86) SPIX, Joham Baptist Von e MARTINS, Carl F. Ph. Von. *Viagem*

panorama que se abre diante dos seus olhos. Os "grandiosos panoramas" flutuam no relevo entrecortado que, por sua vez, oferecem experiências impenetráveis, "profundas", permitindo-lhes conviver com vasta gama de percepções: "... ora se acha em alto ponto de vista ... ora se vê fechado entre paredes de montanhas". O poder da paisagem em suscitar sentimentos, liga-se, no entanto, a uma visão particular, aquela que se assemelha à "feição alpina". O feitiço exalado pelo vivo ambiente - "montanhas altas e escarpadas" - transpira às experiências heróicas e inusuais, tão caras aos românticos. Heroísmo que é, provavelmente, de todos os atributos, o mais individualizado. Assim, a particularidade da visão mistura-se à peculiaridade da qualidade heróica e, as duas, parecem ser dotadas de carisma intrínseco. Se, para os viajantes oitocentistas, a trajetória que percorreram requer significativa dose de heroísmo, puderam encontrar no terreno alcantilado das Minas Gerais e nos precipícios divisados, certa harmonia nos feitos. O andamento do discurso surge eivado pela correspondência entre ambiente e emoção. Aquele com o poder de criar o fascínio sobre eles, esta enquanto resultado da capacidade de deixar-se enlevar por estímulos inusitados. Nesse encontro, individualizam, também, a natureza. Não é qualquer imagem, mas aquela singular, forte e imaginativa, que transita em direção aos espectadores e foge destes para ela, num movimento circular. No percurso, fusionam-se os homens e a realidade, ficando difícil distinguir limites claros e precisos entre o humano e o natural, ocorrendo,

---

(86) CONT.- *pelo Brasil. 1817-1820*. Tradução portuguesa, Volume I, Livro III, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981, página 193. (grifo nosso).

pois, verdadeiro processo de identificação. A operação identificadora, não obstante, prende-se aos fios da memória, tecidos em oficinas distantes e por mãos adestradas para seguir o ritmo de rocas, que emitem ruídos absorvidos, apenas, por ouvidos previamente educados. Minas Gerais recupera "feição alpina", identificando-se, ao assemelhar-se e, por meio dessa especial analogia, foi transportada para a Europa.

De qualquer forma, a natureza tem sempre grande força sedutora; toca a sensibilidade desses estrangeiros; imobiliza os seus sentidos; provoca gestos; produz descrições primorosas; cria ritmo narrativo intenso; repassa ao leitor a sensação da descoberta: "De repente avistei o seu começo e pude vê-la em toda a sua extensão, ou pelo menos o máximo que podia ser visto do ponto onde nos achávamos. O espetáculo arrancou de José Mariano e de mim um grito de admiração. No ponto onde a água cai, há uma depressão no cume do paredão de rochas, formando um sulco largo e profundo que vai descendo em ziguezague até uns dois terços da altura da pedreira, segundo nos pareceu. De um ponto ainda mais elevado, onde termina a fenda, despeja-se majestosamente uma cortina de água, cujo volume é maior em um dos lados. O terreno que se estende abaixo da cascata é bastante irregular, e um outeiro coberto de verdejante relva esconde a parte inferior da cortina de água. Do lado direito desce até ela uma mata de um verde sombrio. É essa a nascente do São Francisco... À noite, a luz de um luar soberbo que permitiu distinguir todas as coisas, como a cachoeira refletindo o clarão do fogo que devorava um pasto vizinho"<sup>87</sup>. E, em ou-

---

(87) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco. (1816-1822)*. Tradução portuguesa. Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, página 103.

tra passagem: "A minha reação foi a da mais viva surpresa e admiração. Aquela extensão de campos a perder de vista davam uma imagem bem menos imperfeita do infinito do que o mar olhado de um ponto pouco elevado, e a imagem ainda se tornava mais viva por ter eu acabado de emergir do meio de uma floresta primitiva, onde muitas vezes, quase *podia tocar com a mão* as formas que limitavam o horizonte"<sup>88</sup>. Se a paisagem é digna de descrições emocionadas, como essas, nem sempre os homens o são. Considerados, comumente, a partir do prisma das sociedades europeias, as diferenças são obscurecidas por concepções de cunho etnocêntrico: "Nos países civilizados a ausência de ensinamentos religiosos e morais conduz a um rude materialismo, ao passo que naqueles que ainda não se *civilizaram inteiramente*, essa falta geralmente leva à superstição. Assim é que os habitantes da região que descrevo agora acreditam em feiticeiros e *lobisomens*, e muitos chegam ao cúmulo de considerar heréticos os que se recusam a acreditar nisso"<sup>89</sup>. Esses viajantes não são mais os mesmos homens, que julgaram encontrar na América o paraíso. Distanciam-se, na mesma medida, dos europeus convencidos do nosso caráter infernal. Os demônios transportaram-se para o novo continente, aprisionando-nos no círculo das vivências mágicas. Lá, em compensação, deixaram as mentes soltas e livres para fruírem das explicações racionais do mundo. O eurocentrismo presente na disposição hierárquica dos povos, expresso no trecho acima, não corresponde mais à concepção da debilidade americana, que inviabilizava qualquer projeto civilizacional. Em poucos anos, a natureza tornou-se capaz de criar

---

(88) Idem, *Ibidem*, página 47. (grifo nosso).

(89) Idem, *Ibidem*, página 76. (grifo nosso).

espantos, de alimentar emoções, de promover identificações. Mesmo o nosso país ascendeu à categoria de semi-civilizado e, no percurso, conseguimos, por fim, afastar o estigma da humanidade desprezível. Além do mais, forjamos os nossos próprios demônios, nem Lúcifer ou Mefistófeles, mas os lobisomens, o dominginhos, o tnhoso, o demo<sup>90</sup>. No universo da demonologia, ocupávamos, ao mesmo tempo, lugar no espaço criativo.

A caracterização de Minas Gerais pelos viajantes des<sup>u</sup> ponta num quadro eivado por comparações, construído a partir de referências à Europa, como vimos, às outras regiões brasileiras, ou inserida no conjunto do país. Nos dois primeiros aspectos, o procedimento utilizado para a identificação, baseava-se no realce das diferenças; já no último sobrelevava o critério da integração. Nas primeiras operações, ganha contorno os aspectos regionais, desembocando na construção de um perfil definido dos mineiros. No caso derradeiro, são delineados os traços do caráter nacional, de onde os mineiros são pensados. "O distrito de Paraopeba poderá ser chamado o celeiro de Vila Rica ... Mas aqui, o mineiro e o cultivador querem em um só

---

(90) Na região de Caratinga, no extremo norte da Zona da Mata mineira, a palavra "Dominginhos" é usada como sinônimo de demônio, podendo estar ligada à idéia de domínio, dominação ou possessão. Também, pode haver uma correlação com a palavra domingo, "dia do Senhor", "primeiro dia da semana, destinado ao descanso e à oração". (Conforme, FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, s.v. Aqui, outras relações ficam sugeridas: o dia do Senhor e da oração, também é o dia do demônio; ou, no primeiro dia, o demônio já se faz presente. As palavras "Tinhoso" e "Demo" são muito usadas por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*.

ano tirar de seu terreno tudo o que ele pode produzir; é esse um dos traços do caráter nacional"<sup>91</sup>. O gosto pelo ganho fácil e sem muito dispêndio de energia assustava, bastante, aos viajantes. O ócio aparecia-lhes como um componente do caráter nacional sendo "efetivamente um vício (que), geralmente acarreta outros"<sup>92</sup>. Para homens formados na ética do trabalho, torna-se incompreensível o fato de que "ninguém aqui quer ganhar dinheiro"<sup>93</sup>. E, mesmo para um português, tal ociosidade configurava-se como um mal a ser exorcizado. "O paiz (minas Gerais) que percorri, acha-se mui povoado, quando se compara com outros lugares da província ... (É preciso) se desterrar a ociosidade que muito impera em todo o Brasil, e principalmente nas Minas Gerais, em consequência da facilidade de se subsistir, graças à hospitalidade e generosidade da gente mineira"<sup>94</sup>. Por vezes, o ocio era atribuído ao clima: "E por que iriam eles trabalhar, quando suas necessidades, ainda que mínimas, podiam ser satisfeitas? Nessas regiões o isolamento liquida com a emulação, e o calor do clima convida à ociosidade. A inteligência deixa de funcionar, a cabeça nao raciocina mais e todos

----- (91) ESCHWEGE, W.L.Von. Apud, Saint-Hilaire, Auguste de.  
Via-----

*gem pelo Distrito dos diamantes e Litoral do Brasil (1816-1822)*. Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974, página 101.

(92) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes: do Rio São Francisco*. Citada, página 92.

(93) *Idem*, *Ibidem*, página 97.

(94) MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas e Goiás*. Rio de Janeiro, Typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Cª, 1836, página 71.

mergulham na mais lamentável apatia"<sup>95</sup>. Em outras passagens, a explicação era remetida às relações de trabalho: ... "os fazendeiros que possuem grandes extensões de terras dão permissão aos pobres para cultivarem o que quiserem, e estes sabem que com pouco de trabalho conseguem o bastante para viverem o ano inteiro. Preferem ficar à-toa ao invés de usufruir um lazer que lhes custou o suor do rosto"<sup>96</sup>. Os trechos, ora selecionados, oferecem interessantes sugestões à caracterização das imagens externas do Brasil, produzidas por este tipo de literatura. Os simples pares ócio-hospitalidade, ócio-paternalismo e ócio-lazer são primorosos nesse sentido. À hospitalidade, de que é também qualidade, responsabilizam o caráter ocioso; o paternalismo, ao lavrar na mesma direção, deveria ser esconjurado, não por si mesmo, mas em nome de relações condutoras ao trabalho "dos pobres"; e o lazer adquire o caráter de um espaço de tempo racionalizado, em contraposição ao trabalho. Para a nossa análise, contudo, há dois aspectos merecedores de maior relevo: 1)- a idéia de sobrevivência desconectada da necessidade de grande dispêndio de trabalho; 2)- a noção de ócio como constante nacional.

O primeiro remonta às visões iniciais da terra onde, já nas palavras de Caminha, "querendo-a aproveitar dar-se-á ne la tudo"<sup>97</sup>. No caso das Minas, a fantasia em torno da terra as sumiu a dimensão do sonho concretizado. A colonização portu-

---

(95) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Citada, página 118.

(96) Idem, *Ibidem*, página 97.

(97) *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Edição crítica de Jaime Cortesão. Lisboa, Editora Portugália, s/d. página 256.



guesa na América teve que esperar quase dois séculos, para realizar o devaneio, longamente acalentado, do ouro. A procura do metal dourado perseguiu os portugueses, que mirificavam Potosi nas terras brasileiras<sup>98</sup>. Dentre os mitos da conquista juntava-se o do "Dourado do Vupabuçu e Paraupava, no Brasil, isto é, aquela mesma lagoa dourada, segundo todos os indícios, que Gabriel Soares saíra a procurar e em cuja demanda se finou"<sup>99</sup>. Semelhantemente, acreditava-se na existência de brilhantes montanhas, localizadas nas partes central e sul da colônia, em cuja busca Fernão Dias se encaminhou<sup>100</sup>. "Não é inverossímil que, mesmo entre os portugueses, a tendência para situar o Dourado às cabeças do São Francisco tivesse alguma coisa a ver com as sugestões edênicas provocadas pela aproximação entre esses dois rios, o Velho e o do Novo Mundo<sup>(\*)</sup>. Já não fora dito do Senegal, desde que Dinis Fernandes chegara à sua foz, que era um braço do Gion e que, através deste, tinha as suas origens no Paraí-

(98) Conforme: HOLANDA, Sérgio Buarque de. "A mineração: Antecedentes luso-brasileiros". *História Geral da Civilização Brasileira*. Sérgio Buarque de Holanda (org.). A Época Colonial, Tomo I, Volume 2, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960, página 237. "O ouro é o tesouro, e aquele que o possui tem tudo o que necessita nesse mundo, como tem também, o modo de registrar as almas do Purgatório e chamá-las ao Paraíso". Fala de Cristovão Colombo; Apud Delumeau, Jean. *Naissance et affirmation de la Réforme*. Paris, Presses Universitaires de France, 1965, página 54.

(99) HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Citado, página 34.

(100) Idem, *Ibidem*, páginas 37-38.

(\*) O autor se refere ao Nilo-Gion, ao qual se atribuía "origens paradisíacas".

so Terrestre?"<sup>101</sup> Foi o ouro das Minas Gerais, que permitiu aos portugueses transformar uma criação mítica em realidade. Através dele, puderam os lusitanos, recuperar um dos fios que os conduziam ao paraíso e que foram perdidos nos primeiros séculos após o descobrimento. O achado, não obstante, dá-se após longa demora, encontrando os portugueses, já agora, conspurcados pelas imagens do inferno. Poderíamos, talvez, dizer que a descoberta do ouro, no final do século XVII, teve o condão de, em parte, refazer as visões edênicas. Nesses termos, as minas nasceram diferenciadas no conjunto da colônia. Vieram ao mundo envolvidas pela mística de Midas. Mesmo no futuro, quando o espaço regional estava delimitado, elas continuaram a ser pensadas como o coração a emitir fluxos vitais para o corpo. "E essa harmonia colossal não se dispersa nos anéis da musicalização centrífuga de bordão em boca de sino. Ela é centrípeta e seus círculos concêntricos vêm dos horizontes como vagas - que parecem entrar nos seus alicerces, levantar nossas igrejas e suspendê-las gigantescamente no ar de Minas"<sup>102</sup>. As minas criaram a harmonia dos diversos timbres, deram centralidade às suas partes, atingindo-as com as suas raízes possantes. As Minas, de quem se acreditava ter o poder de recriar, incessantemente no seu âmago, as pedras preciosas<sup>103</sup>. Também

---

(101) Idem, *Ibidem*, página 64.

(102) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Memórias I. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, página 129.

(103) "Para descrever a riqueza dessas zonas, ainda hoje se repete com saudade que, quando se arrancava uma touceira de capim, e se sacudiam as raízes, caía ouro em pó de mistura com areia. Os mineradores, deslumbrados acreditavam que essas miríficas jazidas eram inesgotáveis". Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Obra citada, página 89. (grifo nosso).

as Minas que eram o inferno, para outros<sup>104</sup>. Mas as Minas, que povoaram com ouro o espaço da colônia Brasil e criaram um universo de "cousas que valham"<sup>105</sup>.

O segundo pincelou a auto-imagem dos brasileiros, aparecendo nos mais diversos tipos de produção, de onde Macunaíma destaca-se na totalidade. Nascido sob a égide da preguiça, o herói "vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém"<sup>106</sup>. A sedução pelo metal so

---

(104) "A escuridão, o pálido clarão das luzes, a falta de ar; o cheiro peculiar do enxôfre e os cantos selvagens, com as paredes pendentes como o rochedo de Sísifo e a espada de Dâmocles, tudo sugeria uma espécie de inferno material de Swendenborgian e o negrinho Chico balbuciou, quando perguntada a sua opinião: - Parece o Inferno". BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho (1868)*. Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, página 285. "Viajantes que estiveram no Brasil na época pré-californiana, St. Hilaire e Walsh, por exemplo, acreditando firmemente, que a riqueza é obra do Demônio, gostavam de exaltar à la Fénelon, aquelas tolas pseudo-virtudes, a frugalidade, a simplicidade, a resignação, "La Pauvreté"; sua missão na Igreja, etc. e tal". Idem, *Ibidem*, página 177.

(105) "Porque não possuem *dinheiro de prata nem ouro, e não haviam nem ouro nem prata, ou por não haver dinheiro na terra, ou pelo pouco dinheiro que nela há*, mandam os testadores que as esmolas e os legados sejam pagos em *cousas que valham...*" Alcântara Machado. *Vida e morte do Bandeirante*. Belo Horizonte, Livraria Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1980, página 143. (grifado pelo autor).

(106) ANDRADE, Mário. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*. 21ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1985, página 9.

nante enredava a personagem, criando uma analogia entre a pa-chorra e o ganho fácil. A mania nacional da preguiça provoca-va o aparecimento de muitos defeitos: "luxúria, cobiça: melan-colia. Nos povos, como nos indivíduos é a seqüência de um qua-dro de psicopatia: abatimento físico e moral, fadiga, insensi-bilidade, abolia, tristeza"<sup>107</sup>. O próprio Macunaíma expressa-va, ardentemente, a combinação da luxúria com o mandrionismo. "O herói vivia sossegado. Passava os dias marupiara na rede ma-tando formigas taiocas, chupitando golinhos estalados de pa-juari e quando agarrava cantando acompanhado pelos sons gote-jantes do cotcho, os matos reboavam com doçura adormecendo as cobras os carrapatos os mosquitos as formigas e os deuses ruins.

De noite Ci chegava rescendendo resina de pau, san-grando das brigas e trepava na rede que ela mesmo tecera com fios de cabelo. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro.

Ficavam rindo longo tempo, bem juntos. Ci aromava tan-to que Macunaíma tinha tonteiras de moleza.

- Puxa! Como você cheira, benzinho!

que ele murmurava gozado. E escancarava as narinas mais. Vinha uma tonteira tão macota que o sono principiava pingando das pálpebras dele. Porém a Mãe do Mato ainda não estava satis-feita não e com um jeito de rede que enlaçava os dois convida-va o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infer-nizado, Macunaíma, brincava para não desmentir a fama só, po-rém quando Ci queria rei com ele de satisfação:

---

(107) PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*. 2ª edição, São Paulo, Ibrasa/MEC, página 93.

- Ai! que preguiça!...

que o herói suspirava enfarado ... Mas Ci queria brincar  
inda mais ...

- Vamos brincar.

- Ai! que preguiça!...

E brincavam mais outra vez"<sup>108</sup>.

A indolência relacionada à sexualidade incontida aparecia, ou  
trossim, conectada à sede do ouro, nos versos da poeta:

"Que a sede de ouro é sem cura,

E, por ela subjugados,

Os homens matam-se e morrem,

ficam mortos, mas não fartos"<sup>109</sup>.

Ou na prosa do ensaísta: "Olhos fixos na loteria da Mina sur-  
gindo de repente, a população vivia entre a mais abjeta indo-  
lência e frenesi de mineração desordenada"<sup>110</sup>. As Minas cria-  
vam anarquia, e a vil preguiça tinha, nelas, campo fértil pa-  
ra a expansão. Ao mesmo tempo, o "sensualismo e a paixão do  
ouro" dominavam, absolutamente, o caráter dos brasileiros cri-  
ando, pois, uma concepção totalmente oposta à de Buffon, so-

---

(108) ANDRADE, Mário. *Obra citada*, página 20.

(109) Durante a sua viagem a Minas Gerais, Burton observou: "O  
clima não favorece a castidade; a raça, especialmente  
quando o sangue é misturado, é um material inflamável,  
e o que os escravos falam e fazem não concorre para que  
os jovens conservem a inocência. Não é preciso dizer que  
o celibato clerical é mera questão disciplinar ..." BUR-  
TON, Richard. *Obra citada*, página 333. Os versos pertencem a Cecília Meireles. *O Romanceiro da Inconfidência*.  
Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, página-  
23.

(110) PRADO, Paulo. *Obra citada*, página 73.

bre a frieza amorosa dos americanos<sup>111</sup>. A síntese de todos esses sentimentos tidos como mesquinhos, é a decantada tristeza do brasileiro conectado ao gosto incoercível por pedras e metais preciosos<sup>112</sup>.

Ora, nos viajantes o fenômeno da indolência está, frequentemente, associado à esperança da redescoberta do ouro. John Mawe, referindo-se à Vila Rica, percebeu que a cidade conservava, na época da sua viagem, "apenas uma sombra do antigo esplendor. Seus habitantes, com exceção dos lojistas, estão sem trabalho, desprezam a bela região que os cerca, que, devidamen

---

(111) Conforme PRADO, Paulo. *Obra citada*, página 90. Burton, provavelmente em defesa das empresas inglesas de mineração no Brasil, discorda da opinião de certos viajantes para as quais, "só o ouro incita as paixões"; lembravam o "auri sacra fames", o "auro irrepertum", "et sicum melius situm", o "auri sanies" e "a maldição da raça humana..." BURTON, Richard. *Obra citada*, página 177.

(112) ... "O Brasil foi, entretanto, na lenda e na realidade, o país do ouro e das pedras preciosas." PRADO, Paulo. *Obra citada*, página 61. Para Eduardo Frieiro, o retrato pintado por Paulo Prado ressoa ao moralismo: "Desde que o mundo é mundo, os homens se agitam sob o acicate da ansia sexual e se movem espicaçados pela vaidade, pela avidez do ganho, pela ambição de riquezas, pela vontade de dominar... A sexualidade é, e sempre foi, a grande inspiradora da arte, a principal distração do homem, a causa próxima ou remota dos grandes e pequenos eventos da vida corrente. Eis o que o moralista não quer compreender. O moralista pechoso vê Sodomas e Gomorras em toda parte, e por isso as suas palavras estão cheias de fel. O moralista jamais se capacitará de que a fome, o amor e o orgulho são as molas mais possantes das ações humanas". FRIEIRO, Eduardo. *O Brasileiro não é triste*. Belo Horizonte, os Amigos do Livro, 1931, páginas 38, 39, 40.

te cultivada, os recompensaria amplamente da parte das riquezas que seus antepassados arrancavam do seu âmago ... Sempre entregues à perspectiva de enriquecer subitamente, imaginam estar isentos da lei universal da natureza, que obriga o homem a ganhar o pão com o suor do seu rosto ... Os herdeiros dos homens, que saídos do nada, atingiram a opulência, seguem raramente seu exemplo, mesmo quando treinados para isso. Os negros constituem sua principal propriedade e eles os dirigem tão mal que os lucros do trabalho deles raramente compensam as despesas de sua manutenção; com o decorrer do tempo tornam-se velhos e incapazes de trabalhar, ainda assim o senhor continua a viver na mesma negligência e na ociosidade ou então, cai num estado de inatividade absoluta, não sabendo o que fazer de manhã à noite"<sup>113</sup>. No Tijuco, constatou as mesmas características: "Existe nesta cidade uma classe numerosa de indivíduos, de sete a vinte anos de idade, que não dispõem de um meio visível de ganhar a subsistência e que não seriam mais laboriosas se aí se fundassem manufaturas ... O que afasta os habitantes desta cidade do hábito de uma indústria regular, é a espe

---

(113) MAWE, John. *Viagens pelo interior do Brasil*. (1808-1809) Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978, página 129. Outros viajantes preocuparam-se em descrever a preguiça dos mineiros: "Uma árvore tomba no caminho, faz-se um atalho na mata e recupera-se o caminho do outro lado". D'ASSIER, Adolphe. *Le Brésil Contemporain-Races-Moeurs-Institutions-Paysage*. Paris, Duranol et Lauriel Lebrairies, 1867, página 206. "Eles são excessivamente indolentes, ... e não parecem estimulados pela idéia de ganho". CALDLEUGH, Alexander. *Travels in South America During the years 1819-20-21*. London, John Murray, 1825, Volume II, página 200.

rança contínua que alimentam de se tornarem repentinamente ricos pela descoberta de minas. Estas idéias enganadoras ... dão-lhes invencível aversão ao trabalho, embora vivam todos miseravelmente, e, muitas vezes, dos obséquios de outrem"<sup>114</sup>. Dessa forma, as minas encontram-se no centro da ociosidade, engolfadas pela maré indômita do hábito do não-trabalho. Os devaneios dourados foram os grandes responsáveis pela persistência de tal vício, ainda mais graves, dado o feitio democrático das invenções oníricas. Por isso, o acalanto do ouro provocava a paralisia do todo social, transformando as minas no pólo irradiador da preguiça nacional.

Provavelmente, foram os imigrantes estrangeiros os principais modificadores dessas concepções. Não parece casual, que *Retrato do Brasil e Vida e Morte do Bandeirante* tenham sido escritos, exatamente nos fins da década de vinte, momento no qual os primeiros imigrantes iniciavam o processo de ascensão social<sup>115</sup>. A partir de então difunde-se o valor da dedi-

---

(114) MAWE, John. *Obra citada*, página 173.

(115) Para José de Souza Martins, "pode-se tomar como caso ilustrativo o trabalho de Alcântara Machado sobre o "bandeirante", publicado em 1929, tendo-se como referência um trabalho anterior, publicado no dobrar do século, de Silva Leme ("Genealogia Paulistana"). Neste toda uma meticulosa investigação foi conduzida para identificar os laços de fidelguia dos paulistas. Agora, no outro trabalho, os velhos documentos são manuseados com novo intuito": "É nulo ou quase nulo o capital com que iniciam a vida. Entre eles não há representantes das grandes casas peninsulares, ou da burguesia dinheirosa!" MARTINS, José de Souza. *Empresário e empresa na biografia do Conde Matarazzo*. Rio de Janeiro, Edição do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1967, página 96. As duas últimas frases são de Alcântara Machado.



cação ao trabalho, enquanto mola propulsora das transformações, e criadora da modernidade brasileira. A ideologia do trabalho trazido pelos imigrantes e cultivada, especialmente, por aqueles ascendidos, afirmava-se em contraposição ao ócio<sup>116</sup>. Esses estrangeiros, transportados por outras vagas oníricas, ofereceram concretude ao ideal dos viajantes oitocentistas e, no Brasil, começávamos a berçar novos mitos.

A caracterização da estrutura física dos mineiros, levada a efeito pelos viajantes, é digna de nota. "O mineiro - no sentido do homem cujos antepassados, ou, pelo menos os pais, nasceram na região - é facilmente reconhecido, mesmo entre os brasileiros, e suas peculiaridades não podem ser explicadas "pela basófia e pelo culto do dólar". É um tipo alto, magro, ossudo, que, quando exagerado, representa nosso popular *D. Quixote* esguio e macilento. Não há necessidade do "batismo intelectual", da inervação, vulgarmente chamada "sangue". O arcabouço é musculoso e bem adequado à atividade; é reto como o do basco, e não semelhante ao do sargento instrutor e mesmo os trabalhadores não costumam curvã-lo, como nossos camponeses de ombros abaulados. O pescoço é comprido e a laringe proeminente; ao tórax frequentemente falta espessura. Os quadris e a pelve são, em geral, estreitos; as juntas, punhos e calcanhares, finos como acontece muitas vezes entre as raças latinas, não são proporcionais aos braços na força. A obesidade é rara, co

---

(116) "Cheguei ao Brasil há já quase quarenta e cinco anos, disse. Vinha com mulher e dois filhos. Da minha terra, no sul da Itália, trazia um pouco de dinheiro, mas pouco. Aqui desembarcado, com a bolsa cheia de vontade de trabalhar" ... Depoimento de Francisco Matarazzo, extraído de: MARTINS, José de Souza. *Ibidem*, página 58.

mo é entre os verdadeiros persas ... Muitas das mulheres têm formas cheias e arredondadas, que chegam aos extremos mais tarde, tornando-as gordas, por vezes excessivamente. Não poucas possuem aquela beleza frágil, graciosa e delicada, que todos os estrangeiros notam nas cidades da união ... A robusta "frau" alemã que desembarca no Rio de Janeiro parece três mulheres americanas ajuntadas em uma só"<sup>117</sup>. Nessa descrição dos traços fisionômicos dos mineiros, foi bastante ressaltada a sua aparência específica, tornando-os "facilmente reconhecidos" mesmo entre os da sua nacionalidade. Da distinção física, passa-se, no entanto, a certos aspectos definidores de um tipo cultural. A alusão ao fato da "basófia e o culto ao dólar" não serem suficientes para particularizá-los, remete à idéia de que, para os mineiros, o apego às aparências, não lhes seduz. Outros viajantes, já haviam chamado a atenção para a simplicidade dos mineiros e a sobriedade dos seus gestos<sup>118</sup>. O exterior ereto, e que "mesmo os trabalhadores não costumam curvã-

---

(117) BURTON, Richard. *Obra citada*, página 323 e 324 (grifos nossos).

(118) "Resulta do ajuntamento desses homens instruídos uma urbanidade sem afetação e um tom de boa companhia, que notam todos os viajantes que chegam ao arraial" - (Tijuco). DENIS, Ferdinand. *Brasil*. (1816-1831). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Nacional, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1980, página 362. Também Saint-Hilaire notou: ... "Vendo-se a sua propriedade não era difícil acreditar que pertencia a um homem que, segundo me garantiam, comprava todos os anos de cinco a oito mil bois para enviá-los à Capital. Sua casa, entretanto, que ele mesmo mandara construir, era pequena, baixa e de um só pavimento, ... o luxo não tinha feito grandes progressos...". Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 56.

-lo", além da relação com os bascos - povos tidos como sobranceiros -, leva à imagem da altivez. Noutra passagem, o próprio Burton salientava o "*caráter pacato, embora ativo, do mineiro*"<sup>119</sup>. Na linha dessas considerações, Spix e Martius, repararam "que os mineiros, embora isto surpreenda, *diferem inteiramente pelo caráter e pelo físico dos habitantes de outras capitânicas, sobretudo dos paulistas*. O mineiro tem, em geral, *estatura esbelta e magra, peito estreito, pescoço comprido, o rosto um tanto alongado, olhos pretos vivos, cabelo preto na cabeça e no peito; tem, por natureza, um certo garbo nobre e o seu modo de tratar é muito delicado, obsequioso e sensato; no gênero de vida é sóbrio e parece sobretudo gostar de uma vida cavalheiresca*. Em todos esses traços, tem ele muito mais *semelhança com o vívido pernambucano do que com o paulista pesado*. Tal como o primeiro, parece também ter certa predileção pelos produtos e vestuários da Europa. Como os ingleses, o mineiro faz muita questão do asseio no trajar e do terno branco, sobretudo nos dias de festa. O seu traje nacional de uso comum difere do dos paulistas"<sup>120</sup>. Aos traços psicológicos descritos nos trechos anteriores, acrescentam-se novos, nessa passagem. Além da altivez, os autores enfatizam o garbo, a nobreza, a delicadeza, a obsequiosidade e a sensatez, que se fecham num perfil harmônico, quando são comparados aos ingleses, conhecido pelo cultivo da formalidade no trato. O círculo completa-se no entanto, quando, ao conjunto de qualidades, soma-se o gosto pela "vida cavalheiresca". Não por acaso, os mi-

---

(119) BURTON, Richard. *Obra citada*, página 332. (grifos nossos).

(120) SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. *Obra citada*, página 195. (grifos nossos).

neiros são tidos como "The tippical Don Quixote"<sup>121</sup>. As mineiras são, como contrapartida, apresentadas como lindas Dulcineias, recatadas e vivendo num estado de semi-exclusão, ardorosamente defendidas e desejadas pelos homens<sup>122</sup>. A dimensão

---

(121) WELLS, James W. *Exploring and Travelling Three Thousands Miles Through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão*(1885). London, Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1886, Volume I, página 238.

(122) ... "As mulheres desta província, chamadas mineiras, são lindas. Esta opinião foi confirmada quando entramos na casa, onde as moças apareceram com mais realce, eram sa dias, de estatura mediana, o todo e os gestos extremamente graciosos". MAWE, John. *Obra citada*, página 118. "As mulheres são as mais belas que já vi no Brasil..." GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, página 210. "A mineira vive no sistema de semi-reclusão, que atravessou o Atlântico, vinda da Ibéria ... Apenas nas famílias mais instruídas, a dona da casa e as filhas assentam à mesa com um estranho ... Os homens protegem suas mulheres de duas maneiras: ou como os orientais, afastando-as da tentação; ou como fizemos, expondo-as livremente, mas com a luz da publicidade voltada inteiramente sobre elas..." BURTON, Richard. *Obra citada*, página 334. "Deram-me um pequeno quarto abrindo para fora. Em geral é uma peça separada do resto da casa que se agasalha o estrangeiro; desse modo evita-se-lhe o trânsito pelo interior da casa e ele não pode ver as mulheres..." SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. *Obra citada*, página 52. Por vezes as mulheres rebelam-se: ... "as que se apresentam diante de seus hóspedes só o fazem desafiando preconceitos. Em consequência, demonstram muitas vezes uma audácia que não deixa de ser pouco desagradável..." Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem do Rio São Francisco*. *Obra citada*, página 55.

quixotesca dos mineiros poderia ser conectada à própria natureza do empreendimento minerador, cujo caráter incerto recria constantemente, a insegurança frente às necessidades da vida objetiva. O garimpo oferece, por vezes, e claramente após a ruína dos meios, a impressão de uma luta travada contra moihos-de-vento. Ao mesmo tempo, quando o fausto do ouro tornou-se passado, a decadência que se segue pode gerar certa rejeição em face do mundo, criando, pois, um lastro comum aos períodos dos decadentes

Por detrás daqueles morros,  
por essas lavras imensas,  
ouro e Diamantes houvera...  
- e agora são decadência,  
e florestas de suspiros,  
e campinas de tristeza...<sup>123</sup>

---

(123) Huizinga em sua obra clássica, *O outono da Idade Média*, aponta três caminhos de negação do mundo, criados numa época que cultivava a "nostalgia de uma vida mais bela". "O primeiro conduz pelo regular fora do mundo: é o caminho da negação deste... Este segundo caminho é o que conduz à melhoria e aperfeiçoamento do mundo... Praticar a virtude na esfera própria de cada qual, é o único que se pode aproveitar do mundo; e ainda aqui é o verdadeiro fim a outra vida... O terceiro caminho que se dirige para um mundo mais belo, conduz através do país dos sonhos". HUIZINGA, Johan. *El Otoño de la Edad Média. Estudios sobre las formas de vida y del Espiritu durante los siglos XIV y XV en Francia y en los Países Bajos*. Tradução espanhola, 6ª edição, Madrid, Selecta de Revista de Occidente, 1965, páginas 58 e 60. Os versos são da lavra de Cecília Meireles. *Obra citada*, página 220. Para uma relação entre D. Quixote e uma época de crise: VILAR, Pierre. "El tiempo del "Quijote". In *Crecimiento y Desarrollo. Economía e História. Reflexiones sobre el caso español*. Barcelona, Editora Ariel, 1964, páginas 131-449.

As palavras de Pedro Nava deixam esse aspecto no ar: "Minha Minas. Muito mais espanhola que portuguesa, muito mais cervantina que camoniana, goiesca que Nuno-Gonçalvina. Pelo tipo de teus filhos. Por tua porcentagem de ferro nas almas. Pelo auto-de-fé de teus crepúsculos vermelhos como Sevilha - como a Semana Santa Acesa de Sevilha. *Pelo teu gosto pela morte*"<sup>124</sup>. Novamente aqui, seria factível estabelecer-se mais uma analogia: Dom Quixote encarna a morte do mundo cavalheiresco, que vive, ainda, só nos seus delírios; nas Minas Gerais a mineração não teria, jamais, a mesma força ressuscitadora dos sonhos. Os mineiros como Quixote transitam no mesmo universo onírico.

*O grande mentecapto*, de Fernando Sabino, e *Lucas Procópio*, de Autran Dourado, constituem-se em exemplos notáveis, no plano da expressão literária, de obras inspiradas na figura quixotesca. O desvairio de *O Grande Mentecapto* tornou-se irreversível após a experiência da paixão: "O amor agora lhe inspirava novas Andanças e Viramundo fiel ao seu destino de virar mundo, largou-se de Ouro Preto certa manhã, depois de se despedir do Cego Elias, e meteu o pé na estrada, empôs de sua amada"<sup>125</sup>. Nas suas desatadas andanças por Minas, não conseguiu,

---

(124) NAVA, Pedro. *Chão de Ferro*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1976, página 309. (grifos nossos). "Cercados de freqüentes perigos, a idéia de morrer era constante". LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978, página 92.

(125) SABINO, Fernando. *O Grande Mentecapto. Relato das Aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1979, página 81.

todavia, despir os mistérios que a recobrem, mas desvenda, para o escritor, o sentido da sua própria existência, e repõe no seu íntimo a capacidade de revoltar-se diante da iniquidade do mundo: "Ai, Viramundo de minha vida, que vira Minas pelo avesso sem revelar aos meus olhos o seu mais impenetrável mistério. Ai, Minas de minha alma, alma de meu orgulho, orgulho de minha loucura, acendei uma luz no meu espírito, iluminai os desvãos do meu entendimento e mostrai-me onde se esconde esse vagabundo maravilhoso, esse meu irmão oligofrênico que no fundo vem a ser o melhor da minha razão de existir. Foi ele, esse iluminado de olhos cintilantes e cabelos desgrenhados que um dia saltou de dentro de mim e gritou basta! Num momento em que meu ser civilizado, bem penteado, bem vestido e ponderado dizia sim a uma injustiça. Foi ele quem amou a mulher e a colocou num pedestal e lhe ofertou uma flor. Foi ele quem sofreu quando jovem a emoção de um desencanto, e chorou quando menino a perda de um brinquedo, debatendo-se na camisa-de-força com que tolhiam o seu protesto. Este ser engasgado, contido, subjugado pela ordem iníqua dos racionais é o verdadeiro fulcro de minha verdadeira natureza, o cerne de minha condição de homem, herói e pobre-diabo, pária, negro, judeu, índio, santo, poeta, mendigo e débil mental, Viramundo! que um dia há de rebelar-se dentro de mim, enfim liberto, poderoso na tua fragilidade, terrível na pureza da tua loucura<sup>126</sup>. Essas palavras, falam por si ...

A desrazão de Lucas Procópio ressurge após a decadência do ouro, que dirige a trajetória de sua família, "quando a província de Minas Gerais conheceu a sua longa noite de

---

(126) SABINO, Fernando. *Ibidem*, páginas 187-188.

agonia, a densa hibernação de que tentava acordar"<sup>127</sup>. A peregrinação de Lucas Procópio pela província visando a ressuscitar nos mineiros o espírito dos dias gloriosos, aproxima-se bem mais, dos delírios de Dom Quixote: "E tudo começou a mudar dentro da gente. As nossas esperanças reviviam com as palavras do profeta da renascença das Minas Gerais. Se chegou ao desvairio de ir todas as tardes à igreja para ver Lucas Procópio falar"<sup>128</sup>. Mas no conjunto, as pregações de Procópio repercutiam no vazio e, apenas no leal companheiro, encontrava eco para a sua missão: "Você não gostaria de ser o meu fiel escudeiro, perguntou Lucas Procópio. Sancho Pança, não, mas escudeiro de certa maneira eu sou. O único lugar deste país das Minas onde o patrão conseguiu vencer foi Itapecirica. Eu sei que consegui, apesar daquela gente interesseira, ter feito o que fez da minha vitória. É sempre assim, Sinhô, disse Jerônimo de Cara desanimada"<sup>129</sup>. Em *O Grande Mentecapto* e em *Lucas Procópio* a desilusão é a alavanca da loucura, produto da rejeição imanente do mundo, mas sintoma de vida, finalmente, apesar dos seus projetos os terem conduzido à morte.

Simultaneamente, a referência às características cavalheirescas e a atração pela imagem da morte envolvem as minas numa atmosfera romântica. O "gosto pela morte", enquanto extensão da desesperança do presente e incerteza frente ao futuro, manifesta, também, numa sociedade religiosa, onde impe-

---

(127) DOURADO, Autran. *Lucas Procópio*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1985, página 14.

(128) Idem, *Ibidem*, página 22.

(129) Idem, *Ibidem*, página 45.



ram os autos-de-fê, "amor apaixonado pela vida"<sup>130</sup>. Há um quê de sensualismo no "fascínio pelo corpo morto, tão chocante no século XVI e depois na idade barroca"<sup>131</sup>. Obrigados a conviver quotidianamente, com o fim paulatino dos seus sonhos, teriam os mineiros, por isso, desenvolvido afeição pela morte? Ou, as visões sobre os mineiros foram concebidas a partir do núcleo minerador e da permanência do barroco? Na opinião de Gilberto Freyre, "pode-se hoje considerar Minas Gerais como sendo, de algum modo a Castela do Brasil, e Ouro Preto sua Toledo. Como o Castelhana da Espanha, o mineiro caracteriza-se pela sua austeridade e pela tendência à introspecção, ainda que não tenha o intenso misticismo e o individualismo do verdadeiro Castelhana. Embora aparentemente simples, o mineiro é complexo, fútil, e isto bem transparece no senso de humor que o leva a rir-se de si mesmo quando necessário; e não apenas dos outros"<sup>132</sup>. Aqui o rosto dos mineiros aparece claramente esculpido na resistente matéria mineral. Na Juiz de Fora de Nava havia "toda uma estrutura social bem pensante e cafardenta que, se pudessem amordaçar a vida e suprimir o sexo, não ficaria satisfeita e trataria ainda, como na frase de Rui Barbosa, de forrar de lã o espaço e cair a natureza de ocre ... Honrados, taciturnos, caridosos, castos e temperantes, esses ricos homens tra-

---

(130) ARIËS, Philippe. *História da Morte no Ocidente. Da Idade Média aos nossos dias*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1977, página 89.

(131) Idem, *Ibidem*, página 87.

(132) FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil (Aspectos da Formação Social Brasileira como processo de amalgamento de Raças e Culturas)*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1947, páginas 167-168.

ziam geralmente na fisionomia um ar de contenção e de contraída tristeza que sō não se via na face radiante daqueles que carregavam secretamente o remorso adquirido nas viagens frequentes ao Rio de Janeiro - onde muito se podia"<sup>133</sup>. Daí, a austeridade ser, nesse caso, fruto de determinada classe social, de perfil provinciano, e não, produto de um traço geral, atribuído aos mineiros, ou de uma região determinada de Minas. Nas concepções generalizantes dos mineiros e definidoras do seu caráter, empreendidas pelos viajantes, o foco incide sobre os mineiros dos estratos sociais altos: "... Depois daquele tempo (lutas pela independência) o mineiro tem estado tranquilo. O passado, porém, deve servir de advertência aos estadistas, no sentido de que uma *raça tão ativa* não deve ter motivos de queixa, se se espera que ela fique tranquila e satisfeita"<sup>134</sup>. A altivez, como se sabe, é atributo exclusivo dos "bem nascidos"; aos escravos e aos homens livres pobres, esta lhes é prerrogativa totalmente vedada<sup>135</sup>. Há, nessa passagem,

---

(133) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos. Obra citada*, páginas 20-21.

(134) BURTON, Richard. *Obra citada*, página 322. (grifos nossos).

(135) "Da soberbia utilizada e sublimada tem nascido a honra, norte da vida nobre ... é o orgulho o grande móvel da aristocracia". HUIZINGA, Johan. *Obra citada*, página 104. "Somando-se aos aventureiros e aos desclassificados que Portugal despejava nas Minas, toda uma camada de gente dacaída e triturada pela engrenagem econômica da colônia ficava aparentemente sem razão de ser, vagando pelos arraiais, pedindo esmola e comida, brigando pelas estradas e pelas serranias, amanhecendo morta embaixo das pontes ou no fundo dos córregos mineiros". MELLO e SOUZA, Laura de. *Desclassificados do Ouro. A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982, página 71.

de outro lado, menção ao caráter político inquieto dos mineiros, pouco suscetíveis aos princípios da autoridade, cuja satisfação é o preço da quietude.

Dentre as percepções dos mineiros, aliás, a sensibilidade pela política ganha notável realce. O Movimento da Inconfidência e, principalmente, os significados que lhe foram atribuídos posteriormente, encontram-se na gênese da formação desse conceito. A associação entre a conjura mineira e o caráter politizado e rebelde dos geralistas<sup>136</sup>, inseminou uma percepção preñhe de ambigüidade, pois, ora acentua-se o lado libertário, romântico e incontido, ora realça-se a faceta prática, conciliatória e realista. Ao romantismo e intrepidez dos homens das minas combinou-se o extremo pragmatismo, deixando a entrever que, na apropriação do projeto separatista dos inconfidentes, minimizou-se a dimensão quixotesca que, por vezes, aparece avivada:

*"Triste ano por estas Minas,  
onde existem vários loucos  
que do Príncipe esperavam  
governo mais a seu gosto:*

---

(136) Vimos utilizando, indiferenciadamente, os substantivos *mineiro* e *geralista*. Sylvio de Vasconcellos, no entanto, sublinha as diferenças: "No século XIX, quando as minas entram em decadência, a nova fase da história regional não interpenetra nem continua a anterior. É nova e outra em todos os sentidos. Ecologicamente, os geralistas não penetram a área das minas; rodeiam-na, circunscrevem-na em movimento envolvente que parte do litoral também rural no qual se apóiam. Trata-se de uma nova penetração do Interior, outra vez vinda do Norte e do Sul, por intermédio do boi e do café. VASCONCELLOS, Sylvio. *Mineiridade. Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968, página 194.

mações de França e Inglaterra,  
libertinos sem decoro,  
homens de idéias modernas,  
coronéis, vigários doutos,  
finos ministros e poetas  
que fazem versos e roubos.  
Já plangem todos os sinos!  
Já repercutem os morros.  
(Deus sabe por que se chora,  
por que hã vestidos de nojo!  
O padre que lê Voltério  
ē que vem pregar ao povo!  
Estas Minas enganosas  
andam cheias de maus sonhos.  
Jã ninguém quer ser vassalo.  
Todos se sentem seus donos!)  
Correm avisos nos ares.  
Hã mistérios, em cada encontro.  
O Visconde, em seu palácio,  
a fazer ouvidos moucos.  
Quem sabe o que andam planeando,  
pelas Minas, os mazombos?  
A palavra Liberdade  
vive na boca de todos:  
quem não a proclama aos gritos,  
murmura-a em tímido sopro."<sup>137</sup>

---

(137) MEIRELES, Cecília. "Romance XXIII. "Das exéquias do Príncipe" *Obra citada*, páginas 76-77.

C A P I T U L O   I I

A . C O N S T R U Ç Ã O   M I T I C A

## 1 - A APROPRIAÇÃO DAS ORIGENS

A ênfase no caráter politizado da vida social de Minas, onde "a liberdade vivia na boca de todos" e transpirava pelos poros dos seus habitantes, encontra-se presente já nas visões do século XIX. Os viajantes coloriram o vezo político dos mineiros. Deram ênfase à sua revolta diante do jugo português: "Acontece que, de todas as províncias desse imenso território, a mais fiscalizada, a mais oprimida, a mais explorada era, sem contradição, a de Minas Gerais. O rei, soberano de direito, percebia um quinto sobre os valores extraídos das Minas. Todo o terreno descoberto, contendo ouro ou diamantes, não era propriedade particular e passava para o estado"<sup>1</sup>. A idéia de que a opressão fora muito mais cruel nas Minas, provocando, por isso, a rebeldia mineira, percorre textos de viajantes: "Havia em 1789, nas Minas Gerais, um homem chamado Joaquim da Silva Xavier, conhecido por Tiradentes ... bravo, inteligente, patriota ... Ao seu lado vivia na mesma província, um doutor de Coimbra, José Alves Maciel ... espírito eminente, versado em estudos científicos ... os dois conferenciavam. Compreendiam-se. Um era a atividade, a energia, a propaganda insana, a dedicação absoluta. O outro a idéia fria, razão suprema, a prudência, o tato, o raciocínio. Havia em ambos grande soldado e um grande chefe"<sup>2</sup>. Neste trecho, despontam dois componentes importantes para a caracterização de certos traços das visões

---

(1) RIBEYROLLES, Charles - *Brasil Pitoresco*, (tradução portuguesa). São Paulo, Livraria Editora Martins, 1941, página 50.

(2) Idem, *Ibidem*, página 51.

futuras da mineiridade. De um lado, emerge a figura de Tiradentes, concebido como o mártir da liberdade brasileira, o homem que encarnou os princípios da pátria, fazendo nascer, com suas ações, a brasilidade política. De outro, esboça-se o conceito de que os artífices dos movimentos políticos importantes foram homens de "razão suprema". De fato, na conjuração mineira estiveram envolvidas personalidades cultas das Minas, com "febre de instrução" como o conêgo Vieira da Silva<sup>3</sup> "Homem instruído e noticioso", como a ele se referiu uma testemunha da inquisição-devassa, o conêgo da Sé marianense era bem o tipo do leitor *à la page*, e leitor surpreendente, pois que, "mesmo no interior da povoada Capitania das Minas ... e apesar do estado de pobreza em que vivia, soube encontrar alimento abundante e variado para o seu apetite livresco, a sua fome de saber"<sup>4</sup>. A utilização da imagem de Tiradentes e dos letrados da Capitania dá-se, entretanto, de maneira a glorificá-los. Ao primeiro, são atribuídas qualidades singulares, de "heróico mártir em não se ter acovardado, diante de leis iníquas, nem de juízes prevaricadores"<sup>5</sup>; dos segundos, irradia uma aura romanesca, por "serem poetas de sonhos revolucionários"<sup>6</sup>. Dentre

---

(3) Expressão extraída de FRYEIRO, Eduardo - *O Diabo na Livraria do Cônego*. 2ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981, página 37.

(4) Idem, *Ibidem*, páginas 55-56.

(5) VASCONCELOS, Diogo de - *História Média de Minas Gerais*. 4ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1974, página 336.

(6) Sílvio Romero, ao referir-se a Tomás Antonio Gonzaga afirma: "O poeta teve o sonho revolucionário". Cf. ROMERO, Sílvio - *História da Literatura Brasileira*. Vol. II, página 136, Apud OLIVEIRA, Almir de - *Gonzaga e a Inconfidência Mineira*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1985, página 144.

todos, Tiradentes obteve unanimidade que beira ao absoluto, pois seus eventuais detratores foram duramente combatidos e acoimados de estarem rodeados por "regionalismos idiotas", deixando de "encarar, acima de tudo, o Brasil"<sup>7</sup>. Joaquim José da Silva Xavier transformou-se no "modelo para nossos cidadãos; é o modelo para os nacionalistas, é o modelo para os patriotas. Tiradentes, pela sua atuação durante a Devassa, pelo seu anseio de libertação que arruinou toda a sua vida, pelo seu martírio, pelo sangue derramado pela Pátria, pelo estoicismo que o colocou num plano diferente de todos os demais inconfidentes, merece realmente tenha sua memória cercada pela auréola de glória e engrandecida permanentemente por todos os brasileiros"<sup>8</sup>.

---

(7) Waldemar de Almeida Barbosa escreveu um livro para responder aos críticos de Tiradentes, principalmente os pernambucanos, acusados de tentarem "reclamar para Pernambuco a honra de ter sido o berço onde surgiu por primeiro a idéia de "República". BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A verdade Sobre Tiradentes*. Belo Horizonte, Edição do Instituto de História, Letras e Arte, s/d, página 158.

(8) Idem, *Ibidem*, páginas 170-171. Diogo de Vasconcelos, grande admirador de Tiradentes, não tem a mesma visão favorável de outros inconfidentes: "O Coronel Alvarenga Peixoto, homem feliz e rico, apaixonado extremamente pela esposa e pelos filhos, é triste dizê-lo, acovardou-se de todo, mas se pôde por tão nobres sentimentos justificar-se não se lhe venha perdoar, contudo, a maneira de se livrar comprometendo os companheiros". *Obra citada*, página 333. Sobre as visões detratoras de Tomás Gonzaga e Maria Dorotéia, escreve Frieiro: "Mas devemos censurar duas criaturas tão simpáticas, como foram Maria Dorotéia e Tomás Gonzaga, por haverem sobrevivido a si próprias?". FRIEIRO. *O Diabo na Livraria do Cônego*, citada, página 89. Na mesma obra, Frieiro comenta a bibliografia que busca negar certas crenças difundidas sobre as personagens da Inconfidência, como a do suicídio de Cláudio Manuel da Costa, que teria ocorrido



Daí, para a mais alta posição no panteão dos heróis nacionais resta um passo, apenas: "A 21 de abril de 1500 começaram a refletir-se nas águas as sombras do Monte Pascoal, e as primeiras gaivotas convidaram Pedro Álvares a tomar metade do mundo de Colombo. A 21 de abril de 1792 enforcaram no Rio o Alferes Tiradentes, que assim deixou um patíbulo como centro de Nossa História; o passado aí terminava; o futuro daí saía. Era o Monte Pascoal da liberdade, vulto projetado na superfície desse mar chamado despotismo, em cujo seio também há monstros e abismos e que tem por limites também as tempestades, as incertezas. As idéias do mártir partiram da cabeça exangue e se espalharam como as gaivotas, pilotando as Armadas do futuro"<sup>9</sup>. Aqui, Tiradentes deixa de ser o mineiro mais ilustre, "o homem revoltado típico desse final de século nas Minas"<sup>10</sup>, para transformar-se no marco da história moderna brasileira, um criador da verdadeira nacionalidade. Antes dele imperava o despotismo hediondo, mas após seu martírio tínhamos o privilégio de manusear novos portulanos. Por meio dessa particular transposição, o Alferes abandonou o horizonte limitado das montanhas

---

(8) CONT.- na casa dos contos: "Ninguém deu ouvidos a esse desmancha-prazeres. E convenhamos, seria pena que a sempre discutível *Verdade Histórica* deixasse a perder uma das atrações turísticas da Cidade-Monumento ... a poesia evocativa do passado opera do mesmo modo mágico na faculdade emocional dos confiados turistas. A verdade, no caso, só interessa a um que outro escabichador de miudezas da história".Página 122. O tema - suicídio de Cláudio - foi retomado hodiernamente por K. Maxwell.

(9) VASCONCELOS, Diogo. *Obra citada*, página 337.

(10) MOTA, Carlos Guilherme. *Atitudes de inovação no Brasil. 1789-1801*. Lisboa, Livros Horizonte, s/d, página 68.

mineiras, pelo convívio ilimitado do espaço nacional. O tempo do conjunto passou a ser regido pelo ritmo das Minas Gerais, quando estas, de centro geográfico, começaram a ser vistas como o coração vigoroso da nacionalidade, como o berço da "rebelião patriótica"<sup>11</sup>. Através da revivescência do episódio da conjuração, Minas Gerais, de novo, diferencia-se do conjunto. No ciclo do ouro, bafejava-a a aragem da celebridade, e agora, quando os recursos esvaíam-se, "esta grande e heróica Província tem razão de sentir-se orgulhosa, por ser ele (Tiradentes) ligado diretamente à Independência do Brasil"<sup>12</sup>. A antiga mística mineira, sobrepôs-se "... a idéia da libertação pátria e da organização de um Estado soberano que permitisse, aos nacionais e aos lusos com eles solidários, o uso e o gozo dos valores e riquezas aqui existentes e passíveis de justa e inteligente apropriação"<sup>13</sup>. Para os geralistas, no entanto, urgia criar nova riqueza, simbolizada, agora, na imagem do seu filho mais dileto, uma vez que, nas circunstâncias presentes o-

"Torrão, que do seu ouro se nomeava,  
Por criar do mais fino ao pé das serras,  
Mas que, feito enfim baixo e mal prezado,  
O nome teve de ouro inficcionado"<sup>14</sup>.

---

(11) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho (1868)*. Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, página 291.

(12) Idem, *Ibidem*, página 290.

(13) JOSÉ, Oíliam. *Tiradentes*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1985, página 221.

(14) Santa Rita Durão: "Caramuru" (IV, 21). Apud Antônio Cãn-

Nos ilustrados mineiros do século XVIII, começava a despontar a consciência da enormidade do problema social, engendrado pela atividade mineradora. Produto da própria natureza do empreendimento da mineração, desenraizador por excelência, mas fruto, também, das condições específicas da colonização das Minas. "As minas foram o espaço privilegiado da desclassificação social nos tempos coloniais, e isto se deveu tanto ao rápido afluxo populacional que lá se verificou como ao caráter específico da exploração das minas"<sup>15</sup>. Com a decadência, o quadro agudiza-se. A percepção dos problemas mobilizou colonos e colonizadores, absorvidos pelas possíveis explicações do fenômeno e pela busca das diversas saídas. E de fato, na colônia, as manifestações comportaram vastas gamas, cobrindo desde as súplicas dirigidas ao Rei de Portugal, até os movimentos de cunho separatista, como o foi a Inconfidência<sup>16</sup>. Na metrópole, da

---

(14) CONT.- dido, *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*. 1º volume (1750-1836): 5ª edição. Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora de Universidade de São Paulo, 1975, página 180.

(15) MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do Ouro, A Pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982, página 216.

(16) Os habitantes do Tijuco dirigem-se ao Rei D. João V, alertando-o sobre o "...deplorável estado em que esta Comarca se ia pondo... "Apud, Joaquim Felício dos Santos. *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio. (Província de Minas Gerais)*. 4ª edição, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, página 62. Sobre a Inconfidência: MOTA, Carlos Guilherme. *Atitudes de Inovação no Brasil*, obra cit. MAXWELL, Kenneth. *A Devassa da Devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil-Portugal - 1750-1808*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1978.

mesma maneira, a consciência do problema apareceu sob a percepção da decadência do Reino, expressando-se no "reformismo ilustrado" português<sup>17</sup>. As Cartas Chilenas referem-se ao "drama que é a formação histórica de Minas"<sup>18</sup>:

"Talvez, prezado amigo, que nós hoje  
Sintamos os castigos dos insultos  
Que nossos pais fizeram. Estes campos  
Estão cobertos de insepultos ossos,  
De ennumeráveis homens, que matarão  
. . . . .  
Que muito pois que Deus levante o braço,  
E puna os descendentes de uns tiranos,  
Que sem razão alguma, e por capricho  
Espalharão na terra tanto sangue?"<sup>19</sup>

---

(17) NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo, Editora Hucitec, 1979. Embasamos, na análise de Fernando Novais, a idéia da percepção da decadência e da busca de soluções, no sentido de contornar o problema. No que diz respeito às minas, conforme Fernando Novais, as explicações do declínio apareciam conectadas ao baixo desenvolvimento da metrópole, à pobreza dos mineiros e ao atraso técnico. NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil*. . . Obra cit., Capítulo IV, especialmente páginas 236, 265, 281. Sobre o reformismo ilustrado na época pombalina ver: FALCÓN, Francisco José Calazans. *A Época Pombalina (Política Econômica e Monarquia Ilustrada)*. São Paulo, Editora Ática, 1982, especialmente, a página 201 e seguintes.

(18) LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978, página 83.

(19) *As Cartas Chilenas*. Fontes textuais, organizadas por TARQUÍNIO, J.B. de Oliveira. São Paulo, Editora Referênciã, 1972, página 238.

Drama esse que já nascera banhado em sangue. Assim, a brutalidade do processo colonizador sobre os negros e os índios somou-se, em Minas Gerais, os sanguinolentos episódios da guerra dos emboabas e do enforcamento de Tiradentes<sup>20</sup>. Igualmente por isso, as Minas distinguem-se do conjunto, por terem germinado sob o signo da morte, "estado individualizador por excelência..."<sup>21</sup>. Nas elaborações míticas, tais eventos virão despidos da pura morbidez, absorvida pela feição libertária. Aliás, os significados conferidos a certos documentos oficiais sobre a Capitania de Minas, corroboram essa assertiva.

A noção de que as Minas Gerais eram incontrolláveis, bastante enfatizada por seus administradores, que vislumbravam, possivelmente, uma forma de valorizar os serviços prestados ao rei, aparece trabalhada no mito, como exemplo do caráter libertário dos Mineiros. As palavras do Conde de Assumar, no início do século XVIII, são entendidas como sinônimo da in

---

(20) "...Os vencidos saíram do bosque em direção aonde estava Amaral, que os recebeu de semblante jovial e sereno, em cuja presença foram entregando e depondo as armas. Concluída a entrega, porém, e logo que o monstro os viu a todos desarmados, transformou-se em fúrias e num brado medonho, fulminante, mandou-os à morte. Ele mesmo com os escravos, ameaçados de castigo, antes de qualquer intervenção de outros, começou com suas mãos a matança. Eram cerca de trezentos, todos imolados!" VASCONCELOS, Diogo. *História Antiga das Minas Gerais*. 4ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, III Volume, página 59. "Tiradentes regou com seu sangue a árvore da independência". SANTOS, Joaquim Felício dos. *Obra citada*, página 166.

(21) MATTA, Roberto da. *A casa e a Rua. Espaço Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985, página 119.

quietação natural dos mineiros: "Das Minas e seus moradores batava dizer o que dos do Ponto Euxino, e da mesma região, afirma Tertuliano - que é habitada por gente intratável, sem domicílio, e ainda que está em contínuo movimento, é menos inconstante que os seus costumes; os dois nunca amanhecem serenos; o ar é um nublado perpétuo; tudo é frio naquele país, menos o vício, que está ardendo sempre. Eu, contudo, reparando com mais atenção na antiga e continuada sucessão de perturbações que nela se vêem, acrescento que a terra parece que evapora tumultos; a água exala motins; o ouro toca desaforos; destilam liberdade os ares; vomitam insolências as nuvens; influem desordens os astros; o clima é tumba da paz e berço da rebelião; a natureza ainda inquieta consigo e amofinada lá por dentro, é como no inferno"<sup>22</sup>. Até a natureza conspira nas Gerais, a rebelião é, enfim, contínua. Para os colonizadores nem os ares podem possuir a liberdade de compor as suas formações; nem ao solo pedregoso da Capitania é permitido o livre faiscar do ouro. A docilidade dos seus súditos será assim o requisito imprescindível à permanência da exploração aurífera. Daí, ser necessário reprimir os desaforados revérberos do ouro.

Saint-Hilaire admirou-se do pouco senso de submissão dos mineiros: "Os comandantes das vilas exercem um poder despótico sobre seus subordinados, estes, sempre que podem, desfiam, mesmo quando tratados sem mostra de autoridade"<sup>23</sup>. Ou-

---

(22) Apud Sylvio de Vasconcellos. *Mineiridade. Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968, páginas 24-25.

(23) SAINT-HILAIRE, Auguste de - *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco (1816-1822)*, tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Uni

trossim, eram refratários à autoridade eclesiástica: "Ao chegar a São João encontrei as ruas apinhadas de gente. Foi celebrada uma missa cantada, ... o padre ... disse-me que não ia tomar parte na procissão porque ali, como em todas as paróquias da província, a confraria de São Francisco procurava subtrair-se à autoridade pastoral. Acrescentou que estava em guerra com a Confraria havia dez anos e que tinha feito reclamações junto às autoridades do Rio de Janeiro, mas que seus adversários contavam com poderosos protetores, não se dignando as autoridades nem mesmo lhe dar resposta"<sup>24</sup>. Mesmo o clero parecia não sujeitar-se aos ditames da liturgia religiosa: "Quando fui dar bons dias ao cura, contou-me que me esperava para dizer a missa. Apressei-me ... imaginando que iríamos à igreja paroquial. Mas o cura disse-me que não sairíamos de casa. Efetivamente, ali rezou a missa. Eu e os seus negros fomos os únicos ouvintes"<sup>25</sup>. Dessa forma, todos pareciam-lhe muito cientes de si, onde a Igreja estaria burlando os preceitos do culto.

A apropriação do passado em instruções à Capitania de Minas é feita da mesma maneira: "Entre todos os povos de que se compõem as diferentes capitanias do Brasil, nenhum talvez cus

---

(23) CONT.- versidade de São Paulo, 1975, página 92. "... O povo ... procura subtrair-se a tal autoridade que lhe fere o amor próprio". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo* (1822). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974, página 40.

(24) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 65.

(25) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo*. Obra citada, página 43.

colônia vantajosamente situada"<sup>29</sup>. Dos frios textos oficiais anteviu-se a idéia de que Minas é o "verdadeiro centro do Brasil"<sup>30</sup>, conferidora da unidade brasileira, por haver contrabalançado as forças centrífugas durante a colônia<sup>31</sup>. Resta simplesmente a passagem para conceitos como o de equilíbrio político, considerado vocação natural dos mineiros: "Ocupando o centro do país, contendo um pouco de todas as outras regiões, as Minas Gerais foram e continuam sendo a terra da ordem e da liberdade, das tradições e das esperanças"<sup>32</sup>. Enquanto síntese, Minas emerge ligada a um destino inelutável, qual seja o de garantir a ordem e a liberdade, a tradição e a esperança. Destarte, as Minas a tudo provêm, quer a segurança frente aos princípios dissolventes, tornada essência de liberdade, quer a preservação da herança, no âmbito das mudanças futuras. O tão decantado amor à liberdade, próprio dos mineiros, mas bem agasalhado no interior do espaço da ordem, adquire, por vezes, tom redentor<sup>33</sup>. A dimensão salvadora das Minas reside "em verdadei

- 
- (29) Instruções de Martinho de Mello e Castro ao Visconde de Barbacena (1788). Apud, MAXWELL, Kenneth. *Obra citada*, página 126.
- (30) LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasís*. 12ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1984, página 228.
- (31) Conforme BASTIDE, Roger. *Brasil, Terra de Contrastes*. 10ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1980, página 29.
- (32) TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *História de Minas*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1963, página 9.
- (33) "Criando novos interesses, no leste, no nordeste e no Sul, as Minas Gerais realizaram o milagre de unificar o Brasil". BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A Capitania de Minas Gerais*. Edição Comemorativa dos 250 anos da Capitania. Belo Horizonte, s/d, página 30. (grifos nossos).



ra força integrada da unidade nacional"<sup>34</sup>. Visto serem as Minas mera abstração política, tais profissões de fé atribuem aos políticos das Gerais papel prestigioso na preservação das instituições brasileiras. Durante o Império, por exemplo, considerou-se "os mineiros como chamados a desempenhar importante papel"<sup>35</sup>. Apelava-se a eles porque "o caráter democrático da Constituição do Império ofereceria aos mineiros oportunidades notáveis para porem em prática seu amor nunca desmentido à liberdade"<sup>36</sup>. Que as instituições imperiais brasileiras não fossem verdadeiramente democráticas, pouco importava, e, qualquer que fosse a natureza política da sociedade, na época, respaldada na escravidão, aos mineiros *seria conferida sempre missão de destaque*. A alusão antiga à rebeldia dos mineiros transmutou-se, assim, nas falas de ordem, de equilíbrio e de preservação da unidade.

Os viajantes enfatizaram o relevo que os mineiros atribuíam às questões políticas: "Enquanto almoçávamos, em uma venda, ... muito nos divertimos com a curiosidade da multidão de habitantes que se amontoavam na porta para nos olhar, fazendo-nos toda espécie de perguntas sobre política"<sup>37</sup>. E mes-

---

(34) BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Obra citada*, página 32.

(35) DENIS, Ferdinand - *Brasil (1888)*, tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1980, página 352.

(36) TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *Obra citada*, página 55.

(37) MAWE, John - *Viagens pelo interior do Brasil (1808-1809)*, tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia, Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978, página 119.

mo as mulheres demonstravam grande interesse por esses assuntos, pois as suas cantigas de ninar reproduziam motivos patrióticos<sup>38</sup>. Também nos conflitos, a política estava entre os motivos principais: "Entre os ricos, os homicídios derivam de três causas: terras, questões políticas e negócios do coração"<sup>39</sup>. Os jornais, quando os há, dedicam-se quase exclusivamente a reproduzir material político: "A população (de Ouro Preto), é calculada em 8.000 almas. Há boas lojas, mas nenhuma livraria. Gaba-se, porém, de duas tipografias e quatro jornais, dois no Ministério e dois na oposição. São de pequeno formato e o seu conteúdo é quase inteiro matéria política"<sup>40</sup>. As querelas partidárias são bastante intensas: "O sentimento

---

(38) "Acalanta-te, ó menino  
Dorme lá para crescer,  
Que o Brasil precisa filhos —  
Independência ou morrer!".

BURTON, Richard - *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho (1868)*, tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, página 326.

(39) Idem, *Ibidem*, página 331.

(40) GARDNER, George - *Viagem ao interior do Brasil (1836-47)*, Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, página 229. Em Diamantina Burton observou: "Não há biblioteca, gabinete de leitura nem livraria, mas, naturalmente há um fotógrafo. Há cerca de três anos, deixou de circular o único jornal, "O Jequitinhonha", que se dedicava apenas à política". BURTON, Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1977, página 93.

partidário é muito vivo em Ouro Preto, como era entre nós, quando os meninos de calças curtas perguntavam: "És a favor de Pitt ou de Fox"?<sup>41</sup> E a preocupação com os destinos do país ocupa muitas horas: "O tempo de folga será gasto, não na Ciência e na Filosofia, objetivos mais altos de sua vida posterior, mas nas funções religiosas e no ajustamento de suas questões políticas ... A mais completa característica de um povo jovem é a de penetrar nos "problemas da Nação"<sup>42</sup>. Seduzia-lhes os recentes acontecimentos políticos da França, principalmente a figura de Napoleão Bonaparte do qual "nunca se cansavam de ouvir e falar"<sup>43</sup>, chegando ao ponto de pendurar sua estampa na parede<sup>44</sup>. Demonstravam acentuado sentido de participação civil: "Durante minha residência na cidade, chegou a notícia que causou sensação. D. Pedro II, o jovem Imperador, fora chamado a assumir as rédeas do governo, em oposição ao desejo do Regente... Parece que o fato mereceu aprovação decidida da maior parte da população, havendo, por isso, manifestação de regozijo. À tar

---

(41) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, citada, página 308.

(42) Idem, *Ibidem*, página 308.

(43) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*, obra citada, página 87. "Sempre insistiam em falar sobre a nossa revolução de cujos fatos principais eles tinham bom conhecimento. Gostavam de falar também sobre Napoleão, sobre seus generais, enfim, sobre tudo o que havia ocorrido na França nos anos passados ... Mesmo nos pontos mais longínquos da Província de Minas, encontrei pessoas que a tinham estudado (História Contemporânea da França) e se mostravam curiosas em conhecer pormenores sobre ela". *Idem, Ibidem*, página 66.

(44) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*, obra citada, página 259.

de houve missa cantada ... À noite houve iluminação pública e a guarda nacional desfilou pelas ruas principais, com banda de música à frente, acompanhada do Conselho Municipal e de todos os principais habitantes da cidade. Marchei com o Conselho... Aqui e ali, fazia-se alto em frente à casa de algum cidadão respeitável ... das sacadas as senhoras da casa atiravam flores perfumadas com água de colônia. Também de vez em quando a multidão cá em baixo era honrada com uma canção por uma das belas"<sup>45</sup>. Em suma, a política inquietava os mineiros de condição social superior, já que aos escravos e aos excluídos essa face da vida societária não os comportava, restando-lhes, como saída, a fuga para os quilombos ou a evasão etílica<sup>46</sup>.

---

(45) GARDNER, George. *Obra citada*, página 211. "... Dissertou muito sobre a tirania exercida pelo príncipe, no Rio de Janeiro, e sobre a necessidade de não mais se reconhecer sua autoridade para subtrair os povos dos males com que atormentava as províncias. O povo aplaudiu a ambos os discursos e a junta foi investida de autoridade, por assim dizer, ilimitada". Saint-Hilaire. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*, *Obra citada*, página 44.

(46) Sobre os quilombos de Minas Gerais: BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e Quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1972. "... Não somente os escravos que se entregam a esse vício: brancos de ambos os sexos, em quase todas as classes sociais, são também grandemente viciados. Isto, em certo grau, se prova pela grande quantidade dessa bebida que entra diariamente no mercado". GARDNER, George. *Obra citada*, página 210.

## 2 - A FRUIÇÃO DA CULTURA

Traço, marcadamente vincado no perfil dos mineiros, é o gosto pela cultura. Na opinião de D'Orbigny, "os habitantes do Tijuco são polidos, corretos, bem educados e mais instruídos que os do restante do Brasil"<sup>47</sup>. Saint-Hilaire, igualmente, achou os homens brancos de Sabará os "mais polidos e mais instruídos"<sup>48</sup>. Em Vila do Príncipe, mesmo após a decadência, os "seus habitantes distinguíam-se tanto pela instrução como por sua requintada polidez"<sup>49</sup>. Novamente no Tijuco, Saint-Hilaire, de forma penetrante, percebeu "mais instrução que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um desejo mais vivo de se instruir. Vários moços, cheios de nobre entusiasmo, aprenderam o francês, sem terem mestres, ... São particularmente notáveis na arte caligráfica e podem a esse respeito rivalizar com os mais hábeis ingleses ... Não são menos hábeis na arte musical"<sup>50</sup>. Burton, em visita ao Seminário de Mariana, relatou: "À uma hora da tarde, o sino tocou e fomos ao refeitório; havia ali doze alunos, número considerável durante as "férias longas", e aqueles jovens conversavam em francês durante a refeição"<sup>51</sup>. Na aldeia de Cocais John Mawe con-

---

(47) D'ORBIGNY, Alcide. *Viagem Pitoresca Através do Brasil* - (1826). Tradução portuguesa. Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, página 136.

(48) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, Obra citada, página 63.

(49) DENIS, Ferdinand. *Brasil*, Obra citada, página 371.

(50) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, Obra citada, página 33.

(51) BURTON, Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*, Obra citada, página 91.

versou com um "homem de talento e instruído"<sup>52</sup>. O vigário da Vila de Formigas possuía uma biblioteca, "embora pequena" com tinha boa seleção de obras em latim, português e francês"<sup>53</sup>. Na Comarca do Rio das Mortes, onde, na opinião de Saint-Hilaire, "a cortesia seja mais rara do que em outras partes da província"<sup>54</sup>, esse próprio viajante encontrou um mineiro que "fizera seus estudos em Coimbra e tinha conversação atraente"<sup>55</sup>. A música parecia exercer forte atração: em Sabará, não havia "menos gosto pela música que nas outras partes da Província de Minas"<sup>56</sup>. Sobre as representações teatrais em Vila Rica, há unanimidade quanto à qualidade dos atores considerados meramente "passíveis"<sup>57</sup> e "mediócrs"<sup>58</sup>. O conteúdo das representações, no entanto, assim como as pinturas internas inspiravam-se em cenas da história mundial, comportando gritantes ana-

---

(52) MAWE, John. *Viagem ao Interior do Brasil*, Obra citada, página 144.

(53) GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*, Obra Citada, pág. 195. "Não é raro encontrar-se em Sabará homens que receberam instrução e que sabem latim". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, Obra citada, página 76.

(54) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*, Obra citada, página 66.

(55) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, Obra citada, página 77.

(56) Idem, *Ibidem*, página 76.

(57) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*, Obra citada, página 178.

(58) FREIREYSS, G.M. *Viagem ao Interior do Brasil*. (1814). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1982, página 44.

cronismos. "Existe, na verdade, uma casa de espetáculos em Vila Rica; ... A cortina apresenta as quatro partes do mundo pintadas de modo grosseiro;... Os atores têm o cuidado de cobrir o rosto com uma camada de branco e vermelho; mas as mãos traem a cor que a natureza lhes deu, e provam que a maioria deles é de mulatos. Não têm a menor idéia de indumentária; e, por exemplo, em peças tiradas da história grega vi personagens vestidos a turca e heroínas a francesa"<sup>59</sup>.

Segundo a visão dos viajantes há, em Sabará e Serro Frio, grande preocupação com a educação e "os pais fazem muitas vezes, grandes sacrifícios para dar alguma educação aos filhos. Nesta de São João, liga-se muito menos importância à instrução. Isto provém de que os homens mais ricos desta região, ... são europeus, que, nas suas pátrias, pertenciam às mais baixas classes da sociedade e nada aprenderam"<sup>60</sup>. O conhecimento é minimizado entre os estrangeiros, podendo-se perceber, pois, que para os mineiros a aquisição de cultura reveste-se de importância. De fato, o mesmo autor destas linhas afirmou que os geralistas costumavam se envergonhar de sua ignorância, constituindo-se em auspicioso indício do desejo de livrar-se dela prontamente<sup>61</sup>. Aos mineiros, parecia incomodar a sua origem composta, predominantemente, por aventureiros<sup>62</sup>. Por isso, os ricos procuram "mandar seus filhos à Europa e ao estabele-

---

(59) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, obra citada, página 73.

(60) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*, obra citada, página 67.

(61) Conforme, SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Ibidem*, página 47.

(62) Conforme, SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*, obra citada, página 69.

cimento do Seminário de Mariana, onde os jovens recebiam boa educação, (que) há de ter, sem dúvida, contrabalançado consideravelmente as influências de uma origem nefasta"<sup>63</sup>. A educação pública surgia paulatinamente: "Entre as pessoas que vi em Sabará posso citar o professor de Gramática latina, aí destacado em virtude da lei que determina que cada cabeça de Comarca tenha um professor de latim, pago pelo Governo"<sup>64</sup>.

Do conjunto de imagens pinçadas pelos viajantes sobre o quadro cultural de Minas, percebe-se, nos estratos superiores, o realce conferido ao setor das humanidades. De fato, "os conhecimentos intelectuais dos mineiros limitaram-se, principalmente, às humanidades. A ciência moderna não pode ser adquirida na Província, a mecânica é desconhecida, mas as letras e humanidades estão abertas a todos. Como os neolatinos em geral, os mineiros aprendem os dialetos cognatos, e sua compreensão lesta, mas um tanto confusa, lhes permite familiarizarem-se com os vários ramos introdutórios da matemática"<sup>65</sup>. Pela dificuldade de assimilação dos modernos conhecimentos científicos, responde o parco desenvolvimento manufatureiro em Minas que, dado o predomínio da força de trabalho escravo, inviabiliza, desde logo, a possibilidade de grandes transformações técnicas.

As cidades mineradoras conviviam com uma elite ilus

---

(63) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*, Obra citada, página 69.

(64) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, Obra citada, página 76.

(65) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*, Obra citada, página 336.



trada composta, basicamente, por "padres, intendentes, poetas"<sup>66</sup>. No quotidiano, - "Os estudantes que partem.

Os doutores que regressam.

.....

E as idéias"<sup>67</sup>.

Em torno desse grupo gerou-se toda uma mística, principalmente porque foi grande a participação de intelectuais no movimento dos inconfidentes. A junção entre a cultura e as aspirações separatistas estabelece o nexó, entre o ideal libertário dos mineiros e o gosto pelas belas letras. "Eram intelectuais, que se reuniam em sessões, onde se debatiam coisas do espírito. Poetas e juristas e clérigos. *É natural que, num ambiente de inteligências polidas, afeitos ao trato de problemas humanos, surgisse a idéia de fazer-se de Minas, quicã de todo o Brasil, um Estado livre*"...<sup>68</sup>. A partir de então, os fios entre a cultura e a política começam a ser urdididos: "Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Geraes, simboliza a vitalidade do povo mineiro ... mais moderna das capitais dos Estados do Brazil e por ser considerada uma cidade modelo da América do Sul ... (abrigou) litteratos e estadistas do paiz"<sup>69</sup>. Aqui, a modernidade arquitetônica da cidade ficou responsável pela cultura e pela envergadura política dos mineiros. No pas

---

(66) MEIRELES, Cecília. - *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, página 70.

(67) Idem, *Ibidem*, página 71.

(68) OLIVEIRA, Almir de. *Obra citada*, página 35. (grifos nossos).

(69) PARANAGUÁ, Joaquim Nogueira de. *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo Interior do Paiz*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1905, página 24.

sado, Vila Rica, onde viveu Tomás Antonio Gonzaga, gênese da imagem romântica de Dirceu<sup>70</sup>. Já Spix e Martius falavam do "mais celebrado poeta de Minas", cuja "coleção Marília de Dirceu... e muitas canções desse poeta andam na boca do povo"<sup>71</sup>. Daí para frente, as lembranças de Minas estariam inextricavelmente povoadas pela produção cultural de sua prole: "Minas produziu os dois pais da poesia épica brasileira, e seus filhos distinguiram-se nas artes e nas armas em todo o Império"<sup>72</sup>. A glória de ser concebida como o berço dos ideais de liberdade, agregou-se o ornamento de ser a matriz das mais nobres artes - a literatura. A partir do movimento literário mineiro, no século XVIII, floresceu toda uma geração embalada no gosto pela cultura, ou, pelo menos, representando um centro irradiador das "coisas da inteligência ou do saber"<sup>73</sup>. Dessa forma, às concepções de liberdade, vicejadas nos canteiros da cultura, agregou-se a idéia de que "o Brasil se tornou uma pátria, por ter sido antes uma Arcádia"<sup>74</sup>. É bem verdade, que o arcadismo va-

---

(70) Sobre a elaboração romântica da figura de Gonzaga: FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na Livraria do Cônego*. Obra citada, páginas 91-95.

(71) SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*, Obra citada, página 189.

(72) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*, Obra citada, página 336.

(73) Expressão de Sérgio Buarque de Holanda, quando analisa a relação entre a fase mais profícua da mineração e a presença de estudantes mineiros em Coimbra. Para esse autor, a concentração de pessoas com cursos superiores coincidiria "com a maior difusão nelas da preocupação com as coisas da inteligência e do saber". HOLANDA, Sérgio Buarque de. - "Metais e Pedras Preciosas". *Obra citada*, página, 302.

(74) BASTIDE, Roger - *Obra citada*, página 119.

lorizou os elementos típicos da realidade imediata e, nos poemas de Cláudio Manuel da Costa, "o mais profundamente preso às emoções e valores da terra"<sup>75</sup>, percebe-se claramente, quase uma incoercível necessidade de exprimi-la. E a circunstância con correu no sentido de marcar a primazia de Minas na expressão intelectual da nacionalidade, assim ultrapassando, o significado original daquela corrente literária. Não se trata de negar, de forma alguma, a possível coerência da obra de Cláudio Manuel da Costa. "Assim, pois, a fixação à terra, a celebração dos seus encontros, conduzem ao desejo de exprimi-la no plano da arte; daí, passa à exaltação patriótica, e desta ao senso dos problemas sociais. Do bairrista ao árcade; dele ao *ilustrado* e deste ao inconfidente, há um traçado que se pode rastrear na obra"<sup>76</sup>. E nem se deve descuidar a importância da consciência das coisas do espírito na gestação de certas visões de conjunto, modeladoras, às vezes de tendências à negatividade. Sem ser condição exclusiva, a crítica emerge do conhecimento. A associação entre mentes cultas e Inconfidência e desta com o ideal de liberdade resultou numa construção que caracteriza Minas como depositária do saber e da insubmissão da pátria e da nação.

---

(75) CÂNDIDO, Antonio - *Formação da Literatura Brasileira*, Volume I, Obra citada, página 85.

(76) Idem, *Ibidem*, página 92. (grifo do autor).

## 3 - A VOCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Outro traço virtual, freqüentemente decantado nas construções sobre Minas, diz respeito ao caráter democrático de sua sociedade. Lastreia-se esse traço nas características do empreendimento minerador, passando pela intensa miscigenação, até à brandura da escravidão nas Minas. O mulatismo, considerado como sintoma da incoercível tendência democrática, des<sup>de</sup> ponta em certos trabalhos, como fenômeno gestador, quer do aprimoramento étnico, quer da possibilidade de criar expressões artísticas genuínas. "A espécie de igualitarismo, que neste caso se estabelece entre elementos de todas as classes e extrações, e, de outra parte, as largas possibilidades que a tantos indivíduos, alheios à empresa mineradora, se deixam para disporem de si mesmos e de seus atos, principalmente na esfera econômica, servirão de reforço, provavelmente, ao cunho democrático assumido pela ocupação do território nas Gerais, comparada a de outras partes do Brasil"<sup>77</sup>. Aqui, o aspecto democrático concentra-se nos setores agregados, subsidiários da mineração. Em outros exemplos, advém da própria atividade: "Se um africano, antes do fim de seu dia de trabalho, encontrava ouro suficiente para satisfazer seu senhor, este deixava-o trabalhar o resto do dia por conta própria, isto é, podia conservar em seu poder o ouro encontrado então, e que era guardado, geralmente, para empregar eventualmente na compra da liberdade ... Na região vizinha, que era o Distrito Diamantino, se um negro encontrava um diamante de dezessete quilates e meio, era coroado de flores, conduzido em procissão até o prédio da ad-

---

(77) HOLANDA, Sérgio Buarque de - "Metais e Pedras Preciosas".  
*Obra citada*, páginas 295-296.

ministração do Distrito e ali lhe concediam a liberdade"<sup>78</sup>. Tais práticas, que efetivamente ocorreram em Minas, serviram para reafirmar, as visões democratizadoras, além daquelas sobre a brandura da escravidão. É interessante perceber que, mesmo os viajantes, ressaltaram os dois lados da questão, ora salientando o aspecto democrático e a suavidade das relações escravistas, ora ressaltando o inverso. Como exemplo do primeiro caso, ocorrem descrições como a seguinte: "Esta roça infeliz é tratada aí com a bondade e a humanidade a que faz jús o seu bom procedimento; dão aos negros tanta terra quanta podem cultivar nos momentos de lazer (a lei lhes concede para esse fim os domingos e feriados) e podem dispor à vontade do produto de seu trabalho"<sup>79</sup>. O que poderia ser entendido como necessidade de rebaixar os custos de manutenção da escravaria, fruto de uma economia com baixa capacidade acumulativa, passou a ser tida como indício da leveza das relações escravistas que a alegria do africano atestaria<sup>80</sup>. A convivência racial, que, pa

---

(78) BASTIDE, Roger. *Obras citada*, páginas 116-117.

(79) MAWE, John. *Obras citada*, página 139.

(80) Gilberto Freyre sustenta a brandura da escravidão no Brasil e a importância da alegria do negro, para contrarrestar a tristeza do português: "Nos engenhos, tanto nas plantações como dentro de casa, nos tanques de bater roupa, nas cozinhas, lavando roupa, exugando prato, fazendo doce, pilando café; nas cidades, carregando sacos de açúcar, pianos, sofás de jacarandá de ioiões brancos - os negros trabalharam sempre cantando; seus cantos de trabalho, tanto quanto os de Xangô, os de festa, os de ninar. Menino pequeno, encheram de alegria africana a vida brasileira". FREYRE, Gilberto. *Casa Grande E Senzala*. 13ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963, página 493.

ra os viajantes, era produto das condições demográficas das Minas e um "mal necessário", foi assimilada como marca do caráter integrador da sociedade mineira<sup>81</sup>. Nas Minas, "o filho do europeu com africana nascia um "europeu" na língua, nos costumes, na religião, na mentalidade, apagando-se na primeira geração os traços intelectuais da raça de Cam, que só perdurava no tipo antropológico de transição ... Esses pardos europeus, inteligentes e fortes, física e economicamente, passaram em pouco tempo a influir na sociedade da época, dominando as câmaras e cargos públicos, provocando reações dos portugueses recém-chegados, que se rebelavam contra isso, para, dentro em pouco, apoiarem os mulatos, seus filhos"...<sup>82</sup>. Mário de Andra

---

(81) "Posso mencionar o caso de uma cidade de Minas, onde, entre três mil, ou, incluindo os arredores, cinco mil almas, há apenas duas famílias de puro sangue europeu. No litoral, encontravam oportunidade de casar as filhas com homens vindos do Velho Mundo ... No interior, todavia, o mulatismo tornou-se um mal necessário..." BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. Obra citada, página 319. "Os habitantes de Minas são, em sua maioria mulatos e brancos". D'ORBIGNY, Alcide. *Obra citada*, página 147. "Chapada é uma localidade animada e populosa, situada na estrada seguida pelas tropas que vão ao Rio de Janeiro ... A população atual deve se elevar a cerca de 600 indivíduos, em sua maior parte mulatos ..." Idem, *Ibidem*, página 130.

(82) LIMA JÚNIOR, Augusto de - *A Capitania das Minas Gerais*, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978, página 76. "Foram essas Minas e as Fulas -...- as mulheres preferidas, em zonas como Minas Gerais, de colonização escoteira, para "amigas", "mancebas" e "caseiras" dos brancos. Ilustres famílias daquele Estado, que ainda hoje guardam traços negróides, terão tido o seu começo nessa união de brancos

de mesmo encontrou na obra de Aleijadinho, a manifestação cultural genuína da brasilidade no Império Português, cuja condição de mestiço propiciou-lhe mestiço "nas mãos o dengue mulato da pedra azul, fazia ela estorcer com ardor molengo e lento"<sup>83</sup>. Assim, Aleijadinho criaria "a solução brasileira da colônia. É o mestiço e é logicamente a independência"<sup>84</sup>. O escultor, aliás, não deixa de ser uma das figuras mitológicas de Minas, participando, ao lado de Tiradentes do rol dos seus filhos ilustres<sup>85</sup>. Não por casualidade, ambos compartilharam da mesma existência trágica, o primeiro por sua doença repugnante - e ainda assim, conseguiu produzir expressões artísticas sublimes - e o segundo por sua morte violenta - e por não fraquejar diante dos seus verdugos. Tiradentes visto como símbolo da liberdade e Aleijadinho assimilado como o gênio artístico da nação. Independentemente do valor real dos seus feitos, conta ressaltar a mística tecida em torno dessas personagens. A apropriação posterior da vida desses homens é, por isso, fe

(82) CONT.- com negras Minas, vindas da África como escravas, mas aqui elevadas à condição, segundo o testemunho de Vaia Monteiro, de "donas de casa". FREYRE, Gilberto. *Obra citada*. Páginas 351-352. Também Wells salientou a inteligência dos mulatos: "Eles eram decididamente inteligentes e, rapidamente, absorviam o teor das minhas instruções". WELLS, James W. *Obra citada*, página 168.

(83) ANDRADE, Mário - "O Aleijadinho". In: *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, página 38.

(84) Idem, *Ibidem*, página 45.

(85) Sobre a construção mítica de Aleijadinho ver: SOUZA, Washington Peluso Albino de. "Aleijadinho - símbolo da cultura autônoma". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, nº 48, janeiro de 1979, páginas 7 a 46.

nômeno de outra ordem, remetendo para o campo das elaborações míticas.

Nas obras obsecadas em perseguir o "caráter nacional", a questão da mestiçagem desponta com sinal positivo ou negativo. Os males advindos da miscigenação transpassam livros como *Os Sertões* de Euclides da Cunha, ou *Evolução do Povo Brasileiro* de Oliveira Vianna<sup>86</sup>. Na produção dos modernistas, no entanto, a mistura racial foi apreendida em prisma positivo e, o próprio Macunaíma, "preto retinto", era filho da "Índia Tapanhumas"<sup>87</sup>. A rigor, a mistura de brancos com negros

---

(86) CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963. OLIVEIRA VIANNA. *Evolução do Povo Brasileiro*. 2ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

. Segundo Alfredo Bosi, as elites dos países que foram colônias assimilaram o "arianismo" que, na Europa, servia para justificar a expansão da 2ª metade do século XIX, sob a forma do "não menos racista pessimismo dos mestiços". BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª edição, São Paulo, Editora Cultrix, 1977, página 824. Sobre a crítica à noção de *caráter nacional*: LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma ideologia*. 3ª edição, São Paulo, Editora Pioneira, 1976. Para uma análise dessas concepções em Euclides da Cunha e Oliveira Vianna, consultar os Capítulos XI - "Grandeza e miséria dos Sertões" - e - "As raças e os mitos" - respectivamente.

(87) ANDRADE, Mário - *Macunaíma*. *Obra citada*, página 9. Gilberto Freyre afirma que, a ama de leite propiciou aos brasileiros "a revelação de uma bondade porventura maior que a dos brancos". *Casa Grande & Senzala*. *Obra citada*, página 277. Fernando de Azevedo tem uma visão positiva da miscigenação: AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira. Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil*. 4ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963, Capítu



serviu mais as elocubrações sobre os efeitos da mestiçagem, do que de brancos com índios. Já Antonil considera que "melhores ainda são, para qualquer ofício, os mulatos; porém, muitos deles, usando mal do favor dos senhores, são soberbos e viciosos, e prezam-se de valentes, aparelhados para qualquer desaforo...O Brasil é inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e mulatas...Bom é valer-se de suas habilidades quando quiserem usar bem delas, como assim o fazem alguns; porém não se lhes há de dar tanto a mão que peguem o braço, e de escravos se façam senhores. Forrar mulatas desinquietas é perdição manifesta, porque o dinheiro que dão para se livrarem, raras vezes sai de outras minas que dos seus mesmos corpos, com repetidos pecados; e, depois de fôrras, continuam a ser ruína de muitos"<sup>88</sup>. A afirmação de que o Brasil é o paraíso dos mulatos pode ser interpretada segundo a idéia positiva da miscigenação. O hibridismo étnico seria mais adaptado à natureza física da colônia, pois os mulatos teriam aí nascido e, nesse sentido, constituindo-se nos verdadeiros homens do Brasil, são "melhores para qualquer ofício". Ao mesmo tempo, a degradação atribuída a esses mestiços soa à percepção

---

(87) CONT.- lo V. "Psicologia do Povo Brasileiro". A respeito das obras de Gilberto Freyre e Bernardo de Azevedo: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Editora Ática, 1977. Capítulo II, "Cristalização de uma ideologia: A "Cultura Brasileira". Também LEITE, Dante Moreira. *Obra citada*, Capítulo XV: "Em busca do Tempo Perdido" e Capítulo XVI: "Cordialidade e Aventura".

(88) ANTONIL, André João Andreoni. *Cultura e Opulência do Brasil por suas Minas e Drogas*. (Texto da edição de 1711). Introdução e notas de Alice P. Canabrava, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1967, página 60.

da terra enquanto espaço da perdição. Principalmente, "há as mulatas, que vivem de vender seus encantos"<sup>89</sup>. As mulatas continuaram a incendiar a imaginação, chegando mesmo a conformar um gosto estético sensual. Suas virtualidades parecem forjadas no mundo do trabalho, de onde viria seu corpo rijo. No final do século XIX, Afonso Arinos assim a descrevia: "Era uma mulata de estatura regular, cheia de corpo, cadeiras largas e braços grossos. Tremiam-lhe as nãdegas a seu passo forte ... Ostentava invariavelmente o colo de Nhambu, descoberto, aparecendo os seios duros, saltitantes, presos no bico pela camisa alva ... Tinha a pele macia e carnuda cheia de viço que transudavam seus lábios vermelhos; sempre úmidos. As linhas do rosto, corretas que eram, representavam no conjunto de seu corpo o cunho da raça caucasiana. Esse conjunto aliava a graça da europeia a sensual indolência das filhas d'África. Era provocadora - a mulata!"<sup>90</sup>. O índio, nesse sentido, é mais ascético e quando Euclides da Cunha descreve o sertanejo como sendo "antes de tudo, um forte", por "não ter o raquitismo dos mestiços neurastênicos do litoral", não estaria tentando diferenciar o índio do conjunto, visto ser mais marcante no sertão a presença do indígena? Se é correta a nossa linha de indagações, haveria

(89) SAINT-HILAIRE, A.de - *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 81. "Depois, vem Barbacena, célebre na região pelo grande número de mulatas complacentes que lá se encontram". D'ORBIGNY, Alcide. *Obra citada*, página 159.

(90) ARINOS, Afonso - *Pelo Sertão*. (1898). Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981, página 49. Sobre as concepções da mulata brasileira: QUEIRÓZ JÚNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo, Editora Ática, 1975.

certa continuidade entre a exaltação do índio durante o romantismo e a consideração de Euclides, para quem os sertanejos são a "rocha viva da nacionalidade"<sup>91</sup>.

Daí, somente a remetência ao universo das construções ideológicas permite que se compreenda o acentuamento dos traços mais democráticos de Minas e a brandura da escravidão, onde o mulatismo emerge como a face mais visível. Como vimos, as concepções em torno da suavidade dos laços sociais escravistas, ou da qualidade inquestionável da miscigenação, foram levantadas em diferentes regiões do Brasil. Dessa forma, as particularidades das minas, que de fato existiram, foram articuladas, de outra maneira no plano dos significados. Bastaria atentar para certos trechos dos livros dos viajantes, onde a dimensão da violência da realidade escravista encontra-se bastante sublinhada: "Ficam os escravos a infinita distância dos homens livres, são burros de carga a quem se despreza, acerca de quem se crê só podem ser levados pela arrogância e ameaças.

---

(91) Segundo Antonio Cândido, Alencar foi "o único escritor da nossa literatura a criar um mito heróico, o de Peri". O índio transformado em herói assume atributos que o diferencia de outras etnias. CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Volume II, Obra citada, página 223. Não se deve esquecer que, o *Guarani* de Alencar, termina com uma alusão à mestiçagem. Retiramos as frases de Euclides da obra *Os Sertões*. 27.ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963, página 94. "Se o sertanejo é um forte; isso se explica porque, ao contrário do mestiço do litoral, já constitui uma raça autônoma e, além disso, não é obrigado a enfrentar uma civilização superior à sua capacidade". LEITE, Dante Moreira. *Obra citada*, página 208. Comentário sobre as afirmações de Euclides transcritas no texto.

Um brasileiro, assim, poderá ser caridosíssimo para com um homem de sua raça e ter muito pouca pena de seus negros a quem não considera como semelhante"<sup>92</sup>. O mesmo autor notou a aparente ambigüidade do comportamento dos brasileiros de alta extração social: "A dona da fazenda do retiro encheu-me de finezas até o último momento. No entanto, essa mulher; que para comigo parecia tão boa e tão meiga, mal entrara em casa já eu a ouvia berrar, a mais não poder, e exaltar-se com violência contra seus escravos. Estas normas que parecem contraditórias não são, realmente, aos olhos dos brasileiros"<sup>93</sup>. Isto é, não são contraditórias apenas porque faziam parte integrante daquela sociedade que possuía "longa experiência" no manejo dos escravos<sup>94</sup>. Não há como atribuir, assim, perfil mais ameno à escravidão em Minas Gerais e, talvez, a decadência da atividade mineradora possa ter provocado a necessidade de libertarem-se escravos, pelo menos de menor aptidão para o trabalho, que representavam contingente significativo de homens miseráveis:

"De tudo quanto se viu acima, não se admirará se eu acrescentar que a mendicância é comum em São João. É aos sábados que os mendigos têm o costume de sair para pedir esmolas ... Esses são constituídos por negros e mulatos velhos ... em má condi-

---

(92) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Obra citada, página 51.

(93) Idem, *Ibidem*, página 51. "A dona da casa, antes de partir, tivera o cuidado de enclausurar as suas negras".  
Idem, *Ibidem*, página 46.

(94) Para SPIX e MARTIUS a "longa experiência ensinou aos brasileiros que a concessão de ampla anistia, acompanhada do cálice de bebida, produz melhor efeito na índole do negro novo do que o castigo rigoroso". *Viagem pelo Brasil*, obra citada, página 183.

ção para o trabalho"<sup>95</sup>. Em outra feita, parou "em casa de uma negra velha, cuja choupana situada no meio da mata era apertadíssima. Minha hospedeira estava livre e havia sido libertada por seu dono quando apresentou sinais de decadência"<sup>96</sup>. Ao pragmatismo, totalmente sincronizado com a realidade cultural da Europa de então, pode ser atribuído a seguinte observação: "Em lugar de se construírem igrejas teria sido mais cristão formar associações para melhorar a sorte dos negros que, quando libertos, não têm meios de prever e prover a própria subsistência, ou então para impedir que tantos rapazes se entreguem à vadiagem e tantas moças sejam levadas à prostituição"<sup>97</sup>. Gardner encontrou uma "pequena aldeia chamada Espigão, com cerca de doze casas esparsas, pertencentes a gente de cor"<sup>98</sup>. Havia africanos que possuíam pequeno negócio; "em Duas Pontes...uma das casas era pequena venda, pertencente a um negro que me informou ser natural da África"<sup>99</sup>. Outrossim, para os mulatos, a pobreza era também inescapável: "Os habitantes dos termos são quase todos mulatos pobres e sem instrução"<sup>100</sup>. Reafirmar o caráter mais flexível da estrutura social das Minas é, nesse sentido, considerá-la "democrática na miséria que soube dis

---

(95) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Obra citada, página 114.

(96) Idem, *Ibidem*, página 122.

(97) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 81.

(98) GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 193.

(99) Idem, *Ibidem*, página 206.

(100) D'ORBIGNY, Alcide. *Obra citada*, página 131. O autor refere-se aos termos das Minas Novas.

tribuir entre um maior número de indivíduos" e reconhecer a extrema opressão vivenciada pelos "pés-rapados"<sup>101</sup>. A distância social permanecia marcante, recriando todo um universo mental informador de práticas sociais díspares, já que movidas por naturezas simbólicas opostas: "Depois do jantar, cobriram a mesa de doces saborosos; quando, desejando erguer um brinde à dona da casa, elogiei suas habilidades e disse-lhe que, sem dúvida, as compotas tinham sido preparadas sob sua orientação imediata, ela assegurou-me o contrário, acrescentando que sua negra era encarregada de todas as espécies de trabalhos domésticos. Percebi, ou imaginei que se melindrara com a minha observação, e tentei justificar-me, dizendo que as senhoras inglesas se ocupavam pessoalmente de todos os afazeres domésticos"<sup>102</sup>. Nas regiões de pecuária, contudo, "os escravos são, com efeito, bem menos necessários do que naquelas onde se extrai o ouro e se cultiva a cana-de-açúcar. Não são necessários muitos braços para cuidar do gado, e quanto menos escravos há no lugar, menos pejo têm os homens livres de fazer trabalho pesado ... Os filhos dos fazendeiros se dedicam todos ao trabalho"<sup>103</sup>. Quanto menor a presença do africano, maior a rusti

---

(101) MELLO e SOUZA, Laura de. *Os Desclassificados do Ouro*. Obra citada, página 216. Os "pés-rapados, constituíam uma imensa multidão de oprimidos pelas extorsões de todos os gêneros". LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Obra citada*, página 82.

(102) MAWE, John. *Obra citada*, página 115. "A nobreza de ofício e a do dinheiro eram evidentemente uma minoria que se concentrava nas vilas ou em suas imediações, nas grandes propriedades rurais". LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Obra citada*, página 82.

(103) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 55.

cidade e o afastamento das preocupações com o cultivo do espírito. Em "S. João, o povo geralmente mais sujo é também menos civilizado. Nesta última, os habitantes do campo aplicam-se mais à agricultura. Trabalham com seus negros e possuem, necessariamente, algo da rusticidade das ocupações. Os homens, que, ao contrário, ocupam-se da mineração e apenas vigiam os escravos, nada trabalham e têm mais ocasião de conversar e pensar. Sua educação é mais cuidada e zelam mais pela dos filhos"<sup>104</sup>. Não deixa de ser interessante, o fato de esse viajante estar, em certos passos, bastante preocupado com a pouca disposição dos mineiros para o trabalho e, em outros, reconhecer que o tempo livre era condição para o desempenho de atividades tidas como superiores<sup>105</sup>. E de fato, não surgem como incompatíveis a valorização do trabalho com o reconhecimento da superioridade das ocupações mentais. Formados pelo caldo cultural europeu, esses viajantes, não aprenderam apenas a ética do labor, absorveram, também, como natural, o processo

---

(104) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*. Obra citada, página 38. "Embora estes homens laboriosos se façam pelo caráter hospitaleiro, afetuoso, inimigo de querelas, neles há uma espécie de rusticidade grosseira que os torna bem diferentes dos habitantes de Minas Gerais". DENIS, Ferdinand. *Obra citada*, página 380.

(105) Segundo Adorno, a negação da cultura em relacionar-se com o processo real da sociedade, pensando-se de forma antônoma esquece que a sua liberdade depende, "da disposição sobre o trabalho de outros." ADORNO, T. W. *Prismas. La Crítica de la Cultura y la Sociedad*. Tradução espanhola, Barcelona, Ediciones Ariel, 1962, páginas 14 e 15.

de degradação do trabalho<sup>106</sup>. Embuídos do reconhecimento da beleza civilizatória dessa dupla face da sociedade capitalista, quando esconjuram a indolência, estão referindo-se, sempre, àqueles cuja pertinência social ultrapassou os estratos dominantes. Os principais preguiçosos são os homens livres, sem lugar social definido; quanto aos escravos, labutam até "nos momentos de lazer"<sup>107</sup>. Assim, determinados atributos, tais como hospitalidade, reconhecida nos brasileiros em geral e nos mineiros em particular, são tidos como qualidades inerentes ao atraso, pois "os povos civilizados são menos hospitaleiros do que os povos atrasados"<sup>108</sup>.

---

(106) "O trabalho deve, ao contrário, ser executado como um fim absoluto por si mesmo - como uma "vocação". WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução portuguesa, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1967, página 39. Já na "divisão manufatureira do trabalho opõem-lhes (aos trabalhadores) as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade de outrem e como poder que os domina". MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Tradução portuguesa, Livro Primeiro, Volume I, 2ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1971, página 413. "Não é o operário quem utiliza os meios de produção; são os meios de produção que utilizam o operário". MARX, Karl. *O Capital. Livro I. Capítulo VI* (inédito). Tradução portuguesa, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978, página 19.

(107) "Formou-se, antes, uma "ralê" que cresceu e vagou ao longo de quatro séculos: homens a rigor dispensáveis, desvinculados dos processos essenciais à sociedade. A agricultura mercantil baseada na escravidão simultaneamente abria espaço para sua existência e os deixava sem razão de ser". FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. 2ª edição, São Paulo, Editora Ática, 1976, página 14. A expressão é de John Mawe, já citada na nota 79.

(108) FRIEREYSS, G. W. - *Obra citada*, página 50.



4 - A EUNUCIAÇÃO DO PERFIL

A diferença entre a afabilidade dos mineiros e a grosseria dos europeus, instalados nas terras das Gerais, foi realçada, sobremaneira, pelos viajantes: "apresentei-me à casa deste homem, a quem encontrei estendido sob o seu balcão. Nem mesmo se levantou para me receber ... Combinei com o homem voltar à noite, mas quando me apresentei, disse-me que estava deitado ... Não me espantei, porém, quando soube que o Sr. Machado era europeu"<sup>109</sup>. Em se tratando, contudo, de homens de extração social modesta a polidez era notada: "Em geral no tocante à polidez não é demais fazer o elogio dos soldados do regimento de Minas. Todas as vezes que me encontrei com alguns deles, deparei modos extremamente delicados e de todo diferentes dessa rusticidade grosseira que caracteriza frequentemente o soldado europeu"<sup>110</sup>. Enfim, os viajantes julgaram encontrar "na terra hospitaleira de Minas Gerais",

---

(109) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Obra citada, páginas 42-43. Em outras passagens, o mesmo autor afirma: "... Entrei em sua casa ... e não somente não me fez a menor delicadeza, me ofereceu o mais ligeiro préstimo... Tais modos ... não me surpreenderam quando soube que o homem que assim procedera era um europeu". Idem, *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Obra citada, página 113. "Como já tive muitas vezes ocasião de observar, os negociantes europeus estabelecidos no Brasil são quase todos grosseiros e sem educação". Idem, *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*, Obra citada, página 43.

(110) Idem, *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Obra citada, página 25.

grande amabilidade, gentileza, educação, simplicidade e, muitas vezes, certa rusticidade, mas nunca frieza<sup>111</sup>. Dessa maneira, os mineiros poderiam ser enquadrados na construção de Sérgio Buarque de Holanda, para quem a "contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade" centrada em comportamentos de natureza predominantemente emotiva e entendida a partir da ojeriza às práticas sociais ritualísticas<sup>112</sup>. Nes

---

(111) Retiramos de SAINT-HILAIRE a expressão "terra hospitaleira de Minas Gerais". *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 61. "Não encontrei em nenhuma parte do Brasil sociedade mais escolhida e mais agradável: pode-se dizer que é a corte do Distrito Diamantino. As suas maneiras não são cerimoniais, nem usam os requintes da corte, mas sua conduta geral é de pessoas gentís e bem educadas, animadas por um bom humor espontâneo, que a afeabilidade do chefe, de sua senhora e filhas sempre procuram conservar". MAWE, John. *Obra citada* página 159. "...O que se pode censurar nos habitantes desta parte da província é uma espécie de rusticidade irônica que contrasta singularmente com essa polidez simples e afetuosa dos moradores de Sabará e Serro Frio". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Obra citada, página 117.

(112) HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 4ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963, páginas 136-137. Ao classificar o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, Dante Moreira Leite afirma que, ao lado de Cruz Costa, a produção de Sérgio pode ser colocada numa etapa intermediária, pois, "se de um lado, continuam presos a um esquema ideológico - pois continuam a pensar em características psicológicas como determinantes da vida social ou da história do pensamento - de outro prenunciam a nova etapa. É por isso que Sérgio Buarque de Holanda tende a considerar o homem *cordial* como figura do passado, a ser superada pelas novas condições de vida". LEITE, Dante Moreira. *Obra citada*, página 310.

se sentido, talvez não fosse exagerado afirmar que, os mineiros percebidos pelos viajantes, situam-se no cerne de concepções de cunho cultural, como as que aparecem na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Ou pelo menos que as considerações sobre Minas forneceram material importante, para a confecção dos tipos culturais. É preciso ressaltar, todavia, que a cordialidade, presente em *Raízes do Brasil*, foi tecida a partir da noção de predomínio, no passado, dos "contatos primários" na vida social brasileira, mas já em franco processo de deslocamento, por ideologias autoritárias e pelo Estado Centralizador<sup>113</sup>. É por essa via, que o autor caminha para a natureza dos princípios liberais no Brasil, que "têm sido uma inútil e onerosa superafetação", o que faz dessa obra, menos uma análise do caráter nacional e mais uma reflexão, ao lado de tantas outras, das especificidades da formação social brasileira<sup>114</sup>.

Na literatura de viagens do século XIX aparece em plano secundário um tipo social brasileiro, a ênfase está na caracterização dos perfis regionais portanto, por vezes localizada em traços biológicos e sociais mais universais, frequentemente concentrada em tratar das particularidades psico-

---

(113) Os contatos primários enquanto tipificador da teia social no Brasil pode ser localizado na página 136 de *Raízes do Brasil*. A respeito das ideologias autoritárias e do Estado centralizador ver Capítulo VII.

(114) HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, página 184. Sobre as peculiaridades do liberalismo brasileiro podem-se consultar, entre outros: SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. Obra citada. NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As desventuras do Liberalismo. Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984.

-sociais. Há descrições que perscrutam as semelhanças: "o mineiro, que, como seu antepassado, o paulista, ainda é o homem típico do Brasil"<sup>115</sup>. Em outras, buscam-se as singularidades: "os mineiros formam, por assim dizer, uma população à parte, entre a população brasileira";<sup>116</sup> em algumas, desponha toda uma região: "até bem recentemente, o Distrito Diamantino era uma região misteriosa a respeito da qual corriam muitas lendas"<sup>117</sup>. No geral as singularidades são marcantes: o habitante de Minas "não se distingue somente por sua sagacidade natural, por sua franqueza, por seus hábitos de hospitalidade, mas, depois do Rio de Janeiro, nenhuma região neste vasto império apresenta reunidas, melhor do que em Minas, tantos elementos próprios para desenvolver um movimento industrial favorável, e este graças a um juízo são, e uma perspicácia pouco comum"<sup>118</sup>. Isto é, a agudeza e o equilíbrio próprio ao espírito dos mineiros fornecem-lhe o preparo para implementar mudanças, inclusive econômicas, por terem "imaginação pronta e espírito ativo"<sup>119</sup>. Além disso, o mineiro é "inteligente", "independen

---

(115) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*.  
Obra citada, página 319.

(116) DENIS, Ferdinand. *Obra citada*, página 352. A presença de certos hábitos confere "ao mineiro um aspecto particular, que distingue de outros habitantes do Brasil". Idem *Ibidem*, página 370.

(117) D'ORBIGNY, Alcide. *Obra citada*, página 136.

(118) DENIS, Ferdinand. *Obra citada*, página 352.

(119) Idem, *Ibidem*, página 360. "Minas Gerais se assinala, dizem, pela inteligência e energia de seus habitantes; talvez pelo efeito dum clima menos ardente, estando as pequenas cidades dessa província quase todas situadas nos altos chapadões das serras e gozando de um ar mais fres-

te e confiante em si"<sup>120</sup>. A presença de tais atributos não exclui, contudo, grande reserva e certo acanhamento; "o paulista, embora reservado, sente-se mais à vontade com os estrangeiros do que seu primo (mineiro); este último pode ser descrito como acanhado ... Ambas as províncias são igualmente hospitaleiras ... o paulista tira o chapéu, dá um bom dia cordial e responde de boa vontade a todas as perguntas. O mineiro nos olha bem antes de tirar o chapéu, muitas vezes sua mão fica suspensa ... imaginando, infantilmente, se o estranho irá, ou não, corresponder o cumprimento"<sup>121</sup>. Durante a sua estadia em Vila Rica, Freireyss encontrou dificuldades para estabelecer relações fáceis com as pessoas que aí viviam, pois, "é necessário conhecer bem os costumes exteriores da vida, da religião, etc., para viver bem com a população"<sup>122</sup>. Os sertanejos o demonstravam: "profunda indiferença por tudo o que existe além da sua solidão, é o sinal distintivo do seu caráter"<sup>123</sup>. Nas

---

(119) CONT.- co e estimulante do que o que se respira no litoral". AGASSIZ, Luiz' e AGASSIZ, Elizabeth Cary, *Viagem ao Brasil*. (1865-1866). Tradução portuguesa, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935, página 93.

(120) "Quando percorri a parte oriental da Província de Minas, deixando-me conquistar...por sua cortesia e inteligência". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 119. "O mineiro tem capacidade de trabalhar muito comendo muito pouco, mas compensará plenamente um jejum prolongado. Independente e confiante em si". BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. Obra citada, página 325.

(121) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. Obra citada, página 335.

(122) FREIREYSS, G.W. *Obra citada*, páginas 45-46.

(123) DENIS, Ferdinand. *Obra citada*, página 384.

pequenas vilas do interior, "a população habitual ...é, em via de regra, composta de gente de cor, vendeiros e trabalhadores. Naturalmente sôbrios e estranhos às necessidades geradas por nosso clima"<sup>124</sup>. Os fazendeiros que, juntamente com os proprietários das minas pertencem ao estrato social superior, vivem rodeados por muita simplicidade, levando uma vida que pode ser definida como sôbria: "descrever uma das fazendas da Comarca de S.João significa descrever todas, pois em geral são construídas segundo o mesmo modelo. Um muro de pedras rústicas mais ou menos da altura de um homem cerca um pasto bastante vasto, no fundo do qual se enfileiram as choças dos escravos, os galpões para beneficiamento ou depósito dos produtos agrícolas e a casa-grande. Esta, de pau-a-pique e coberta com telhas é construída ao rés-do-chão. A sala é a primeira peça que se encontra ao entrar, e seu mobiliário consiste unicamente de uma mesa um par de bancos e uma ou duas camas descarnadas. Dificilmente deixa de haver distribuídos ao redor da sala, vários porta-chapéus, onde se penduram também as selas, rédeas, chicotes etc..."<sup>125</sup>. Nesse ambiente provinciano, seria natural que se desconfiasse dos estrangeiros: "ter-me-ia sido agradável ficar com eles mais um dia ou dois ... mas me contive para não

---

(124) D'ORBIGNY, Alcide. *Obra citada*, página 146.

(125) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. *Obra citada*, página 56. "Paramos numa fazenda cujo dono está ausente ... Seus negros ... À noite abriram-se a sala para que ali fizesse a minha cama. Tive, por conseguinte, ocasião de ver o interior e achei-o igual ao da maioria das habitações sede da Comarca, quer dizer, quase nu". *Idem. Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. *Obra citada*, página 36.

fazer pedido de tal ordem, porque desconfiei haverem suspeita do das minhas intenções"<sup>126</sup>. O provincianismo manifesta-se, também, na acentuada aversão por viagens marítimas, mas em compensação "gostam de viajar por terra"<sup>127</sup>. O desprezo pelo mar pode residir no desconhecimento das grandes vastidões oceânicas, mas pode, igualmente, representar dificuldade de adaptação diante da volatilidade das ondas apontando para a existência de um contexto social cuja "força dos costumes" é grandemente acentuada<sup>128</sup>. Daí, o apego às tradições que, no nível das relações familiares e inter-sexuais, redundam em moralismo: "falou-se muito sobre a França, e me perguntaram se era verdade que lá as mulheres eram tão livres quanto tinha afirmado um outro francês que por ali passara antes. Confirmei as palavras do meu compatriota, e as informações pareceram de tal forma estranhas a eles que um dos presentes exclamou, levando as mãos à cabeça: Deus nos livre de tamanha desgraça!"<sup>129</sup>. Em suma, a ambiência mineira retratada pelos viajantes, apresenta características próprias de sociabilidade por reproduzirem, momentaneamente nas zonas rurais, um quadro cultural que tende à cristalização. Na opinião de Denis, o fato de as Minas estarem situadas "no centro do Império, e, por este motivo, em contato menos imediato com os europeus, os velhos costumes portugueses têm-se aí conservado, ao menos em parte, na sua primitiva sin

---

(126) MAWE, John. *Obra citada*, páginas 144-145.

(127) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. *Obra citada*, página 85.

(128) Expressão retirada de Saint-Hilaire, *Ibidem*, página 132.

(129) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. *Obra citada*, página 90.

geleza"<sup>130</sup> Se é verdade, que as capitanias litorâneas encontravam-se melhor localizadas no sentido da abertura para o exterior, não se pode esquecer que a região mineradora, era vista como a capitania mais importante, durante o século XVIII. Ainda que não respaldado pela realidade, aos olhos da Coroa portuguesa, como vimos, a cobiça e as preocupações voltavam-se predominantemente, para o centro da Colônia Brasil<sup>131</sup>. Por isso, uma vez que grande parte dos esforços dos colonizadores se dirigiam para aí, é de se supor que o isolamento não fosse tão grande, mesmo porque, primordialmente urbana, a sociedade mineradora exigia o desenvolvimento de vasta rede de trocas, capaz de supri-la de alimentos e de produtos manufaturados<sup>132</sup>. Ca

(130) DENIS, Ferdinand. *Obra citada*, páginas 369-370.

(131) "De verdade, é digno de nota o fato de que mesmo no momento em que as exportações atingiram o índice mais alto, em 1760, e o ouro atingiu o seu pico, o valor das exportações de açúcar ainda superou o valor do ouro, tanto que, do total de 4 milhões e 800 mil esterlinos, o açúcar produziu 2 milhões e 400 mil e, o ouro, 2 milhões e 200 mil". ARRUDA, José Jobson de Andrade. *O Brasil no Comércio Colonial*. São Paulo, Editora Ática, 1980, página 610.

(132) "Pela primeira vez no Brasil aparecem intenso comércio interno de artigos de subsistência; a circulação dos gêneros obrigou à abertura de vias de penetração no sertão, à criação de um sistema de transportes, baseado no mar. Foi no oitocentos, em função do abastecimento das minas, que surgiram os mais importantes caminhos do Brasil Colonial". ZEMELLA, Mafalda P. *O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII*. Boletim nº 118 da FFCL da Universidade de São Paulo e nº 12 da História da Civilização Brasileira, São Paulo, 1951, p. 263..



so as Minas fossem verdadeiramente insulares, ficaria difícil explicar a efervescência cultural setecentista ou, pelo menos, entender o caráter dos movimentos artísticos e literários, que produziram expressões genuínas a partir de molduras externas.

Pensamos, por isso, poder localizar nas peculiaridades mineiras uma tendência a resistir às mudanças. A tão decantada soviniça dos geralistas, cuja "mania de poupança não se coaduna absolutamente com o caráter em geral imprevidente dos brasileiros", deve resultar da combinação entre a falta de solidez da atividade mineradora e as especificidades da agricultura, desenvolvida pós período decadente<sup>133</sup>. O fato de certas particularidades serem assenhoreadas no plano das construções simbólicas, faz originar concepções que tracejam tipos culturais definidos, capazes de gestar ou um esboço borrado - o caráter do brasileiro - ou um desenho nítido e nuançado - o caráter do mineiro. Entre um e outro criam-se sub-tipos: "um, expansivo, inflamável, categórico nas afirmações e o outro, retraído, prudente e conciliador"<sup>134</sup>. Do desenvolvimento da segunda categoria, emerge a figura do mineiro: retraída e pen-

---

(133) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 126. "A cozinha era mero buraco sujo, enegrecido pela fuligem e pela fumaça, que impregnavam o ambiente, com o chão lamacento; os utensílios de cozinha reduziam-se à panela de barro, colocada sobre três pedras e aquecida por um fogo de lenha verde. Era considerado um homem riquíssimo". MAWE, John. *Obra citada*, página 118 "... Possuía mais de cem mil cruzados. Era um miserável como atestavam toda a sua aparência e o seu vestuário, velho e dos mais grosseiros". GARDNER, George. *Obra citada*, página 223.

(134) AZEVEDO, Fernando de. *Obra citada*, página 229.

dente, ao estender as maos em feitiço cismarento e ao hesitar em esbanjar suas economias; conciliadora, nada categórica, quando "apesar de conservador era ajudado pelas autoridades liberais"<sup>135</sup>. A compreensão dessa matriz ideológica pressupõe percorrer as transformações que, no conjunto, respondem pela constituição de Minas e dos mineiros em personagens entremeadas numa teia complexa<sup>136</sup>. Profundamente entretecido na sua história, "o espírito de Minas" visita e hospeda a história brasileira<sup>137</sup>. Como, quando e porquê coabitam é tema que estará no centro das nossas reflexões posteriores. Entendemos, portanto, que o "mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico"<sup>138</sup>. Impõe-se, por isso, perscrutar a intimidade de uma história, que subjaz a um tipo de discurso, buscando evitar explicações que derivam da teia social imediata, o imaginário. "Falamos do imaginário quando queremos falar de alguma coisa "inventada" - quer se trate de uma invenção "absoluta" ("uma história imaginada em todas as suas partes"), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido,

(135) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. Obra citada, página 307.

(136) Analogia inspirada em Braudel para quem "uma nação em curso de se fazer, ou de se refazer não é uma personagem simples". BRAUDEL, Fernand. *L'identité de la France. Espace et Histoire*. Paris, Arthand-Flammarion, 1986, página 12.

(137) Palavras de Drumond de Andrade, Carlos. "Prece de Mineiro no Rio". *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1973, página 304.

onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações "normais" ou "canônicas"... Nos dois casos, é evidente que o imaginário se separa do real ..."<sup>139</sup>. Nesse sentido, entre imaginário e simbólico estabelecem-se relações de dupla-mão, onde aquele utiliza-se dos símbolos "para existir, para passar do virtual a qualquer coisa a mais", e este, inversamente, "pressupõe a capacidade imaginária"<sup>140</sup>. O imaginário mineiro pronto e elaborado - a mineiridade - que remanesce, por certo, no manancial da história de Minas, superpôs ao tempo inerente à vida, o seu próprio tempo, esquadrinhando portas alheias.

*"Através de grossas portas,  
sentem-se luzes acesas,  
— e há indagações minuciosas  
dentro das casas fronteiras:  
olhos colados nos vidros,  
mulheres e homens à espreita,  
caras disformes de insônia,  
vigilando as ações alheias.  
Pelas gretas das janelas,  
pelas frestas das esteiras,  
agudas setas atiram  
a inveja e a maledicência.  
Palavras conjeturadas  
oscilam no ar de surpresas,  
como peludas aranhas*

---

(139) CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Obra citada, página 154.

(140) Idem, *Ibidem*, página 154.

na gosma das teias densas,

E a vizinhança não dorme:  
murmura, imagina, inventa.  
Não fica bandeira escrita,  
mas fica escrita a sentença<sup>141</sup>

---

(141) MEIRELES, Cecília. *Obra citada*, páginas 79-81.

C A P I T U L O I I I

O E N L E I O D O I M A G I N A R I O

## 1. RITUALISMO

A sentença escrita e a bandeira abandonada vibraram sobre os mineiros, como a espada de Dâmocles. A identidade de Minas começou a ser gestada a partir da experiência de uma derrota, e, pois, dentre os elementos mais significativos da construção mítica, está o ideário da inconfidência. Tiradentes, sobretudo, mas também seus companheiros, foram rodeados pela aura, que costuma envolver aqueles considerados heróis da nacionalidade. A personificação de Minas e a singularidade atribuída aos mineiros ficaram atravessadas pelos destinos dessas personagens, engolfadas pela mística de quem "atrás do vício em liberdade corra"<sup>1</sup>. A idéia de que os mineiros reagem a todas as formas de despotismo, em nome da liberdade, foi inspirada nos acontecimentos desenrolados no final do século XVIII: "As minas, ... desde cedo se inclinam ao autonomismo, se tornam insubmissas, prezando a auto-suficiência"<sup>2</sup>. Autonomismo e insubmissão expostos de maneira tão abrangente, podem servir aos mais diferentes desígnios, criando, em princípio, abertura no plano da significação, mas neste caso, a tendência é para o fechamento do leque, uma vez que, agrega-se o advérbio - "desde cedo". É possível entrever-se, também, a ligação com a origem: a economia do ouro e a tentativa separatista. Daí, os ensaios de interpretação de Minas verem as "manifestações do espírito de Minas" que se precisavam no século XVIII, quando do

---

(1) GONZAGA, Tomás Antonio. "Lira 93". In: *Obras Completas*. Edição Crítica de Rodrigues Lapa, Rio de Janeiro, 1942. (Grifos nossos).

(2) VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade. Ensaio de caracterização*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968, página 22.

apogeu do ciclo do ouro"<sup>3</sup>. Foi na ambiência mineira setecentista que os ensaístas, codificadores definitivos do mito, foram buscar a gênese da mineiridade, entalhada no ouro que brotava das Minas, na exaltação dos inconfidentes mesclados num reconhecimento superlativizado da efervescência cultural. Os versos que se seguem são primorosos nesse sentido:

*"Atrás de portas fechadas,  
ã luz de velas acesas,  
entre sigilo e espionagem,  
acontece a Inconfidência.  
E diz o Vigário ao Poeta:  
"Escreva-ma aquela letra  
do versinho de Vergílio..."  
E dá-lhe o papel e a pena.  
E diz o Poeta ao Vigário,  
com dramática prudência:  
"Tenha meus dedos cortados,  
antes que tal verso escrevam..."  
Liberdade, Ainda Que Tarde,  
ouve-se em redor da mesa.  
E a bandeira já está viva;  
e sobe, na noite imensa.  
E os seus tristes inventores  
já são réus - pois se atreveram  
a falar em liberdade  
(que ninguém sabe o que seja).  
Através de grossas portas,*

---

(3) LATIF, Miran de Barros. *As Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1960, página 212.

Sentem-se, luzes acesas,  
— e hã indagações minuciosas  
dentro das casas fronteiras.  
"Que estão fazendo, tão tarde?  
Que escrevem, conversam, pensam?  
Mostram livros proibidos?  
Lêem notícias nas gazetas?  
Terão recebido cartas?  
de potências estrangeiras?"  
(Antiguidades de Nêmes  
em Vila Rica suspensas!  
Cavalo de La Fayette  
saltando vastas fronteiras!  
O'vitórias, festas, flores  
das lutas da Independência!  
Liberdade — essa palavra  
que o sonho humano alimenta:  
que não hã ninguém que explique,  
e ninguém que não entenda!)"<sup>4</sup>.

No sigilo das grossas portas fechadas, nascia o ideário de li  
berdade dos inconfidentes — *utopia prudente de poetas e do*  
*clero* — que trouxeram Vergílio para a colônia, que ousaram  
saltar as fronteiras do isolacionismo cultural e político e  
criaram uma atmosfera carregada por pontos em suspensão, a re  
produzir a vitória na derrota, a sobrevivência na morte, a tra  
dição na ruptura. E de fato, a partir desses episódios, a tra

---

(4) MEIRELLES, Cecília. "Romance XXIV". *Romanceiro da Inconfi*  
*dência. Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam*. Rio de  
Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, páginas 80-81.



dição de Minas é inventada, ao estabelecer uma ligação com o passado através dos fios da continuidade<sup>5</sup>. Em suma, a identidade de Minas nasceu de uma derrota, e daí o seu caráter vitorioso, permitindo aos mineiros cultivar a sua própria permanência no desenlace da vida, de onde advém a tradição ritualizada. Dom Quixote, similarmente, buscou no ocaso de um estilo de vida a identidade cavalheiresca e, nesse passo, a conexão estabelecida pelos mentores da mineiridade entre Minas e Castela, passa a ser entendida no plano da significação mítica: "O mineiro, nos árduos trabalhos de lavra, adquiriu a imaginação e os arrojos de entusiasmo romântico de um verdadeiro Quixote"<sup>6</sup>. Concomitantemente, a prudência, que se manifesta no poema reproduzido acima sob prisma dramático, drama nascido da antinomia entre liberdade e ponderação, aparece, na literatura dedicada a elaborar o perfil dos mineiros, encarnada na personagem de Sancho Pança: "o "alterosomontanhês" também adquiriu as ponderações de Sancho. O ouro de Minas dera em Quixotes, quando na ânsia de achá-lo, e dera também em Sanchos, quanto ao receio de perdê-lo. E sobre estes dois aspectos, a montanha - as "alterosas" das plataformas políticas -- conservou, até hoje, o "espírito das Minas" como precioso reservatório de

(5) "Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado". HOBBSAWM, Eric. "A invenção das tradições". In *A Invenção das tradições*. Eric HOBBSAWM e Terence RANGER, Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984, página 9.

(6) LATIF, Miran de Barros. *Obra citada*, página 210. Sobre a segunda morte da cavalaria, ver: HAUSER, Arnold. *Historia Social de la Literatura y el Arte*, Trad. port., Madrid, Ediciones Guadarrama, 1969, páginas 63 e seguintes.

valores humanos"<sup>7</sup>. Passagens como essa ilustram como o imaginário sobre Minas vai sendo tecido, elucidando uma das dimensões significativas da construção mítica, qual seja, aquela que enfatiza, como inerente aos mineiros, o papel de vislumbrarem o futuro, mas fugindo dos projetos que envolvam grandes riscos e dentro de parâmetros bem circunscritos, que implicam, portanto, moderação.

Das características especiais dos mineiros passa-se, nesses trabalhos, para as elocubrações sobre o papel dos políticos montanhese na sociedade brasileira: "Quando políticos, os mineiros sempre temperaram o entusiasmo romântico - tão necessário para se vislumbrar e tentar alguma coisa, neste imenso país ainda mal alinhavado - com a ponderação realista. Tornaram-se assim elementos de equilíbrio indispensáveis ao governo central"<sup>8</sup>. Isto é, aos mineiros conferiu-se uma missão, que "não é apenas preservativa e conservadora. É reformadora"<sup>9</sup>. Nessas concepções, o equilíbrio dos mineiros moldaria o corpo do país, visto ter este feição inorgânica. Nesses casos, na simbiose entre Quixote e Sancho, a figura pesada do último teria proeminência sobre o primeiro, porque o pragmatismo, para ser predominante, - não há reforma sem visão prática - precisa desalojar os devaneios quixotescos. É interessante notar que se constrói o traço de equilíbrio dos mineiros sobre a seara de uma experiência, que foi lida como a nossa grande utopia

---

(7) LATIF, Miran de Barros. *Obra citada*, páginas 210-211.

(8) Idem, *Ibidem*, páginas 211-212.

(9) LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas. (Ensaio de Sociologia Regional brasileira)*, São Paulo, Abril Cultural, 1983, página 120.

libertária. Ora, do ponto de vista lógico, tal combinação implica em assumirem-se termos inerentemente contraditórios. Ou bem é liberdade e, nesse sentido, há uma tendência ao absoluto e, para parodiar o verso de Cecília Meireles, há algo de inapreensível, de inexplicável, nos fluxos absolutistas e que só podem ser apreendidos no plano das sensações; ou bem é ponderação e equilíbrio, que implicam, sempre, no delimitar fronteiras.

Nesse tipo de discurso, perdeu-se, assim, o verdadeiro caráter da liberdade que a vivência da derrota poderia ter gerado. A liberdade assume feitiço mais livre, exatamente ~~quando é vencida, pois a rigidez do processo põe termo a~~ din mica criadora, que se perde na cristalização<sup>10</sup>. Os mineiros foram Quixotes no passado. Hoje são Sanchos e parecem não querer recompor os desatinos do cavaleiro andante. Recusam brandir as suas lanças em direção aos moinhos de vento, cavalgam, ao contrário, seguros em busca dos alvos certos. Aliás, o mineiro-Quixote quando emerge nessas visões, faz-se acompanhar por seu fiel escudeiro e, talvez não seja casual que, nas expressões literárias, o cavaleiro apareça solitário<sup>11</sup>. Em *Grande Sertão: Veredas* onde "o mundo idealizado da cavalaria faz parte indissolúvel da matéria tratada no romance"<sup>12</sup>, Riobaldo, a

(10) Lembramos, nesse passo, as reflexões de Hannah Arendt sobre o tesouro perdido das experiências libertárias, quando se consolidam. ARENDT, Hannah. *On Revolution*. London, Penguin Books, 1973. Especialmente, Capítulo VI: "The Revolutionary Tradition and Its Lost Treasure".

(11) Remetemos para um trecho da obra *Chão de Ferro* de Pedro Nava reproduzido na parte 3 do Capítulo I desse traba-

figura central da obra, possui um quê de precaução, que se expressa nas entrelinhas das suas hesitações. Ele não consegue rompê-las *in totum*, ultrapassa-as em parte, quando estabelece o pacto com o demônio e, principalmente, pelo chamamento do indefinível encarnado em Diadorim, cuja essência feminina contida numa externalidade masculina, cria o fluido espaço da ambigüidade. Por isso, ele pode dizer: "Diadorim é a minha neblina..."<sup>13</sup> Tiradentes, em sentido contrário, não enevoou as montanhas de Minas, tornou-as, isso sim, mais translúcidas e grandiosas; por meio dele, elas tentaram fazer-se visíveis das planícies. Caberia indagar-se, então, por que dentre os movimentos separatistas foi exatamente o de Minas, o menos profundo do ponto de vista social, a permanecer na memória como a grande tentativa de erigir-se a liberdade do Brasil<sup>14</sup>. O fato

---

(13) ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 18ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985, página 23.

(14) Carlos Guilherme Mota aponta as diferenças na composição social dos integrantes do movimento mineiro e do bahiano: "A análise da extração social dos revolucionários indica, claramente, que em Minas a inquietação está lastreada pela propriedade (de lavras, de terras de lavoura, de gado e de escravos): a revolução é intentada por homens de posse. "Homens de possibilidades", diria Tiradentes...já na Bahia, em 1798, a inquietação é mais colonial que social, de "baixa esfera", pequenos artesãos, ex-proprietários de lavoura de cana, militares de baixo escalão". MOTA, Carlos Guilherme. *Atitudes de Inovação no Brasil. 1789-1801*. Lisboa, Livros Horizonte, s/d, página 124. O mesmo autor, em outro livro sobre o movimento de 1817, diz: "...há que anotar a existência de diferenças de matizes dentro da tendência anticolonialista no Nordeste Revolucionário. Para além da revolução descolonizadora dos proprietários havia uma outra, mais popular, mais radical". MOTA, Carlos Guilherme. *Nordeste 1817*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972, página 119. Grifos do autor.

de ter sido confeccionado por mentes ilustradas deve ter colaborado para isso, afinal o saber cria a sua própria tradição, além de ser manifestação de poder<sup>15</sup>. Mas seria possível agregarem-se ainda outras considerações, que se devem ligar às peculiaridades da sociedade brasileira, as quais tornam difícil a convivência com grandes dissensões; às especificidades regionais de Minas, que necessitam de um certo tipo de política, expressa nas práticas dos seus representantes; finalmente, ao fato mesmo de a inconfidência haver se transformado em elemento de elaboração mítica.

A existência do mito em si já se constitui numa resposta simbólica aos dois problemas anteriores. Com o mito recria-se a tradição, por meio de "um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição"<sup>16</sup>. Uma manifestação de cunho ritualístico dos mineiros pode ser encontrada no fato de gostarem de "falar sobre Minas"<sup>17</sup>. Há, além disso, todo o processo de criação de tradição, expresso no uso sistemá

---

(15) Retiramos de Foucault as relações entre saber e poder. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e Introdução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979.

Nas palavras de Bourdieu, seriam homens dotados de Capital Cultural. BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Organização e Introdução de Sérgio Miceli. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.

(16) HOBBSAWM, Eric. *Obra citada*, página 12.

(17) Fala de Affonso Romano de SANTANA, no painel "Minas, não há mais?" *I Seminário de Economia Mineira*. Diamantina, 1982. Folheto publicado em 1986, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, página 22.

tico da história, que serve de fonte legitimadora de práticas sociais e de material que integra as diferenças<sup>18</sup>. Esses discursos que, ao mesmo tempo, obscurecem e revelam a natureza da vida social, são momentos integrantes de uma dimensão ritualizada das práticas.

Nesse sentido, concordamos com Roberto da Matta que considera toda a vida social como sendo ritualizada ou, pelo menos, passível de ritualização, dado o seu caráter convencional e simbólico<sup>19</sup>. Por isso, segundo essa formulação, as distinções entre esfera do cotidiano e momentos rituais específicos, não são estabelecidas radicalmente, visto estarem ambos apoiados em convenções<sup>20</sup>. Os grandes eventos históricos, ou as personagens de relevo, saem da quotidianidade e, ao voltarem-se para ela, tornam-se particulares e históricos<sup>21</sup>. Quer se trate do ritualismo presente na vida cotidiana - no nosso exemplo, a necessidade dos mineiros em falar de Minas -, quer se refira à ritualização de um evento histórico - a morte de Tiradentes, comemorada nacionalmente no dia 21 de abril - estabeleceram-se dois sub-processos sociais de conteúdos significativos: 1)- proeminência da sub-cultura mineira em relação às demais; 2)- aparecimento de fortes laços de integração so-

---

(18) Conforme HOBBSBAM, Eric. *Obra citada*, página 21.

(19) Conforme MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1980, página 56.

(20) Idem, *Ibidem*, página 57.

(21) Conforme: HELLER, Agnes. *Historia y vida cotidiana. Aportación a la Sociología Socialista*. Tradução espanhola, México, Editorial Gryjalbo, 1985, página 42.

cial. Julgamos estar presente, no conjunto do ritualismo mineiro, esses dois sub-processos<sup>22</sup>.

A descrição jocosa, de Rubem Braga, sobre a dimensão ritualística no comportamento dos mineiros retrata, com fidelidade, o que vimos dizendo até agora: "Os mineiros, eu conheço os mineiros. É de vê-los, os mineiros, quando uma tarde se telefonam e se dizem - que a Vanessa chegou. Durante dois, três dias, sempre que se encontram na rua ou em um bar, eles se detêm um instante como duas formigas que se cumprimentam e anunciam que a Vanessa está aí. Eu jamais vejo Vanessa, ... Creio que nenhum deles namora Vanessa, mas a presença de Vanessa e mesmo a simples iminência da presença de Vanessa, é uma espécie de senha que os faz estremecer. Às vezes vem Milton, às vezes vem Abgar, e sinto que Rodrigo telefona a Afonso e a Drumond. Ainda não me expliquei é como vem Emílio Moura. É difícil supor Emílio Moura numa poltrona de avião ou mesmo dentro de um trem. Parece que Emílio Moura se desencarna em Minas e se reencarna lentamente nas imediações da casa de Fernando Sabino. Então se faz anunciar ... Lentamente vão chegando Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Hélio Pelegrino, Marco Aurélio Matos, a quem Emílio diz com doçura — "estive ontem com seu pai".

"Uma vez eu estava presente - mas de súbito compreendi que se ia realizar um *rito exclusivamente mineiro* e achei melhor me retirar. Eles ficam sussurrando ... Fala-se pouco de

---

(22) Durkheim analisa o papel dos mitos e da atividade ritual na atribuição de dignidade social e na confecção da coesão grupal. DURKHEIM, E'mile. *Las formas elementales de la vida religiosa*. Tradução espanhola, Buenos Aires, Editorial Schapire, 1968.

literatura, alguma coisa de política, dá notícias de pessoas

O mais que eles falam é segredo mineiro; suspeita-se de que debaixo do maior sigilo comentam, pessoas de Pernambuco, do Rio Grande do Sul e outros países estranhos e certamente bárbaros; tramam ocupar novos territórios capixabas e sonham com um porto de mar - pois assim são os mineiros.

"No fim de dois, de três dias, eu já posso ser admitido à presença de Emílio Moura (à presença de Vanessa nunca fui) e quase sempre ele nesse momento está dando notícias de algum filho de Minas. Eu fico quieto..."<sup>23</sup>

Ao longo desse trecho, pode-se perceber determinadas ações, que fazem parte integrante dos ritos. Logo de saída, opera-se a uma clara identificação das figuras sociais participantes do cerimonial, - os mineiros - que por estarem nomeados em forma genérica, criam, entre o escritor e o leitor, a sensação de estarem trabalhando com um único código, através da atribuição do mesmo significado. Quando o cronista inicia seu texto num estilo coloquial, oferece a impressão de estar transitando por via conhecida, para onde se dirige naturalmente, visto serem desnecessárias maiores explicações. Em seguida, ao dizer - "eu conheço os mineiros" - explicita os seus contatos com a confraria, permitindo que se entreveja certo privilégio de compartilhar de um segredo, não extensível a todos. O passo seguinte explicita mais claramente: "é de vê-los". Aqui o mistério começa a rondar o texto, o escritor sugere co-

(23) BRAGA, Rubem, "Almoço em Minas". *Diário Carioca*, 18 de janeiro de 1948, Reproduzido em *Brasil, Terra e Alma. Minas Gerais*. Carlos Drummond de Andrade (org.) Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1967, páginas 102 - 103. Grifos nossos.



nhecê-los, sendo, ao mesmo tempo, um convite aos leitores; recurso interessante principalmente por se tratar de matéria para jornal, cuja leitura não passa, no mais das vezes, de rápida vista d'olhos, antes do azáfama da vida diária. O deslanchar das palavras recria, noutro patamar, a idéia da confraria proprietária de um segredo: "sempre que se encontram... de têm um instante... e anunciam que Vanessa está aí". Os mineiros, objeto em questão, são portadores de uma senha cuja simples menção cria-lhes calafrios, e podem identificar-se nos simples arrepios, porque eles conhecem Vanessa. A mulher, nesse caso, sugere o enigma desvendado apenas por iniciados, indecifrável às outras mentes. O início do rito está representado pela chegada de Emílio Moura, que já vem envolvido numa mística, quase com poderes extra-humanos, ao assemelhar-se aos espíritos que desencarnam e voltam a reincarnar-se. O rito começado é excludente em relação a estranhos: "achei melhor me retirar". No desenrolar do rito, impera o cuidado: "o mais que eles falam é segredo mineiro". Confabulam sobre os outros, mas falam principalmente de si mesmos. Há clara alusão aos laços de identificação comum e de extrema solidariedade do grupo: "debaixo do maior sigilo comentam ... outros países estranhos e, certamente, bárbaros". A irmandade junta-se para maquinar, comportamento que os identifica, finalmente. A trama é da natureza dos mineiros: "pois assim são os mineiros". O cronista, após certo tempo, obtém a dádiva de ser aceito e é introduzido ao cerimonial: "eu já posso ser admitido à presença de Emílio Moura". Mas jamais participará da essência mais íntima da natureza ritual dos mineiros: "à presença de Vanessa nunca fui". Assim, resta-lhe o papel de coreógrafo: "eu fico quieto", isto é, eu não sou mineiro. A crônica termina com o mistério

envolvendo novamente o leitor, que se perguntará por Vanessa. O autor renova a cerimônia ao repor o segredo, deixando entrever a possibilidade de repetição do ritual e o caráter ritualístico do quotidiano dos mineiros. Tecnicamente, a crônica beira à perfeição por suscitar a curiosidade do leitor, que, provavelmente procurará com avidez nas páginas do dia seguinte o mistério de Vanessa. Em suma, é possível encontrar nessa descrição todos os componentes rituais. O estremecimento dos confrades, provocado pela imagem de Vanessa, assemelha-se às poses místicas como as dos seguidores das religiões afro-brasileiras. Emílio Moura ocupa a posição de chefe do cerimonial, pois a sua chegada anuncia a iminência do ritual. Ocorre, também, clara identificação entre os membros da ordem; apesar de individualizados, todos têm uma identidade comum, expressa no fato de serem mineiros. Estabelece-se, de outro lado, uma clivagem entre o grupo e os estranhos. Os outros são estrangeiros e bárbaros e, mesmo o autor do relato, transita numa zona intermediária, não chega a conhecer todas as nuances do ritual. Há nítida classificação dos seres, tal como no totemismo, cujas partes estão distinguidas e os contatos desenvolvem-se, sem que a integridade das partes seja obscurecida. Todavia, mantém-se a proeminência de uma das facções, aquela portadora do segredo, envolvendo os mineiros numa mística que trabalha na direção do reforço e não da neutralização do mito. Por tudo isso, acreditamos estar diante de um rito que promove a *integração*, pois os laços entre os seus membros tendem a reforçar os liames e a recriar a solidariedade comunitária<sup>24</sup>. Dessa for

---

(24) Roberto da Matta analisa a comemoração do dia da pátria do ponto de vista do reforço da hierarquia. *Obra citada* Capítulo I, especialmente, página 54.

ma, os iniciados vivem o universo da *communitas* em oposição ao da *societas*, gestando um tipo específico de solidariedade que se apóia nas semelhanças, por não nascer das diferenças<sup>25</sup>. Permanecem traços de um *ritual de iniciação*, apesar da incompletude na assimilação do estranho que, no caso, foi parcial. Por essa via, é possível recompor-se a escala da hierarquia social, onde o topo é ocupado pelo chefe do cerimonial, e na base aloja-se o estrangeiro. Nos ritos não ocorre total simetria das posições sociais; em todos os cerimoniais religiosos, como por exemplo, os da Igreja Católica, a revivescência do sacrifício de Jesus, durante a missa, recoloca, para além da idéia da comunhão, as gradações do conjunto. Deus está no centro dos acontecimentos, a hierarquia religiosa desempenha papel de intermediação entre Ele e os fiéis, e estes, humilde e respeitosamente, obtêm o privilégio de fazerem-se presentes na cerimônia. Restaria, ainda, considerar a dimensão tradicional desse rito. O reforço das semelhanças e o afastamento das diferenças, a presença da comunidade em oposição à sociedade, a definição de um caráter específico dos mineiros — presentes na noção de trama —, insuflam as ondas da compreensão no sentido do adensamento do rito, definidoras de uma forma de sociabilidade apoiada em relações primárias. É por isso que da leitura dos rituais podemos retirar as relações fundamentais da vida social<sup>26</sup>. "O ritual

---

(25) Retiramos de Durkheim os tipos de solidariedade social, onde distingue aquela apoiada nas similitudes, chamada *solidariedade mecânica*, da outra calcada nas diferenças, denominada por *solidariedade orgânica*. DURKHEIM, E'mile. *De la división del trabajo social*. Tradução espanhola, Buenos Aires, Editorial Schapire, 1967.

(26) Conforme Roberto da Matta. *Obra citada*, página 65.

é a colocação em foco, em *close up*, de um elemento e de uma relação"<sup>27</sup>. A partir do entendimento de um outro ritual mineiro, tentaremos tocar as feições de Minas.

A revivescência de Tiradentes retrata um rito de cunho político. O discurso de Tancredo Neves como presidente eleito pelo Colégio Eleitoral, em janeiro de 1985, é primoroso nesse sentido. "A História da Pátria, *que se iluminou através dos séculos com o martírio da Inconfidência Mineira*, que registra com orgulho, a força do sentimento da unidade nacional sobre as insurreições libertárias durante o Império"<sup>28</sup>. Aqui, a história brasileira constitui-se num desdobramento do movimento da Inconfidência. Como não há razão sem unidade nacional, foi a Inconfidência o berço do sentimento unitário e, pois, por meio dela, clarifica-se a história do Brasil. A reafirmação da tendência mineira para constituir a nacionalidade, por ter sido o berço de Tiradentes, subjaz também nessas palavras: "A democracia, no seu traço mais sensível, que é a liberdade, constitui, em Minas, uma predestinação histórica. *Curve-mo-nos a esse imperativo que nos vem do passado...*"<sup>29</sup>

(27) Conforme Roberto da Matta. *Obra citada*, página 65.

(28) "Discurso de posse de Tancredo Neves, no Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985". Reproduzido em SILVA, Vera Alice Cardoso & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Tancredo Neves. A Trajetória de um Liberal*. Petrópolis, Editora Vozes/Universidade Federal de Minas Gerais, 1985, página 290. Grifos nossos.

(29) "Discurso de posse de Milton Campos ao Governo do Estado de Minas Gerais". CAMPOS, Milton. *Compromisso Democrático*. Belo Horizonte, Secretaria da Cultura de Minas Gerais, 1951, página 6. Grifos nossos.

Filhos de Tiradentes - arquiteto da nação - são, os mineiros, os legítimos continuadores da obra iniciada por seus fundadores. Assim, os políticos mineiros confeccionam a grandeza da sua estirpe: "Ainda não expirava o século XVIII e Minas já era uma chama viva e incandescente de independência: de suas penhas e canhadas, de suas catas sangrando, *parte para o patíbulo e para a eternidade, intrépido e sereno, o Alferes Conjurado*"<sup>30</sup>. Com o advérbio 'ainda', tenta-se sublinhar a precocidade mineira na tecitura da independência. A frase seguinte, consegue ser mais forte; palavras que chamam a atenção para a intensidade do sentimento libertário dos mineiros, que não jorrava apenas do corpo do alferes esquartejado, mas também das suas minas. "Terra toda mexida, a água toda revirada"<sup>31</sup>. O patíbulo ronda como um espectro a perseguir todos os mineiros. Estabelece-se, por associação, certa contigüidade entre o martírio do inconfidente e o sacrifício dos montanhese, despontando, na passagem, um signo do tipo metonímico<sup>32</sup>. No destemor, porém suave, elabora-se a personalidade básica dos mineiros, fruto da combinação permanente da impetuosidade na tem

---

(30) "Discurso de posse de Tancredo Neves" na Academia Mineira de Letras, em 24 de fevereiro de 1983". *Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, 1983, página 12. Grifos nossos.

(31) MEIRELES, Cecília. "Romance VII ou Do Chico Rei". *Obra citada*, página 37.

(32) O princípio da contigüidade define os signos metonímicos. "Um fragmento de uma seqüência de conduta, tende... a simbolizar por contigüidade o todo do qual forma uma parte". VERÓN, Eliseo. *Ideologia, Estrutura e Comunicação*. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Cultrix, 1970, página 136.

perança, da força na serenidade, da harmonia na desorganização. "E o mineiro, sendo um conciliador, foi sempre um revolucionário. Todas as grandes revoluções do Brasil *partiram de Minas*. Desde Tiradentes até 1964"<sup>33</sup>. Haveria expressão maior para os mineiros, para além da glória de terem urdido os acontecimentos mais importantes da nação? Tiradentes, dessa forma, enleiou no seu destino a história de Minas e a do Brasil e, ao ser inserido no novo domínio, escreveu o futuro *com seu* sangue, flutuando *inominato*, riscando o desenho de sua trajetória de morto, que persiste vivo. A sina de viver a intemporalidade mítica, de movimentar-se na circularidade do tempo<sup>34</sup> de defrontar-se com

"— *amáveis sombras*  
*que aqui jogastes*  
*vosso destino*  
*na obrigatória,*  
*total aposta*  
*que às vezes fazem*  
*secretas vidas,*  
*por sobre-humanas*  
*fatalidades?"*<sup>35</sup>

---

(33) Entrevista de Tancredo Neves a Vera Alice Cardoso e Lucília de Almeida Neves Delgado. Reproduzido em: *Tancredo Neves. A Trajetória de um Liberal*. Obra citada, página 105.

(34) Sobre a circularidade do tempo mítico: GOUREVITCH, A. Y. "Le temps come problème D'Histoire Culturelle". In *Les Cultures et le temps*. Introdução de Paul Ricoeur, Paris, Payot/UNESCO, 1975, páginas 257 a 275.

(35) MEIRELES, Cecília. "Fala à Antiga Vila Rica". Obra citada, página 66.

Obrigados a aceitar seus corpos cobertos

"de musgo e líquens,

paralisados

no frio tempo,

fora das sombras

que o sol regula,<sup>36</sup>

os inconfidentes tiveram seus rostos esculpidos nos marcos da nacionalidade e foram progenitores de numerosa prole, pois inseminaram as Minas, que geraram lídima prole e fecundaram o solo brasileiro, de onde brotou, posteriormente, vasta descendência legitimada<sup>37</sup>. "Em todo caso, o futuro, rompido como destino, pode ser experimentado no presente; assim, um homem prometido à morte, é marcado pelo avanço de seu empreendimento; ele projeta sua sombra sobre si; pode-se tatear sobre seu corpo as feridas que receberá na próxima batalha; ele "sente" o cadáver. Nunca tal atitude em relação ao tempo, não há nítida demarcação entre o passado, o presente e o futuro"<sup>38</sup>. Compreende-se, agora, porque Tiradentes "parte para o patíbulo e para a eternidade", por ter aberto a porta da afirmação política dos mineiros no concerto nacional e por haver sido as

(36) MEIRELES, Cecília. "Fala à Antiga Vila Rica". *Obra citada*, página 66.

(37) "...Tiradentes, à luz de documentos incontestáveis, pode e deve ser incorporado à galeria dos maiores pró-homens nacionais e até mesmo à dos Mártires universais da idéia de liberdade. Merece - avanço mais - pela grandeza de seu destino, incounter-se na História e subir à lenda..." BRANDÃO, Wellington. *Caminhos de Minas (Cousas & Vultos)* Belo Horizonte, Editora Livraria Oscar Nicolai, 1958, página 136.

(38) GOUREVITCH, A. Y. *Obra citada*, página 260.

similado como herói do conjunto. Por tudo isso, a inconfidência mineira adquire caráter ritual. De um lado, a comemoração da morte de Tiradentes está formalizada na presença do feriado nacional e nas celebrações, que a acompanham. De outro, por que a sua revivescência no discurso político dos mineiros assume a dimensão de rito. Estamos, assim, diante de um *rito de passagem* dos mineiros para o Brasil e deste, principalmente durante as fases de transição política, para a intermediação entre o fim de uma época e a abertura de outra. Nos períodos intermediários, as alusões à decantada vocação libertária dos mineiros, concebida no passado, voltam: "a liberdade constitui, em Minas, uma predestinação histórica". A predestinação, em essência, exclui a história, enquanto as quadras transitórias são repletas de historicidade. Na linha das considerações que estamos seguindo, seríamos levados a afirmar que a temporalidade social mescla-se uma atemporalidade mítica "onde a história se anula nela mesma"<sup>39</sup>. Aprisionar a história, é impedi-la de correr de acordo com as "invenções" da prática humana coletiva. É querer cristalizá-la no passado, o que demonstra, "de fato um interesse pelo presente; ligando-o firmemente ao passado, cremos tornar o presente mais durável, arrumá-lo para o impedir de fluir e de tornar-se ele mesmo o passado"<sup>40</sup>. Daqui, advêm outros desdobramentos: quando os mineiros constroem miticamente o seu passado, querem, talvez, preservar sua influência através da afirmação mítica; quando o passado mineiro é

---

(39) LÉVI-STRAUSS, Claude. "Le temps du mythe". *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. n.ºs 3 e 4, maio - agosto 1971, página 537.

(40) Idem, *Ibidem*, página 537.



absorvido e entra como componente ideológico dos períodos de transição, parece estar por trás a vontade de conservar o presente. Reversivamente, se um espaço regional necessita mobilizar toda uma mística para manter a sua influência no todo, provavelmente o seu poder estará se esvaindo; se um projeto nacional remonta-se ao passado, em busca de inspiração ou de legitimidade, deve-se, quiçá, desconfiar da sua verdadeira natureza progressista. Em qualquer dos casos, o que se quer é confirmar a história e preservá-la dos ventos tempestuosos.

*"O país da Arcádia*

*faz dentro de um leque:*

*existe ou se acaba*

*a Dona que o entreabra,*

*a sorte que o fecha"<sup>41</sup>*

Considerar o apossamento mítico do movimento da Inconfidência e o destaque conferido a Tiradentes, faz retornar às indagações que nos fizemos, páginas atrás, sobre os motivos que os tornaram parte integrante do país, ao serem associados à nacionalidade. Talvez não fosse exagero afirmar, que certas compreensões de vezo nacionalista têm, nos epidódios do setecentos mineiro, um ponto de referência, na medida em que compoem, ao lado de outros, o quadro dos símbolos nacionais. Se assim e, dentre as "tradições inventadas", "altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a "nação", a conjura mineira teria lugar de desta-

(41) MEIRELES, Cecília. "Do país da Arcádia". *Obra citada*, página 68.

que<sup>42</sup>. Das outras sedições, pouco ficou na memória nacional e aos motivos que arrolamos páginas atrás, acrescentaríamos outros: primeiro, em nenhuma ocorreu tal concentração de carisma - pois não tiveram poetas apaixonados e chorosos, quando do abandono de suas amadas, e nem um herói que chamou para si toda a culpa; segundo, por ter sido um projeto gestado na roda das elites ilustradas, porém com um participante de origem popular - sobre quem a pena recaiu mais duramente, deixando espaço para a construção futura do herói; terceiro, a combinação dos ilustrados com uma figura popular - que durante o processo demonstrou denôdo e generosidade, adquirindo contorno de personagem romântica - é interessante aos projetos vindouros, que não podem se descurar absolutamente das classes dominadas, bem ao contrário, têm que buscar formas de assimilá-las, mesmo em posição subordinada<sup>43</sup>; quarto, a perseverança da produ-

---

(42) HOBBSAWM, Eric. *Obra citada*, página 22. "Porque, em pura verdade, não há um só fato, uma única presunção sequer, no conjunto e na seqüência das provas daquele escandaloso processo, que importem negação de que Tiradentes haja morrido na plena identificação de uma "idéia" de liberdade nacional - com coragem, com resignação e acima de tudo com dignidade humana exemplares. Que mais queriam tão ilustres restricionistas num homem cem por cento povo, alvo único da pena de morte numã conjura que envolvera a fina flor da intelectualidade de Minas?" BRANDÃO, Wellington. *Caminhos de Minas (Cousas & Vultos)*. Obra citada página 135, Grifos nossos.

(43) "Na verdade, os aparelhos de Estado consagram e reproduzem a dominação de classe exercendo a repressão, a violência física com relação às massas populares, mas organizam igualmente a hegemonia de classe fazendo funcionar um certo jogo (variável) de compromissos provisórios entre o bloco no poder e certas classes dominadas, e instaurando um consenso" ideológico destes com relação ao poder políti

ção cultural brasileira em perseguir a identidade, se se lastreia na condição de dependência, baseia-se, também, na dificuldade de se integrarem as classes populares no espaço da cidadania: a consagração de um líder popular, no interior de um projeto elitista, entranha-se, suavemente, nas mãos controladoras do Estado<sup>44</sup>; quinto, como o regionalismo mineiro encontra-se conectado à simbologia da nacionalidade, a sua expressão não consegue desconhecer a unidade. Por isso, os componentes da mineiridade movimentam-se entre dois pólos, por transitarem da identificação particular para a identidade do todo, mesmo sem esgotá-la. Daí, as características do regionalismo mineiro serem diferentes das de outros estados.

Se tentarmos comparar o regionalismo mineiro com o gaúcho, por exemplo, veremos grandes diferenças entre ambos. "O Rio Grande do Sul, por suas peculiaridades é um caso *sui generis* de regionalismo, com uma experiência separacionista, inclusive"<sup>45</sup>. No que tange ao mineiro, as tentativas mais sê-

---

(43) CONT.- co das classes dominantes. POULANTZAS, Nicos. "As transformações atuais do Estado, a crise política e a crise do Estado". In *O Estado em Crise*. Nicos Poulantzas (org.), tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Graal, página 26.

(44) "O Tiradentes já não dizia que, se se encontrassem alguns mais como ele, o Brasil não seria uma grande nação?... É a opinião corrente de quase todo mundo. Mas essencialmente falsa, convém lembrar... Não haveria instituições: um homem de carne e osso apenas". TORRES, João Camilo de Oliveira. *Interpretação da Realidade Brasileira*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975, página 137.

(45) OLIVEN, Ruben George. "A fabricação do Gaúcho". *Ciências Sociais Hoje - 1984*. São Paulo, Editora Cortez, 1984, página 66.

rias de separatismo como as do sul de Minas, nos fins do século passado, durante o governo de Cesário Alvim, jamais adquiriram os contornos do gaúcho<sup>46</sup>. "Diz Afonso Arinos de Mello Franco, falando desta rebelião, que Cesário Alvim renunciou porque sentiu que, se não renunciasse, as pressões federais levariam à separação de Minas. Ele preferiu perder o cargo do que comprometer a unidade do seu estado"<sup>47</sup>. O regionalismo gaúcho, mostrou-se mais isolacionista, enquanto o mineiro afirma-se na integração. A revivescência do gauchismo, nos últimos anos, "pode ser encarada como uma reação - a nível da cultura - à centralização que o Estado Nacional vem gradativamente impondo à sociedade brasileira"<sup>48</sup>. Contrariamente, o regionalismo mineiro amolda-se aos desígnios do Estado: "Podemos assimilar sempre nas agitações em torno da independência até nossos dias uma presença de Minas, ora como fator de estímulo e arrancadas mais ou menos audazes, ora como freio a conduzir o País ao caminho da ordem e do bom senso, sempre atuantes, mas, seja como for, dificilmente se poderá escrever a História do Brasil, nos momentos culminantes, sem subir as montanhas"<sup>49</sup>. Fica nítido, nessas palavras, o que dissemos acima. Minas está sempre mesclada ao conjunto, ao terreno comum, e das suas mãos de escritã brota a História do Brasil.

Não deixa de ser curioso que o Estado de Minas, pro

(46) Fala de Antonio Cândido no painel "Minas não há mais?". *Obra citada*, página 31

(47) Idem, *Ibidem*, páginas 31-32.

(48) OLIVEN, Ruben George. *Obra citada*, página 67.

(49) TORRES, João Camilo de Oliveira. APUD Tancredo de Almeida Neves. *Discurso de posse na Academia Mineira de Letras*. *Obra citada*, página 14.

vavelmente o mais diferenciado do ponto de vista interno, produza uma visão regional tão integrada. Apenas para exemplificar, a formação das sub-regiões mineiras seguiu um processo de dentro para fora e vice-versa. Na época do ouro, imperou a constituição externa; pós decadência, a diáspora mineira partiu do centro para a periferia; no período seguinte, ocorreu uma assimilação das regiões periféricas aos estados contíguos. Até as demarcações costumeiramente conhecidas, do estado, não correspondem às administrativas. Tal não acontece com São Paulo; cujas sub-regiões correspondem ao fluxo do desenvolvimento econômico, que avança nas zonas pioneiras<sup>50</sup>, e que mantém certa harmonia entre as denominações comuns e as administrativas. Os mineiros diferenciam-se "no modo de falar, no modo de comportar e nas características das diferentes regiões. São Paulo, por exemplo, historicamente, só tem duas grandes divisões, que são o paulista e o taubateano ... O taubateano é chamado todo mundo de Norte do Estado. O paulista era o outro. Os que dependiam da Vila de São Paulo e os que dependiam da Vila de Taubaté"<sup>51</sup>. Os viajantes perceberam, nitidamente, as diferenciações de Minas: "O terreno que fica entre o Rio de São Francisco e o Paranaíba, a que vulgarmente se dá o nome de Sertão ou Deserto, apresenta tantos caracteres físicos, civís e políticos diferentes de outras porções de território das Minas Geraes, que quasi se pode affiançar, que não he o

---

(50) Para uma análise da expansão pioneira em São Paulo ver: MONGEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Hucitec e Editora Polis, 1984.

(51) Fala de Antonio Cândido no Painel "Minas não há mais?". *Obra citada*, página 28.

mesmo paiz, por não haverem os mesmos e idênticos usos e costumes em várias circunstâncias da sociedade"<sup>52</sup>. No próprio centro minerador, as graduações eram notadas: "já disse que a civilização do Rio das Mortes era inferior a dos das Comarcas de Sabará e Serro Frio"<sup>53</sup>. A construção de uma imagem unitária de Minas possui alguma verossimelhança, com as necessidades de junção das disparidades internas. Por isso, "o mineiro se define realmente por meio de um sistema de admissões e de restrições. A meu ver, a força de Minas vem daí ... Esses preconceitos locais, não chegam a ser os grandes preconceitos. Mas são um mecanismo de exclusão e de readaptação"<sup>54</sup>. A criação de Belo Horizonte teve algo a ver com a tentativa de inverter-se as forças dispersivas<sup>55</sup>. No início, para o sul de Minas, "Belo Horizonte existia como um mito, inclusive o nome que era admirável. Um nome descritivo, Belo Horizonte. Aquele nome muito

- (52) MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás*. Rio de Janeiro, Typografia Imperial, 1836; página 93.
- (53) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. (1816-1822). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974, página 112.
- (54) Fala de Antonio Cândido no Painel "Minas não há mais?". *Obra citada*, página 33.
- (55) "Belo Horizonte é uma tentativa, inicialmente vã, de conciliar divergências, atraindo para um centro de gravidade neutro as áreas diversificadas. Deixa a montanha mas não mergulha no campo. Prefere o pé da serra, a posição intermediária: a sombra de uma, batida pelos ventos de outra. Ainda assim as Gerais continuam a preferir o além-fronteira e voltam as costas à nova Capital". VASCONCELOS, Sylvio. *Obra citada*, páginas 194-195.

bonito, dava a impressão de uma cidade extraordinária, mas inacessível. Ninguém ia lá. Só algum funcionário público, quando precisava ... O jornal mineiro, o único que havia, era o Minas Gerais, totalmente esmagado pela concorrência dos grandes jornais do Rio e São Paulo. O Minas Gerais só tinha aquela página adiante, onde escreviam alguns escritores interessantes e tal. Então, Belo Horizonte começou a se tornar aquele mito. Era lindo o mito de Belo Horizonte. Então, no Sul de Minas e penso que em outros lugares, também, a importância que a ficção feita em Belo Horizonte teve para reforçar o encanto da cidade, e portanto o desejo de estar ligado a ela foi muito grande"<sup>56</sup>. Como a ficção, que produziu o desejo por Belo Horizonte, o mito ao urdir a essência do ser mineiro, conseguiria anular as exclusões, admitindo a todos igualmente no seu âmago. Por tudo isso, se é próprio da elaboração mítica reverberar o som da integração, no que diz respeito à produzida por Minas, o reforço da unidade necessita de recorrência redobrada. De tanto reter o sangramento das suas veias, de abafar a polifonia das suas vozes, de esconder a poligrafia das suas escritas, o mito da mineiridade teria desenvolvido a vocação para desempenhar o mesmo papel no conjunto do país. A uma produção cultural como a brasileira que se seduz pela procura da identidade, Minas apresenta a resposta acabada. Ao Estado centralizador que necessita manejar muitas rédeas ao mesmo tempo, sugere a segurança do caminho plano e reto. Aos momentos de imprevisibilidade política e social, oferta as soluções conciliatórias. Aos devaneios coletivos de transformação, exhibe

(56) Fala de Antonio Cândido no Painel "Minas não há mais?".  
*Obra citada*, página 34.

a experiência da liberdade. Contempla a todos indiferentemente, aos querubins e a Lúcifer, a Deus e aos homens. Encaminha, enfim:

"E a direção do olhar. E o espaço antigo  
para forma do gesto e do vestido.

E o lugar da esperança. E a fonte. E a sombra.  
E a voz que já não fala, e se prolonga.

E eis a nevoa que chega, envolve as ruas,

— A nevoa que se adensa e vai formando  
nublados reinos de saudade e pranto"<sup>57</sup>

---

(57) MEIRELES, Cecília. "Cenário". *Obra citada*, página 65.



## 2. CODIFICAÇÃO

A partir da análise dos ritos, tentamos apreender o universo das práticas, que subjazem à construção mítica. "A inteligibilidade das práticas, dos rituais, é condição necessária para a compreensão do discurso mítico, vale dizer, o discurso enquanto *opus operatum* encobre por meio de suas significações reificadas o momento constitutivo da prática"<sup>58</sup> Nesse sentido, o entendimento do mito *em si* constitui-se em etapa fundamental à compreensão das práticas sociais, que se forjaram no tecido da história. A figura do mineiro encontra-se acabada, de forma definitiva, primordialmente nas obras dos ensaístas. Foram eles os codificadores terminais do mito; através das suas páginas materializa-se o "espírito dos mineiros".

A individualidade dos montanhesees ressalta-se do conjunto: "À medida que se verificava a fusão das raças e das culturas no cadinho do novo *environnement*, o aglomerado adquiria consistência e homogeneidade, dele emergindo uma individualidade capaz, por sua vez, de influir, como de fato influenciou, não só na história do Brasil como na história universal"<sup>59</sup>. Nota-se que a tentativa de se definir o particular não escapa da inserção no todo. A harmonia de caráter dos mineiros que resulta, aqui, da mescla racial, sugere a existência de um entrecruzamento étnico equilibrado, senão, dificilmente, ocorre

(58) MICELI, Sérgio. "A força do sentido". *A Economia das Trocas Simbólicas*. Obra citada, página 50.

(59) CARVALHO, Daniel de. "A formação Histórica de Minas Gerais". Apud Carlos Drummond de Andrade. *Minas Gerais. Brasil Terra & Alma*, Obra citada, página 91.

ria a homogeneidade. Os mineiros adquiriram sua individualidade ao estabelecerem uma conveniente homogeneidade na integração adequada de suas diferentes origens, gestando uma síntese singular do homem brasileiro, produto da convivência do africano, do índio e do europeu. "Realmente, o mineiro, na aparência simples, teve um caráter complexo. Apresenta complexidades que só se explicam pela persistência do sangue e da mente indígenas"<sup>60</sup>. A principal manifestação da herança indígena reside na transumância: "Nomadismo que representa a persistência da mentalidade e dos hábitos dos indígenas. O mineiro não emigra como o nordestino, com intenção de voltar. Como índio, ele parte, levando a família, os animais, as sementes, para fundar nova taba e aí se estabelecer"<sup>61</sup>. Retiraram também dos paulistas, possuidores de forte herança indígena, alguns componentes: "Dos paulistas tiraram o amor à independência, a altivez, a probidade e a energia posta nos empreendimentos"<sup>62</sup>. Retocaram esses traços no confronto com uma realidade própria: "Os mineiros não têm o arrojo dos paulistas, porque uma parte da energia daqueles ascendentes se transmudou em tenacidade para vencer os embaraços do meio, a pobreza das minas e das terras agriculturáveis"<sup>63</sup>. Habilidosos na modelagem dos traços oriundos de Piratininga, conseguiram adaptá-los ao novo meio: "Somos montanhese desconfiados, contemplativos, cautos, frios,

---

(60) CARVALHO, Daniel de. "A formação Histórica de Minas Gerais". Apud Carlos Drummond de Andrade, *Minas Gerais. Brasil Terra & Alma*, obra citada, página 92.

(61) Idem, *Ibidem*, página 93.

(62) Idem, *Ibidem*, página 93.

(63) Idem, *Ibidem*, página 93.

brutos, impassíveis, com certo desdém pelo aparato material da civilização. Os pregoeiros das novidades e grandezas costumam ser recebidos com sorriso de ironia. Herança do índio, de biótipo e temperamento esquizóide, a quem devemos as bases da agricultura, a propensão para a música e nomadismo em busca de terras virgens. Aliás, para a cautela e lentidão, muito concorre o meio geográfico, a montanha, com os obstáculos opostos à marcha pelas anfractuosidades, riscos e imprevistos"<sup>64</sup>. De outros povos, herdaram certos traços de personalidades: "O judeu também deixou ao mineiro a marca de sua índole. Reforçar a tenacidade nos propósitos, acentuou os hábitos de poupança trazidos pelos lavradores do Norte de Portugal e deu-nos a sutileza, a discrição, o espírito de exatidão, análise e decomposição das coisas e idéias e ainda o gosto pelo trato dos metais, das pedras preciosas e do dinheiro"<sup>65</sup>. Os colonizadores contrabalançaram as forças dispersivas: "Os portugueses, lavradores do Minho e das Beirãs, arraigaram e fortaleceram o fundo de probidade e de amor à família e à terra, opondo-se à tendência ao nomadismo do índio. Inocularam no sangue dos generalistas disposições para a parcimônia, a sobriedade, e a frugalidade que cem anos de penúria iriam consolidar"<sup>66</sup>. Nortistas, nordestinos e negros compensaram a rigidez de certas tendências: "Os baianos, pernambucanos e mais nortistas vieram trazer um pouco de sol, de entusiasmo, de poesia e de gosto pela dança e pelo bate-papo para alegrar a tristeza dos montanhese

---

(64) CARVALHO, Daniel de. "A formação ... *Obra citada*, página 93.

(65) Idem, *Ibidem*, página 93.

(66) Idem, *Ibidem*, página 93.

caladões e levantá-los da apatia herdada do aborígene e aumentada pelo isolamento e pela melancolia da paisagem que os conduz a intensa vida interior. Os negros, de temperamento ciclôide, concorreriam com a sua afetividade, sua doçura, sua fantasia, sua fidelidade e sua vocação para a música e para as festividades e folguedos, além da resistência ao trabalho duro das lavras e das roças, ao sol e à chuva, sem olvidar sua resignação diante do inevitável e sua paciência nas privações"<sup>67</sup>. Em conclusão: o mineiro é um resumo do "homem brasileiro", por conter todos os seus elementos prefiguradores, só ele os contém, já que os outros tipos regionais não desfrutaram da oportunidade de estabelecer um caldeamento de raças em dosagens equivalentes. Ele embaralhou no seu cadinho étnico os vários tipos sociais, amalgamou as diversas étnias, retocou a massa e confeccionou uma escultura original, último traço a compor um perfil fatal de produtos heterogêneos. A originalidade resulta do arranjo na composição e do trabalho artesanal minucioso, de ourivesaria, que retira da mesma peça mineral ornatos de valores desiguais.

A história de Minas contribui para a lapidação de certos traços: "Depois veio o drama da Inconfidência, com o escol da capitania colhido na rede da espionagem e das denúncias, as prisões de homens eminentes, sacerdotes encarcerados, duas devassas aterradoras e afinal a sentença da Alçada mandando enforcar Tiradentes, condenando a degredo perpétuo estimados cidadãos e declarando suas memórias infames, e infames também seus filhos e netos. Esse conjunto de vexames e afron-

---

(67) CARVALHO, Daniel de. "A formação ... *Obra citada*, página 93.

tas havia necessariamente de robustecer nos mineiros o complexo de desconfiança"<sup>68</sup>. Nasceu daí, provavelmente, a preocupação dos mineiros com a política: "Tudo isso se amalgamou em dezenas de anos de porfias, lutas, tumultos, em que permanecem em linha alta e senso grave da ordem, paralelamente à resistência à tirania, ao arbítrio e à opressão"<sup>69</sup>. Amante da ordem, mas resistente à tirania, o mineiro é o homem do centro, plenamente identificado à sua centralidade geográfica e obrigado a reelaborar as contradições das quais é alvo, "com a permanência de características essenciais"<sup>70</sup>. A essencialidade mineira deriva da concepção e concorre para a preservação do brasileiro: "A Inconfidência Mineira foi uma amostra de como já começara a aparecer o povo brasileiro em Minas"<sup>71</sup>. Se a Inconfidência gesta o povo no Brasil, através dela adentramos à História Universal". Vila Rica estava dentro da esfera de influência do movimento "Aufklärung" e a *Inconfidência Mineira... é um capítulo da História da Revolução Francesa à Conquista do Mundo*"<sup>72</sup>. Com base nessas afirmações, destacaríamos uma das peculiaridades na construção da mineiridade, qual seja, a sua

---

(68) CARVALHO, Daniel de. "A formação ... *Obra citada*, página 92.

(69) Idem, *Ibidem*, página 94.

(70) MAGALHÃES, Dario de Almeida. "Discurso de saudação a Walter Moreira Sales". Apud Carlos Drummond da Andrade. *Obra citada*, página 97.

(71) TORRES, João Camillo de Oliveira. *O Homem e a Montanha. Introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro*. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira, 1944, página 113. Grifos nos sos.

(72) Idem, *Ibidem*, página 183. Grifos nossos.

dimensão extrovertida. Diversamente da identidade regional gaucha que se introverte, procurando "manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o resto do Brasil"<sup>73</sup> assistimos em Minas ao aparecimento do caráter regional a partir da identificação no nacional. A mineiridade diferencia-se ao integrar-se, particulariza-se quando se funde no todo.

Há concepções que procuram realçar o matiz de Minas, na miríade das cores regionais. "E, assim como a Capitania vive isolada do resto da colônia, o mineiro se diferencia num caso à parte, dentre as outras populações brasileiras"<sup>74</sup>. O espírito mineiro encontra-se profundamente entretecido na história: E o ambiente fortemente condicionador criado pelas senzalas, junta-se à influência da terra e do trabalho nas lavras, para a formação do espírito mineiro"<sup>75</sup>. Com a decadência dos veios auríferos certas tendências são acentuadas: "A Província de Minas Gerais fecha-se num regime autárquico e isola, em suas montanhas, o único tipo brasileiro realmente montanhês, dife-

---

(73) OLIVEN, Ruben George. *Obra citada*, página 59. O autor especula sobre a possibilidade da fusão entre a cultura gaucha e a nacional: "à medida que expressões de cultura gaucha são adotadas nacionalmente, poder-se-ia prever que elas tenderão a perder sua marca de distinção regional, sendo apropriadas, reelaboradas e transformadas em traços de identidade nacional, à semelhança do que já vem ocorrendo com manifestações de cultura nordestina, que estão sendo transformadas de aspectos regionais em traços nacionais". Página 67. Na nossa análise, opostamente, vimos mostrando que a inclusão dos mineiros no conjunto, é elemento fundamental à elaboração mítica.

(74) LATIF, Miran de Barros. *Obra citada*, página 175.

(75) Idem, *Ibidem*, página 57.

rente do nordestino, do homem da orla litorânea, de Pernambuco ao Rio de Janeiro, ou do homem do sul de São Paulo ao extremo Rio Grande"<sup>76</sup>. Em outros autores, é possível encontrar-se a mesma ênfase: "Considere-se a atitude particularíssima dos mineiros diante dos forasteiros que os procuram no receso amorável das suas montanhas. Sentireis ali as influências subtis e delicadas do lar, modelando uma das mais amenas e doces índoles de povo que tenho conhecido"<sup>77</sup>. Repisa-se a leveza nos contatos com os mineiros: "Louve-se nos mineiros, em primeiro lugar, a sua presença suave ... ao importuno os mineiros chamam de "entrão". Não têm arroubos nem arrogâncias nem contam vantagem. Donos de terra tão rica e tão ilustre, mostram uma espécie de humildade naquela posse, e ao mesmo tempo uma segurança tranquila, que não lhes deixa margem para basófi<sup>as</sup>. Os tesouros deles a gente é que os tem de descobrir; pois na sua discrição, o gosto dos mineiros é fingir que os ignoram"<sup>78</sup>. A discrição dos mineiros, também denominada sobriedade, desdobra-se em concepções, que procuram sublinhar as especificidades: "Nossa habilidade no adiamento, nossa inteligência na procrastinação e nosso gênio na combinação. Nosso amor à conversa, nosso "tédio à controvérsia", nossa aversão à chalaça, nosso gosto pelo *humour*, nossa anteposição à intimidade e nossa decorosa predileção pela cerimônia. Nossa desconfiança, nossa timidez, o jeito arisco, o ar esquivo, um pou

---

(76) LATIF, Miran de Barros. *Obra citada*, página 195.

(77) OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. *Pequenos estudos de Psicologia Social*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942, página 135.

(78) QUEIROZ, Raquel de. "Mineiros". *100 Crônicas Escolhidas*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1955, página 82.

co de ronha, muito soberba mas ... a "cabeça baixa". Nossas qualidades todas, nossos defeitos também. E nossa Linguagem... Esse nosso sotaque ... a dar cunho letrado e volta elegante até à frase dos homens mais simples"<sup>79</sup>. A utilização recorrente do pronome possessivo de cunho particularizador, ao excluir a possibilidade de outrem apropriar-se das suas qualidades intrínsecas, delineia feitio comum a todos os montanhese. Nessa passagem trabalha-se o caráter integrado dos mineiros, borrando-se as singularidades intra-regionais. Procedimento de tal ordem não acontece sempre.

Há trabalhos que deslizam no sentido de apreender a origem das especificidades da alma mineira: "Essas feições da alma mineira, essa singeleza, essa sobriedade, essa reserva, esse espírito patriarcal, esse culto do lar, donde lhe vem? Não é difícil responder. Vem do campo; é na formação rural do próprio povo que ellas buscam as suas origens e o cunho que as distingue"<sup>80</sup>. O caráter mineiro reverbera, assim, as emanações rurais: "O vinco rural é tão forte, tão estrutural no caracter mineiro, que é fácil reconhecê-lo mesmo nos indivíduos sujeitos à pressão de um meio altamente urbanizado, como é Bello Horizonte. Os que construíram essa esplêndida cidade quizeram talvez urbanizar a alma mineira. Deram-lhe então o luxo sumptuoso das avenidas, a imponência dos bellos palacios, até a maravilha de uma iluminação electrica, que faz dessa cidade, crepitando em myriades de globulos rutilantes, uma cidade de conto feérico, como si o ceu de Minas, tão tranquillo e tão lucido,

---

(79) NAVA, Pedro. "Brasil-médico". Apud Carlos Drummond de Andrade. *Minas Gerais*. Obra citada, página 96.

(80) OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. *Obra citada*, página 47.



arecobrisse com o estendal das suas estrellas. Mas, a alma mineira, ... entra essa cidade e, ao envez de se deixar absorver por essas maravilhas, derrama, ao contrário, sobre essas praças, tão radiosamente batidas do sol, a sua frugalidade, o seu isolamento, o seu doce espírito familiar, elaborado nas suas herdades ruraes, onde sô habitam o socêgo, a modestia e a paz"<sup>81</sup>. O estereótipo do mineiro nasceria na zona rural: "Esses "geralistas" (os mineiros de agora), pelo feitio acanhado de seu genio pouco expansivo, retrahidos e sisudos: gente de falar pausado e comedido, e de habitos modestos, a começar dos trãjos característicos, que outrora usavam, com o infallivel capotão de baêta azul, nas viagens, durante o tempo frio, nublado ou chuvoso, através das estradas montanhosas de sua terra natal: esses habitantes dos *geraes* receberam dos littoraneos algumas alcunhas expressivas ... Desdenhando a zombeteira irreverencia com que sãõ alvejados, nas desfructaveis revistas theatraes e na insulsa crítica literaria dos que sô vivem nas capitaes e desconhecem por inteiro a gente bõa e forte que moireja no interior do Brasil, arroteando campos, pastoreando rebanhos, plantando e cultivando a terra"<sup>82</sup>. Neste exemplo, insere-se um quadro esfumaçado as particularidades dos mineiros, típicas dos interioranos, dos provincianos em geral dos homens atavicamente ligados ao universo rural. Mas, ainda aqui, constroe-se o modelo de provincianismo a partir dos mineiros, e se compartilham as suas características com outros que serviram de base para tais elaborações.

---

(81) OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. *Obra citada*, páginas 48-49.

(82) SENNA, Nelson de. *A Terra Mineira*. Rio de Janeiro, Pimenta de Mello, 1923, páginas 224-225.

A imagem ladina dos mineiros floresceu da semente caipira: "Ser mineiro é esperar pela cor da fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde para colher ma duro. É não meter a mão em combuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com linguça. Porque mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nã. Mineiro não perde trem. Mas compra bonde. Compra e vende pra paulista"<sup>83</sup>. O acentuamento da esperteza pode ser entendido no prisma do discurso da resistência às concepções detratadoras do provincianismo mineiro, e no âmbito da perda significativa da importância de Minas, frente a São Paulo. Não casualmente, são os paulistas o principal alvo da astúcia mineira. Valoriza-se a cautela para advertir, enfatiza-se a pachorra dos movimentos para afirmar que, com precaução, se chega à frente. Planta-se vagarosa e cuidadosamente para obter-se, no fim, colheita mais substancial. Poder-se-iam estabelecer outras analogias: a combinação entre a morosidade do ritmo e a ladinice opõe-se à cadência intensa e à ingenuidade. A imagem do paulista encontra-se inextricavelmente ligada aos bandeirantes e pioneiros, moderadamente, ao ideário da vocação ao trabalho<sup>84</sup>. São todos figuras de empreendedores, prendem-se todos à imagêtica do movimento. Ora, o ritmo acelerado impede a fruição do

---

(83) SABINO, Fernando. "Minas Enigma". *A inglesa deslumbrada*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Record, 1982, páginas 71-72.

(84) Monbeig estabelece a relação entre o pioneiro e o bandeirante: "Quando se quer celebrar um fazendeiro, desbravador de matas, plantador de cidades, nenhum título melhor a deferir-lhe que o de bandeirante". MONBEIG, Pierre. *Obra citada*, página 121.

tempo, exclui a possibilidade de "esperar pela cor da fumaça". Apenas o quotidiano modorrento cria espaço para o usufruir da inconstância das nuvens. No final, o que se pretende é aprisionar a fumaça, não para a contemplar, mas como elemento constitutivo de ações pragmaticamente concebidas. O matuto mineiro ultrapassaria, assim, o moderno paulista, ao derrotá-lo com suas artimanhas, ao destruí-lo em sua primazia. O círculo discursivo fecha-se com a alusão à simplicidade paulista, ante a astúcia do mineiro, que se torna o condutor último da relação. A idéia da capacidade dirigente dos mineiros lateja na cultura popular: "Pelas estradas silenciosas de minha aldeia natal - lembro-me bem! da luz doce dos seus grandes luares - os pequenos Carusos ruraes passavam cantando, numa toada semelhante à da canção dos tropeiros: (diziam com voz tremula e longa, alagando de melancolia a solidão da noite illuminada)."

*Vou-me embora para Minas,  
Mineiro está me chamando.  
Mineiro tem mau costume:  
Chama a gente, e vai andando!"<sup>85</sup>*

---

(85) OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. *Obra citada*, páginas 31-32. Para Afonso Arinos a quadra popular "retrata o nosso feitio, entre solitário e condutor". Apresentação ao livro de Sylvio de Vasconcellos. *Mineiridade*. *Obra citada*, página 9. Para Miran de Barros Latif os versos deixam "sempre uma saída aberta", denotando "apenas desconfiança". *Obra citada*, página 172. Acrescentaríamos o aspecto sedutor, pois segue-se ao chamamento, como se fora natural. Os versos reproduzidos por Miran Latif e Afonso Arinos são um tanto diferentes:

*"Minha gente vou me embora,  
Mineiro tá me chamando.  
Mineiro tem esse jeito  
chama a gente e vai andando..."*

Na construção mítica de Minas, é comum encontrar-se o juízo de que o espírito mineiro forjou-se na zona mineradora, ou que o quadrilátero mineral conteria as raízes primevas da mineiridade: "As gerais são periféricas em relação às minas e continuam a civilização rural litorânea da qual provieram e dependem. Não lhes interessa contato maior de intimidade com as minas. O contraste é visível em tudo: senhores e plebe, ricos e pobres, aristocratas e plebeus, arte erudita recolhida às Casas Grandes e arte popular fluindo da artesanaria miserável"<sup>86</sup>. Haveria, pois, duas porções de Minas estranhas entre si, convivendo de forma justaposta mas sem laços a amarrá-las. Ou, talvez, que o importante, nas Minas Gerais, fosse a região mineradora: "No fundo, o Brasil para nós é uma expressão administrativa. O próprio resto de Minas, uma convenção geográfica. O Triângulo já não quis se desprender e juntar-se a São Paulo? Que se desprendesse... E o Norte já não pretendeu separar-se num estado que se chamaria Nova Filadélfia e teria Teófilo Otoni como Capital? Que se separasse ... Tudo o que quiserem, por que a terra em que andamos puxados pelos pés, querendo deitar raízes, homens-árvores como no mito de Dafne, é a das serras em formas de chaminés, cabeças, barbacãs, lanças, seios, anátemas, agulhas, cidades, manoplas, entrepernas, ereções, castelos, torreões, navios - azuladas, pela manhã, quando emergem do mar de bruma, dos cavalos, refulgentes ao sol do meio-dia e recortando-se, cor de sinopla, sobre os tons de cobre, ouro e púrpura do entre-dia-e-noite. Serras, serras, picos..."<sup>87</sup> Define-se, aqui, a *essencialidade de Minas*, finca

---

(86) VASCONCELLOS, Sylvio. *Obra citada*; página 194.

(87) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Memórias I. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, página 129.

da nas montanhas minerais, imantada dos pés que, de lá, não mais se movem. A terra mítica e úbere envolta pela volatilidade feminina, que se transforma ao passar das horas, assumindo as tonalidades do tempo preservado. As serras que se enfeitam ao correr do dia, regularmente, repetindo a mesma vestimenta sem surpresas. As montanhas remetendo para o interior, à centralidade preservada, apesar do fluxo das suas veias dirigir-se para fora do seu imo: "Serras de cujas encostas descem os rios que vão ao São Francisco e ao Paraíba para soltar no Atlântico o nosso sangue mineral ... Rios que levam até o sabor de Belo Horizonte, Sabará, Caeté, Mariana, Ouro Preto, Congonhas do Campo, Santa Bárbara do Mato Dentro. Rios que pela vida subterrânea dos lençóis-d'água drenam do solo das igrejas e da terra dos cemitérios a substância calcária dos meus parentes ... - contido naquele círculo que começa e acaba em Queluz, tendo Rio Acima como centro do seu raio. Não contando os que estão deitados nos dois lados do Caminho Novo - ... Essas áreas não posso chamar de pátria, porque as não amo civicamente. O meu sentimento é mais inevitável, mais profundo e mais alto porque vem da inseparabilidade, do entranhamento, da unidade e da consubstanciação ... Essa é minha terra. Também ela me tem e a ela pertence sem possibilidade de alforria"<sup>88</sup>. Se as montanhas seguram, dão unidade, entranham, os rios jorram a infidelidade, ao esvair com a seiva fértil. Como identificar-se com os rios que no seu fluir criam a inconstância, os momentos fugidios e escapáveis? A identidade exige, que se deitem no solo profundas raízes, possíveis apenas em terra firme. Nos leitos escavados dos rios a vegetação não encontra guarí-

---

(88) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Obra citada, página 130.

da, e tudo é levado, sem resistência, pela força incoercível da corrente. A substância vem da terra, e quanto mais altos os seus píncaros maior a proximidade com o universo etéreo, forma impalpável de um plano de vida superior. Os rios ao correrem nos vales, criam a facilidade do acesso, e nada resiste ao seu tempo insustentável. Nas montanhas substanciosas, reside "simplesmente a terra de nascimento, vida, paixão e morte do mineiro"<sup>89</sup>.

Os momentos do mito são recompostos aí. O imaginário mineiro nasceu, em grande parte, do drama de Tiradentes, banido das serras rumo ao litoral, repetindo os episódios da via-sacra. O caminho do Inconfidente assemelha-se aos passos dolorosos de Jesus e Tiradentes, reeditando a paixão de Cristo, saiu, igualmente, da experiência da morte para a imanência da vida. Há, assim, analogia entre as duas trajetórias, ilusoriamente conectadas. "A ilusão é filha da analogia. O pensamento mítico é o pensamento humano pensando a realidade por analogia"<sup>90</sup>.

Reversivamente, se os altos cumes emanaram vida das suas entranhas, perpetuada na elaboração mítica, só o fizeram após a morte de seu filho mais ilustre, cujo desenlace prenuncia o passamento do tipo de vida social confinado no interior das escarpas. Novamente, recria-se, noutra plano, a vivência da paixão, nascida no reconhecimento da perda consumada, no fechamento dos tempos áureos, no desatado fluir do "sangue mi-

---

(89) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Obra citada, página 130.

(90) GODELIER, Maurice. "Mythe et histoire. Réflexions sur les fondements de la pensée sauvage". *Annales. Ec., Soc., Civ.* n.ºs 3 e 4, 1971, número especial *Histoire et Structure*, página 544.

neral". Os rios não buscam as minas. Seduzidos pelo exterior, serpenteiam por solos não mineiros, carreando "a substância calcária dos parentes". Impossível a fixação, quando os próprios ascendentes não mais dormitam nas suas moradas eternas. Por isso, urge voltar à Pátria, sorver as últimas gotas da sua seiva, confundir-se com seu solo escavado, espojar-se no mineral que brota das suas entranhas. Quem sabe, poder recuperar-se, por fim, os fios, embora frouxos mas ainda presos a ela, parcialmente rompidos no longo exílio, tentando-se a condição de se apresentar como "simplesmente a terra de nascimento". Toda a complexa operação tenciona fazer das Minas a terra da vida e da paixão mítica, bloqueando o tempo, que os rios teimam carregar, impedindo o advento da "morte do mineiro". O Brasil e as Gerais não passariam, assim, de meras convenções, pois só as minas seriam a Pátria verdadeira; a terra do mito, emanadora de fluidos que se condensariam, para fundar o caráter dos mineiros.

Em certas vertentes literárias, principalmente em *Grande Sertão: Veredas*, a recriação de Minas não se faz pela exclusão de partes, mas antes, pelo acentuamento de uma delas. O sertão cortado pelo "Rio do Chico", contrariamente à última concepção analisada, redobra-se "nos internos deste nosso Estado nosso, custante viagem de uns três meses..."<sup>91</sup>. Nesse sentido, o rio não destrói a interioridade, torna-se o centro de um mundo que se define pela concentração e pela permanência. Para voltear o rio é preciso adentrar-se no "nosso Estado nosso", que fica tanto mais possuído, quando duplicado o possessivo. Daí o sertão assumir dimensão mais abrangente, pois

---

(91) ROSA, João Guimarães. *Obra citada*, página 8.

se o contorno do rio impõe percorrer caminhos que cruzam em terras distantes, as águas levam-nos, ao mesmo tempo, para o interior do "nosso Estado nosso", e circunscrevem um mundo que extrapola o imediatamente vivido. O sertão encontra-se dentro de Minas, quase que a ocupa inteiramente, mas localizando-se fora dela e além dos seus espaços demarcados, aloja-se no seio do universo, fazendo com que, também ela, por analogia, possua um lugar no vasto cosmo<sup>92</sup>. Pode-se recuperar o próprio tempo mítico presente nessa saga, pois se o sertão é ele, ao ser o mundo mescla-se ao conjunto, perdendo historicidade intrínseca e assumindo a imutabilidade das etéreas vastidões. A ótica nucleada no sertão, visa a permanência da identidade quer do autor, quer da vida social contida no seu espaço, onde ambos fusionam-se num amálgama, destruidor das partes, "porque este pequeno mundo do sertão, esse mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, talvez mesmo o modelo, do meu universo"<sup>93</sup>. Passa-se do todo restrito à individualidade para as grandes inserções universais: "Goethe nasceu no sertão, como Dostoyewsky, como Tolstoi, como Flaubert e Balzac; ele foi como os outros ... um homem que vive para a língua e que pen-

---

(92) Inspiramos, essa passagem na análise de Valnice Galvão, sobre *Grande Sertão: Veredas*, onde se encontra a idéia de que na obra, "as coisas aparecem dentro de outra". GALVÃO, Valnice Nogueira. *Obra citada*, especialmente Capítulo IX, "O certo no incerto: o pactário".

(93) Entrevista de João Guimarães Rosa a Günter W. Lorenz em Gênova, janeiro de 1965. Reproduzida em *Exposição do Novo Livro Alemão no Brasil, 1971*, organizada por "Ausstellungen-und Messe-GmbH des Börsenvereins des Deutschen Buchhandels" de Frankfurt, em colaboração com o Instituto Cultural Brasileiro-Alemão, página 272.



sou na eternidade. Eu acho que Goethe foi mesmo o único poeta da literatura mundial que não escreveu para o dia, que escreveu para a infinidade. Ele era sertanejo. Zola, como exemplo oposto arbitrário, provinha apenas de São Paulo"<sup>94</sup>. Assim, o sertão deixa de ser um lugar, vira um cosmo, uma condição do espírito, onde podem conviver todos os grandes escritores que não romperam com a dimensão mágica e que absorveram, por isso, a ambigüidade da vida. A exclusão de Zola e de São Paulo fica, portanto, mais clara. Ambos representam o vívido ritmo do tempo, dos dois ausenta-se a inativa e prolongada permanência do universo. O mito de Minas, porém, a história apenas o atravessa, e resta imutável, na coerência da sua construção, mesmo quando ultrapassa as fronteiras do núcleo geratriz e transborda os limites do espaço que reflete.

O problema da onipresença do sertão em Minas e no mundo, pode ser relacionado à idéia da mineiridade conformar o Brasil, abarcando-o e atingindo-o integralmente. Para Riobaldo, "lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos"<sup>95</sup>. Também as Minas vertem para fora o sumo das suas montanhas: "O ensimesmado mineiro tem suas antenas voltadas para fora ... O universalizar-se é uma das suas constantes"<sup>96</sup>. Nesse passo, poderíamos estabelecer nova analogia: o jagunço Riobaldo, filho do sertão, é tão universal como o são todos os mineiros. Estabelece-se, pois, equivalência e embaralhamento

---

(94) Entrevista de João Guimarães Rosa a Günter X. Lorez. *Obra citada*, página 296.

(95) ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. *Obra citada*, página 7.

(96) VASCONCELLOS, Sylvio de. *Obra citada*, páginas 95-96.

entre eles. Transitam no mesmo espaço, demonstram conformidade nas suas vocações, sendo unos na multiplicidade. Riobaldo simboliza todos os mineiros "mais sensíveis às aspirações das demais regiões do País"<sup>97</sup>. A tendência universalizadora dos mineiros faz deles, igualmente, homens do mundo: "As Minas, ainda informadas do iluminismo, continuam somando contradições para resolvê-las em resultantes ideais"<sup>98</sup>. A terra mineira entranhada pelos raios externos, universaliza-se sem possibilidade de retorno. Também Riobaldo medita: "Eu queria minha vida própria, por meu querer governada"<sup>99</sup>. Mas não consegue notar sua existência: "Tudo na vida cumpre essa regra"<sup>100</sup>. A ele, do mesmo modo, a volta ao estado interior, configura-se im possível, não se anula o vivido, após ter sido tocado por experiências, que se embrenham, atavicamente, na memória. Daí, para a cristalização da vida, resta um passo. Riobaldo rumava seus pensamentos "para outros pontos: o Urucuia - lá onde houve matas sem sol nem idade. A Mata-de-São-Miguel é enorme - sombreia o mundo ..."<sup>101</sup> Para onde quer que caminhasse se dirigia "a um lugar sô: às *Veredas-Mortas* ... De volta, de volta"<sup>102</sup>. O eterno retorno às origens vitais, das quais não se consegue mais desligar, para onde os pensamentos voam a despeito da vontade. Ferido de morte pelo sentimento amoroso, a

---

(97) VASCONCELLOS, Sylvio de. *Obra citada*, página 95.

(98) Idem, *Ibidem*, página 95.

(99) ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Obra citada, página 331.

(100) Idem, *Ibidem*, página 498.

(101) Idem, *Ibidem*, página 498.

(102) Idem, *Ibidem*, página 561.

memória torna-se inelutável, pois "não pode haver amor sem memória"<sup>103</sup>. Iluminadas indelevelmente as Minas não conseguem escapar do seu destino, que se repete, de forma incessante, até o ponto em que a obtenção da "unidade nacional", custa-lhes "seu sacrifício"<sup>104</sup>. Minas e Riobaldo revivem os seus respectivos sacrifícios, aquela repetindo o calvário de seu mártir e este rememorando o seu próprio calvário.

Até agora, vimos analisando como é possível localizar-se, nas diversas sub-regiões de Minas, inspiração para a feitura do mito. Chegamos, mesmo, a refletir sobre um exemplo extremo, cujo desenvolvimento quase supera o mito, embora ainda o contenha. Interessante perceber, - o que pretendemos tentar agora, - de que forma, e independentemente dos acentuamentos, alcança-se uma visão unitária do mito.

A pluralidade de Minas não foi obscurecida no percurso da elaboração mítica. Guimarães Rosa reconhece, que "Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas"<sup>105</sup>. A origem pode ser localizada no centro minerador: "Essa - tradicional, pessimista ainda talvez, às vezes casmurra, ascética, reconcentrada, professa em sedições - a Minas geratriz, a do ouro, que invoca e informa, e que lhe tinge o nome; a primeira a povoar-se e a ter nacional e universal presença, surgida do

---

(103) LE GOFF, Jacques. "Memória". In *Enciclopédia Einaudi*. Volume I, Memória e História. Tradução portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, página 31.

(104) VASCONCELLOS, Sylvio. *Obra citada*, página 95.

(105) ROSA, João Guimarães. "Minas Gerais". In *Ave Palavra*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985, página 270.

acampar dos bandeirantes e dos arruados de fixação do reino, em Capitania e Província que, de golpe, no Setecentos, se provê de gente vinda de todas as regiões vivas do país, mas que, por conta do ouro e dos diamantes, por prolongado tempo se ligou diretamente à Metrôpole de além-mar, como que através de especial tubulatura, fluindo apartada do Brasil restante"<sup>106</sup>. Mas as Minas desdobram-se em várias outras, formando a Minas Gerais, terra povoada por contrastes, porém una: "É a *Mata*, cismontana, molhada ainda de marinhos ventos, agrícola ou madeireira, espessamente fértil. É o *Sul*, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que européias se arrumam, quem sabe uma das mais tranquilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o *Triângulo*, saliente avançado, forte, franco. É o *Oeste*, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o *Norte*, sertanejo, quente, pastoreiro, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. É o *Centro* corográfico, do vale do rio das Velhas, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o *Noroeste*, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até o Piauí e ao Maranhão ondeantes"<sup>107</sup>. Em suma, Minas é plural mas integrada, e sua unidade advém do fato de haver recolhido e guardado pedaços do Brasil. A inteireza de Minas não provém de si mesma, ainda que haja um núcleo primal, promana antes do exterior, do acolhimento de várias origens: "lá se dão encontro, concordemente, as diferentes partes

---

(106) ROSA, João Guimarães, "Minas Gerais". In *Ave Palavra*. Obra citada, páginas 270-271.

(107) Idem, *Ibidem*, páginas 271-272.

do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada"<sup>108</sup>. Haveria então o mineiro, dada a multiplicidade de Minas? Seria possível distinguir-se um tipo característico em meio a variegada formação regional? Para o autor, o mineiro brota do "paradoxo. De Minas, tudo é possível"<sup>109</sup>. A coerência mineira resulta da originalidade na combinação, da soldadura dos contrastes, da junção dos opostos: "sendo assim o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia"<sup>110</sup>. Isto é, a existência do mineiro encontra-se condicionada ao pensamento que se criou sobre ele, ao imaginário tecido sobre Minas Gerais, e também, à cristalização da lembrança, "de não navios, de não ver navios, longe do mar"<sup>111</sup>. Construída por vagas estranhas, Minas deve agora fechar as suas portas aos devaneios espúrios, distanciar-se das notícias transportadas pelas correntes marinhas. Minas viverá, enquanto os seus ecos sonoros reproduzirem uma harmonia perfeita e ressoarem repetidamente nos ouvidos de seus filhos, povoando suas mentes: "Minas sem mar, Minas em mim: Minas comigo. Minas"<sup>112</sup>.

Em trabalhos de cunho mais analítico, predominantemente ensaísticos, a diversidade de Minas permanece acentuada, muito embora localize-se nos mineiros espírito particular. As diferenças, nesse caso, baseiam-se na permanência das tradições locais e no aparecimento do progresso a modernizar as ci

---

(108) ROSA, João Guimarães. "Minas Gerais". In *Ave Palavra*. Obra citada, página 270.

(109) Idem, *Ibidem*, página 273.

(110) Idem, *Ibidem*, página 272.

(111) Idem, *Ibidem*, página 275.

(112) Idem, *Ibidem*, página 275.

dades: "Tenho até agora acentuado os aspectos *sociais* da profunda transformação porque estão passando as cidades mineiras sob a acção dos dois grandes fôcos - o horizontino e o carioca. Quanto aos *materiaes* desta transformação, a situação é diversa. Ha cidades que se transformam -- como Juiz de Fora, que é quasi uma miniatura do Rio sinão um suburbio delle; mas, ha outras que mantêm o seu typo tradicional, insensíveis à influencia urbanizadora daqueles dois grandes centros. É o caso de Ouro Preto. Esta cidade é a mais característica da Minas da Tradição"<sup>113</sup>. A variedade de Minas perdeu, nessa reflexão, as nuanças, tornando-se bipolar presente na clivagem entre a Minas conservadora, introvertida, antiga e outra mais flutuante, extrovertida, moderna. A passagem da primeira à segunda, não se faz sem estupor: "Não era preciso mais nada para sentir que a região em que estava já era outra. O contraste fôra brusco, violento, flagrante. Não tive o sentimento de uma transição; tive antes a impressão de um salto. Eu saltara, realmente, de um scenario para um outro"<sup>114</sup>. Essas duas partes de Minas mal se tocam, inexiste uma zona intermediária a conferir gradações ao trãnsito, a oferecer ao viajante a possibilidade de preparar-se para adentrar ao novo universo. Apesar disso, o autor considera que o caráter mineiro subsiste, na qualidade de haver conservado os traços antigos da nacionalidade, o que significa, por se tratar de alguém com fortes tonalidades conservadoras, a *preservação, em Minas, da essência da brasilidade*: "Esses costumes, essas tradições, esses modos, essas feitura da velha alma mineira, assim tão repassados do nosso espírito

---

(113) OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. *Obra citada*, página 64.

(114) Idem, *Ibidem*, página 57.

nacional e do calor do nosso solo, souberam à minha sensibilidade, ao meu espírito, aos meus instintos nativistas, como ao paladar dos entendedores os vinhos caros de uma frasqueira: quanto mais antigos, tanto melhores no sabôr, na limpidez e no perfume"<sup>115</sup>. O sentimento atávico, ora presente, cerca-se de eflúvios positivos, etéreos "na limpidez e no perfume" e preciosos aos paladares refinados. A especiosidade mineira persiste na conservação do conjunto inalterado, remanesce ao guardar o "nosso espírito nacional" exalado "do calor do nosso solo". Novamente, o elo entre Minas e o Brasil ressurgue, garantindo a recriação do mito, agora enquanto manifestação de dois espíritos enleados, como se um fora o outro e ambos possuíssem a mesma imagem refletida no espelho. "A estes jogos de espelhos, reflexos que se enviam a um e a outro, não corresponde jamais um objeto real"<sup>116</sup>. A busca de analogia, entre fenômenos particulares, é intrínseca ao pensamento mítico<sup>117</sup>

A recorrência da idéia de que Minas zela pela unidade brasileira e até a subsume, responde, em parte, pela amaração final do mito. Na comparação de Minas com os outros Estados ressalta-se, sobretudo, esse aspecto: "Quando São Paulo pretendeu manter o espírito ruralista, embora focado na industrialização, as Minas buscaram apoio nacional para fazer predominar a unidade e a cultura urbano liberal"<sup>118</sup>. Daí, a vocação de Minas revelar os mais altos desígnios da nação: "por

---

(115) OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. *Obra citada*, página 53.

(116) LÉVI-STRAUSS, Claude. *La potière jalouse*. Paris, Librairie Plon, 1985, página 227.

(117) Conforme LÉVI-STRAUSS, Claude. *Ibidem*, página 227.

(118) VASCONCELLOS, Sylvio. *Obra citada*, página 196.

alheios aos interesses imediatos e concretos, dedicam-se muito mais aos problemas genéricos e teóricos do País"<sup>119</sup>. Os mineiros sacrificariam os seus interesses "immediatos e concretos", para cultivarem o conjunto, diferentemente de São Paulo, que se voltou à realização da sua vontade particular. Os mineiros, por isso, são homens talhados para a prática política generosa, desenvolvendo verdadeira vocação para os problemas públicos: "Dos mineiros ainda se poderá esperar também, e quicã, o equilíbrio, a ponderação, a palavra de paz, o desejo de síntese, a lógica e a verdade, que sempre constituíram a mais alta expressão de sua maneira peculiar de ser"<sup>120</sup>. A atividade política em sua dimensão nobre ressurgiu, aqui, enquanto produto de um caráter específico, como potencial biológico, que, uma vez herdado, torna-se parte integrante do ser. *A atração pela política foi naturalizada*, por não resultar da própria vida social e, muito menos, das relações sociais que se alojam e conformam a organização da sociedade. Ao espírito de Minas, em suma, remete-se a razão política, elemento constitutivo de sua própria memória, fundido no ouro das lavras, revivido nos campos como atavio dos anos esplendorosos: "Este "espírito de Minas", já muito antes de se iniciarem as grandes lavras, vinha encabeçando a procura do ouro; consolidou-se, depois, durante mais de um século, na posse do ouro, para, finalmente, ainda perdurar durante o outro século na saudade deste mesmo ouro"<sup>121</sup>.

Perdurado o devaneio do ouro, criou-se a soldadura

---

(119) VASCONCELLOS, Sylvio, *Obra citada*, página 95.

(120) Idem, *Ibidem*, página 197.

(121) LATIF, Miran de Barros. *Obra citada*, página 213.



entre as Minas e as Gerais, unidas no universo onírico, seduzidas por idêntico imaginário, capaz de evitar qualquer cissiparidade. Como na novela de Cervantes, cujas personagens complementam-se na diversidade, o imaginário mineiro originou-se da associação de Quixotes e de Sanchos. "Existem Dons Quixotes e Sanchos por toda a parte e ambos são necessários a qualquer gênero de vida, por corriqueira que seja. Mas o que há de realmente apreciável no homem é a simbiose destes dois aspectos num equilíbrio sábio que os mineiros, nas cumeadas das suas "alterosas", praticaram como verdadeiros equilibristas e sempre possuíram como ninguém. Foi sob este aspecto, tão necessário ao bom andamento dos negócios do governo, que os mineiros se firmaram na política, não apenas da sua província como do país todo"<sup>122</sup>.

Esse trecho é primoroso no explicitamento da armadura da construção mítica, na qual os traços culturais específicos dos mineiros, oriundos das várias sub-regiões, encontram ressonância. Pensar o mineiro a partir da combinatória Quixote-Sancho, tem o condão de contemplar a todos, por ser suficientemente genérica. Ora, o habitante das Minas teria tanto o perfil obstinado de Quixote, - quando faísca o ouro e deixa-se enlevar pelo sonho dos metais, - quanto prosaico de Sancho - ao ser obrigado a aquilatar a produção da sua data e a ponderar sobre o peso dos seus impostos. Aos geralistas é possível atribuírem-se características semelhantes: não foram eles os homens que formaram as fazendas, desbravaram os sertões, lutaram contra as proibições da Coroa de desenvolverem a agricultura, além de serem, principalmente, os filhos da decadência?

---

(122) LATIF, Miran de Barros, *Obra citada*, página 213.

Não tiveram que mobilizar a sensatez de Sancho, para conseguirem o mínimo êxito nos seus empreendimentos? As herdades que plantaram, não resultaram num produto pouco vivaz, um tanto mo-dorrento? E os homens do sertão não têm, ao mesmo tempo, muito de Quixote, no enfrentamento solitário das adversas condições e bastante de Sancho, ao conseguirem sobreviver em tais espaços? Em suma, a fantasia guardada do antigo fausto, sintoma, por si só, de eras decadentes, coordena a capacidade de sobrevivência e possui muito da ponderação pragmática. A fusão de Quixote e Sancho teria ainda a conveniência de conter, pelo menos, dois tipos distintos, onde o primeiro representaria as classes dominantes e o segundo populares. Cria-se, por analogia, a imagem de uma sociedade harmonicamente representada, pois um não existe sem o outro, antes se complementam e retratam a unicidade na duplicidade. Quixote procede do mundo cavaleiresco, da nobreza de sangue, inquestionável na sua genealogia de bem-nascido; Sancho, ao contrário, é filho do povo, de origem vulgar. Para o aristocrata Quixote a hierarquia constitui-se em valor inquestionável, já para Sancho, a ruptura da graduação social era uma parte do seu universo. Também por isso, tal concepção contemplaria as mais diversas aspirações. "Todavia, o destempero possível, encarnado na personalidade temperamental de Quixote, teria raio restrito de atuação, uma vez que a rigidez hierárquica coíbe os movimentos para além de certo ponto. A ponderação por ser o traço central da personagem-Sancho, refreia os seus eventuais arroubos democratizantes. Resulta pois, uma situação de equilíbrio permanente, onde as ações quixotescas não ultrapassam os limites considerados suportáveis, e as atitudes de Sancho nem chegam a se explicitar, contidas, que estão, por marcos ponderáveis. As ini

ciativas, no final, jazem nas mãos de Quixote. Caberia considerar-se, ainda, outros aspectos.

O uso mítico, aqui, do mundo criado por Cervantes, visa a integrar dimensões significativas na construção da mineiridade. De saída, poderíamos propor a relação entre a revivescência de personagens consagradas na literatura mundial e a imagem de Minas fertilizada pelo gosto da cultura. A aura dos poetas-inconfidentes é, apenas, uma das faces dessa simbologia. A proposta de liberdade dos mineiros surgiu banhada na mística cultural, assim como a sua derrota foi, em larga medida, dirigida contra mentes superiores e ilustradas. Nesse sentido, *a mineiridade integra-se num mito ilustrado*. Quixote atua na linha da liberdade romantizada, irrealizada, levado pelo seu desvairio. A decadência das Minas de Quixote, análoga à de Quixote, sugere o fenescimento de uma época, ao término da Inconfidência, sua obra-mater. Sancho é o tempero de bom-senso aos projetos ensandecidos. Elaborase, por isso, um estado de equilíbrio, em perene suspensão, vivenciador da atemporalidade mítica. O equilíbrio tem a característica da integração sem mudanças, enquanto o movimento navega no mar das contradições, que gera o embate, de onde emergem naufragos. A supremacia de qualquer parte romperia a harmonia, assunção impensável a um espaço regional construído por facções tão diferenciadas. Clarifica-se, agora, outro efeito do mito, qual seja o de permitir a junção das várias sub-regiões de Minas Gerais, compondo o mosaico, por via do imaginário, gestando a identidade do mineiro. De outro lado, no plano da política nacional, decanta-se o equilíbrio, manifesto no discurso conciliatório, com a finalidade última de preservar o poder do Es-

-197-

tado, isto é, de sugerir correções sem as implicações perigo-sas da ruptura. Construção mítica dessa ordem nutre os projetos voltados à reconstrução dentro da permanência. Nessas concepções encontra-se em sua inteireza, a idéia da missão de Minas.

A obra de Alceu Amoroso Lima, *Voz de Minas*, gira em torno de um eixo central que organiza toda a análise, qual seja, o de ressaltar o papel de Minas no Brasil. Não por casualidade, o último capítulo do livro intitula-se "Missão de Mi-

nas". Interessante perceber que os parâmetros salientados por nós, delimitam a construção e o desenvolvimento analíticos. Logo no início, a atemporalidade mítica, embora não seja assumida, encontra-se marcada: "Esse gosto pelas coisas essenciais é um dos pontos que o *intemporalismo* do mineiro mais nos impressiona. Chamo intemporalismo esse *desdém pelo tempo* que se manifesta nas menores coisas, em Minas"<sup>123</sup>. Em seqüência, ao analisar os traços do caráter mineiro, compõe um tipo psicológico, recuperador das personalidades de Quixote e de Sancho: "Quanto ao retrato psicológico do mineiro, vimos que nele predomina acima de tudo a *sobriedade*. Economia, simplicidade, reserva, discrição nos gestos, nas palavras, no pensamento, nos sentimentos e na vontade ... Junto a essa sobriedade, - a *fleuma*. É o homem do *self-control*. É o homem que se domina, que sabe praticar por temperamento a mortificação dos sentidos... Ao lado desse fleuma, o *humour*. O mineiro não ri muito em público, mas tem esse riso interior do *humour*, que é uma verdadeira atitude perante a vida. O *realismo*, amor das coisas concretas e positivas, é outro traço psicológico do homem mineiro,

---

(123) LIMA, Alceu Amoroso. *Obra citada*, página 37.

que o levou a desdenhar as coisas supérfluas e ir de preferência ao essencial ... Esse realismo não o leva ao materialismo, por ser recompensado por um profundo sentimento do *mistério* ... Vejo também, que o mineiro é extremamente malicioso e jeitoso, parecendo sempre o contrário ... Daí o seu inato "espírito de finesse", como dizia Pascal, e a sua negação do espírito geométrico no sentido de rigidez, dogmatismo, ausência de plasticidade e compreensão"<sup>124</sup>. Até esse momento, na *mêlange* de Quixote e Sancho os caracteres do primeiro parecem mais evidentes, já que as qualidades originam-se de figuras de um elevado "universo social". A combinação explicita-se mais flagrantemente: "*Bom senso, idealismo e utopia* - são três planos do espírito mineiro que ora se excluem, ora se completam. Junto ao *espírito de distinção* - que leva o mineiro a não aceitar as pessoas e as coisas em bloco - manifesta-se o *espírito de moderação* ... *Antiextremismo e anti-romantismo*, traços psicológicos do mineiro, marcam bem aquele *centrismo* ... *O intemporalismo* mineiro, ... Pois é justamente esse *desdém* pelo tempo que vem corroborar o intemporalismo mineiro, pois a subordinação ao tempo e que caracteriza o homem de temperamento moderno e não eterno. A *presença do passado e o respeito pelos mortos*, vimos serem outros sinais da psicologia mineira, que finalmente se resume naquela *naturalidade* espontânea com que o homem de Minas manifesta, com tanto tato e tanta singeleza, a sua *personalidade*"<sup>125</sup>. Se agruparmos as características aí desfiadas noutra disposição, veremos emergir as figuras do Cavaleiro Andante acompanhada por seu Fiel Escudeiro: "Bom senso",

---

(124) LIMA, Alceu Amoroso, *Obra citada*, página 39.

(125) Idem, *Ibidem*, páginas 39-40.

"espírito de moderação", "antiextremismo e anti-romantismo", conformariam o perfil de Sancho; "idealismo", "utopia", "espírito de distinção", "intemporalismo", "presença do passado e respeito pelos mortos", modelariam a feição de Quixote. Na explicação sociológica de Minas, derivada do seu contorno psicológico, precisam-se essas relações: "Toda sociologia mineira é dominada por três elementos de *espírito* que poderíamos chamar - *continuidade, fidelidade, temperança*. *Continuidade*, quanto ao passado. *Fidelidade*, quanto ao presente. *Temperança*, quanto ao futuro".<sup>126</sup> Nesse passo, embaralham-se de tal forma as duas personagens, que a desmontagem da construção assemelha-se à arte do *bricoleur*. "Continuidade", "fidelidade" e "temperança" valem para os dois sob diferentes formas. Continuidade significa para Quixote a permanência do ideal cavalheiresco, enquanto para Sancho a possibilidade de contar com o seu lugar demarcado neste universo social. O comedimento de Sancho atesta o fato deste não se deixar seduzir por perspectivas futuras, eventualmente alvissareiras, dado o seu caráter incerto. Prefere, ao invés de se arriscar no jogo das possibilidades, conservar sua posição, pois poderia dispendar energias à toa, além de perder a convivência íntima com o seu senhor. Ambos representam, portanto, a continuidade quanto ao passado. Fidelidade, para Quixote, traduz-se na manutenção imaginária do seu mundo perdido, e para Sancho na lealdade a seu amo. Os dois são fiéis ao presente, porque vivenciam-no como passado. Conservam-se ligados a ele, traduz a possibilidade de manterem-se integralmente. Na temperança encontram-se indelevelmente unidos. O comedimento frente ao futuro expressa, intimamente, um e ou

---

(126) LIMA, Alceu Amoroso, *Obra citada*, página 43.

tro. Os dias vindouros revelam a morte do par, presos, que es tão, a um mesmo destino, do qual não se escapa. Por isso, a morte entra pela porta dos fundos nessa construção mítica, pois o futuro é a sua esfinge<sup>127</sup>. Nesse passo, sugestões de v á r i a ordem podem ser desenvolvidas. É da natureza do mito a ex clu s ã o da temporalidade, pois se o futuro exprime a história, ab s or v ê - l a, ocasionaria a sua ruína. O mito "pode ser casualmente ligado à história em cada uma das suas partes mas que, tomado no conjunto, resiste a seu curso..."<sup>128</sup>. Visto ser o mito uma fala do presente, mesmo se reportando ao passado como fonte inspiradora, hoje, no fluxo temporal, exerce domínio in con te ste. O acontecido é como as "horas antigas que ficaram muito mais perto da gente"<sup>129</sup>. Embaralhar as diversas dimensões do tempo é da natureza das construções míticas. O futuro assimilável não é verdadeiro porvir, por se restringir ao as pecto controlável pelo mito, daí a moderação diante dele, pois as suas possibilidades de respostas não são ilimitadas. Em tal contexto, entende-se o porquê dos princípios sociológicos de Minas, elaborados por Alceu Amoroso Lima, basearem-se na permanência: "o primado da con ce n tra ç ã o sobre a irradiação; o pr i m a d o da l e n t i d a o sobre a velocidade; o primado da q u a l i d a d e s o b r e o número"<sup>130</sup>. O movimento encontra-se de todo excluído,

---

(127) Remetemos o leitor para a parte 3 do Capítulo I, "As Nu an ças de Quixote", na qual discutimos a relação entre quixotismo e morte em Minas.

(128) LÉVI-STRAUSS, Claude. "Le temps dy mythe". *Annales*, obra citada, página 540.

(129) ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. obra ci ta da, página 92.

(130) LIMA, Alceu Amoroso. *Obra citada*, página 65.

permitindo o fechamento da circularidade mítica. E a missão que "Minas tem ... a cumprir no Brasil e no mundo contemporâneo"<sup>131</sup>, é de criar o eterno retorno. Para o autor, significa, primordialmente, a manutenção do humanismo cristão: "a esse primado de Deus se segue, na filosofia mineira da vida, o primado do homem"<sup>132</sup>. A invocação de Deus repõe, noutra plano, a natureza mítica da construção, criando um *analogon* entre a infinitude divina e a atemporalidade do caráter mineiro<sup>133</sup>. Volta-se para o ponto inicial e recomeça-se a percorrer os caminhos já trilhados, perfazendo, incessantemente, a circularidade mítica.

---

(131) LIMA, Alceu Amoroso, *Obra citada*, página 115.

(132) Idem, *Ibidem*, página 115. Para Fernando de Azevedo, na obra de Alceu Amoroso Lima "a Sociologia ... não seria apenas uma "ciência do espírito", como a querem DILTHEY, e SOMBART, mas também espiritualista e religiosa nas suas tendências". AZEVEDO, Fernando de. "A Sociologia e a Antropologia no Brasil". In *As Ciências no Brasil*, Volume II, Fernando de Azevedo (org.). São Paulo, Editora Melhoramentos, s/d, página 381.

(133) De Minas, Eduardo Frieiro critica a análise de Alceu Amoroso de Lima: "Minas não é nem podia ser como a vê e entende o Sr. Alceu Amoroso de Lima: gente de uma só face, um idêntico temperamento, uma condição única, uma mesma alma, um gesto uniforme, fáceis de serem surpreendidos e fixados em análises e caracterizações totalitárias. A voz de Minas, é claro, não tem um timbre só, que se possa captar e classificar dentro da gama dos timbres que compõem o coral da nação. É pluritonal, como tódas as vozes coletivas. Analisá-la e interpretá-la em seu conjunto, de modo a realizar uma síntese feliz, não parece possível, nem mesmo por aproximação". FRIEIRO, Eduardo. "Fantasias em torno do Mito de Minas". In *Páginas de Crítica e outros escritos*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1955, página 420.



É no bojo do universo mítico que se pode compreender o tão aludido enigma de Minas. Alceu Amoroso Lima concebe a sua obra, como ensaio de deciframento do caráter misterioso do Estado: "Esse sortilégio do humanismo mineiro é que pretendi traduzir nas páginas que aí ficam. Seu papel não é outro senão uma tentativa de decifração do enigma mineiro; não é outro senão um convite à meditação de Minas sobre si mesma"<sup>134</sup>. Sem pretender decifrá-lo, o autor acaba concorrendo ao incremento da idéia de que, para se compreender Minas, se necessitam das artes do adivinho. Ao mesmo tempo, ao conclamar à auto-meditação, excita novas mentes a reter os fios do mito, repondo, visto não ultrapassar e nem isto desejar, a construção mítica. Assumido o mistério que envolve Minas, fica excluída a possibilidade do seu deciframento: "MINAS: patriazinha. Minas a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas - a gente não sabe"<sup>135</sup>. O enigma é de natureza mítica, inexistente temporalidade no mundo das coisas secretas. "Prefiro estancá-las no tempo, a exaurir-me em impressões arrancadas aos pedaços; e que aos poucos descobririam o que resta do mistério da minha terra, desafiando-me como a esfinge com o seu enigma: decifra-me, ou devorote. Prefiro ser devorado"<sup>136</sup>. Isto é, opto por navegar no mar das ilusões míticas, prefiro continuar a ser o mineiro que me conceberam e que ora reforço, desejo conservar a minha identidade. Por isso, permito que a minha mente reste engolfada pe-

---

(134) LIMA, Alceu Amoroso, *Obra citada*, página 124.

(135) ROSA, João Guimarães. "Minas Gerais". *Obra citada*, página 269.

(136) SABINO, Fernando. "Minas enigma". *Obra citada*, página, 75.

la vaga mítica. Decifrá-la seria destruí-la. Só posso senti-la e acolhê-la em meu pensamento: "As condições de aparecimento do mito são as mesmas de todo pensamento, pois este não é mais que o pensamento de um objeto e um objeto não existe simplesmente e despojado da forma como o conhecemos, mas existe no fato de constituir o sujeito como sujeito e a própria consciência como consciência de uma relação"<sup>137</sup>.

A certeza de pertencer-se a Minas firma a consciência da identidade: "Sou mineiro dos que dizem - mineiro graças a Deus!"<sup>138</sup>. Fundamenta a firmeza quando vive o exílio: "Todas essas baldas essenciais do mineiro, que não perdi, vivendo fora de Minas da metade de minha vida. E cem anos que eu viva, não as perderei"<sup>139</sup>. Marca-o, indelevelmente, para a vida inteira: pois nada "tira do mineiro que emigra sua qualidade de natural da sua terra, nem seu direito de estremecê-la mais que a todas as outras. Sempre lá ficaram o umbigo e o primeiro dente de leite, sempre ele guardará seu sotaque, a música de sua falação, sua frase ambígua e o seu - Uai! Afrânio de Melo Franco dizia "tomém" por "também" - até morrer"<sup>140</sup>. Inebriados pela aragem do indefinível, o mero exercício de concretizar o espírito de Minas, empurra os decifradores, novamente, à imersão mítica: "... não há coisa melhor que tentar definir o in-

---

(137) LÉVI-STRAUSS, Claude. "Le temps du mythe". *Obra citada*, página 534.

(138) NAVA, Pedro. *Galo das Trevas (As Doze Velas Imperfeitas)*. Memórias V. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981, página 6.

(139) NAVA, Pedro. "Marca indelével". *Obra citada*, página 96.

(140) NAVA, Pedro. *Círio Perfeito*. Memórias IV, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, página 413.

definível"<sup>141</sup>. Daí, as intenções do cercamento dos eflúvios de Minas sō perderem o tom abstrato, quando voltam-se para a natureza física do Estado: "O mar - como o deserto; ou mesmo a planície - é elemento unificador, enquanto que a montanha diversifica depressa, para depois conservar diferente. Assim, entre as montanhas persistem vestígios ilhados de raças, hábitos, antigas culturas"<sup>142</sup>. O relevo passa a determinar o caráter dos habitantes de Minas: ... "o fato é que a montanha traz ao mineiro a consciência da gravidade da vida. E lhe dá aquele "melancolismo"...<sup>143</sup>. Rege os princípios da produção cultural dos mineiros: "Antes de mais nada temos que concordar que os efeitos de uma paisagem constituída por montanhas negras, dominando o conjunto, montanhas que parecem estarem pesando sobre o coração dos homens, sō poderiam realçar os efeitos da tristeza produzida pelo clima e pelo solo. O mineiro é triste. Se alguém tomasse o trabalho de estudar a melancolia na poesia mineira certamente teria o seu trabalho recompensado com o reconhecimento de que todos (ou quasi todos) os poetas de mais importância em Minas foram irremediavelmente melancólicos"<sup>144</sup>. Visto ser o meio físico um fator compulsório, a ênfase no seu papel conformador do caráter, faz conceber seres com personalidades semelhantes. Se a função modeladora das montanhas não se transforma, tende a recriar homens aparentados em suas vocações. Idêntica paisagem e efeitos sempre idênticos recria a

---

(141) LIMA, Alceu Amoroso. *Obra citada*, página 86.

(142) LATIF, Miran de Barros. *Obra citada*, página 160.

(143) LIMA, Alceu Amoroso. *Obra citada*, página 53.

(144) TORRES, João Camillo de Oliveira. *O Homem e a Montanha*.  
Obra citada, página 31.

paralisia do tempo e tende à mitificação. O perfil dos mineiros adquire, assim, tal permanência, por ter sido cinzelado no ambiente que o envolve e do qual é fruto. Por isso, jamais o caráter fica apagado, mesmo quando o mineiro, nas suas andanças, encontra-se afastado de seu *habitat* natural, tendo em vista a própria força da escultura a vincar-lhe fortemente o rosto com impressões indelêveis.

A magia em torno de Minas advém, em parte, dessas concepções. A mística tecida em volta da terra de Minas, embasada no solo prolífico em pedras e metais preciosos, assume dimensões de grande exaltação amorosa: "Minas é um negócio estranho. O Rio de Janeiro, por exemplo, que tem o mar, São Paulo, tem mar. Diamantina, por exemplo, já foi mar. É um negócio muito, mas muito mais. É milenar, é uma sabedoria incrível. Quando inundar o Rio de Janeiro aí é que eles vão chegar ao pé da gente"<sup>145</sup>. A paisagem tornada personagem afastada dos homens a capacidade de fiarem a sua própria história e fá-los receptáculos da sua vontade. Em parte, a própria dificuldade de precisar-se as características do solo arestoso, caminha rumo ao indefinível: "O que é, ao certo, uma montanha? Pouco ajuda para a definição um conceito simples como, por exemplo, o conjunto das terras mediterrânicas, de altitude superior a quinhentos metros, até porque se trata de escalas humanas de valor, escalas incertas, difíceis de referenciar nos mapas. De resto, já há muito Raoul Blanchard lançara o aviso: "Uma definição de montanha que seja clara e compreensível é, em si mesma, quase

---

(145) Participação de Fernando Brant no Painei "Minas não há mais?" *Obra citada*, página 27.

impossível de formular"<sup>146</sup>. As montanhas teriam, portanto, na natureza análoga à do tempo, cuja periodização pressupõe, sempre, o estabelecimento de recortes criados a partir de convenções.

O mito da mineiridade resulta de uma apropriação particular da infinitude do tempo. À sensação de permanência ofertada pelas montanhas mineiras, corresponde, no interior do discurso mítico, uma proposta de segurança diante da volaticidade dos eventos históricos. A especial assimilação da história pelo pensamento mítico, faz nascer um mundo uno e indivisível, fundador de uma representação particular da realidade. As práticas sociais dos sujeitos desenrolar-se-ão no interior de um palco, concebido nas artimanhas do imaginário. "O pensamento mítico ... tira seu impulso da vontade de *conhecer* a realidade, mas, no seu processo, desemboca numa explicação ilusória do encadeamento de causas e de efeitos, que fundam a ordem das coisas"<sup>147</sup>. O mito, dessa forma, da condição de produto do real, reverte-se sobre a sua própria origem, ao passar a comandar as representações e as condutas dos agentes. No entrecurso, obscurece-se a própria percepção do tempo histórico, impedindo que se localize na história a gênese dessas elaborações. A configuração de Minas, durante o século XIX, engendrou uma sociabilidade específica de tipo modorrento, que inclina-se à mitificação. A profundidade da fotografia de Minas revelada posteriormente por seus intérpretes, encontra aí, a principal fonde

---

(146) BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*. Volume I, Tradução portuguesa, Lisboa, Livraria Martins Fontes Editora, 1983, páginas 40-41.

(147) GODELIER, Maurice. *Obra citada*, página 546.

te inspiradora, ao combinar-se, de forma original com o seu passado. Deste arranjo, reside, em grande parte, o segredo de Minas, decantado por seus codificadores e magicamente realizado na pena magistral dos seus poetas:

*Minas é uma palavra montanhosa.*

*"Minas não é palavra montanhosa.*

*É palavra abissal. Minas é dentro  
e fundo.*

*As montanhas escondem o que é Minas.  
No alto mais celeste, subterrânea.  
É galeria vertical varando o ferro  
para chegar ninguém sabe onde.*

*Ninguém sabe Minas. A pedra  
o buriti  
a carranca  
o nevoeiro  
o raio  
selam a verdade primeira, sepultada  
em eras geológicas de sonho.*

*São mineiros sabem. E não dizem  
nem a si mesmos o irrevelável segredo  
chamado Minas"<sup>148</sup>.*

---

(148) ANDRADE, Carlos Drummond de. "A Palavra Minas". In *As impurezas do Branco*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1976, página 112.

C A P I T U L O I V .

I M A G I N Á R I O . E S O C I E D A D E

## 1- TEMPORALIDADE E REPRESENTAÇÃO

A compreensão da mineiridade - como mito, como história - pressupõe o esclarecimento sobre as diversas dimensões de tempo nela presentes. Caracterizamos a construção mítica a partir do seu caráter atemporal; pois os momentos do tempo - passado, presente e futuro - convivem harmonicamente, encontram-se mesclados e indiferenciados. O pensamento mítico, todavia, constitui-se numa elaboração a partir de um fluxo histórico determinado. Nele encontra sua fonte inspiradora. Em essência, o próprio mito expressa um rearranjo de elementos históricos, que se combinaram de forma particular, traduzem uma elaboração coerente e ordenada da vida social. Isto é, o mito superpõe, ao tecido maleável e destendido da história, uma visão unitária. Nesse sentido, a elaboração mítica não se confunde com a história, mas fala sobre ela de maneira enviezada reordenando certos significados que aí são gerados. Por isso, o desvendamento mítico exige uma imersão nos processos históricos, matrizes últimas das significações mas, principalmente, a deteção dos sujeitos sociais a quem, mais diretamente, elas correspondem, sobretudo quando se trata de construções saídas de sociedades diferenciadas. Este aspecto tem especial importância para o objeto que ora estudamos.

Nas sociedades simples, onde a diferenciação não é a tônica, os mitos recobrem-na em conjunto. No que tange às sociedades complexas, mesmo aquelas sem uma estrutura de classes configurada - caso de Minas nos séculos XVIII e XIX - a vestimenta mítica adequa-se, com mais propriedade, a certos agen



tes sociais, ainda que no processo de assimilação ocorra, eventualmente, ultrapassagem do quadro social gerador. Na tarefa de codificação do mito alguns colaboradores originaram-se de outras regiões; a percepção externa dos mineiros, nos moldes propostos pela construção, exprime o seu transbordamento. Assim, na linha da exemplificação, poderíamos detectar "efeitos estranhos" quer a sujeitos históricos específicos, quer ao espaço regional. A natureza de tais operações residiria, provavelmente, na própria força mítica, haurida na coerência da sua articulação, mas também, na presença de certos contextos históricos - internos e externos a Minas -, que criam situações favoráveis à introjeção do mito. Nessas ocasiões, o pensamento mítico adquire caráter mais abrangente, preenchendo espaços sociais mutuamente exclusivos, assumindo o aspecto de densa capa social a envolver o conjunto.

O entendimento mais profundo, mais detido desse processo, pressupõe distinguir a atemporalidade mítica do tempo histórico inerente a Minas<sup>1</sup>; cabe, além disso, separá-los das transações representativas e imaginárias que se elaboraram no percurso da história. Nos capítulos anteriores, viemos perseguindo os fios da mineiridade, o que nos permitiu deslindar, na coerência da sua construção, a qualidade mítica. Recapitulemos, pois: o pensamento mítico revelou-se adequado para caracterizar a mineiridade, ao expressar um grau de complexidade e articulação, capaz de envolver toda a trama social. A com

---

(1) "O ritmo da vida social está na base da categoria tempo". DURKHEIM, Émile. *Las Formas Elementales de la Vida Religiosa*. Trad. esp., Buenos Aires, Editorial Schapire, 1968, página 449.

plexidade advém do objeto que pretende dominar, isto é, a história dos homens. Deriva, daí, a necessidade de forte coerência interna, presente na articulação, sem a qual o indispensável poder de convencimento; restaria anulada. A dimensão atemporal - evidente na mineiridade - resulta da natureza mítica: a história é objeto do mito, assim não se pode confundir com ela, na sua pretensão de dominá-la precisa superá-la, aparecer como se sobre ela pairasse. O núcleo do pensamento mítico gira em torno da origem. Na mineiridade foram os inconfidentes, vivendo em ambiente ilustrado, os fundadores dos mineiros. Nesse nível de ambição, "origem" e "causa" não se distinguem. Finalmente, cabe ao mito identificar-se. Esse aspecto decorre dos outros, mas ao mesmo tempo, explica-os, na medida em que abre caminho para a *praxis*. A mineiridade ao criar a figura abstrata dos mineiros identifica-os; estes ao moverem-se nos quadros de suas propostas, visíveis nos momentos rituais, reforçam-na. Manifesta-se, nesse passo, o papel emulador do mito no direcionamento das práticas sociais. Aqui, expressam-se as virtualidades do mito.

A presença da identidade pode dar origem a certas práticas, ou comportamentos, conformadores de situações sociais. Quando tal fato ocorre, forjam-se representações particulares do mito, resultando em práticas ideológicas, que, às vezes, se manifestam. As representações ligam-se ao mito de forma especial. Em essência, constituem-se numa camada simbólica gestada a partir de apropriações específicas do mito. Nesse sentido, a representação diz respeito a certo rompimento do domínio mítico, pois inaugura uma nova fase de significações. Enquanto o mito pressupõe a analogia, fundado na relação de similitude entre o seu discurso e os seres sociais que busca i-

dentificar, a representação quebra, de alguma maneira, a força da identificação primária, ao propor renovadas operações identificadoras, baseadas na diferença<sup>2</sup>. Seria possível estabelecer, nesse passo, aproximações entre o mito e a natureza da cultura ocidental até o século XVI. "Até fins do século XVI, a semelhança desempenhou um papel constitutivo no saber da cultura ocidental. Foi ela que orientou, em grande parte, a exegese e a interpretação dos textos: foi ela que organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de as representar. O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que eram inúteis ao homem. A pintura imitava o espaço. E representação - quer fosse um pazer ou uma lição - oferecia-se como uma repetição"<sup>3</sup>. Em contrapartida, a representação lastreada na diferença assemelha-se à cultura de época clássica, "devido a uma ruptura essencial ocorrida no Ocidente, já não se trata das similitudes, mas sim das entidades e das diferenças"<sup>4</sup>. Daí, a representação estar relacionada a apropriações particulares do mito, por agentes sociais envolvidos em

---

(2) Estamos pensando, nessa passagem, na distinção estabelecida por Durkheim entre consciência coletiva - característica das sociedades que se apoiam nas similitudes -, e representações coletivas - típicas das sociedades organizadas com base na diferença. Cf., DURKHEIM, Émile. *De la División del Trabajo Social*. Trad. esp. Buenos Aires, Editorial Schapire, 1967.

(3) FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. Trad. port., Lisboa, Editora Portugal, s/d., página 34.

(4) Idem, *Ibidem*, página 75°.

momentos históricos definidos. Intrinsecamente, as representações estabelecem a passagem do mito para a prática ideológica, quando os homens são capazes de romper a fixidez do elo entre um pensamento e o objeto que lhe corresponde. Em termos concretos, a representação da mineiridade manifesta-se ao assumir a maleabilidade das práticas sociais, atestando o esfacelamento da rigidez significativa.

O uso da imagem de Quixote na construção do mito da mineiridade teria o condão de ensejar a emergência das apropriações representativas. A própria personagem expressa, tragicamente, a impossibilidade de atribuir-se a um mundo, já agora múltiplo, as correspondências forjadas no passado. "D. Quixote é a primeira das obras modernas, pois nela se vê a razão cruel das identidades e das diferenças zombar incessantemente dos signos e das similitudes; pois a sua linguagem rompe a velha intimidade com as coisas, para entrar nessa soberania solitária de ser abrupto, donde só sairá convertida em literatura"<sup>5</sup>. A coerência mítica só emerge, ao combinar Quixote com Sancho, pois a fidelidade do último e a sua temperança, põem termo a probabilidade das circunstâncias tragarem mais vorazmente o seu amo. Sancho recompõe a certeza do passado, ao identificar os objetos, que os rodeiam, de forma fixa. Por isso, os devaneios são exclusivos de Quixote, o bom-senso, respaldado na convicção, define Sancho. Se Quixote abre fendas para a passagem das representações, Sancho fecha-as, organizando um ambiente sem sombras. Por isso, os atributos dos mineiros, muito embora possam ser localizados nas duas personagens,

---

(5) FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas, Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. Obra citada, página 73.

são, mais tipicamente, de Sancho<sup>6</sup>. Na combinação entre ambos, o escudeiro obteve primazia. Quixote desponta na vanguarda, predominantemente nas obras literárias, cuja natureza pressupõe a ruptura da fixação. Dessa forma, o cavaleiro desempenha as funções representativas e imaginárias, que, não obstante as semelhanças, diferenciam-se, por tratarem de absorções específicas do mito.

O imaginário, tal como o estamos concebendo nesse trabalho, corresponde a uma elaboração significativa reduplicada. Isto é, aos significados míticos atribue-se nova significação. Nesses termos, o mito seria a concepção central e unitária de Minas. O imaginário resultaria tanto de uma "sofisticção" da vertente representativa, mas afastada da "imediatez" prática, quanto de certa "historicização" do pensamento mítico, fruto da agregação, em diferentes momentos, de novos significados. No limite, a abertura do leque de significados empurra para a ultrapassagem mítica, o que ocorre, efetivamente, em algumas expressões literárias. Trabalhamos, portanto, inspirados na noção de imaginário periférico elaborada por Castoriadis: "Ele corresponde a uma segunda ou enésima elaboração imaginária dos símbolos a sucessivas camadas de sedimentação"<sup>7</sup>. O imaginário oscila entre uma grande proximidade com o mito - quase confundindo-se com ele -, e o extremo afastamento - quando rompe o seu círculo fechado. Nessa medida, a representação apresenta maior fixidez, ao estabelecer as mediações entre o mito e a prática ideológica. O imaginário não

---

(6) Remetemos o leitor para o CAPÍTULO III, deste trabalho.

(7) CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. port., 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, página 158.

desemboca, necessariamente, em práticas sociais concretas, re-presentando, antes, "o reaparecimento da linguagem num pulular múltiplo"<sup>8</sup>. Está-se nesse passo, essencialmente, no universo da significação, daí a sua polissemia. Haveria, aqui, uma conexão entre o imaginário e as novas questões produzidas pela cultura ocidental, a partir do início do século XIX, equacionadas, magistralmente, por Foucault: "... tendo-se separado a lei do discurso da representação, o ser da linguagem ficou como que fragmentado. Mas elas tornaram-se necessárias quando, com Nietzsche com Mallarmé, o pensamento foi reconduzido, violentamente, para a própria linguagem, para o seu ser único e difícil"<sup>9</sup>. Quanto mais puramente linguagem maior o afastamento do imaginário em relação ao mito; quanto mais chegado à construção mítica, maior a possibilidade do imaginário ligar-se às representações e transformar-se em ideologia. O imaginário da Restauração Pernambucana é exemplar nesse sentido: "Ao longo de dois séculos e meio, nosso sistema de representações mentais sobre o período holandês teria de sofrer, por sua vez, as repercussões inevitáveis das conjunturas políticas, econômicas e sociais por que passou o sentimento nativista em Pernambuco"<sup>10</sup>. A aproximação quanto ao mito evidencia-se na presença da origem: "... a restauração torna-se como que a experiência fundadora da identidade provincial"<sup>11</sup>. O afastamento advém

---

(8) FOUCAULT, Michel. *Obra citada*, página 395.

(9) Idem, *Ibidem*, página 399.

(10) MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio. O Imaginário da Restauração Pernambucana*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986, página 11.

(11) Idem, *Ibidem*, página 14.

das constantes "releituras" do movimento, a partir de realidades históricas distintas<sup>12</sup>. Diferentemente do mito que exclui a história, o imaginário pode absorvê-la, mas a partir do mito.

Subjazem, todavia, tênues diferenças entre expressões imaginárias e as representações ideológicas. Para efeito deste trabalho, as distinções são extremamente importantes, sob pena de sermos levados a confundir produções culturais essencialmente diversas. Há obras, que transitam próximas da órbita mítica: certos livros de historiadores e de cronistas, por exemplo, que não possuem, *essencialmente*, a natureza das práticas políticas orientadas por representações específicas do mito. A produção literária inspirada na construção mítica, constitui-se no caso extremo de oscilação imaginária, porque contém significados que a transbordam e, até a superam. Nos dois primeiros exemplos, cujas diferenças são, à primeira vista, sutis, tornam-se mais visíveis, quando conseguimos entrever práticas envolvidas na confecção de projetos políticos determinados. Ainda aqui, estas distinguem-se de outras práticas ideológicas, pois encontram-se vinculadas, nas mais variadas graduações, ao pensamento mítico. Em tais momentos, as virtualidades do mito adquirem concretude nas práticas, ao exprimirem e representarem "algo mais". Estamos, nessas situações, *vis à vis* aos desígnios de grupos e/ou classes sociais, que se utilizam das evocações de imagens, para implementar seus propósitos e/ou para perpetuarem certas condições. Percebe-se, nesses momentos, a conexão entre o mito e o *fazer histórico*.

---

(12) A esse respeito consultar Evaldo Cabral de Mello. *Ibidem*.

É possível reconhecer-se, na história de Minas, pelo menos duas dimensões temporais míticas: a primeira emerge no século XVIII, correspondendo ao apogeu da mineração, quando a riqueza das minas produziu uma época de fulgor cultural, presente na intensa vida urbana, inusual para os padrões da colônia; a segunda inicia-se já nos fins do setecentos, após a retração mineradora, quando a economia mineira ruraliza-se, estendendo-se por todo o século XIX e adentrando décadas do século XX. Haveria, ainda, uma terceira etapa, iniciada a partir de meados deste século, plenamente configurada nos últimos dez ou quinze anos, referente à industrialização em Minas<sup>13</sup>. Tal face, no entanto, não conforma uma temporalidade expressiva à compreensão da emergência do mito e dos elementos por ele articulados. Por isso, as nossas referências a ela ocorrerão, basicamente, ao analisarmos a instrumentalização do pensamento mítico, persistente até hoje, mas apenas quando tratarmos do esgarçamento e da superação do mito.

A temporalidade da sociedade mineira, rompida com a

---

(13) Francisco Iglésia propõe a seguinte periodização para a História de Minas: "1) 1693 a 1770, com a atividade mineratória, seu surgimento, esplendor e declínio, suas vicissitudes, enfim; 2) de 1770 a 1830, declínio da mineração e busca de outra atividade; 3) de 1830 a 1939, economia agrícola, com o predomínio da produção do café; 4) de 1939 aos nossos dias, com a diversificação da economia, não só da produção agrícola, mas também industrial". IGLÉSIAS, Francisco. "Periodização da História de Minas". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. XXIX, julho de 1970, página 192. Nossas preocupações estão voltadas, predominantemente, para as grandes linhas da temporalidade. Nesse sentido, as ritmações mais precisas, embora muito importantes, ultrapassam as necessidades desse trabalho.



decadência da mineração, se tem importância intrínseca para o desenvolvimento do mito, é profunda do ponto de vista da criação de um ritmo histórico particular. A Capitania de Minas, no século XVIII, vivia imersa numa temporalidade regida externamente. A condição de supridora de metais e pedras preciosas fez das Minas o centro de preocupações do Império Português. Assim, a personalidade da Capitania sopitou-se imersa na rigidez do controle da metrópole, combinada à vida social que despontara nos centros urbanos, criadora de sociabilidade específica e, por fim, no ambiente de insatisfação e resistência às normas ferrenhas. Em suma, a cadência das Minas reverbera os sons da partitura tocada na Europa. A pequena metrópole portuguesa perdera, há muito, a sua importância, inserindo-se de forma subordinada no concerto europeu<sup>14</sup>. Portugal não detinha as suas mãos a riqueza produzida em suas colônias, mesmo o ouro da sua capitania diletta adornava, infielmente, outros corpos<sup>15</sup>. Em decorrência, a temporalidade das Minas encontrava-se nos movimentos de expansão capitalista, subjugada às gradações do ritmo europeu. Posteriormente, a partir dos fins do século XVIII e claramente ao longo do XIX, a temporalidade de Minas

- 
- (14) "Pequena Metrópole de extensos domínios ultramarinos. Portugal não acompanhara, na época da acumulação originária, o ritmo do crescimento econômico das grandes potências colonizadoras européias". NOVAIS, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo, Editora Hucitec, 1979, página 135.
- (15) "A perfeita conexão entre a idade do ouro do Brasil e as transformações na economia inglesa possibilitaram o impulso do capitalismo industrial na Inglaterra". PINTO, Virgílio Noya. *O Ouro Brasileiro e o Comércio Anglo-Português. (Uma contribuição aos estudos da economia Atlântica no século XVIII)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979, página 334.

assume novo compasso.

Ao esgotamento das lavras segue-se a ruralização, transformando a fazenda mineira em microcosmo do universo material, social e cultural<sup>16</sup>. É o centro da vida e, portanto, o fulcro da história de Minas. Se pensarmos a sua permanência na história da região, trata-se de uma longa duração, um núcleo polarizador da vida social mineira. Pensamos aqui, a longa duração na *acepção braudeliana*, mas já agora descolada do movimento da história européia<sup>17</sup>. Nas Minas, a ritmação fora marcada por sua condição colonial, que, por isso mesmo, se manifestara surpreendentemente acelerado, de tal sorte que, às durações seculares européias se configuravam, aqui, durações semi-seculares<sup>18</sup>.

- 
- (16) "Mesmo quando o *boom* do café atingiu seu apogeu, a fazenda, o *sítio*, a *roça* de subsistência, e a fazenda de gado, não a *plantation*, formou o *coração* e o volume da vida econômica". MARTINS, Roberto Borges. "Slavery in a Nonexport Economy: Nineteenth Century Minas Gerais Revisited". *The Hispanic American Historical Review*, vol. 63, number 3, August 1983, página 559.
- (17) Para a recomposição e crítica das durações *braudelianas*, ver: ARRUDA, José Jobson de Andrade. "O Século de Braudel". *Novos Estudos Cebrap*, vol. 2, nº 4, abril de 1984, pp.37-43, completado por ARRUDA, José Jobson de Andrade. "O Mediterrâneo de Braudel". *Anais do Museu Paulista*, Tomo XXXIII, São Paulo, 1984, pp. 57-64. Para o repensar de suas próprias durações, veja-se: "BRAUDEL, Fernand. *La dynamique du Capitalisme*. Paris, Arthaud, 1985, sobretudo o último capítulo. "Le temps du Monde", pp. 81-121. Este livro foi escrito originalmente em 1979 e antecedeu à publicação de *Civilisation Matérielle, Économie et Capitalism*, 3 vols.
- (18) "No Brasil, o ritmo é duas vezes mais rápido. Cada século possui seu impulso e seu declínio, caracterizando-se como um 'ritmo *miséculaire* brasileiro'". MAURO, Frédéric. "A Conjuntura Atlântica e a Independência do Brasil". In: *1822 Dimensões*. Carlos Guilherme MOTA (org.), São Paulo, Editora Perspectiva, 1982, p. 39.

Noutros termos, a secularidade da Europa reduzia-se à metade na colônia, fruto do próprio dinamismo das economias do Novo Mundo, adaptadas ao ritmo externo e respondendo às atividades que se gestavam fora. No conjunto, as fazendas mineiras diferenciavam-se, nitidamente, das suas congêneres localizadas no litoral, ou então, em outras partes do território brasileiro. Sua natureza específica definia-se por seu caráter isolado, auto-suficiente e diversificado. A história de Minas Gerais torna-se marcada pelo predomínio da duração centrada na fazenda. Uma duração bi-secular. Nada desprezível, mesmo em termos das longas durações braudelianas. O ritmo do tempo, nessas condições, adquire outra intensidade, torna-se modorrento, quase parado, pois não flui com intensidade. Nada de realmente novo parece acontecer, tudo reduz-se à longa duração do quotidiano, aprisionado e contido no predomínio das relações sociais imediatas. Essa "paralisia" do tempo histórico possui grande analogia com a intemporalidade mítica. De outro lado, a configuração oitocentista - chamemo-la assim - em si mesma não parece fecunda; situações sociais semelhantes ocorreram, sem que nada de particular resultasse. O peculiar provém da junção entre o passado urbano e cultivado nos segmentos sociais superiores, com o universo rural e um tanto rústico da fazenda. Dessa ligação particular, brotam as condições para a tessitura do mito da mineiridade: "Há muitas minas, mas foi a mineração, superposta ou justaposta a outras atividades econômicas e a trechos de outras regiões culturais, que marcou decisivamente a subcultura regional"<sup>19</sup>. Desse encontro, nasceu a concepção de

---

(19) DIAS, Fernando Correia. *A Imagem de Minas. Ensaios de Sociologia Regional*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971, página 20.

Minas, imbuida de forte sentimento regional e característico do estado. Nem sempre, cruzam-se regionalismo e divisão geográfica. No Nordeste brasileiro, a região ultrapassa os limites estaduais; em Minas encontram-se superpostas. "Minas, capitania autônoma desde o início do século XVIII, tornou-se depois Província e Estado. Cada estruturação político-institucional deixou claros traços na fisionomia mineira: E, embora a região não se confunda com os limites político-administrativos, não se nega que a emergência precoce de um quadro institucional diferenciado, do ponto-de-vista jurídico ou do sociológico, nesta área brasileira, haveria de contribuir, em qualquer medida, para o sentimento regional"<sup>20</sup>. A autonomia relativa de Minas oitocentista expressa no universo da fazenda mineira, abriu espaço às invenções da tradição, vivendo-a como se fora eterna. O século XIX mineiro está repleto de sugestões nesse sentido. As palavras de Braudel, quando se pergunta sobre a identidade da França, amoldam-se, com perfeição, à realidade Mineira: "Então, o que entender por identidade da França? Senão um tipo de superlativo, senão uma problemática central, senão um controle nas mãos da França dela mesma, senão o resultado vivo disto que o interminável passado depositou pacientemente em camadas sucessivas, como o depósito imperceptível de sedimentos marinhos criou, pela força da permanência, nas poderosas fileiras de pedra da crosta terrestre? Em suma, um resíduo, um amálgama, de adições, de misturas. Um *processus*, um combate contra si mesma, destinado a se perpetuar"<sup>21</sup>. A presença do mito expõe certa "vocaçãõ" de Minas à perpetuaçãõ. A perpetuidade da vida, gerada na cadência morosa do tempo.

---

(20) DIAS, Fernando Correia. *Obra sitada*, página 21

(21) BRAUDEL, Fernand. *L'Identité de la France. Espace et Histoire*. Paris, Arthaud, Flammarion, 1986, página 17.

2 - A PRODUÇÃO DA VIDA MATERIAL

No bojo da arrancada aurífera dos inícios do século XVIII, deu-se a ocupação econômica do espaço mineiro. Neste contexto, teve lugar o deslocamento maciço de contingentes populacionais rumo ao eldorado brasileiro<sup>22</sup>. Que epopéia! A epopéia vital brasileira? A princípio, os portugueses arranharam a costa como carangueijos, escreveu Frei Vicente do Salvador. Agora, era enfrentar as enormes dificuldades representadas pela travessia das serras, numa sucessão infinita de montanhas, de morros alcantilados, de rios extrovertidos a buscar o coração das gerais. O autor de *Monções* descreve, de forma ímpar, a soberba aventura que foi atar os cordéis entre os centros abastecedores, mais próximos do litoral, e os núcleos de mineração<sup>23</sup>. Celso Furtado pensou os polos da ocupação econômica do Brasil Colonial, revelando sua precária integração: uma "constelação de sistemas" na qual a economia mineira e a eco-

---

(22) Caio Prado Jr. fala da revolução demográfica provocada pela descoberta do ouro em Minas Gerais, responsável pela reorientação das linhas de povoamento da colônia, que adquire novo ímpeto, assumindo uma nova feição. Segundo ele "durante toda a primeira metade do século, em que se sucedem as novas descobertas e também as explorações e tentativas malogradas, assistimos a deslocamentos bruscos e violentos que agitam e transformam a cada momento, a estrutura demográfica da colônia". PRADO JR., CAIO - *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Editora Brasileira, 1961 (6ª ed.), páginas 65-66.

(23) Tendo sua primeira edição em 1945, pela Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro, somente trinta anos depois saiu a segunda edição de *Monções*. São Paulo, Editora Alfa/Omega, 1976.

nomia açucareira - os dois centros principais - ligavam-se, respectivamente, às pecuárias sulina e nordestina<sup>24</sup>.

O ensaio de caracterização da economia mineira do século XVIII, empreendido por Celso Furtado, teve por referencial o Nordeste açucareiro, culminando na feitura de pares de oposição. De um lado, pequenos e médios empreendimentos, baixo capital imobilizado, maior mobilidade espacial da empresa, elevada rentabilidade, alta concentração de recursos, intenso fluxo de renda, renda média *per capita* inferior, menor concentração de renda, maior importação de bens de consumo, alto custo de transporte, impacto econômico interno mais intenso. De outro, grandes empreendimentos, maior capital, menor mobilidade espacial da empresa, menor rentabilidade, baixa concentração de recursos, fluxo de renda menos intenso, superior renda média *per capita*, maior concentração de renda, maior importação de bens de luxo, baixo custo de transporte, reflexos econômicos locais menores. A resultante dessa montagem de características conduz à constituição de um centro dinâmico, no núcleo mineiro, com potencialidade endogenizante. Opostamente o centro dinâmico do núcleo açucareiro, externalizara-se.

A produção aurífera, em Minas Gerais, atingiu núme-

---

(24) Cf. FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1963, primeira edição de 1959, especialmente o capítulo XIII, Povoamento e Articulação das Regiões Meridionais, p. 91 e segs. Segundo Paulo SINGER. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*, São Paulo, Ed. Nacional, 1974, p. 201: "a economia mineiradora irradiava sua influência por quase todo território da colônia, por mais que as autoridades metropolitanas procurassem encaminhar o ouro por um só escoadouro".

ros significativos por volta de 1755<sup>25</sup>, momento máximo da arrancada produtiva, cujo impacto, em escala mundial, não foi na da desprezível<sup>26</sup>. Talvez, por isso mesmo, tenha ofuscado intérpretes da realidade mineradora, que supervalorizaram o papel do ouro na economia colonial brasileira. Reciprocamente, passaram a considerar o final do século XVIII um momento de prostração, de perda de substância material, em suma, de decadência, no seu sentido mais amplo e irrestrito<sup>27</sup>. Esta perspectiva tem si

- 
- (25) O ouro das Minas Gerais atinge o máximo de sua produção no quinquênio 1735-1740, mantido em níveis altos na década seguinte. O ponto máximo da produção aurífera brasileira, contudo, somente foi atingido no quinquênio 1750-1755, exatamente pelo aumento da produção em Mato Grosso e, sobretudo, Goiás. Cf. PINTO, Virgílio Noya. *O Ouro Brasileiro e o Comércio Anglo-Português*. Obra citada, página 115.
- (26) Para um balanço recente das escalas de produção aurífera durante a época moderna, numa reavaliação quantitativa que altera alguns levantamentos tradicionais, como por exemplo o de Adolf von SOETBEER. *Edelmentall-Produktion und wertheverhältniss swichen Gold und Silber der enddeckung Amerika's bis sur gegenwart*. Gotha, 1979, tomando por base as informações contidas, sobretudo, nas gazetas holandesas, ver: MORINEAU, Michel. *Incroyables gazettes et fabuleux métaux. Le retours des trésor américains d'après les gazettes hollandaises (XV<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles)*. Cambridge, Cambridge University Press et Editions Maisons des Sciences de l'Homme, Paris, 1986, especialmente Capítulo 2. "Or Brésilien et gazettes hollandaises (1699-1806)", páginas 120-217.
- (27) Talvez que o exemplo mais marcante seja próprio Celso Furtado, no capítulo O Maranhão e a Falsa Eurória do Fim da Época Colonial, pp. 109-113, *Obra citada*. Nesse passo o autor tece conjecturas sobre os níveis de renda na economia colonial, estabelecendo comparações entre os anos de 1750 e 1800, concluindo que neste último momento a renda per

do gradativamente nuançada, a partir da evidência de que o potencial de crescimento interno fora maior nos fins do século XVIII, apesar da menor renda de exportação. Em decorrência do processo de diversificação das exportações coloniais, promoveu-se a redistribuição mais intensa da renda interna, reduzindo-se a sangria externa do fluxo econômico das Minas. A colônia, no seu conjunto, exibe renda *per capita* mais elevada no final do que nos meados do século XVIII<sup>28</sup>.

Na verdade, as análises de Celso Furtado sobre a economia açucareira nortearam a sua visão da economia mineira. Exemplo da transposição desse viés explicativo é o vínculo entre o setor de subsistência e o setor exportador. No primeiro, com propriedade, considera que, nos momentos de atrofiamento do setor exportador, o núcleo de subsistência a ele acoplado, retrograda a padrões de autoconsumo, sem se transformar. Tal transposição redundou em perda de capacidade explicativa, ao desconsiderar as especificidades da história de Minas<sup>29</sup>

---

(27) CONT.- *capita* não ultrapassaria a 50 dólares, muito abaixo dos índices presumíveis para os meados da centúria.

(28) A partir dos cálculos ponderados por ARRUDA, José Jobson de Andrade. *O Brasil no Comércio Colonial*. São Paulo, Editora Ática, 1980, p. 653, a renda *per capita* média nas sete regiões brasileiras, em 1800, atingiria 58.12 dólares, sendo que, em algumas regiões tais como Maranhão/Piauí e Bahia/Sergipe, ultrapassava a casa dos 100 dólares, utilizando-se dos mesmo parâmetros de Celso Furtado, mas com números muito mais confiáveis.

(29) Para Celso Furtado, *obra citada*, pp. 84-86, a crise da mineração produziu o atrofiamento da economia com consequente descapitalização e retrocesso a padrões de subsistência, tendo como corolário da baixa produtividade a decadência urbana, a dispersão populacional e a regressão



De fato, baldados foram os esforços da política econômica metropolitana encetada nas Minas, com vistas a manter seu isolamento, facilitando a recepção dos direitos de entrada e ao mesmo tempo concentrando as forças produtivas na extração dos minérios<sup>30</sup>. Desde o início, "o alto preço dos mantimentos significava que as pessoas em condições de fazê-lo, tinham uma fazenda ou roça, nas quais plantavam legumes, cria

---

(29) CONT.- geral da economia mineira. A falácia deste esquema explicativo tomado à economia açucareira nordestina e imputado à economia mineira foi apontado, de forma apropriada, por Maria Yedda LINHARES. *O problema do abastecimento numa perspectiva histórica*. Rio de Janeiro, 1978 (exemplar mimeografado). Nos mesmos termos foi reproduzido em *História do abastecimento; uma problemática em questão (1530-1918)*. Rio de Janeiro, BINAGRI (Biblioteca Nacional de Agricultura), 1979, p. 61. Em trabalho mais recente considera que "no caso de Celso Furtado a dominância do estímulo externo não geraria qualquer interesse na produção de alimentos, vista como solução estagnante e produtora de atraso. Já para Gorender, a produção de alimentos só se explicaria pelas necessidades da plantagem, sendo incapaz de ter uma lógica própria e repousaria sobre uma 'naturalidade' das exigências humanas, não participando do circuito de trocas". LINHARES, Maria Yedda e TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *História da Agricultura Brasileira. Combates e Controvérsias*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981, páginas 116-117.

(30) "É preciso considerar que, ao lado da atividade no Setor de Mercado Externo (mineração) se desenvolveu um amplo Setor de Subsistência (lavoura e pecuária) no território do atual Estado de Minas. Este desenvolvimento não se deu apenas após a decadência da mineração, porém durante o seu apogeu e, em parte, condicionado por ele". SINGER, Paulo. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. Obra citada, página 202.

vam aves, porcos, etc., para elas e seus escravos, vendendo o excesso para o consumo da cidade, com bons lucros"<sup>31</sup>. Efetivamente, os primeiros a tomarem a iniciativa para erigir roças e lavouras foram os possuidores de considerável cabedal e de numerosa escravaria, forçados pela falta de gêneros e seus elevados preços. "Produziam, assim, para a própria subsistência e para o sustento dos seus familiares e escravaria. E, havendo sobras, negociavam-nas"<sup>32</sup>.

Nem mesmo a estrita proibição para a produção de aguardente e açúcar em engenhos de cana, estabelecida por lei régia de 1715, com o definido propósito de evitar o desvio da mão-de-obra escrava da mineração, foi observada. Tão logo as Minas foram descobertas e começaram a ser povoadas, criaram-se, imediatamente, grande número de engenhos. "Todas as providências foram inúteis ... E são raras as fazendas, ainda que pequenas, onde os não há; e por isso se vende a aguardente de cana por hum preço ínfimo"<sup>33</sup>. A política econômica da Coroa

---

(31) BOXER, C.R.. *A Idade de Ouro do Brasil*. Trad. port., São Paulo, Editora Nacional, 1969, página 207.

(32) ANTONIL, João André Andreoni. *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*. Texte de l'édition de 1711, traduction et commentaire critique par A. MANSUY, Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, Paris, 1968, p. 394. Alguns autores consideram que a crise de fome de 1700 a 1701 foi um importante fator na expansão territorial que se opera no segundo quartel do século XVIII. Cf. MAGALHÃES, Basílio. *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, EPASA, 1944, página 312.

(33) COELHO, José João Teixeira. *Instruções para o governo da Capitania de Minas Gerais*. (1780). *Revista do Arquivo Público Mineiro*, vol, VIII, p. 558. Citado por COSTA FILHO, Miguel. "Engenhos e Produção de Açúcar em Minas Gerais". *Revista de História da Economia Brasileira*. Número I, Ano I, junho, 1953, página 46.

apresentava elevado grau de indecisão. Nem poderia ser de outra forma. De um lado necessitava manter a produtividade das Minas, o que seria impossível sem abastecimento adequado de gêneros de primeira necessidade; de outro, não poderia estimular a produção destes mesmos gêneros sem correr o risco de ver diminuída a própria atividade mineradora, além do que, e sobretudo, caía ruidosamente seu poder de vigilância sobre o quinhão aurífero.

Concretamente, porém, as Gerais alcançavam relativo grau de auto-suficiência, em termos de suas necessidades de subsistência, a partir da segunda metade do século XVIII<sup>34</sup>. O ano de 1770 marca uma clivagem nítida<sup>35</sup>, uma reviravolta na orientação da política econômica, que passa a definir instrumentos legais capazes de estimular a produção agrícola na região das Minas. De certa forma, essas normas significam uma retomada das medidas protecionistas estabelecidas no ano de 1703, destinadas ao estímulo à formação de cinturão pecuário em torno dos terrenos auríferos, através da distribuição de sesmarias aos que se comprometessem a instalar currais<sup>36</sup>. A Carta

---

(34) Paulo Singer, para quem o desenvolvimento do Setor de Subsistência foi quase concomitante com o desenvolvimento do Setor Exportador, considera que "As Gerais alcançaram relativa auto-suficiência agrícola a partir da segunda metade do século. É o que se verifica pela evolução do rendimento de entradas". SINGER, Paulo. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. Obra citada, página 203.

(35) IGLÉSIAS, Francisco. *Três Séculos de Minas*. Belo Horizonte, 8º Festival de Inverno. s/d, página 25.

(36) Cf. ZEMELLA, Mafalda P. *O Abastecimento da Capitania de Minas Gerais*. Boletim 118 da FFCLUSP, São Paulo, 1951, p. 235. Sobre a mesma temática, ver ainda ELLIS, Myriam. *Contribuição ao Estudo do Abastecimento das Áreas Mineradoras no Brasil do Século XVIII*. Rio de Janeiro, MEC, 1960.

Régia de 1777 consagra, ao novo princípio, o postulado que reconhece a importância da agropecuária no conjunto das atividades econômicas nas áreas de mineração<sup>37</sup>, resgatadas do limbo, da condição de atividades ancilares. No encerramento do século XVIII e no alvorecer do século XIX, chega-se mesmo à criação do Jardim Botânico de Vila Rica, com a finalidade de aclimação de plantas indígenas e exóticas<sup>38</sup>.

A mudança de atitude por parte das autoridades governamentais do Reino corresponde, na realidade, à avassaladora crise da produção aurífera, depois dos anos sessenta. Impunham-se novos caminhos à economia de Minas, capazes de dar sustentação aos significativos contingentes populacionais que lá haviam se estabelecido, na primeira década do século XVIII. Por outro lado, essa mudança de orientação na política econômica, praticamente visando responder às transformações das condições concretas, evidencia acuidade da administração portuguesa no Brasil, respaldada na mentalidade ilustrada que dominava a Corte e se manifestava, concretamente, na produção da

---

(37) Cf. QUERZONI FILHO, Gilberto. *Política e Crise do Sistema Colonial em Minas Gerais 1768-1808*. Universidade Federal do Ouro Preto, 1986, p. 107. Maria Yedda Linhares informa que "garantir a subsistência de seus vassalos sempre foi uma das preocupações centrais da Coroa", mas também que tal preocupação sempre esteve submetida aos interesses maiores da grande exploração destinada à exportação. LINHARES, Maria Yedda e TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *História da Agricultura Brasileira. Debates e Controvérsias*. Obra citada, páginas 120-121.

(38) VIANNA, Hélio. "A economia mineira do século XVIII". *Primeiro Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, 1956, página 86.

Academia de Ciências de Lisboa<sup>39</sup>. Ganha relevo, nesse passo, a temática da decadência das Minas.

"Estão as Minas cansadas; os seus jornais já não cobrem as despesas do ferro, aço, alimento e vestuário dos escravos e por isso o mineiro já desesperado se passa a lavrador ou creador de gado ou erije um engenho d'aguardente e açúcares"<sup>40</sup>. Nada mais expressivo da decadência da mineração. Resta a alternativa agrária, as atividades agrícolas e pastorís, sem abandonar completamente as lides da mineração, que jazem como o "sonho dourado", nas quais os proprietários, frequentemente, empregavam todo o produto de suas lavouras em pesquisas inúteis, em terrenos que se recusavam a oferecer metal"<sup>41</sup>. A divisão social do trabalho revelava, contudo, um novo momento da economia de Minas Gerais<sup>42</sup>. Os escravos trabalhavam, sendo des

---

(39) NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo, Editora Hucitec, 1979, página 215 e segs.

(40) *Memória de J.M. Siqueira*. Apud HOLANDA, Sérgio Buarque. *Monções*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante Brasileiro, - 1945, página 224.

(41) ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da Capitania de Minas Gerais*. Boletim 118 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, 1951, página 244.

(42) "Enquanto um senhor-de-engenho necessitava possuir grandes cabedais, para se instalar, o minerador dos aluviões brasileiros poderia ser um homem de poucas posses. Daí, a multiplicidade dos exploradores e proprietários de catas. Não obstante repousarem os serviços principais no braço escravo, é inegável que se operou no sertão brasileiro uma 'divisão de trabalho' muito mais intensa do que permitia a organização social do nordeste brasileiro". SIMONSEN, Roberto C. *História Econômica do Brasil (1500/1820)*. São Paulo, Editora Nacional. 1969 (6ª ed.), página 291.

locados para a mineração nos interstícios da faina agro-pastoril. Tivera lugar a *primeira inversão* da economia de Minas: a inversão agrícola. Aos viajantes não escapou a imediata relação entre decadência aurífera e avanço da agricultura: "Já se verificando nesta época a diminuição dos produtos das Minas, viu-se (o capitão Bom Jardim) obrigado a voltar suas vistas para a agricultura ... Seus vizinhos teriam feito melhor se tivessem seguido exemplo tão louvável, em vez de desertar o país, quando o ouro desapareceu"<sup>43</sup>. O resultado, no plano demográfico, foi uma *segunda inversão* no processo ocupacional do território mineiro. As populações que convergiam para Minas no século XVIII, num movimento centrípeto, dispersaram-se, no sentido contrário, obedecendo a uma direção centrífuga<sup>44</sup>. É perceptível, pelas sesmarias concedidas, a fuga dos mineiros já esboçada em meados do século XVIII. De vários centros mineros, partem indivíduos no afã de criar suas fazendas no sertão. "Eram famílias isoladas ou pequenos grupos que iam tentar nova experiência"<sup>45</sup>.

---

(43) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. São Paulo. Belo Horizonte, Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, 1978, p. 199. Para outro viajante, Fernand Denis "Os habitantes (Das Minas) tiveram o bom senso de se darem com eficiência à agricultura". DENIS, Fernand. *Brasil*. São Paulo-Belo Horizonte, Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, 1980, página 376.

(44) SOUZA, Washington Peluso A. "As lições das vilas e cidades de Minas Gerais". *IV Seminário de Estudos Mineiros*, Belo Horizonte, 1977, página 109.

(45) BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A decadência das Minas e a fuga da mineração*. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 1971, p. 25. No plano literário, esta

Ao ingressar no século XIX, a mineração passa a segundo plano, "a agricultura se sobrepõe às demais atividades e Minas se integra no ritmo comum do país". É uma "província agrícola", como proclama na mensagem à Assembléia Legislativa, em 1835, o Presidente Limbo de Abreu"<sup>46</sup>. Indubitavelmente, o esgotamento das Minas foi o fator decisivo da conversão agrícola da Província. Os contemporâneos, todavia, agregaram razões mais imediatas: o elevado preço dos produtos de primeira necessidade, escravos abundantes e a baixo preço, a economia de ferro, de aço e de pólvora, as condições mais salubres para o trabalho dos cativos, a possibilidade de aproveitamento dos cativos idosos, a diminuição da mortalidade escrava dado o trabalho agrícola, e a possibilidade de "ir renovando e aumentando com casaes"<sup>47</sup>

---

(45) CONT.- diáspora mineira foi primorosamente captada na novela *Lucas Procópio*, de Autran Dourado, citada no capítulo I deste trabalho. Sobre o refluxo das populações mineiras em direção a São Paulo, ver LEITE, Mário. *Paulistas e Mineiros Plantadores de Cidades*. São Paulo, EDART, 1964.

(46) Cf. IGLÉSIAS, Francisco. *Política Econômica do Governo Provincial Mineiro (1835-1889)*. Rio de Janeiro, Livraria Alfabarrabio, 1958, página 62.

(47) COUTO, José Vieira. "Memória sobre a Capitania de Minas Gerais". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol. CXXV, p. 421. A preocupação com a reprodução da força de trabalho escrava parece ter frutificado em algumas fazendas mineiras: "O capitão mor dedicava grande parte de seu tempo aos escravos. Assim as cabanas eram limpas e bem arrumadas e penso ter visto todas as mulheres com uma criança. O capitão mor assegurou-me que, devido aos seus cuidados os escravos duplicaram em quinze anos... O Senhor Alves não tinha escravos solteiros; ele dava uma casa a cada casal e não exigia trabalho de uma mulher nos cinco meses anteriores e posteriores ao confinamento",

Minas encetava, então, a sua *terceira inversão*. Isto é, revertia o quadro dominante do século XVIII, no qual fora centro carente de produtos de primeira necessidade e para o qual convergiam as tropas abastecedoras provenientes de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia, para constituir-se num celeiro interior, do qual partiam as bestas carregadas, agora em direção aos mercados litorâneos, sobretudo da Corte do Rio de Janeiro<sup>48</sup>. A manutenção do ritmo de captação dos dizimos, já na época da Inconfidência Mineira, revelava a preservação do fluxo da circulação mercantil<sup>49</sup>; o crescente movimento das tropas oriundas de Minas em direção ao Rio de Janeiro, bem como o papel destacado desempenhado pelos comerciantes dedicados a essas mesmas atividades e envolvidos no aparelho do poder da Corte, - artífices e beneficiários da comercialização de excedentes alimentícios nos mercados litorâneos -, demonstram a constituição de uma economia mercantil de subsistência. A nova realidade econômica de Minas, longe de exibir estagnação,

---

(47) CONT.- CALDLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21; containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile*. London, John Murray, 1825, vol. II, página 245.

(48) *Memória de J.M. Siqueira*, Apud HOLANDA, Sérgio Buarque. *Monções*. Obra citada, página 223.

(49) De fato, a queda das exportações de ouro não foi acompanhada pela redução na captação dos dizimos e pelo movimento do comércio através das estradas, que mantém o mesmo ritmo da década de 1750, com poucas mudanças substanciais. Cf. MAXWELL, Kenneth. *A Devassa da Devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal 1750-1808*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978, p. 112.



evidencia certo potencial, menos fulgurante, é verdade, porém mais resistente<sup>50</sup>. Articulava-se, pois, um movimento progressivo, apesar de lento, mas seguro<sup>51</sup>. Em outras palavras, "Minas crescia em silêncio", na expressão feliz de Roberto Martins.

As fazendas mineiras, como já dissemos, eram bastante específicas. Em muitas oportunidades, estas fazendas inte-

---

(50) Nessa linha de raciocínios desenvolve-se o consistente estudo LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação*. São Paulo, Editora Símbolo, 1979. Com base em LENHARO, Maria Yedda LINHARES, tece as seguintes considerações: "A organização da produção para o abastecimento exigiu a montagem de uma estrutura de transportes e de comercialização que escapava às possibilidades reduzidas do pequeno produtor... Os produtores mais distantes terão de subordinar-se às normas estabelecidas pelas firmas de fazendeiros-comerciantes que pouco a pouco assumem posição de destaque na praça do Rio de Janeiro e nos negócios políticos da Corte. Tais firmas, por sua vez, vinculadas à produção de Minas Gerais, da baixada e do litoral fluminense, assumirão uma importância cada vez maior na distribuição para os outros centros de consumo do país". Grifo nosso. LINHARES, Maria Yedda. *História do abastecimento; uma problemática em questão (1530-1918)*. Obra citada, páginas 163.164.

(51) Como se pode depreender da leitura de WIRTH, John. *Minas na Federação Brasileira 1889-1937*. Trad. port., Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982. Ou ainda os trabalhos inéditos de BLASENHEIM, Peter Louis. *A Regional History of the Zona da Mata Mineira 1870-1906*. Ph. D., Stanford University, 1982, exemplar xerografado. E, finalmente, LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A Transformação do Trabalho A Passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira 1870-1920*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, 1985, na qual revela o dinamismo da economia matense, especialmente centrada na produção cafeeira.

gravam o engenho de açúcar com mineração, ou esta com a pecuária. "Muitos latifúndios de Minas tinham lavra aurífera, grande lavoura e engenhos de açúcar e de farinha"<sup>52</sup>. Dessa forma, a especialização econômica estava ausente do universo rural mineiro: "A principal característica da *fazenda* mineira foi sua diversificação interna e auto-suficiência. Sua produção para mercado era limitada e praticamente não tinha conexões com mercados distantes. A produção era consumida localmente ou vendida para vilarejos e cidades da vizinhança. A *fazenda* mineira não era um negócio: tinha colheitas mercantilizáveis, mas nunca especializou-se para produzir para o mercado, e suas decisões econômicas somente parcialmente foram determinadas por forças do mercado"<sup>53</sup>. Portanto, os traços essenciais que estavam sendo moldados no final do século XVIII, permaneceram essencialmente os mesmos, ou foram reforçados, durante o XIX e, em muitos lugares, permaneceram quase intocadas até o século XX<sup>54</sup>.

Para Roberto Martins, Minas Gerais constituía-se nesse momento, num verdadeiro paradoxo, pois retinha o maior contingente de força de trabalho escravo numa economia não-exportadora, contingente este em contínua expansão. Sem que se pos

---

(52) MAXWELL, Kenneth. *A Devassa da Devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal 1750-1808*. Obra citada, p. 111.

(53) MARTINS, Roberto Borges, *Growing in Silence: The Slave Economy of Nineteenth-Century Minas Gerais, Brazil*, Vanderbilt University, Nashville, 1980, página 315.

(54) MARTINS, Roberto Borges e MARTINS FILHO, Amilcar. "Slavery in a Nonexport Economy: Nineteenth-Century Minas Gerais Revisited". Artigo *citado*, página 562.

sa pensar num ritmo mais acelerado de reprodução interna da população escrava, tem-se que dar a esta economia um elevado potencial importador. A população escrava de Minas Gerais expandia-se, vigorosamente, passando de 170 mil em 1819 para 380 mil em 1873, tendo Minas sozinha, fora da grande lavoura de exportação e da mineração, mais escravos do que qualquer outra sociedade escravista da América Latina, com exceção de São Domingos e Cuba nos seus dias de glória. O Autor argumenta ainda que Minas não foi mercado supridor de mão-de-obra escrava para as demais províncias brasileiras produtoras de café. A região cafeeira mineira era um verdadeiro enclave, com reduzido impacto sobre o sistema escravista da Província. Nestes termos, o "isolamento em relação ao mercado externo, diversificação e auto-suficiência eram suas principais características"<sup>55</sup>.

A grande dispersão de escravos nas atividades agrícolas, manufatureiras e domésticas, muito mais do que no setor das plantações cafeeiras, demonstra a introversão produtiva mas do que sua destinação ao mercado<sup>56</sup>.

---

(55) MARTINS, Roberto Borges e MARTINS FILHO, Amilcar. *Artigo citado*, página 562.

(56) "Impõe-se desde logo a observação de que a posse de escravos apresentava-se muito difundida, vale dizer, os cativos não apareciam concentrados em reduzido número de domicílios. Assim, mesmo na estrutura rural de auto-consumo, na qual o percentual de domicílios com escravos era o mais baixo, os cativos faziam-se presentes em mais de um terço dos domicílios (exatamente em 36,1% deles). Na estrutura urbana cerca de dois quintos (39,3%) dos domicílios abrigava mancípios". LUNA, Francisco Vidal e COSTA, Iraci del Nero. *Sinopse de alguns trabalhos de demografia histórica referentes a Minas Gerais*. IIIº Encontro Nacional da ABEP, Vitória, 1982, página 53. Grifos nossos.

Em suma, as teses de Martins resumidas por Robert Slenes e Francisco Vidal Luna, conduzem à conclusão de que, no final do século XIX, a taxa de crescimento do plantel escravista de Minas Gerais era positiva e elevada; que seu plantel era o maior entre todas as Províncias do País; que era reduzido o emprego de escravos na economia cafeeira da Província; que era pequeno o grau de mercantilização da economia mineira; que era relativa sua capacidade de importar escravos, dado o pequeno setor mercantilizado da economia<sup>57</sup>.

Sem nos atermos às numerosas e frutíferas polêmicas geradas por estas posições, seja em relação à massa de capital-dinheiro capaz de manter o ritmo das importações de escravos<sup>58</sup>; à reprodução natural como forma de manutenção do estoque<sup>59</sup>; à importância relativa do setor exportador<sup>60</sup>, ou, ain

- 
- (57) LUNA, Francisco Vidal e CANO, Wilson. "A Reprodução natural de escravos em Minas Gerais (Século XIX) - Uma hipótese". IN: *Economia Escravista em Minas Gerais*. Cadernos do IFCH UNICAMP, nº 10, 1983, página 1.
- (58) Idem, *ibidem*, p. 1-14. Sobre a estrutura financeira na economia da mineração veja-se LEVY, Maria Bárbara. "Crédito e Circulação Monetária na Economia da Mineração". III Seminário de "Estudos Mineiros". Diamantina, 1986, páginas - 45-62.
- (59) CANO, Wilson, "Padrões diferenciados das principais regiões cafeeiras (1850-1930)". *Estudos Econômicos*, nº 15, (2). maio/agosto, 1985, pp. 291-306. Um bom resumo das questões demográficas em Minas Gerais aparece em PAIVA, Clotilde Andrade e MARTINS, Maria do Carmo Salazar. "Minas Gerais em 1831: Notas sobre a estrutura ocupacional de alguns municípios". III Seminário de Estudos Mineiros, Diamantina, 1986, p. 65 e segs. Para a demografia mineira no século XVIII, ver: COSTA, Iraci del Nero de. *Populações Mineiras*. IPE-USP, 1981 e LUNA, Francisco Vidal. *Minas Gerais: Escravos e Senhores*. IPE-USP, 1981.
- (60) Cf. SLENES, Robert W. "Os Múltiplos de Porcos e Diamantes: A Economia Escravista de Minas no Século XIX". IN: *Cadernos IFCH UNICAMP, Campinas*, 1985, pp. 39-80, especialmente à página 61, na qual se lê: "o centro dinâmico da economia mineira - a atividade que criava esse mercado interno e determinava como a Província empregaria seus escravos - teria sido o setor exportador". Grifo nosso.

da, à dimensão relativa da propriedade cafeeira e a forma de trabalho aí dominante, é evidente que não se destrói o posicionamento central de Roberto Borges Martins quanto à especificidade da economia mineira. Mesmo se considerarmos a importância relativa da cafeicultura da Zona da Mata mineira, que no ano de 1885 passa a contribuir com 29% das exportações brasileiras de café<sup>61</sup>, é interessante perceber que ela retinha apenas 25% do contingente total de mão-de-obra disponível, equivalendo dizer que, entre os anos de 1872 e 1880, os restantes 250.000 escravos (correspondendo a 75% do plantel ativo) encontravam-se dispersos nas regiões cuja economia era escassamente mercantilizada<sup>62</sup>. Por esta razão, "a parceria, basicamente na forma da meação, foi adotada na quase totalidade dos municípios da Zona da Mata após a abolição"<sup>63</sup>. O latifúndio foi retalhado em pequenas propriedades, sendo estas as unidades produtivas dominantes, onde as exceções eram raras, como demonstra o censo de 1920<sup>64</sup>. A ampla dominância do café na Mata, não impediu, contudo, o desenvolvimento da produção de açúcar e fumo, em pequenas quantidades, para consumo local, especialmente

---

(61) BLASENHEIM, Peter Louis. *A Regional History of the Zona da Mata 1870-1906*. Obra citada, página 37.

(62) CANO, Wilson. "Padrões Diferenciados das Principais Regiões Cafeeiras (1850-1930)". Artigo citado, página 295.

(63) LANNA, Ana Lucia. "A Organização do Trabalho Livre na Zona da Mata Mineira: 1870-1920". *III Seminário de Economia Mineira*, Diamantina, 1986, p. 134. Ver também Wilson CANO, obra citada, p. 296, na qual sugere também a incorporação de "homens livres que viviam à margem da ordem escravocrata".

(64) LIMA, João Heraldo. *Café e Indústria em Minas Gerais 1870-1920*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1981, páginas 37-38.

nos municípios de Ubã, Rio Branco e Ponte Nova; além, da inevitável produção de subsistência intercalada aos cafezais, sob a forma de milho, feijão, abóboras, etc.<sup>65</sup>. Mesmo os autores que se dão conta da importância do setor de mercado interno, conservam uma inelutável atração pelo 'ouro verde', como se pode depreender desta afirmação de Paulo Singer: "O café não somente reconstitui o Setor de Mercado Externo da economia mineira, como representa, na realidade, o seu único ramo de alguma expressão. O restante das exportações mineiras é, em sua maior parte, constituído por excedentes de produção no Setor de Subsistencia"<sup>66</sup>. O café, ainda acentua as forças centrífugas "acabando por reforçar o dilaceramento da Província, que se divide cada vez mais profundamente em regiões autônomas, estanques entre si, e que se entrosam com economias circunvizinhas, agrupadas ao redor de pólos de crescimento exteriores a Minas Gerais"<sup>67</sup>.

Nesse quadro, é inevitável o acatamento das teses de Roberto Martins, para quem a economia mineira fundava-se na relativa auto-suficiência e com vasto contingente de mão-de-obra escrava; mesmo que os números reais indicados pelo Autor sejam exagerados<sup>68</sup>, cabe aceitar o caráter essencialmente diferente de Minas. É inegável, mesmo para seus críticos mais sólidos

---

(65) BLASENHEIM, Peter Louis. *A Regional History of Zona da Mata 1870-1906*. Obra citada, página 37.

(66) SINGER, Paulo. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. Obra citada, página 211.

(67) Idem, *Ibidem*, página 213.

(68) SLENES, Robert W. "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 63, number 3, 1983, página 570.

que "it is hard to escape the conclusion that Minas was unusual"<sup>69</sup>. Se o papel do setor cafeeiro não pode ser desprezado, tão pouco ele exercia um 'leading role' no conjunto da economia provincial<sup>70</sup>. Portanto, quaisquer que sejam os arranhões sofridos pela sua construção, parece-nos que, na sua arquitetura básica, nas suas linhas mestras, no seu arcabouço fundamental, permanece de pé. Aceitar a evidência de que o setor cafeeiro não concentrava mais do que 25% da mão-de-obra escrava em 1873 significa admitir, reversivamente, a presença dos restantes 75% no setor de subsistência e exportador não-clássico, isto é, o que visava o mercado nacional. Se esta população escrava não produzia quase que exclusivamente para o auto-consumo, como quer Martins e, mesmo que uma parcela significativa desta produção fosse destinada ao comércio local, baseado na produção dos gêneros de primeira necessidade, não se pode negar o seu papel no plano do abastecimento e, nessa medida, na constituição dos próprios mercados interno e nacional. Tudo isto não invalida a estrutura mais geral, apenas confirma a sua especificidade, particular em relação à dinâmica preponderante da economia brasileira em todo seu percurso histórico, notavelmente marcada pelo caráter extrovertido. A economia mineira tem um significativo contingente de população livre e, sobretudo, escrava, em setores não claramente integrados ao mercado internacional. Nestes termos, é forçoso concordar que

---

(69) SLENES, Robert W. "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". *The Hispanic American Historical Review*. Obra citada, página 570.

(70) DEAN, Warren. "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". *The Hispanic American Historical Review*. Vol. 63, number 3, 1983, página 582.

"slavery in nineteenth-century Minas Gerais was surely unlike that of the costal areas"<sup>71</sup>; é impossível negar que "The society of Minas Gerais may look diferente when we have detailed studies of its social relations"<sup>72</sup>.

Já no final do século XVIII, notava Maxwell, os produtos das fazendas mineiras atendiam às necessidades tanto do comércio interior da capitania, quanto dos vales fluviais em direção às capitanias vizinhas. "Os comerciantes que traziam animais de São Paulo voltavam com algodão, tecidos e açúcar... Havia intenso comércio interno de cachaça, doces, queijo de Minas, algodão local da zona de Montes Claros e fibras de linho do Rio Grande e do Rio das Mortes... São João d'El Rei, na primeira década do século XIX, transformara-se em 'distrito ce-realista' e produzia milho, feijão e um pouco de trigo em suas terras férteis, além de exportar para o Rio de Janeiro e outras comarcas, queijo, banha, aves, açúcar, algodão e cachaça"<sup>73</sup>. Segundo cálculos aproximativos de Paulo Singer, nada menos de quatro quintos da população ativa de Minas Gerais deveriam estar integrados no setor de mercado interno, aglutinando comerciantes, tropeiros, artesãos e, principalmente, todo o setor de subsistência<sup>74</sup>. Em meados do século XIX, nos exercícios

---

(71) DEAN, Warren. "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". *The Hispanic American Historical Review*. Obra citada, página 584.

(72) ENGERMAN, Stanley L. e GENOVESE, Eugene D. "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". *The Hispanic American Historical Review*, vol. 63, number 3, 1983, página 590.

(73) MAXWELL, Kenneth. *A Devassa da Devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal 1750-1808*. Obra citada, página 112.

(74) SINGER, Paulo. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. Obra citada, página 204.



financeiros de 1838/1840 ou 1842/1843, a exportação de gado va cum, suínos, cavalos, toucinhos, queijos e couros foi mais ren dosa do que a do café, fumo e açúcar"<sup>75</sup>. "Entre as culturas que se distinguiram em Minas, merecem referência: café, milho, cana-de açúcar, tabaco, algodão, arroz, mandioca, feijão. Além de produzir para o consumo, a Província exportou em quantidade apreciável,... farinhas, fubã, rapaduras, aguardente, tecidos"<sup>76</sup>. Às quais poder-se-iam somar outras culturas, tais como trigo, chã, linho, centeio, cevada, uvas. Vários produtos receberam isenção tributária do Governo Provincial Mineiro, visando ao estímulo da sua produção<sup>77</sup>.

Os produtos de origem pecuária mantêm sua importância, se bem que decrescente, durante todo o período com preendido entre 1818-1819 a 1890-1892. Além dos produtos prin cipais dentro desta categoria (suínos, bovinos, toucinho e queijos), contavam-se também couros e solas, muares, equinos, caprinos, ovinos, aves domésticas, etc. Já na participação dos produtos de origem agrícola, excluído o café, apenas o fumo aparece com alguma importância, uma vez que a participação do açúcar é insignificante, apesar da grande produção de rapaduras, aguardentes e outros derivados, para o mercado interno.

---

(75) IGLÉSIAS, Francisco. *Política Econômica do Governo Provincial Mineiro (1835-1889)*. Obra citada, página 62.

(76) Idem, *Ibidem*, página 70.

(77) Idem, *Ibidem*, página 77. "Quanto à indústria de laticínios, tão importante em Minas, só foi favorecida no fim do período, com a isenção de impostos provinciais para "os queijos e outros produtos de leite, similares aos da indústria européia, sendo esta isenção por 5 anos, a con tar da fundação das respectivas fábricas". página 89.



imobilismo em 1818 (1,7%), para metade em 1850 (56,1%) e a quase totalidade do valor em 1890 (84,6%). O impacto do crescimento da cafeicultura, entretanto, precisa ser redimensionado, pois "permaneceu praticamente confinado a uma pequena faixa da Zona da Mata, ao longo da fronteira com o Rio de Janeiro. Nem mesmo toda essa zona cafeeira: seus municípios interiores (Ponte Nova, Piranga e Santa Rita do Turvo) permaneceram largamente à margem da cultura do café nesse período, (pois) pouco teve a ver com a vida econômica da Província"<sup>79</sup>.

A indústria metalúrgica e, especialmente, a produção de ferro de Minas Gerais, somente agora vêm sendo contempladas com ensaios<sup>80</sup> e esboços de estudos mais verticalizados<sup>81</sup>. "A colônia constituiu-se nessa pobre máquina de extrair excedente, incapaz de retê-lo produtivamente, seja pelo manto espesso do colonialismo que lhe asfixiava, seja mesmo pelo caráter do mercantilismo português"<sup>82</sup>. Faltou, portanto, uma política

---

(79) Cf. MARTINS, Roberto Borges e MARTINS, Maria do Carmo Salazar. "As Exportações de Minas Gerais no Século XIX". *Obra Citada*, páginas 109-110.

(80) Pensamos no estudo preliminar de PAULA, João Antônio de. "Os Limites da Industrialização Colonial: A Industrialização em Minas Gerais no Século XVIII", *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, nº 58, Belo Horizonte, 1984, páginas 63-104.

(81) As idéias que orientam um estudo mais aprofundado sobre a indústria siderúrgica e têxtil em Minas Gerais, aparecem em dois estudos publicados para circulação restrita, em caráter provisório, em PAULA, João Antônio de. *Minas Gerais no Século XVIII: Esboço de História e Economia*. CEDEPLAR, Belo Horizonte, s/d.; PAULA, João Antônio de. *Dois Ensaios Sobre a Gênese da Industrialização em Minas Gerais: A Siderurgia e a Indústria Têxtil*. CEDEPLAR, Belo Horizonte, s/d.

(82) PAULA, João Antônio de. *Minas Gerais no Século XVIII. Esboço de História e Economia*. Obra citada, página 33.

protecionista eficientemente conduzida e um decidido apoio no plano estatal<sup>83</sup>. O resultado foi o rotundo fracasso das tentativas de produzir ferro em larga escala nas regiões ferríferas de Minas Gerais, iniciativa que se bem sucedida, poderia ter resultado no aparecimento de um pólo de apoio importante ao processo de industrialização mais ampla<sup>84</sup>. Subsistiam, em decorrência, um número considerável de pequenas forjas, de caráter artesanal, com produção reduzida e, provavelmente, destinada ao consumo local. Em 1853, J.A.Monlevade informava:"desde o município de Ouro Preto até à cidade de Itabira existem 84 oficinas onde se funde o ferro, sem contar as numerosas tendas onde se elabora o ferro comprado nas fábricas, as quais entre fôrros e cativos empregam ao menos 2.000 pessoas e produzem anualmente de 145 a 150 mil arrobas de ferro"<sup>85</sup>. No período anterior, entre 1815 e 1821, com base nas produções de ferro das fábricas de Congonhas do Campo e Pilar e em outras forjas criadas pelos mineiros, apesar da modéstia de seus resultados, "iam se suprindo os mineradores, os agricultores e os artífices, em geral, da Capitania, depois Província de Minas Gerais, de quase tudo que lhes era necessário para se manterem em grau de razoável atividade"<sup>86</sup>. Vê-se, pois, que a tônica dominante

---

(83) PAULA, João Antônio de. *Dois Ensaios Sobre a Gênese da Industrialização em Minas Gerais: A Siderurgia e a Indústria Têxtil*. Obra citada, página 26.

(84) SINGER, Paulo. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. Obra citada, página 206.

(85) MONLEVADE, J.A. *Memória, de 12-12-1853*. Apêndice à Mensagem 1854 de Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos. Apud IGLÊSIAS, Francisco. *Política Econômica do Governo Provincial Mineiro (1835-1889)*. Obra citada, página 97.

(86) MENDONÇA, Marcos Carneiro de. "A Economia Mineira no Século XIX". *Primeiro Seminário de Estudos Mineiros*, Belo Horizonte, 1957, página 133.

na indústria do ferro e a pequena produção, quase que de auto-consumo, se considerarmos o seu alcance e reduzido volume, necessariamente limitado ao atendimento das necessidades de uma pequena comunidade, no máximo um município. Nesse particular, a indústria metalúrgica mineira lembrava muito sua congênere portuguesa, como se pode depreender do texto clássico de Jorge Borges de Macedo sobre a indústria portuguesa no século XVIII<sup>87</sup>.

A manufatura têxtil, sobretudo a do algodão, era uma árvore de raízes perenes fincadas nas Minas Gerais, resistindo a toda pressão para estirpá-la, até mesmo as medidas governamentais, como o Alvará de 1785<sup>88</sup>, ainda mais que o dito instrumento legal permitia a produção de tecidos rústicos de algodão, exatamente o tipo de produto generalizado na paisagem urbana e rural de Minas Gerais<sup>89</sup>. "A indústria de tecidos tinha como fundamentos as plantações de linho, algodão e alguns rebanhos de carneiros. O linho vicejava nas margens do Rio Grande, nas margens do Rio das Mortes e nas imediações de Barbacena. O algodão era cultivado intensamente na região de Minas Novas e

---

(87) MACEDO, Jorge Borges. *Problemas da Indústria Portuguesa no Século XVIII*. Associação Industrial Portuguesa, Lisboa, 1963.

(88) Segundo Fernando A. Novais, o alvará de 5 de janeiro de 1785, "revela antes as contradições e dilemas da política colonial da ilustração portuguesa". Cf. "A proibição das manufaturas no Brasil e a política econômica portuguesa no fim do século XVIII". *Revista de História* (SP), nº 67, 1966, páginas 145-166.

(89) PAULA, João Antônio de. *Dois Ensaios sobre a Gênese da Industrialização em Minas Gerais: A Siderurgia e a Indústria Têxtil*. Obra citada, página 30.

nas cercanias de Paracatú; mas, em todas as partes da Capitania de Minas, havia pequenas plantações de algodão e algumas cabeças de carneiro, suficientes para fornecer a matéria prima aproveitada em centenas de fusos e teares domésticos, existentes em todas as fazendas mineiras"<sup>90</sup>. O famoso Roteiro do Maranhão<sup>91</sup> afirma que as minas "produzem linho, lã, algodão e produzirão também seda", sendo que seus habitantes não paravam de construir no interior de suas casas toscos e rudes teares semelhantes ao de Guimarães, da Ilhas e da Guiné, nos quais trabalhavam com suas famílias. Com a decadência das Minas de ouro, esta tendência acentuou-se, difundindo-se a plantação de algodão e a proliferação dos teares de mão<sup>92</sup>. As Autoridades portuguesas sentiam-se impotentes diante do volume e da dispersão das unidades de produção, uma vez que estabeleceram "os particulares nas suas fazendas fábricas e teares com que se vestiam a si e a sua própria família e escravatura, fazendo panos e estopas e diferentes outras drogas de linho e ainda

---

(90) ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII*. Obra citada, página 254.

(91) *Roteiro do Maranhão e Goiás pela Capitania do Piauí*. (Fins do século XVIII). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. 1900, t. LXII, parte 1. página 115.

(92) Cf. LIMA, Heitor Ferreira. *Formação Industrial do Brasil*. (Período Colonial). Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1961, p. 153. "O tear, em Minas Gerais, segundo Daniel de Carvalho, era todo de pau e constava de carretilhas, pés direitos, formando grade e o 'órgão' rolo de linha, fazendo-se aí toalhas, cobertores, riscados e até tecidos de fantasia". CARVALHO, Daniel de. "O algodão em Minas". An: *Anais da Primeira Conferência Algodoeira*. Vol. III. Apud LIMA, Heitor Ferreira. *História Político-Econômica e Industrial do Brasil*. São Paulo, Editora Nacional, 1970, página 54.

de lã"<sup>93</sup>. tornando-se absolutamente impossível destruir a "infinidade de pequenas fábricas instaladas em cada fazenda"<sup>94</sup>. Num antigo centro aurífero, agora decadente, John Mawe encontrou como alternativa para a população, nada rarefeita, a manufatura de algodão, "que se fia a mão e com o qual se fazem paños grosseiros para camisas"<sup>95</sup>. Em todas as cidades, as mulheres dos negros libertos "fiavam para o fabrico de tecidos grosseiros"<sup>96</sup>, e até mesmo nas cabanas mais humildes "mulheres teciam algodão"<sup>97</sup>. Um ex-inconfidente, o padre Manuel Rodrigues da Costa, montou uma fábrica de tecidos e chegou a fornecer paño para o fardamento da polícia do Rio de Janeiro<sup>98</sup>. "As fon-

- 
- (93) *Relatório do Marquês de Lavradio*. Apud CARNAXIDE, Visconde de. *O Brasil na Administração Pombalina*, p. 308. Lembra SAINT-HILAIRE que numa propriedade em Cachoeirinha viu "uma quantidade considerável de gado vacum, de porcos e de carneiros". SAINT-HILAIRE, August. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, São Paulo e Belo Horizonte, 1975, páginas 74-75.
- (94) *Relatório do Marques de Lavradio*. Obra citada, página 309.
- (95) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 149.
- (96) SAINT-HILAIRE, August. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 148.
- (97) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 147.
- (98) LACOMBE, Américo Jacobina. "Origem da indústria de tecidos em Minas Gerais". *Digesto Econômico*, São Paulo, julho, 1947, Apud LIMA, Heitor Ferreira. *História do Pensamento Econômico no Brasil*. São Paulo, Editora Nacional, 1976, página 72.

tes indicam uma considerável diversificação e afirmam que as qualidades mais finas eram usadas para a confecção de roupas masculina e roupa de baixo, além das conhecidas toalhas de mesa, lençóis e colchas (e) a produção de alguns lugares rivalizava em qualidade com as mais finas importações"<sup>99</sup>. Saint-Hilaire, na sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, Minas e São Paulo, relata que ao chegar a Baependi pôs-se a analisar as plantas, quando percebeu um vívido e incômodo interesse dos curiosos locais, que conjecturavam sobre a finalidade de seus trabalhos. Deu-se conta que a atração por suas plantas, se devia ao fato de que elas "se destinavam a servir de padrões novos para chitas"<sup>100</sup>, o que demonstra uma sensibilidade toda especial para a arte da fiação e tecelagem e a remota lembrança da, sempre presente, "manufatura inglesa". Em 1878, a produção têxtil, sob a forma de indústria caseira, prosperava em quase todos os municípios da Província, "sendo 22 deles apontados como grande produtores, não contando aqueles onde havia fábricas têxteis em operação"<sup>101</sup> e Minas produzia cerca de 20% do total importado sob a forma de têxteis da Inglaterra<sup>102</sup>.

O grosso da mão-de-obra empregada nos teares das gran

---

(99) MARTINS, Roberto Borges. "A Indústria Têxtil Doméstica de Minas Gerais no Século XIX". CEDEPLAR, s/d., página 83.

(100) SAINT-HILAIRE. *Segunda Viagem ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo*. Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia, São Paulo e Belo Horizonte, 1974, página 63.

(101) MARTINS, Roberto Borges, *Obra citada*, página 84.

(102) Idem, *Ibidem*, página 88.



des propriedades era certamente constituída por escravos adultos e crianças com a possível supervisão das mulheres da família senhorial; no setor camponês, sítios e roças, assim como nas aldeias e vilas, o trabalho era realizado, sobretudo, pelas mulheres da família, ficando para as crianças as tarefas auxiliares<sup>103</sup>. Era, igualmente, enorme a dispersão da força de trabalho empregada na indústria têxtil, pois o censo de 1873 registra a presença de trabalhadores desta indústria em nada mais do que 55 dos 72 municípios existentes<sup>104</sup>. Todos aqueles que fiavam e teciam como parte de suas atividades domésticas, aparecem no censo rotulados como "serviçais domésticos", ou ainda classificados como "sem profissão". Este universo social era extremamente significativo quando mensurado, pois os 70.548 artesãos (dos quais 64.093 livres e 6.455 escravos) representavam 50,7% de toda força de trabalho têxtil do Brasil, na época<sup>105</sup>. O mais notável, entretanto, era a intensa articulação entre o setor artesanal, manufatureiro de algodão, e as atividades agrícolas, pois a fiação e tecelagem do algodão pouco interferia no cultivo de alimentos para subsistência. Na verdade, a indústria algodoeira em Minas Gerais adequava-se perfeitamente à estrutura de produção camponesa auto-suficiente, constituindo-se, ademais, numa produção que poderia ser facilmente comercializada. E de fato, boa parte da produção era mercantilizada, não se limitando a uma indústria de subsistência<sup>106</sup>. Mesmo que a maior parte das mercadorias fosse trocada por ou-

---

(103) MARTINS, Roberto Borges. *Obra citada*, página 88.

(104) Idem, *Ibidem*, página 88

(105) Idem, *Ibidem*, página 89

(106) Idem, *Ibidem*, página 85

tras mercadorias, em dias de feira, em virtude da escassez de dinheiro.

Recria-se aqui, em condições coloniais ou semi-coloniais, a estrutura social básica presente na produção manufatureira da Inglaterra, na pré-Revolução Industrial. Lá, o camponês (*yeomen*) era extremamente resistente às mudanças por apoiar-se em dois distintos modos de produção: a atividade agrícola e a artesanal. Nesse universo camponês, ficava tolhida qualquer possibilidade de intensificação da divisão social do trabalho impedindo, nestes termos, a transformação da estrutura produtiva. Foi a Revolução Inglesa do século XVII que transformou essas relações através dos cercamentos, destruindo a economia camponesa da *yeomanry*. Seria este o caso de Minas Gerais? Isto é, o entrave à sua industrialização seria fruto desta dualidade camponesa?<sup>107</sup>

A produção açucareira não é exceção à regra geral dominante nas manufaturas têxteis e de ferro. Aqui também predomina a pequena produção, dispersa por todo o território da Capitania e da Província: é a realidade do 'micro engenho'. "Criou-se em Minas um novo tipo de agro-indústria de açúcar no Brasil, caracterizado pelo pequeno engenho ou engenhoca, pela disseminação da produção já nos primórdios da civilização minei-

---

(107) Devo esta relação ao Jose Jobson de Andrade Arruda. O desdobramento destes raciocínios no quadro da Revolução Industrial inglesa podem ser conferidos em *Raízes do Industrialismo Moderno*. Tese de Livre Docência, exemplar xerografado, São Paulo, 1982, especialmente às páginas 106 e segs. O resumo que antecipa a publicação do texto definitivo aparece em *Revolução Industrial e Capitalismo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

ra, entre dezenas, mais tarde centenas e, finalmente, milhares de pequenas fábricas"<sup>108</sup>. E todos os esforços do governo Provincial Mineiro para superar esta realidade foram baldados, seja pela introdução de novos aparelhos de força centrífuga destinados a purgar e clarificar o açúcar (que os fazendeiros não queriam receber nem de graça); seja pela criação de engenhos centrais, como o de Rio Branco instalado em 1885, e que somente trouxe prejuízos para o Governo Provincial, a quem cabia arcar com o ônus representado pela garantia de juros. Segundo Francisco Iglésias, era forte o apego as práticas rotineiras<sup>109</sup>, sintomático do "estado de espírito" de uma sociedade. Assim, "a realidade ... foi mesmo o 'micro-engenho'"<sup>110</sup>.

O núcleo vital e definidor da economia mineira, como vimos, e a fazenda. "Essas fazendas são aldeias isoladas,

(108- É preciso, contudo, ter cautela em relação aos produtos dos engenhos, pois nem sempre produziam açúcar, apesar de rotulados por 'engenhos', na documentação. "Grande numero desses últimos engenhos eram provavelmente fábricas de farinha de mandioca, de fubá de milho, etc., eram engenhos de pilões, movidos a água ou a tração animal, e de outras espécies, empregados nos trabalhos das Minas". COSTA FILHO, Miguel. "Engenhos e Produção de Açúcar em Minas Gerais". Obra citada, página 50.

(109) IGLÉSIAS, Francisco. *Política Econômica do Governo Provincial Mineiro (1835-1889)*. Obra citada, página 113.

(110) Balanço realizado em 1854, indica para Minas Gerais um total de 3.123 engenhos, dos quais 1.426 fabricavam açúcar e rapadura, 1.026 fabricavam aguardente. Deste total, os engenhos movidos a água contavam 669 unidades, destinando-se 625 a fabricação de aguardente e 46 a produção de açúcar e rapadura. Idem, *Ibidem*, página 111.

em tamanho reduzido. Abastecem a vizinhança de artigos de primeira necessidade, carne seca, carne de porco e toucinho, farinha de mandioca e de milho, rapadura e cachaça, fumo e óleo, tecidos grosseiros e fios de algodão, café e vários chás de caprossa e folha de laranja. Importam: ferro, para ser transformado em ferraduras; sal, vinho e cerveja, charutos e cigarros, manteiga, louça, drogas e poucas outras coisas. Em geral dispõem de ferrarias, sapataria, chiqueiros, ... e um grande terreiro de galinhas"<sup>111</sup>. Também Saint-Hilaire notou a realidade auto-suficiente das fazendas: "Todos os agricultores plantam milho, não só porque sua farinha substitui o pão, como ainda porque ele é para os animais de carga, o que é para nós a aveia, e é empregado também para engordar as galinhas e, sobretudo, os porcos. Se o feijão é cultivado mais universalmente ainda, é porque não encontra o que possa substituir em parte alguma, enquanto que no deserto do Rio S. Francisco utiliza-se a farinha de mandioca em vez da de milho"<sup>112</sup>.

Das fazendas mais opulentas, como aquelas descritas

---

(111) BURTON, Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, São Paulo e Belo Horizonte, 1976, página 16.

(112) SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, São Paulo e Belo Horizonte, 1976, p.106. A Preponderância do consumo de farinha de mandioca torna esta região do São Francisco excepcional no conjunto das minas, nas quais "o verdadeiro pão da terra" era a farinha de milho. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975 (2ª ed.), página 217.

pelo viajante John Mawe<sup>113</sup>, àquelas que apenas apresentavam sinais da antiga opulência<sup>114</sup>, poucas diferenças havia em relação às descrições apresentadas, mais tarde, pelo viajante Richard Burton, na qual refere-se "a casa solarenga tendo na frente uma grande varanda, da qual o proprietário pode ver a destilaria e o engenho, cuja roda nos mostra que a cana-de-açúcar é o produto principal da fazenda, bem como os demais departamentos. No fim da varanda fica a Capela de Nossa Senhora do Carmo... As senzalas são, como sempre, casas térreas no interior da praça, a qual geralmente tem no meio uma alta cruz de madeira e uma plataforma alta para secar açúcar e milho"<sup>115</sup>. Na opinião dos viajantes, a fazenda encontra-se em condições de satisfazer as mais ingentes necessidades da vida, condição que influi favoravelmente no bem-estar e na moralidade dos seus habitantes, notando-se efeitos positivos sobre os escravos que se revelam "alegres e saudáveis"<sup>116</sup>. Afastados de todo e qualquer auxílio externo, os fazendeiros são obrigados a ensinar ofícios e profissões a seus escravos, tais como

---

(113) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 133.

(114) "A fazenda apresentava ainda sinais da primitiva opulência e da grandeza de que gradualmente decaía, à medida que as lavagens de ouro... se esgotavam". Idem, *Ibidem*, página 136.

(115) BURTON, Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Obra citada, página 45.

(116) "Nota-se esse efeito, sobretudo, na condição dos escravos, que são saudáveis e alegres e mantêm com os donos relações verdadeiramente patriarcais". SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Trad. port., Editora da Universidade de São Paulo e Editora Itatiaia, São Paulo e Belo Horizonte, 1981, vol. 1, Livro III, páginas, 184-185.

de sapateiro, alfaiate, tecelão, serralheiro, pedreiro, oleiro, caçador, mineiro, lavrador, cabendo ao fazendeiro o papel simultâneo de governador, juiz, médico e até mesmo de padre. Tomavam o máximo cuidado para "aumentar o número de escravos, o capital da fazenda, e protegê-los contra as doenças"<sup>117</sup>. O pomar fornecia incrível variedade de frutas que poderiam ser comidas ao natural ou transformadas em doces e com potas. Completava, ao lado das hortas, o tripé básico da alimentação auto-suficiente das fazendas, fossem elas grandes ou pequenas<sup>118</sup>. A alimentação básica consistia de "feijão preto misturado com farinha de milho e um pouco de torresmo de toucinho frito ou carne cozida", ou "um pedaço de porco assado", ou ainda "galinha com arroz". A sobremesa é infalivelmente representada por canjica e doces, terminando toda refeição, invariavelmente, com uma xícara de café excessivamente adocicado pela mistura de rapadura<sup>119</sup>

(117) SPIX e MARTIUS. *Obra citada*, vol. 2, página 18.

(118) GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Trad. Port., Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Editora Itatiaia, São Paulo e Belo Horizonte, 1975, p. 209. Noutro viajante, lemos: "Atras da casa estava a "horta", onde se encontravam algumas rosas e outras flores, poucas plantas medicinais de uso comum, várias árvores frutíferas, laranjeiras, limas doces, figos, mamão, guavas, araças, jabuticabas". WELLS, James W. *Exploring and Travelling three Thousand Miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão*. London, Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1886, vol. I, página 163.

(119) BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. Trad. port., Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Editora Itatiaia, São Paulo e Belo Horizonte, 1976, pp. 101-102. O menu tradicional de Minas aparece

A dimensão da propriedade era muito variável. Ao lado das grandes fazendas que poderiam atingir enormes proporções e conter centenas de escravos, existiam os pequenos *sítios* explorados geralmente pelo agricultor e sua família, ajudados por uns poucos cativos<sup>120</sup>. Nas regiões onde dominava a pecuária, os escravos eram bem menos numerosos, comparativamente às fazendas localizadas em regiões auríferas ou de produção açucareira. E quanto menos escravos houvesse, num determinado lugar, menos vexame sentiriam os homens brancos e livres em fazerem trabalho pesado, ficando por conta de seus filhos

---

(119) CONT.- também em John MAWE, *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, p. 138 e August de SAINT-HILAIRE, *Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Obra citada, p. 96. Quanto ao costume de adoçar excessivamente o café com derivados do açúcar, João Dornas Filho. diz: "A engenhoca ou "arrebenta peito" como se chama em Minas, são primaríssimos instrumentos que se usam ainda, aqui e ali, simplesmente para a extração de garrapa, que, sem nenhum tratamento, é ingerida ou levada ao fogo para temperar o café dos camponeses pobres". *Aspectos da Economia Colonial*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1958, página 143.

(120) "A operação da fazenda não pode ser considerada como ocupação remunerada, ela sustenta tão somente uma subsistência minguada; não há renda, impostos ou salários a pagar, e o pequeno excedente de produção destas fazendas, ou a venda ocasional de um novilho, provê meios suficientes para a aquisição das poucas virtualidades que a fazenda não produz, tais como um pedaço de chita ou lençóis estampados; chapéus, uns poucos utensílios culinários de ferro, ou a contratação de um carpinteiro para reparar a carroça da família - o carro-de-boi". WELLS, James W. *Exploring and Travelling Three Thousand Miles through Brazil, from Rio de Janeiro to Maranhão*. Obra citada, página 163-165.

a quase totalidade das tarefas rurais<sup>121</sup>. Nas regiões onde dominava a lavoura, os fazendeiros trabalhavam duramente ao lado de seus escravos, passando a maior parte do tempo nas plantações; o resultado era uma rusticidade maior, quando comparada às maneiras dos fazendeiros das regiões das lavras<sup>122</sup>. Evidentemente, os brancos livres recusavam-se a qualquer tipo de trabalho considerado de baixa extração, exceto em sua própria terra, fosse na lavoura ou na criação de gado. Dessa forma, eram numerosos os homens livres ociosos, constituindo-se numa verdadeira "classe de vadios"<sup>123</sup>.

No seio da multidão pobre e sem ocupação, apenas os casados cultivavam terras alheias, resignando-se, assim mesmo, a trabalhar apenas alguns dias por semana, apenas o necessá-rio para viver e ficar o resto do ano sem nada fazer. Disto resultava que os solteiros, em menor número, perambulavam de casa em casa, vivendo às custas de compadres e comadres, e no limite

---

(121) "Nas regiões onde se explora a pecuária os escravos são, com efeito, bem menos necessários do que naquelas onde se extrai o ouro e se cultiva a cana-de-açúcar. Não são necessários muitos braços para cuidar do gado, e quanto menos escravos há no lugar menos pejo têm os homens livres de fazer trabalho pesado ... Os filhos dos fazendeiros se dedicam todos ao trabalho" SAINT-HILAIRE, August. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 55.

(122) "Dedicando-se mais à lavoura do que os fazendeiros que possuem jazidas, eles trabalham lado a lado com os escravos, passando a maior parte do tempo nas plantações e em contato com os animais". Idem, *Ibidem*, páginas 54-55.

(123) SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). Obra citada, página 186.



da caça<sup>124</sup>. Até os escravos tinham possibilidade de cultivar a terra nos momentos de folga, podendo dispor, nessas ocasiões, do produto do seu trabalho, o que lhes permitia vestirem-se com o algodão aí mesmo plantado e fiado<sup>125</sup>. Não faltavam, ainda, os "indolentes e desocupados (que) às vezes matam e furtam o gado das fazendas, pouco se preocupando com o castigo que os ameaça"<sup>126</sup>.

Entre as fazendas e as cidades, pólos opostos mas

- 
- (124) "Precisam vestir-se, mas qualquer trabalho insignificante lhes basta para formar o seu humilde guarda-roupa, que se compõe de duas camisas e um número igual de calças de algodão e um igual número de calças de algodão grosseiro. Além do prazer da ociosidade, eles encontram outra vantagem nessa vida nômade e independente: a de se subtraírem a todas as obrigações cívicas, e em especial o serviço militar". SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem às Nascentes do São Francisco*. Obra citada, páginas 76-77.
- (125) "Dão aos negros tanta terra quantas podem cultivar nos momentos de lazer (a lei lhes concede para esse fim os domingos e feriados), e podem dispor à vontade do produto de seu trabalho". MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, p. 139. Considerando-se que a soma tória de domingos e feriados atingia a cifra de 134 dias no ano. Cf. LARA, Silvia Hunold. *Campos da Violência. Estudo sobre a relação senhor-escravo na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. São Paulo, Tese de Doutorado, exemplar mimeografado, p. 165, 1986, aduz-se importantes achegas à brecha camponesa no sistema escravista, conforme CARDOSO, Ciro Flamarion. *Agricultura, Escravidão e Capitalismo*. Petrópolis, Vozes, 1982, especialmente à página 133 e segs.
- (126) D'ORBIGNY, Alcide. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Trad. port., Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, São Paulo e Belo Horizonte, 1976, página 36.

complementares na paisagem social mineira, existem aldeias representadas por uma única rua<sup>127</sup>. Nestas aldeias, frequentemente, a principal casa de comércio - uma venda -, pertence ao proprietário de uma grande fazenda na vizinhança e geralmente confiada a uma pessoa do circuito mais íntimo do fazendeiro<sup>128</sup>. Estamos "ante a realidade dos 'povoados', dos 'arruados', marchando para as 'vilas' e as cidades"<sup>129</sup>. Na maioria dos casos as cidades são extensões da vida rural, pois somente aos domingos recebem a população que, nos dias de semana, trabalha nos campos. "Durante a semana a maioria das casas de Araxá fica fechada. Seus donos só ali aparecem aos domingos para assistirem a missa, passando o resto do tempo em suas fazendas. Só permanecem na cidade, nos dias da semana os artesãos... as pessoas sem profissão, alguns comerciantes e prostitutas<sup>130</sup>. E

---

(127) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo*. Obra citada, página 36.

(128) GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, São Paulo e Belo Horizonte, 1975, página 197.

(129) SOUZA, Washington Peluso Aleixo de. "As Lições das Vilas e Cidades de Minas Gerais". Obra citada, p.111. Sobre as cidades mineiras, ver LELOUP, Yves. *Les Villes de Minas Gerais*. Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine, Université de Paris, 1970. Sobre as Vilas colonias, consultar PAULA, Floriano Peixoto. "Vilas de Minas Gerais no Período Colonial". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, nº 19, julho de 1965.

(130) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem as Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, p. 130. Noutra passagem, referindo-se à cidade de Patrocínio, SAINT-HILAIRE, diz: "Em 1819 havia ali cerca de quarenta casas muito pequenas, feitas de barro e madeira, cobertas de telhas e sem rebocar. Essas casas, dispostas em duas fileiras, formam

esta é uma afirmação que se pode generalizar a todos os arraiais da Província de Minas. Estamos diante da *quarta inversão*. A inversão urbana. Das cidades medulares da vida econômica e social às cidades-apêndices, extensões de vida rural, em cujo diapasão cadenciava, mas, com a marca indelével do passado cultural legado pela civilização urbana, que os 'anos dourados' esculpiram.

Define-se, portanto, uma estrutura horizontalizada, onde preponderam as minúsculas células sociais e nas quais, apenas raramente, sobressai-se uma cidade do porte de Barbacena, muito freqüentada por habitantes do interior, onde se poderiam encontrar as mais diferentes mercadorias, especialmente tecidos leves de lã, panos de algodão, quinquilharias de ferro, sal e grande variedade de produtos manufaturados ingleses<sup>131</sup>; ou a Vila do Príncipe, sede do poder político-administrativo da Comarca, cidade que contava com mais de cinco mil habitantes nos inícios do século, com uma estrutura ocupacional caracteristicamente urbana, na qual sobressaiam-se lojistas, artesãos, fazendeiros, mineiros e, mesmo, trabalhadores urbanos<sup>132</sup>. Nenhuma delas igualava-se, entretanto,

---

(130) CONT.- uma praça comprida, no centro da qual foi erguida uma pequena capela, igualmente feita de barro e madeira como o resto ... Como sempre as casas do arraial pertencem a fazendeiros que só aparecem ali aos domingos. Os únicos habitantes permanentes de Patrocínio são alguns artesãos, dois ou três modestos comerciantes; os vagabundos e as prostitutas", p. 137. Praticamente o mesmo diz Alcide D'ORBIGNY. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Obra citada, páginas 53-54.

(131) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 117.

(132) Idem, *Ibidem*, página 150.

a Diamantina. Suas lojas assemelhavam-se às do Rio de Janeiro, tanto no aspecto quanto no sortimento, menos nos preços que eram, geralmente, vinte por cento mais altos. Todas as mercadorias que aí chegavam, vinham do Rio de Janeiro em lombo de burro, com exceção de uns poucos artigos que procediam da Europa, via Bahia<sup>133</sup>. No Tejuco as lojas eram pródigas em todos os tipos de tecidos. "Nelas se encontravam também chapéus, quinquilharias, louças, vidros e mesmo grande quantidade de artigos de luxo, que causam admiração sejam procurados a uma tão grande distância do litoral"<sup>134</sup>. As lojas estão abarrotadas de mercadorias de fábricas inglesas<sup>135</sup>. Os proprietários destas lojas ficam com parte considerável do lucro produzido na atividade mineradora, muito mais do que os próprios mineiros, pois negociam diamantes e ouro em pó, que receberam das mãos daqueles em troca de suprimentos necessários à sua própria existência e à sobrevivência dos escravos<sup>136</sup>. Nos limites da civili-

---

(133) "Afora uns poucos vegetais produzidos nas hortas em volta da cidade, todo o alimento aqui consumido vem de distâncias de dez e vinte léguas e vende-se em duas grandes feiras chamadas Intendências". GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 208.

(134) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Trad. port., Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, São Paulo e Belo Horizonte, 1974, página 29.

(135) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, páginas 158-159.

(136) GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Obra citada, p. 209. SAINT-HILAIRE, fizera a mesma constatação, afirmando: "Se os pobres continuam a ir faiscar nos rios e regatos, os homens mais abastados preferem geralmente às possibilidades aventureiras da mineração os lucros mais positivos dos negócios". *Obra citada*, página 111.

zação, na boca do sertão, jazem as cidades de porte menor, a exemplo de Formiga, que contava com não mais do que 1000 habitantes e integrava, sobretudo, a população marginalizada, os foras da lei que procuravam refúgio nestes lugares afastados<sup>137</sup>.

Uma evidência estatística significativa da preponderância das atividades agrícolas sobre as de mineração, na Província de Minas Gerais, é o fato de que 30% de suas cidades tiveram origem em núcleos de atividades rurais, contra 33% em núcleos de atividades mineradoras<sup>138</sup>. Os pousos de bandeirantes, ou pontos estratégicos de paradas das tropas, foram responsáveis por 9% das cidades surgidas em Minas Gerais<sup>139</sup>. George Gardner

---

(137) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, p. 91. Esta opinião é compartilhada por Alcide D'ORBIGNY, que afirma ser Formiga "uma povoação composta de algumas casas de taipa, cujos habitantes não gozam, na região, de reputação muito favorável e são acusados de ladrões, o que talvez não passe de uma calúnia de vizinhos". *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, obra citada, p. 121. Isto não impedia, contudo, que houvesse "casas comerciais, onde se vendem artigos europeus". GARDENER, George, *Viagem ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 195.

(138) Outros núcleos originadores de cidades foram: estações ferroviárias (4%), refúgio de marginais (2%), refúgio de perseguidos políticos (2%), quilombos (2%), postos de fiscalização (2%), postos de catequese de índios (2%), localização de indústrias (2%), colonização dirigida, doações, promessas, iniciativa da administração ou particular (3%). Cf. SOUZA, Washington Peluso Aleixo de. "As Lições das Vilas e das Cidades Mineiras". Artigo citado, página 171.

(139) Sobre a importância das tropas na formação histórica do Brasil, veja-se GOULART, José Alípio. *Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil*. Rio de Janeiro, Conquista, 1981. Do mesmo autor. *Brasil do Boi e do Couro*. Edições GRD, Rio de Janeiro, 1966. Vide também ELLIS JR. Alfredo. "O Ciclo do Muar". *Revista de História*. São Paulo, 1950.

descreve uma destas instalações precárias, que poderia ser reproduzida para centenas ou milhares de sítios semelhantes: "Con não havia qualquer estalagem, instalei-me no rancho público, grande casa bem construída e destinada expressamente à acomodação das tropas ... Pela acomodação o proprietário cobra quatro vinténs (cerca de dois pence) por noite a cada tropeiro. Junto do rancho, tem ele uma venda grande para fornecer provisões e milho e subentende-se que os tropeiros aí comprem o de que precisam para si, seus homens e mulas"<sup>140</sup>. O rancho era, evidentemente, o ponto de encontro para os viajantes. "Negros, alguns deitados, outros agachados em torno de uma foqueira, faziam os preparativos para a refeição vespertina, enquanto outros ferravam mulas e as levavam ao pasto. Debaixo do barracão preparavam-se as redes, para o sono da noite. Negros vendiam quitandas"<sup>141</sup>. Dada a pequenês do espaço disponível, os tropeiros arrumam a bagagem da melhor forma possível. Cada tropa em separado prepara sua própria refeição, durante a qual trocam idéias conversando sobre os trechos que haviam percorrido, ou falando de suas aventuras amorosas. Divertiam-se cantando e tocando violão e depois adormeciam sobre as enxergas de cou-

---

(140) GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil*. Obra citada, p. 215. Referindo-se a estes pousos. Richard BURTON, diz: "O nº 1 é o pouso, um mero terreno de acampamento, cujo proprietário não se importa que os tropeiros ali dêem água aos seus animais e os amarrem em estacas. No primeiro quartel deste século, os viajantes frequentemente eram condenados a passar as noites "à la belle étoiele", naquelas germens de acomodações, que, agora, se tornaram populosas aldeias e cidades". *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. Obra citada, página 100.

(141) D'ORBIGNY, Alcide. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Obra citada, página 109.

ro espalhadas pelo chão, envolvidos em rudes cobertores<sup>142</sup>. Não somente os pousos considerados "oficiais" deram origem a cidades. Muitas vezes, simples casebres, choças paupérrimas, dispostas pelos caminhos tiveram o mesmo destino. Humildes habitações localizadas em pontos estratégicos, estabelecidos com o propósito de vender refresco aos viajantes, e milho aos animais<sup>143</sup>. As dificuldades que se apresentavam no caminho, eram as mais imprevisíveis. Não raro, os atoleiros engoliam as mulas e suas cargas, sendo comum encontrar restos putrefatos de animais no meio do trajeto<sup>144</sup>.

Cavalos e mulas eram o transporte quase obrigatório<sup>145</sup>, mesmo para as mulheres, que montavam como os homens, sendo para tanto obrigadas a usar calças, sobre as quais vestiam uma longa saia de montar<sup>146</sup>. Para o transporte urbano, contudo, prepondera o uso dos carros de bois<sup>147</sup>. Era exatamente nestes veículos de rodas maciças e excessivamente barulhentas, que famílias inteiras iam à vila ou arraial aos domingos ou nos dias de festas, sobretudo, Páscoa e Natal. Era, verdadeiramente, um

---

(142) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo*. Obra citada, página 49.

(143) MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Obra citada, página 112.

(144) FILHO, João Dornas. "Tropas e Tropeiros". *Primeiro Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, 1957, página 103.

(145) DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Obra citada, página 370.

(146) FREIREYSS, G.W. *Viagem ao Interior do Brasil*. Trad. Port., Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora. São Paulo e Belo Horizonte, 1982, página 24.

(147) Sobre o tema ver SOUZA, Bernardino José de. *Ciclo do Carro de Bois no Brasil*. São Paulo, Editora Nacional, 1958.

carro patriarcal<sup>148</sup>.

A configuração peculiar da sociedade mineira no século XIX marcou, indelévelmente, o movimento de sua História em todo o processo ulterior, invadindo, mesmo o século XX. A natureza de sua sociedade foi responsável por uma especial sociabilidade, forjada nas catas, nos vilarejos do ouro, nos arruados rurais, nas grandes e pequenas fazendas, nos casebres de beira de estrada, nos pousos. O substrato material deste espaço privilegiado de sociabilidade fundava-se, na economia mineira, em duas configurações nítidas e bem demarcadas no tempo: da Minas abastecida, no apogeu do ouro, à Minas abastecedora, na crise da mineração. Entre as Gerais de 1750 e 1850 medeava uma diferença qualitativa. Em 1872 a estrutura da força de trabalho, comparativamente às das Províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, demonstram essa diferença qualitativa, pois apresenta 32,5% de sua população ativa dedicadas a serviços domésticos<sup>149</sup>, constituindo-se no exemplo antitético da grande *plantation* escravista. Nas palavras de Roberto Borges Martins, "o grosso da

---

(148) DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Obra citada, p. 370. SAINT-HILAIRE, faz observações na mesma linha, indicando que "No sertão, onde as fazendas ficam geralmente muito afastadas da paróquia, somente os homens vão ao povoado regularmente durante o ano, mas por ocasião das duas grandes festas. Natal e Páscoa, a família inteira empreende uma viagem. Mulheres e crianças são metidas dentro dos carros-de-bois, e eles passam alguns dias na casa que possuem no arraial para em seguida retornarem à fazenda" *Viagens às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 98.

(149) MARTINS, Roberto Borges. *Growing in Silence: The Slave Economy of Nineteenth-Century Minas Gerais, Brazil*. Obra citada, página 322.



economia de Minas no século dezanove, onde a vasta maioria dos escravos estava empregada, não se compunha de *plantation* nem era orientada para exportações. Isolamento de mercados externos à província, diversificação e auto-suficiência, eram suas características principais. Minas tinha um dos mais baixos níveis de exportações *per capita* do país, e esse nível declinou em termos reais ao longo do século. A grande lavoura exportadora permaneceu confinada a uma pequena área e o cerne da economia provincial, consistia em unidades agrícolas diversificadas internamente - produzindo para seu próprio consumo e vendendo os excedentes, eventuais, em mercados locais e regionais"<sup>150</sup>.

Dada a nova configuração histórica de Minas, diametralmente oposta ao século XVIII, caberia, talvez, caracterizá-la como tipicamente decadente. Novas questões se colocam, nesse passo. Haveria decadência na história, ou ela resultaria de um juízo elaborado a *posteriori*, por homens que olham o passado? Caso a última assertiva seja a mais correta, caberia, ainda, indagar-se por que atribuímos a determinados períodos a condição de decadente? Para que se possa assinalar o caráter decadente de uma sociedade, basta que ela o seja assim percebida pelos homens que a viveram? Em suma, eis um conjunto de questões de difícil equacionamento.

O eminente historiador Fernand Braudel não credita nenhum "valor à palavra e ao conceito de decadência"<sup>151</sup>. Já ou

---

(150) MARTINS, Roberto Borges. "Minas Gerais, no século IX: Tráfico e Apego à Escravidão numa Economia Não-Exportadora". Artigo citado, página 209.

(151) BRAUDEL, Fernand. *L'identité de la France*. Obra citada, página 154.

tro historiador francês, Pierre Chaunu, busca precisar o significado do fenômeno: "Haveria, pois, decadência objetiva quando, no quadro de um universo enclavado ou de uma economia mundo, se assistisse a uma redução apreciável da população e a uma redução mais considerável ainda da aquisição cultural, da soma de informações acessíveis"<sup>152</sup>. Minas Gerais, no final do século XVIII, não poderia ser enquadrada em nenhuma dessas situações, pois, nem se constituirá num "enclave" (pelo contrário sua dinâmica fora predominantemente definida do exterior), nem era uma economia mundo<sup>153</sup>. Nesse sentido, a noção de decadência ser-lhe-ia totalmente estranha. Todavia, talvez não fosse desmesurado dizer que, a partir da primeira inversão da economia de Minas, quando as atividades agrícolas substituíram as mineradoras, o novo contexto social tivesse assistido a uma perda cultural substantiva. A ruralização da vida social mineira estaria acompanhada pelo cerceamento dos contatos culturais, pela emergência de padrões societários rebaixados, quando comparada às fases anteriores. Teria ocorrido em Minas, dessa forma, um panorama cultural de nítida decadência.

Nas suas andanças por Minas, os viajantes não se cansaram de chamar a atenção para os aspectos decadentes da so-

---

(152) CHAUNU, Pierre. *Histoire et Décadence*. Paris, Librairie Académique Perrin, 1981, página 154.

(153) A propósito da concepção de "economia mundo", ver: "WALLERSTEIN, Immanuel. *El Moderno Sistema Mundial. La Agricultura Capitalista y los Orígenes de la Economía-Mundo Europea en el Siglo XVI*. Trad. esp., 2ª ed., México, Editora Siglo Veintiuno, 1979. Para uma reposição crítica. Cf. ARRUDA, Jose Jobson de Andrade. "Immanuel Wallerstein e o Moderno Sistema Mundial". *Revista de História*, nº 15, julho-dezembro de 1983, páginas 167-174.

cidade: "A aldeia de Conceição me pareceu bastante grande para conter dois mil habitantes. A maior parte deste esgotado distrito caminhava rapidamente para a decadência"<sup>154</sup>. Se a expressão da decadência, nesse trecho, aparece conectada ao esvaziamento populacional, em outras passagens, deriva do esgotamento das Minas: "A fazenda apresentava ainda sinais da primitiva opulência e da grandeza de que gradualmente decaía, à medida que as lavagens de ouro ... se esgotavam"<sup>155</sup>. A percepção do caráter decadente das minas despontara já, no setecentos, nas mentes dos próprios homens que as viviam. Nas *Cartas Chilenas*, tanto a exaustão das lavras quanto a tendência ruralizadora, acham-se postas claramente:

"Em quanto, Dorotheo, a nossa Chile  
Em toda a parte tinha à flor da terra  
Extensas, e abundantes minas de *ouro*."<sup>156</sup>

À consciência de perda do fulgor do ouro, segue-se o percebimento da mudança do eixo econômico da capitania:

"Já chega, Dorotheo, o novo dia,  
O dia em que se correm bois e vaccas.  
Amigo Dorotheo, é tempo, é tempo  
De fazer-te excitar no peito brando  
Affectos de ternura, de odio, e raiva"<sup>157</sup>.

Assim, a apreensão do tempo, definida na consciência do passado e na emergência de outra fase, - núcleo de todo pensamento

---

(154) MAWE, John. *Obra citada*, página 149.

(155) Idem, *Ibidem*, página, 138.

(156) *Cartas Chilenas. Fontes Textuais*. Edição e Comentários Críticos de Tarquínio J.B. de Oliveira, São Paulo, Editora Referência, 1972, página 118.

(157) Idem, *Ibidem*, página 150.

absorvido pela idéia da decadência<sup>158</sup> -, jaz inteira nesses versos. Daí, pensamos, poder-se afirmar que, pelo menos no plano das percepções dos agentes, é possível falar-se em decadência, mesmo que o vocábulo ali não se encontre<sup>159</sup>. A noção de tempo em crise é informada pela imagem da decadência e, por isso, as *Cartas Chilenas* adequam-se plenamente, como expressão dos penosos momentos vividos na Capitania de Minas, nos fins do setecentos.

Poder-se-ia argumentar que a decadência de Minas é relativa, pois, muito embora, na inversão da economia mineira houvesse certa tendência ao isolamento, este nunca foi absoluto. Após a ocupação das novas áreas, em pleno século XIX, Minas Gerais passou a prover de produtos, outros mercados provinciais. Daí, não haveria decadência efetiva, mas apenas a confecção de nova etapa da vida humana coletiva e, enfatizá-la, seria desastroso, sob pena de perder-se, na análise, a densidade da história. "Acostumamo-nos a pensar o capitalismo como o sistema do progresso tecnológico, do desenvolvimento extraordinário das comunicações, dos transportes, como sinal de civilização. Mas nos assustaríamos com uma outra cara do capitalismo, primitiva, atrasada, desconhecida, uma cara marcada pelo atraso e pela miséria extrema, pela ausência do progresso tecnoló

(158) Cf. CHAUNU, Pierre. *Obra citada*, página 22.

(159) "Nós partimos de uma palavra. Nós veremos que ela é relativamente recente. No sentido preciso, concreto, da decadência, não mais de uma família, de uma casa, de um homem mas de um Estado, de uma civilização, ela data do século XVIII, à rigor do século XVII, quando ela se aplica a um reino, aos destinos do Império, do século XVIII quanto ela é remetida a uma civilização, a uma cultura. "CHAUNU, Pierre. *Obra citada*, página 14.

gico, pela permanência do passado. Nos assustaríamos mais ainda, se descobriíssemos que esse mundo estagnado e pobre, tão aparentemente isolado do outro, do mundo "das Luzes e do progresso", na verdade, foi inventado pelo capital; que nele o atraso, a decadência, o imobilismo são o avesso do movimento e do progresso técnico"<sup>160</sup>. A concepção de decadência seria, então, produto de uma época determinada, marcada por uma dinâmica de contínuo progresso. Quando falamos em decadência teríamos, assim, como contraponto inevitável a sociedade capitalista. A falta aparente de substância em certas sociedades resultaria, antes, do desenvolvimento do modo de produção capitalista, recriador do atraso. Falar em decadência, poderia significar, pois, nostalgia em relação ao passado. De fato, na apreensão dos períodos como decadentes, tais concepções podem estar permeando-a. Caberia, no entanto, considerar que o reconhecimento da decadência conteria traços negadores dos princípios capitalistas. Ora, ao ritmo histórico do capitalismo, extremamente intenso, é inerente a destruição de formas de convivência humana, da natureza e dos objetos. Assim, a idéia de decadência, que é por certo valorativa, encerraria virtualidades negadoras do capitalismo. A crença na modernização irreversível encontra-se enfraquecida. "O homem de hoje não está mais convencido nem da superioridade da modernidade, ..., nem da cultura que parece ter preparado a modernidade"<sup>161</sup>. Ocorreria certa desi-

---

(160) PAULA, João Antônio de. "Os Limites da Industrialização Colonial: a Industrialização em Minas Gerais no Século XVIII". *Artigo Citado*, página 104.

(161) ARIÈS, Philippe. "L'Histoire des Mentalités". In: *La Nouvelle Histoire. Les Encyclopedies du Savoir Moderne*. Sob a direção de Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel, Paris, CEPL, 1978, página 420.

lusão, frente ao poder destruidor do capitalismo, além da rejeição da sua norma máxima, representada no princípio do eterno progresso. Assumir a decadência, é assumir as cores negadoras da sociedade capitalista, expressas tanto no saudosismo passadista e, por isso, reacionário, quanto na possível busca de uma sociedade na qual a verdadeira humanização, deixe de ser mera petição de princípios. Tudo depende, pois, do lugar social de onde estamos falando e do tom que atribuímos ao nosso discurso. Provavelmente, os homens do século XVIII mineiro estivessem falando a partir do primeiro exemplo. Os viajantes, opostamente, pareciam exprimir os ditames do progresso, absorvidos que estavam pela ideologia imperante nos seus países de origem. Dessa maneira, a caracterização de uma época, enquanto decadente, tem raiz em diversas visões valorativas. Se para os viajantes a decadência deixava-os perplexos, pois viam-se obrigados a aceitar a interrupção do fluxo histórico, resolviam, entretanto, o dilema, a partir de novas assertivas de cunho ideológico: "Parece existir a máxima entre os habitantes, de que é preferível andar nũ que trabalhar para vestir-se<sup>162</sup>. Neles, está afirmada a natureza capitalista do trabalho. Os mineiros do século XVIII e até do XIX manifestam claro afastamento desse princípio. Aqui, ocorreria um encontro entre o saudosismo e o pensamento conservador visto serem ambas formas negadoras particulares; em outro patamar, compartilham com as visões atuais, efetivamente transformadoras, a mesma dimensão utópica<sup>163</sup>.

---

(162) MAWE, John. *Obra citada*, página 149.

(163) Para uma análise da mentalidade utópica conservadora, ver MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. port., Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1968, Capítulo IV.

Independentemente da forma como caracterizamos a perda de vigor da atividade mineradora e a passagem para uma economia agrícola, centrada na fazenda mineira, que a sintetiza, precisamos reconhecer as especificidades desse processo e do universo rural de Minas. No século XIX, a fazenda mista encontra-se difundida por todo o território das Gerais. No sul, semelhantemente às outras regiões de Minas, a fazenda mista dominava: "trata-se de grandes propriedades escravistas voltadas para o abastecimento interno. Criada para o abastecimento das Gerais no século XVIII, a economia regional manteria a mesma natureza através do direcionamento do fluxo do seu excedente para o mercado do Rio de Janeiro"<sup>164</sup>. A fazenda mineira, brotada no terreno da retração aurífera, produziu frutos não usuais: "o fato de um sistema escravista ter sobrevivido e se expandido vigorosamente, por mais de um século, tem uma importância que transcende o escopo da história de Minas Gerais"<sup>165</sup>. Provavelmente, o grande interesse de Minas, reside menos nas particularidades do seu século XIX que, em si mesmo, foi bastante curioso no conjunto do Brasil, e mais na combinação entre um passado urbano, criador de padrões societários originais para a colônia e uma vida predominantemente rural, na qual era esporádico o convívio citadino. As palavras de modernos historiadores americanos, captam, com acuidade, esse processo: "Por

---

(164) LENHARO, Alcir. *Obra citada*, p. 36. Vide também, do mesmo autor, "Rota Menor - o movimento da economia mercantil de subsistência no Centro-Sul do Brasil (1808-1831)". *Anais do Museu Paulista*, Tomo XXVIII, São Paulo, 1977 - 1978.

(165) MARTINS, Roberto Borges. "Minas Gerais no Século XIX: Tráfico e Apego à Escravidão numa Economia Não-Exportadora". *Artigo citado*, página 209.

volta de 1750, o ouro começou a declinar, mas os padrões da vida já estavam estabelecidos. Estimulados pelo forte mercado local dos tempos de expansão, as fazendas mistas de gado, mineração, e agricultura desenvolveram-se, em contraste com o litoral, e os alimentos produzidos localmente e os produtos manufaturados estavam disponíveis na cidade"<sup>166</sup>. A mescla, durante o século XIX, entre o passado urbano não totalmente excluído e uma sociedade predominantemente rural confere a diferença específica de Minas. O urbano, resgatado pela memória e recriado nas pequenas vilas e arruados, impediu de certa maneira, o desaparecimento absoluto dos antigos estilos de convivência social. Recuperar esses traços e recompor o espaço de sociabilidade aí gerado, constituiu, pois, tarefa fundamental.

(166) SCHWARTZ, Stuart B. e LOCKHART, James. *Early Latin America. A History of Colonial Spanish America and Brazil*. Nova York, Cambridge University Press, 1983, página 379.



3 - O MICROCOSMO DA VIDA SOCIAL E CULTURAL

Tratar das características da vida social e cultural de Minas no passado, pressupõe distinguir, nitidamente, pelo menos os seus dois momentos mais típicos, - a fase mineradora e a etapa na qual predominam as atividades agrícolas -, uma vez que expressam, como vimos, ritmos sociais diferentes, respaldados numa natureza diversa de sociabilidade. Assim, se as Minas produziram uma sociedade essencialmente urbana, no século XIX, o quadro social foi, principalmente, rural e as cidades deixaram de ser autônomas, transformando-se em prolongamentos dos empreendimentos agrícolas. Ao burburinho do espaço urbano veio substituir a modorra do mundo rural. "Como se vê, é confusa a sociedade mineira, de difícil domínio, o que se explica pelo caráter de aventura que é típico da mineiração. Ela não forma ordem estável como na zona agrícola, que exige tranquilidade para sobrevivência: agricultura é segurança, estabilidade, labor contínuo e em terras contíguas, enquanto mineiração, sobretudo em moldes primitivos, como se praticava, é insegurança, movimento - a cata impõe a mobilidade, vai-se onde há riqueza logo esgotada, procura-se outra terra. A atividade pode ser desempenhada por um ou por muitos: alguém, de sorte, acha o que é apreciável, enquanto outro, com escravaria numerosa, pode nada encontrar"<sup>167</sup>. Assim, no urbano mineiro a constante dinâmica delineou traços societários radicalmente diferentes da permanência rural, gestando, cada qual de *per se*, um convívio social próprio.

---

(167) IGLÉSIAS, Francisco. *Três séculos de Minas*. Obra citada, página 15.

Em Minas, dadas as especificidades da estrutura rural da Província, manifesta-se certa tendência ao acentuamento e cristalização dos traços agrários. Por isso, a clivagem entre esses dois momentos, adquire feição bastante radical, pois, uma coisa é caminhar da vida rural para a urbana e outra recuar para o universo mais limitado do campo, tendo já passado pela *urbe*. Nesse sentido, haveria alguma decadência presente nesse movimento, mesmo que do ponto de vista do processo histórico, as fases posteriores jamais se iniciassem de uma escala zero, e se articulassem, de alguma forma, com o passado. No caso de Minas, é claro "que houve uma decadência e um esgotamento da mineração e sobre isso todos concordam"<sup>168</sup>. Caberia, talvez, questionar-se a respeito do caráter inelutável e absolutamente homogêneo da decadência econômica mineira<sup>169</sup>. Vale dizer, o reconhecer do esgotamento das lavras não se constitui, por si só, em sintoma suficiente para afirmar-se a perda de substância econômica da região, mesmo porque, do ponto de vista dos indicadores quantitativos, tal poderia não ocorrer<sup>170</sup>.

---

(168) LINHARES, Maria Yedda Leite. "O Brasil no século XVIII e a Idade do Ouro: a propósito da problemática da decadência". In: *Seminário Sobre a Cultura Mineira no período colonial*. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979, página 166.

(169) Maria Yedda Linhares pondera: "...Voltamos a interrogar-nos sobre a visão indiferenciada de uma decadência inexorável e monolítica, sem atentar para as infinitas diversificações locais". Idem, *Ibidem*, página 168.

(170) "Mas os efeitos do estancamento das lavras não poderiam ter levado a um apagamento tão definitivo da Capitania no cenário colonial, mormente se tivermos em conta de que ela já possuía, naquele momento, uma população de cerca de 600.000 habitantes". Idem, *Ibidem*, página 167.

Consideramos, todavia, que inexistindo real declínio das atividades produtivas, visto terem elas se rearticulado de novo modo, isto não exclui, quer a percepção da crise pelos agentes sociais, quer a existência de perda cultural mais ampla e de deterioração do antigo viço urbano. Na dimensão cultural, parece ser complicado negar o enfraquecimento: "Os escritores da geração anterior representam o ponto máximo da contribuição brasileira ao Arcadismo da literatura comum; comparados a eles, os que veremos doravante marcam acentuado desnível, levando-nos a refletir sobre o fato que, nas correntes literárias, fastígio é freqüentemente véspera do declínio"<sup>171</sup>. No que diz respeito ao espaço urbano, John Mawe salientou o visível decaimento de Vila Rica: "A cidade é de extensão considerável, mas menos povoada que no tempo das minas ricas. Poucos habitantes, excetuado os lojistas, têm ocupação..."<sup>172</sup> Além do mais, caberia provavelmente considerar que, no plano do imaginário, a presença da mística do ouro, levava aqueles homens a perceberem a agricultura como inferior. Por isso, embuidos da magia do eldorado, aos mineiros "a atividade agrícola parece constituir para muitos apenas em pálido substitutivo"<sup>173</sup>. Até as famílias de muitas gerações de agricultores não escapam da nostalgia do ouro: "ocuparam as terras próximas de Januária por muitos anos e foram agricultores nos bons e velhos tempos da

---

(171) CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira. (Momentos decisivos)*. 5ª edição, 1º volume (1750-1836), São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1975, página 191.

(172) MAWE, John. *Obra citada*, página 123.

(173) LINHARES, Maria Yedda Leite. "O Brasil no século XVIII e a Idade do Ouro: a propósito da problemática da decadência". *Obra citada*, página 159.

mineração e da colônia agora, (dizia o agricultor) somos plantadores e comerciantes e produzimos mais do que, lucrativamente, podemos aproveitar"<sup>174</sup>. Inclusive na Zona da Mata, que sempre tivera seus olhos voltados para o mar, a atração pelo metal luzidio deixara rastros. "A ilusão do novo Eldorado deixou ali a sua marca nas denominações geográficas. Como nos primórdios de 1800 alguns aventureiros teriam extraído de um ribeirão meia pataca de ouro, ele se chamou Meia Pataca. Esse ribeirão, nas cabeceiras conhecido por Neblina, recebe pela margem esquerda um afluente, o Córrego das Lavras... O lugar (do ribeirão e do Córrego) se chamava Porto dos Diamantes" nome que, segundo a tradição, se originou da presunção de que existiam aí, ou teriam existido antes, em abundância, aquelas pedras preciosas, mas que, infelizmente nunca foram encontradas", lamenta-se um dos historiadores de Cataguases"<sup>175</sup>. A fase áurea persistira então ilusoriamente, no universo dos mineiros, de forma a perseguir as gerações subseqüentes e a conformar seus eflúvios oníricos. Esta peculiaridade não escapou à argúcia de Saint-Hilaire, ao observar que "as oportunidades aventurosa da procura de ouro e pedraria exaltaram entre os mineiros esse espírito de inquietação natural a todos os homens, como jogadores, se deixam arrastar pela menor luz de esperança, e estão sempre prontos a sacrificar o que há de mais real às quimeras de sua imaginação"<sup>176</sup>. Efetivamente, e sobretudo após

---

(174) WELLS, James. *Obra citada*, página 4.

(175) GOMES, Paulo Emílio Salles. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974. páginas 6-7.

(176) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. *Obra citada*, página 92.

a exaustão das minas no último quartel do século XVIII; a vida dos mineiros abeberou-se dos sonhos, repostos quotidianamente: "meu pai diz que o serviço dá muita esperança e que a formação é muito boa, mas a água é que é pouca. Assim mesmo eles esperam salvar o prejuízo do ano passado e ficar com bom lucro este ano. Mas mamãe diz que está muito acostumada com vida de mineiro; tira da terra num ano e torna a enterrar no ano seguinte"<sup>177</sup>. À índole da atividade mineradora que, intrinsecamente, comportava grande imprevisibilidade, agrega-se a indelével fluidez daqueles empreendimentos fadados a nascerem mortos. Seu verdadeiro respaldo na realidade, a faina nas lavras esgotadas, teria, como única razão de ser, a persistente imagem do passado. Os dias esplendorosos das Minas flutuavam como fantasmas a perseguir os presentes, imiscuiam-se nos espaços de convivência social das cidades agora esmaecidas. Os mineiros dos antigos centros urbanos mineradores tentavam imitar, como num pastiche, os momentos esplendorosos da vida social setecentista, numa espécie de galardão empobrecido.

Referenciais básicos foram as duas grandes festas do apogeu aurífero no coração das minas: o *Triunfo Eucarístico e Aureo Trono Episcopal*<sup>178</sup>. "O primeiro documento de interesse literário a reportar às manifestações de um estilo de vida barroco na sociedade mineradora do século XVIII é o *Triunfo Euca-*

---

(177) MORLEY, Helena. *Minha vida de menina. Cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1963, página 106.

(178) ÁVILA, Affonso. *Resíduos Seiscentistas em Minas. Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1967, 2 volumes.

*ristico*, opúsculo publicado em Lisboa em 1734. Nele, Simão Ferreira Machado descreve as festividades que, no ano anterior, assinalaram a inauguração da nova matriz de Nossa Senhora do Pilar, ... e a solene trasladação para esse templo da Eucaristia, provisoriamente depositada na igreja Nossa Senhora do Rosário"<sup>179</sup>. A esplendorosa festa de Vila Rica foi seguida por outra, não menos magnificente, realizada em 1748, para comemorar "a posse de Dom Frei Manoel da Cruz, bispo com cuja investidura se instala solenemente, ... a diocese de Mariana. O cônego Francisco Ribeiro da Silva, do cabido da Nova Fé, faz editar em Lisboa, em 1749, ao qual se seguia uma coletânea de peças literárias alusivas ao acontecimento. Trata-se do *Áureo Trono Episcopal*"<sup>180</sup>. Interessante notar, para além da grandiosidade das festas, a preparação que durou dias a fio. A abertura das festividades, em Mariana, fêz-se acompanhar por um estílo teatralizado: "*Pelo decurso de oito dias sucessivos, e precedentes ao da solemnidade, sahião de tarde pela Cidade toda várias mascaras, diferentes nos trajes, e na jocosidade dos gestos, os quaes em graciosos bandos, e poezias, que espalharão ao povo, avisavão por célebre estylo a futura festividade.*"<sup>181</sup> Já no início da comemoração percebem-se traços inusuais nas festas religiosas, presentes nas paródias, no tom trocista, que mais lembravam os folguedos profanos. De fato, "a partir de 28 de novembro de 1748, iniciam-se as festas, que se estenderão até o decorrer do mês de dezembro, entre procissões, desfiles alegóricos, jogos de iluminação, missas solenes, en-

---

(179) ÁVILA, Affonso. *Obra citada*, página 11.

(180) Idem, *Ibidem*, página 25

(181) APUD Affonso Ávila. *Ibidem*, página 29.

cenações teatrais e oralizações poéticas, num misto espetaculoso de ritual católico, comprazimento intelectual e divertimento público"<sup>182</sup>. Igualmente, em Vila Rica, as comemorações apresentaram a mesma *mêlange* do ságrado com o profano: "*Servi-rao à festividade deste dia. Muitas danças, e mascaras, ricamente vestidos; e continuarão aos olhos sempre vario, e agradável espectáculo, ordinariamente de dia; aos ouvidos sonora e contenciosa armonia de musicas, principalmente de noite; até vinte e quatro de mayo, dia da trasladação*"<sup>183</sup>. Danças máscaras e música conferirem dinâmica toda especial à festa, que adquire ritmo estranho à quietude das solenidades tipicamente religiosas. "Estabelece-se, nos desfiles descritos e que precedem a procissão de 24 de maio, uma conotação de *féerie* coreográfica com o moderno carnaval carioca, pela profusão do colorido e pelo movimento e monumentalidade dos quadros. Há na concepção da coreografia, tal como relata Simão Ferreira Machado, qualquer coisa que se aproxima, guardadas as devidas proporções, do espetáculo cinemascópio ou do balé de nossos dias"<sup>184</sup>. A presença de figuras da mitologia pagã, talvez horrorizasse aqueles apegados aos cânones rígidos do catolicismo tridentino: "*Se dilatava outra vistosa dança, composta de músicos em cujas figuras era o ornato todo telhas, e preciosas sedas de ouro, e prata: pertencião-lhe dous carros de madeira de singular pin-tura; hum menor, que levava patente aos olhos huma serpente, outro mayor, de artificio elevado em abobeda, que occultava hum cavalleiro: este, abrindo-se a abobeda, sahio de repente,*

---

(182) APUD, Affonso Ávila: *Obra citada*, página 29.

(183) Idem, *Ibidem*, páginas 15-16

(184) Idem, *Ibidem*, pagina 16.

e já montado, na cabeça da serpente"<sup>185</sup>. De tal forma essas manifestações religiosas sincréticas pareciam estar mescladas àquela sociedade<sup>186</sup>, que, assumiam-se por natural, fatos que, no futuro; iriam escandalizar os viajantes: "Nos países civilizados a ausência de ensinamentos religiosos e morais conduz a um rude materialismo; naqueles que ainda não se civilizaram inteiramente essa falta leva geralmente à superstição"<sup>187</sup>. Em outra passagem, o próprio Saint-Hilaire salientou a peculiaridade do espírito religioso dos brasileiros: "O vigário de S. João conhecia bem os abusos de que era vítima a Igreja Brasileira e parecia sofrer com isso, desaprovando o desvirtuamento das festas religiosas que ocorriam na região"<sup>188</sup>. Assim, as festas religiosas nas Minas constituíam-se num momento todo especial de convívio e, por isso, extrapolavam o caráter exclusivamente religioso.

E, de fato, nas descrições das duas comemorações no setecentos mineiro, seres de diferentes pertinências sociais, fazem-se representar: "*Precedia a todas hum gaiteiro, que por singular fabricado instrumento, e boa agilidade da arte fazia huma agradável consonancia./Vestia à Castellana de seda encarnada; e por hum lado o seguia hum moleque vestido da mesma seda tocando hum tambor./Mais atraz distancia de dous passos vi*

---

(185) APUD, Affonso Ávila. *Ibidem*, página 16.

(186) Para uma análise do caráter sincrético da religião no Brasil, ver: BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Pioneira, 198

(187) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 76.

(188) Idem, *Ibidem*, página, 66.



nhão quatro negros cobertos de chapeos agaloados de prata com plumas brancas; vestidos todos de berne; calçados de encarnado. / Vinhão em cavallos brancos de jaezes de berne tocando trombetas, de que pendião estendartes de seda branca com huma custodia pintada"<sup>189</sup>. O mesmo acontecera na festa de Mariana, onde índios faziam-se representar: "huma dança de Carijós, ou gentio da terra", "ao som de taboril, flautas, e pifaros pastoris, tocados por outros Carijós mais adultos, que na grosseira natural dos gestos excitavão motivo de grande jocosidade"<sup>190</sup>. Vê-se que a par do fausto, escravos, homens pobres e mesmo índios, compartilhavam das festas. Nesse sentido, festividades deste tipo criavam uma ambiência comum, onde as fronteiras sociais encontravam-se mais diluídas e onde as barreiras entre as diversas camadas pareciam ficar, temporariamente, suspensas. Em momentos como esses, a centralidade social assume a aparência de certo deslocamento, pois, na condição de fiéis todos são assemelhados, e a grande clivagem estabelece-se entre Deus e seus crentes, borrando, assim, o fulcro escravista daquela sociedade. Caberia, outrossim, salientar o perfil extremamente ritualizado dessas relações sociais. Não casualmente, grande parte da vida social da capitania girava em torno das irmandades<sup>191</sup>. As ordens leigas reproduziram as clivagens sociais imperantes nas Minas, além de constituírem-se em veí-

---

(189) APUD Affonso Ávila, *Obra citada*, páginas 17-18.

(190) Idem, *Ibidem*, página 30.

(191) Para uma análise das irmandades em Minas ver: SALLES, Fritz Teixeira de. *Vila Rica do Pilar*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São paulo, 1982. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder. (Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais)*. São Paulo, Editora Ática, 1986.

culo de solidariedade, de tensões sociais e de nuançamento dos conflitos<sup>192</sup>. No conjunto, o catolicismo praticado nas Minas foi "essencialmente leigo"<sup>193</sup>. A própria teatralização dos eventos, aponta para a presença ritualística, "através de uma festa mais de regozijo dos sentidos, que propriamente de comprazimento espiritual"<sup>194</sup>. A forte excitação sensorial adequa-se, perfeitamente, a uma sociedade seduzida pela imagem do ouro. A moldura barroca da paisagem de Vila Rica a envolver uma tela fiel ao seu estilo, é a síntese harmônica de tudo isso: "Na paisagem montanhosa do centro do Brasil, onde se plasmou a sociedade mineradora, verifica-se como que uma concreção geográfica das formas assimétricas do barroco, na sucessão irregular das serras cujo movimento de elevações e declives se perderia em vertigens, não fosse o seu ritmo seccionado e corrigido pela presença dos rios com seus horizontes abertos na direção ainda que remota do mar"<sup>195</sup>.

A magnificência das festas mineiras setecentistas, somada à marcante feição visual e lúcida, torna-as, na opinião de Affonso Ávila, manifestação do espírito barroco na colônia. "Porquanto merece e requer maior atenção, o *Triunfo Eucarístico*, este quase roteiro cinematográfico de um acontecimento singular da vida social e religiosa da incipiente sociedade mineradora, eflúvio barroco da alma ibérica seiscentista empolgada pela aventura do ouro"<sup>196</sup>. Assumida essa postura, ca

---

(192) O livro de Caio César Boschi contém análise primorosa das relações entre irmandades e processo social. *Obra citada*, especialmente, Capítulo IV.

(193) BOSCHI, Caio César, *Obra citada*, página 178.

(194) ÁVILA, Affonso. *Obra citada*, página 15.

(195) Idem, *Ibidem*, página 125.

(196) Idem, *Ibidem*, página 23.

beria expandir a análise para o universo particular da sociedade mineira, que viabilizou a assimilação do barroco, quer na arte, quer nas formas predominantes das relações sociais. Estamos pensando aqui, especificamente, sobre os motivos que possibilitam a assimilação de certos estilos. Evidentemente, dada a condição colonial, as formas de expressão reproduzem as matrizes externas. Não haveria mesmo possibilidade de escolha, uma vez que a própria seleção é feita no além-mar. Ademais, a inexistência de um espaço nacional e, decorrentemente, de restrita autonomia, excluiria, drasticamente, a factibilidade da criação interna. Todavia, caberia, quiçá, indagar-se sobre o porquê da arte barroca ter sido dominante nas Minas, diversamente das outras capitanias. Se é certo que a presença do ouro representou um contributo inestimável, não é menos verdade que, inclusive no auge da extração aurífera, o valor das exportações açucareiras coloniais jamais foram ultrapassadas<sup>197</sup>. Poder-se-ia argumentar também com o caráter extremamente religioso dos mineiros, propiciado pelos centros urbanos. O convívio citadino seria mais adequado à religiosidade, por gerar situações favoráveis e mais emuladoras aos espíritos pios. A devoção pode grassar mais livremente, nos espaço de maior densidade social. Spix e Martius observaram "estes sebastianistas, que se distinguem por sua diligência e caridade, são em maior número no Brasil, e, especialmente, em Minas Gerais"<sup>198</sup>. Os grandes movimentos de caráter religioso, contudo, não des-

---

(197) Claro está que o ouro é a mercadoria/moeda, capaz de atrair e remunerar todas as demais mercadorias em função de sua liquidez, o que lhe confere enorme potencial dinamizador.

(198) SPIX e MARTIUS. *Obra citada*, página 248.

pontaram nas regiões urbanas brasileiras, sendo característicos dos ambientes rurais<sup>199</sup>. Acrescente-se a isso, a dimensão leiga e um tanto profana da religiosidade mineira, que tenderia a afastar as exaltações de cunho fanático. Concomitantemente, a fluidez da atividade mineradora produz uma camada social dominante bem mais frágil, quando comparada ao senhorio do açúcar e, nesse sentido, a possibilidade da cristalização de determinados componentes sociais torna-se restringida, impossibilitando a emergência de traços enobrecidos. Se o "estilo de vida" barroco, exatamente por haver nascido no quadro social da Época Moderna, em processo irreversível de estratificação, pôde conviver tanto nas cortes mais aristocráticas da Europa quanto nas Repúblicas burguesas, nas primeiras, especialmente na espanhola a presença de um forte traço *cortesão*, foi marcante<sup>200</sup>. Na Holanda, "o peculiar naturalismo por meio

---

(199) Sobre esse assunto podem-se consultar, entre outros: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Editora Dominus e Editora da Universidade de São Paulo, 1965; MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. São Paulo, Livraria Duas Cidades. 1974. CAVA, Ralph della. *Milagre em Joazeiro*. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra 1977.

(200) "Torturante o cerimonial de uma côrte. Da côrte de Madrid, por exemplo. Quando os menores gestos, as medidas, as distâncias, o ter ou não ter o chapéu na cabeça têm um significado. E distribuem a hierarquia social. O tratamento a ser dispensado a cada um era um drama". FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. *Portugal na época da restauração*. Tese apresentada ao concurso de Cátedra à Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1951, página 42. Para uma análise do Barroco europeu e da sua presença em países diversos

do qual se distingue não só do Barroco geral europeu e sua postura heróica, sua solenidade estrita e rígida e seu sensualismo tempestuoso e transbordante, senão também de qualquer outro estilo anterior orientado de modo naturalista. Pois, não é só a simples, honrada e piedosa objetividade na representação, nem unicamente o esforço por descobrir a existência do modo imediato, na sua forma quotidiana e comprovável por qualquer observador, senão a capacidade pessoal de viver o aspecto, que confere a essa pintura seu especial caráter de verdade"<sup>201</sup>. Nesse contexto, haveria muito mais razão para o desenvolvimento de estilos de vida de aparência suntuosa em Minas, do que em outras partes do Brasil<sup>202</sup>. Como se sabe, a crença na riqueza das Minas tem sido contestada pela historiografia mais moderna<sup>203</sup>. O fausto das festas barrocas, nesse contexto,

---

(200) CONT.- do ponto de vista político e social ver: HAUSER, Arnold. *História Social de la literatura y el arte*. Tradução espanhola, Madrid, Ediciones Guadarrama, 1969, volume II, Capítulo VII.

(201) HAUSER, Arnold. *Ibidem*, páginas 143-144.

(202) Gilberto Freyre, com exagero, caracteriza a sociedade do Nordeste colonial a partir dos traços aristocráticos: "Mas onde o processo de colonização européia afirmou-se essencialmente aristocrático foi no Norte do Brasil. Aristocrático, patriarcal, escravocrata". *Casa Grande & Senzala*, 13ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963, página 246. Apesar das tintas carregadas, análises deste tipo pareceriam impensáveis para as Minas, dado que o caráter urbano da escravidão e a natureza do empreendimento minerador criavam de um lado, um espaço social menos segmentado e, de outro, a possibilidade de mineiros, senhores de escravos, possuírem datas.

(203) A esse respeito consultar: FRIEIRO, Eduardo. "Vila Rica, Vila Pobre". In *O Diabo na Livraria do Cônego - Como era*

exige novo requacionamento.

Laura de Mello e Souza empreende análise penetrante das comemorações setecentistas: "Endossando-se a idéia de que a festa funciona como mecanismo de reforço, de inversão e de neutralização, teríamos no Áureo Trono a ritualização de uma sociedade rica e opulenta - *reforço* - que procura, através da festa, criar um largo espaço comum de riqueza - ... O verdadeiro caráter da sociedade é, aqui, *invertido*: a riqueza já começava a sumir, mas aparece como pródiga; ela era de poucos, e aparece como de todos. Por fim, a festa cria uma zona (fictícia) de convivência, proporcionando a ilusão (barroca) de que a sociedade é rica e igualitária: está criado o espaço da *neutralização* dos conflitos e diferenças"<sup>204</sup>. Concordamos, plenamente, com a dimensão ritual das festas e com os mecanismos sociais, por ela desenvolvidos. Caberia, talvez, indagar-se sobre outros significados que poderiam subjazer a esses momentos lúdicos: A "ilusão barroca" que, por certo, permeia essa sociedade, estaria lastreada na sua própria condição colonial e, daí, nos desdobramentos dela decorrentes. Isto é, a configuração e a evolução da marca existencial barroca estariam cortadas na raiz, por causa do caráter colonial da sociedade e, pois, dos óbices ao florescimento de uma vida social capaz de produzir e agasalhar manifestações culturais geradas em outros con

---

(203) CONT.- *Gonzaga? E outros temas mineiros*. 2ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981. Obra mais abrangentemente e significativa sobre o tema: MELLO E SOUZA, Laura. *Desclassificados do Ouro. A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982.

(204) MELLO E SOUZA, Laura. *Ibidem*, página 23.

contextos. Nesse sentido, a expressão barroca mineira seria muito mais fruto da inevitável assimilação, pela colônia, dos padrões sociais e estéticos nascidos nos centros hegemônicos.

A importação passadista do barroco nas Minas seria, assim, consequência do atraso cultural luso e da dimensão urbana da sociedade mineira. Todavia, ainda que o lado de pura absorção seja preponderante, uma vez assimilado, criaria efeitos sociais que, ao se desdobrarem, encarnariam possibilidades modeladoras. Em outras palavras, a forma ritualística não está desconectada dos conteúdos eventuais por ela articulados. Por isso, mesmo rejeitando-se as "tentativas de caracterizar como entidade explicável em si mesma um *espírito barroco*, um barroquismo exposto na linguagem traiçoeira de vaga e inexata psicologia coletiva"<sup>205</sup>, a ambiência barroca da arquitetura e das festas de Minas setecentista, atestam algum enraizamento específico naquela sociedade. Daí, "entre raízes remotas e os condicionamentos mais decisivos, está por certo o barroco, não enquanto tão-só um estilo artístico, mas sim como fenômeno da maior complexidade - um estado de espírito, uma visão do mundo, um estilo de vida, de que as manifestações da arte serão a expressão sublimadora"<sup>206</sup>.

A presença barroca nas Minas teria, provavelmente, conexões com o quadro de sociabilidade desenvolvido na Capitania. Se assim não fosse, teria ocorrido um fenômeno de mera justaposição, puro ornamento agregado aos devaneios dourados.

---

(205) MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978, página 155.

(206) ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. 2ª edição, São Paulo, Editora Perspectiva, página 10.

O universo social das cidades mineiras é peculiar, do ponto de vista da estratificação, frente à ocorrida nas zonas litorâneas da Colônia. Nos primórdios da mineração, "estabeleceu-se uma sociedade sem condições de adotar rígidas normas de comportamento e convivência. Além disso, não se teve em Minas a presença cerceadora e controladora da Igreja"<sup>207</sup>. Constituída a matriz social que predominará no espaço urbano mineiro, somam-se, à mesma, novas especificidades. À atuação do branco e da força do trabalho escravo, agregou-se um vasto segmento populacional composto por pequenos empreendedores, por funcionários da Coroa, por mestiços e marginalizados de várias origens. Há que se observar ainda, a forte presença do Estado "imposição que se fez sentir em toda a linha. As terras mineiras não foram patrimônio privado, mas realidade sempre vista como coisa pública"<sup>208</sup>. O aparato administrativo colonial a tudo permeando, fez das Minas a Capitania mais fiscalizada do Império Português. Nesse sentido, os braços do Estado Lusitano ao envolverem estreitamente a zona mineradora, conferiram, pela força, maior organicidade aos aglomerados urbanos nascentes. "À instabilidade dos primeiros tempos sobrepõe-se uma vida urbana regulada e a estruturação social fica então sujeita à ingerência do Estado. Além disso, ao armar um vasto aparelho de controle social, a Coroa incorporava ao mundo social um segmento de burocratas e militares que se juntava a embrionários grupos médios"<sup>209</sup>.

---

(207) BOSCHI, Caio César. *Obra citada*, página 143.

(208) IGLÉSIAS, Francisco. "Minas Gerais". In *História Geral da Civilização Brasileira*. Sérgio Buarque de Holanda (org.), Tomo II, 2º volume, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964, página 365.

(209) BOSCHI, Caio César. *Obra citada*, página 144.



A diferenciação da estrutura social provocou, logicamente, a intensificação da divisão social do trabalho. "Certas localidades, como Vila Rica, representaram, no século XVIII, áreas urbanas de grande densidade populacional e onde se observou intensa divisão social do trabalho. Assim, embora a economia tendesse, em princípio, a voltar-se à "monocultura" extrativa, a própria dinâmica de seu crescimento possibilitou o surgimento de variadas atividades, não vinculadas diretamente à mineração, embora dela dependesse sua própria dependência"<sup>210</sup>. Por tudo isso, a sociedade emergente da mineração ficou alheia "completamente ao sistema litorâneo"<sup>211</sup>. A densidade populacional dos centros urbanos expressa, do ponto de vista da sociedade, grande diversificação, contrastante não apenas em relação às outras capitanias mas, principalmente, frente ao caráter escravista da sociedade.

A particularidade da sociedade mineradora nos setecentos residiria, provavelmente, na necessidade de soldar princípios tão diversificados de estratificação social. Stuart Schwartz, ao referir-se à sociedade colonial brasileira observa que "ela era uma sociedade de múltiplas hierarquias de honra e estima, de múltiplas categorias de trabalho, de complexa divisão social da cor, e de várias formas de mobilidade e mudança; mas ela era também uma sociedade com profunda tendência a reduzir complexidades a dualismos de contrastes - senhores/escravos, nobres/peões, católicos/pagãos - e harmonizar as múlti

---

(210) LUNA, Francisco Vidal e Costa, Iraci del Nero. *Obra citada*, página 55.

(211) VASCONCELLOS, Sylvio. *Mineiridade. Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968, página 61.

plas camadas entre si, de tal forma que a hierarquia, a classe, a cor e o estado civil tendiam a convergir em cada indivíduo"<sup>212</sup>. A relação senhor-escravo predominante, viria juntar-se vasto contingente de homens livres, também internamente diferenciados, além da presença da burocracia estatal e da elite ilustrada. A simbiose de todos esses segmentos, produzidos por múltiplos critérios estratificadores, parecia extremamente complicada. A unidade intentada pelo aparato administrativo, dado o forte controle fiscal, produzia descontentamentos concomitantes, - entre os quais se aloja a Inconfidência -, conferindo ao todo uma concreção precária.

A própria volatilidade do empreendimento minerador origina, entre os homens livres, movimentos ascendentes e descendentes bem mais extensos que os das zonas onde predomina a grande lavoura monocultura. Mesmo entre os escravos, ocorreram situações de mobilidade social<sup>213</sup>, ainda que não fossem a regra. O espaço urbano, sendo a tônica predominante na vida social da Capitania, impedia o aparecimento de fronteiras nítidas entre as camadas dominantes: escravos, marginalizados, pequenos artesãos, comerciante de porte vário, funcionários da Coroa, etc... Nesses termos, elas nem se cristalizaram nem se excluíram, ao contrário, encontraram-se em permanente proximidade. As minas, "atraindo fornecedores de gêneros, intermediários de negócios, técnicos na manipulação de pedras preciosas e no fabrico de moeda falsa, mecânicos, artesãos - provavel-

(212) SCHWARTZ, Stuart B. *Sugar Plantation in the Formation of Brazilian Society. Bahia, 1550-1833*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985, página 246.

(213) Conforme BOSCHI, Caio César. *Obra citada*, página 148.

mente judeus alguns deles - essas cidades parecem ter-se dividido - nos momentos dramáticos, pelo menos em metades antagônicas"<sup>214</sup>. As partes opostas aludidas por Gilberto Freyre referem-se, de um lado ao bloco formado por senhores e escravos, de outro ao dos homens livres excluídos da nobreza. O drama, no caso, desenvolve-se a partir da pluri-estratificação social, rompedora da harmonia da "Casa Grande e Senzala". Por isso, o autor procurou em Minas, a reprodução do mundo que sonhou para o Nordeste: "Mas de modo geral, dominaram-nas os grandes magnatas das minas. Autocratas de sobrados, ou de *Casas Nobres*, levantadas dentro das cidades e envolvendo as casas menores nas suas sombras. Um alongamento de casas-grandes rurais e semi-rurais, que alguns desses magnatas davam-se também ao luxo de possuir..."<sup>215</sup>. Provavelmente, o drama não se resolve com o sombreamento das moradias mais modestas, mesmo porque elas pareciam multiplicarem-se numa espécie de envolvimento das residências aristocráticas diga-se de passagem, não apresentaram a garantia de sólidos alicerces. O drama das Minas configurava-se de outra espécie. Seria necessário dramatizar o conjunto da vida social para, através da ritualização, garantir-se a participação de todos, mas em lugares rigidamente circunscritos.

---

(214) FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 6ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981, 1º tomo, página 7.

(215) Idem, *Ibidem*, página 7. Para Carlos Guilherme Mota, a produção de Gilberto Freyre pode ser enquadrada num tipo de literatura de crise, entendida como perda de prestígio de uma camada social. MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Editora Ática, 1977, páginas 62-64.

O barroco, por isso mesmo, deixa de ser puro ornamento ou mera justaposição sobre aquele universo social. A dramatização barroca amolda-se, suavemente, àquela sociedade, que busca ritualizar a necessidade da permanência das diferenças no todo. O rito enquanto espaço de encontros é, ao mesmo tempo, momento da fixação de hierarquias. Quanto mais inorgânica e problemática uma sociedade, maior a necessidade de elaboração de mecanismos de reforço. Por isso, grande parte da sociabilidade da Capitania girava no interior das irmandades, que recompunham as clivagens sociais<sup>216</sup>. "A igreja mineira torna-se, pois, o instrumento de diferenciação dos vários grupos"<sup>217</sup>. O barroco combina a expressão ilimitada<sup>218</sup>, num estilo unitário<sup>219</sup>. A multiplicidade social das Minas, a falta de fixidez das posições, criam a inevitabilidade da ritualização, expressam "esta tendência a exteriorizações"<sup>220</sup>. A arte barroca em

---

(216) Conforme BOSCHI, Caio César. *Obra citada*.

(217) MACHADO, Lourival Gomes. *Obra citada*, página 19.

(218) "Tudo expressa um impulso potentíssimo e incontido para o ilimitado". HAUSER, Arnold. *Obra citada*, página 108.

(219) "O barroco, quer na natureza de fenômeno estético, quer no seu mais amplo significado histórico, vem a consubstanciar um instante de vontade totalizadora da arte, manifestando-se no espetáculo global sublimado, por exemplo, nas cortes dos Felipes de Espanha, de Luís XIV na França ou, já no declínio do estilo, na de João V em Portugal, com a construção de palácios ou mosteiro, a magnificência ostentória do ritual, o estímulo a uma criação artística exteriorizada em formas que disfarçam, às vezes sob a mais difusa reverberação lúdica, a sua perplexidade motivadora". ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. *Obra citada*, página 37.

(220) VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica. Formação e desenvolvimento - residências*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956, página 61.

Minas, ao mesmo tempo que reproduzia as competições entre facções, corporificadas nas igrejas, afirmava a força surpreendente do estilo<sup>221</sup>. "No caso das igrejas negras, seriam de esperar-se expressões mais próximas daquilo que convencionou chamar arte afróide. Mas não; o grupo escravo busca constantemente o mesmo ideal do grupo senhorial<sup>222</sup>. Por isso mesmo, o barroco mineiro setecentista não é a simples recriação, na colônia do barroco europeu. Recriação sim, mas com natureza própria que flui da especificidade de sua condição colonial, do movimento histórico das Minas e da peculiar configuração de sua sociedade. Um sincretismo cultural com vasto potencial integrador e diferenciador que lhe dá a forma multifacetada do cristal, comportando, no limite, leituras como a de Sylvio de Vasconcellos, para quem o barroco de Minas era a expressão "popular, democrática e liberal"<sup>223</sup>.

A decadência das Minas não se refletiu no caráter aparatoso das festas religiosas. Saint-Hilaire observou, na procissão das cinzas em São João Del Rei, certo mau gosto nos trajes, para os padrões de um europeu, além do caráter sincrético e da participação de pessoas de pertinência social bastante diversa: "Por volta das cinco horas a procissão entrou na rua onde morava o pároco. À frente vinham três mulatos trajando túnicas cinzentas, semelhantes aos trajes com que se apresentam, em nossas óperas, os gênios do mal. Um deles levava uma grande cruz de madeira e os outros dois seguravam, ca-

---

(221) Conforme, MACHADO, Lourival Gomes. *Obra citada*, página 129.

(222) Idem, *Ibidem*, página 130.

(223) VASCONCELLOS, Sylvio. *Mineiridade. Ensaio de Caracterização*. *Obra citada*, página 139.

da um, um longo bastão com uma lanterna na ponta. Imediatamente atrás deles vinha um outro personagem, vestido com um traje muito justo, de tecido amarelado, no qual haviam sido desenhados com tinta os ossos que compõem o esqueleto. Esse personagem representava a Morte, e em meio a grandes palhaçadas fingia golpear os presentes com uma foice de papelão. A uma regular distância do primeiro grupo vinha outro, precedido de um homem trajando um manto cinzento e um punhado de cinzas sobre uma bandeja. Ia de um lado a outro da rua como que tentando marcar com elas a testa dos espectadores. Os personagens que o seguiam eram mulher branca e cheia de atavios e um outro homem de manto cinza levando na mão um ramo de árvore carregado de maçãs, no qual tinha sido enrolada uma figura representando uma serpente. O homem representava Adão e a mulher, que fazia o papel de Eva, fingia colher de vez em quando uma maçã. Atrás deles vinham dois meninos. Um, representando Abel, fiava um pedaço de pano de algodão e o outro dava golpes no chão com uma enxada, como se cavasse a terra"<sup>224</sup>. Surpreendentemente, essas cenas não diziam respeito quer a uma representação carnavalesca, quer a uma função teatral, mas a uma procissão organizada pela irmandade de São Francisco: "Esses dois grupos foram seguidos por treze andores carregados pelos irmãos da confraria de São Francisco. Debaixo dos andores viam-se imagens de madeira em tamanho natural, pintadas e vestidas com roupas de verdade. Os treze andores seguiam em fila e a uma distância considerável dos outros. Num deles vinha Jesus orando no Jardim das Oliveiras, em outro Santa Madalena e a bem-aventurada Margarida de Cortone, ambas de cabelos soltos e trajando mantos

---

(224) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*, Obra citada, página 65.

de um tecido cinzento. No terceiro estava São Luís, Rei da França e no quarto o bem-aventurado Yves, Bispo de Chartres. A Virgem, em toda a sua glória, cercada de nuvens e querubins, também estava presente em um dos andores. Outra imagem representava São Francisco recebendo do Papa a aprovação dos estatutos de sua ordem e em outro grupo encenava-se o milagre dos estigmas. Finalmente, via-se São Francisco sendo beijado por Jesus Cristo"<sup>225</sup>. O aspecto extravagante das cores, a excentricidade das fantasias e a extrema ritualização do acontecimento impressionaram, sobremaneira, a Saint-Hilaire: "Essa série de imagens sem dúvida, extremamente bizarra. Não obstante, o mau-gosto ressaltava mais no-conjunto do que nos detalhes. As roupas condiziam bem com os personagens que as vestiam, as cores eram vivas, e não se podia negar esculpidas com bastante arte, levando-se em conta que tinham sido feitas por pessoas do próprio lugar, que não dispunham de modelos adequados. O que havia de mais ridículo na procissão eram os meninos de raça branca, vestidos de anjo, que acompanhavam cada andor. As sedas, os bordados, as gazes e as fitas eram usados com tal profusão em seus trajes que eles mal podiam caminhar, embaraçados por tantos arrebiques. Uma espécie de tiara, composta de gaze e fitas, encobria quase que inteiramente suas cabeças. Vestiam saias-balão bem armadas, de mais de um metro de diâmetro, e em seus corpetes de gaze plissada estavam presas, além de uma profusão de fitas, pelo menos uma meia dúzia de enormes asas recobertas de gaze. Após a passagem dos andores surgiu um grupo de músicos, os quais cantaram o motete à porta do vigário. Em seguida veio o padre com o Santo Sacramento, e, finalmente

---

(225) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 65.

o povo fechando a marcha. À passagem de cada andor todos os as sistentes faziam genuflexão, mas logo em seguida punham-se a con versar despreocupadamente com os vizinhos"<sup>226</sup>.

Dessa longa descrição pode-se retirar, além do cará ter marcadamente profano da festa religiosa, toda uma forma da sociedade representar-se. Os traços profanos corroboram, não apenas o fato da religião traduzir, principalmente, o conjunto da teia social, mas igualmente de expressar a dimensão ritualística que perpassa a sociedade. Não por casualidade, a igreja, em Minas, significou o núcleo da vida societária, pois, por intermédio da religião, o ritualismo da sociedade pôde en contrar a sua forma adequada. Por isso, as festas religiosas desenrolavam-se à margem da igreja, e ao arguto Saint-Hilaire, não lhe escapou tal fenômeno: "Foi celebrada uma missa cantada, e já era uma hora quando o padre deixou a igreja. Disse-me que não iria tomar parte na procissão porque ali, como em todas as paróquias da província, a Confraria de São Francisco pro curava subtrair-se à autoridade pastoral. Acrescentou que estava em guerra com a Confraria havia dez anos e que tinha fei to reclamações junto às autoridades do Rio de Janeiro, mas que seus adversários contavam com poderosos protetores, não se dignando as autoridades nem mesmo lhe dar resposta"<sup>227</sup>. O que o Vigário parecia não perceber era o real sentido dessas comemo rações, que não se restringiam às normas religiosas, mas as ul trapassavam, pois brotavam do todo social. Querer restringí-las aos estritos cânones religiosos, seria tarefa fadada ao

---

(226) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*, Obra citada, páginas 65-66

(227) Idem, *Ibidem*, página 65.



insucesso: "O vigário de São João conhecia bem os abusos de que era vítima a igreja brasileira e parecia sofrer com isso, desaprovando o desvirtuamento das festas religiosas que ocorria na região. Dizia que os brasileiros são religiosos por natureza mas achava que sua religiosidade é muito superficial e que os padres pareciam considerar como um jogo a ofensa e o perdão"<sup>228</sup>. A religiosidade "natural" desses homens frutificou do apego à face ritualística da crença, daí o seu lado epidêmico, a sua índole lúdica, a lassidão frente aos sacramentos.

A procissão das cinzas organizada pela irmandade de São Francisco, espelha, primorosamente, as clivagens sociais, enleadas, não obstante, no conjunto. Talvez por isso, Saint-Hilaire tenha observado, que "o mau-gosto ressaltava mais no conjunto do que nos detalhes". As partes, em si mesmas, possuíam identidade, aparecendo, contudo, o problema ao agregarem-se, transmitindo a sensação de um todo desarmônico. Os mulatos abrem o cortejo e as suas vestimentas encarnam os "gênios do mal", o sacrifício de suportar o peso da cruz e a morte. Nesse primeiro agrupamento, simboliza-se o ônus arcaico sobre esses homens marginalizados da sociedade escravista, seres sem lugar, predestinados a gerar malefícios; a expiação ou a morte devem ser o seu destino, visto estarem incomodando, permanentemente, aos assistentes. Em sequência, faz-se necessária a purificação, expressa nas cinzas generosamente distribuídas. Torna-se clara a alusão à presença perniciosa dos mulatos, através da representação de Adão e Eva e de Abel criança, que, por serem encarnados por brancos, não incluiu a exigência de

---

(228) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 66.

purificação para o pecado original e o fratricídio. Completa-se a simbologia com a cooperação dos alados membros da confraria, os únicos a carregarem o santo e a retratarem a hierarquia religiosa. A Virgem fecha a teatralização do grupo e os brancos querubins a envolvem, conferindo diafanidade ao cortejo central. No fim, "veio o padre com o Santo Sacramento"; seguido pelo povo, cuja participação é, meramente, coreográfica. Quanto aos assistentes, fica-lhes resguardada a liberdade de atitude, mas apenas após a passagem do séquito; durante a marcha devem reverenciar o santo carregado pela confraria, ato altamente simbólico para demonstrar respeito aos "homens ilustres" da cidade.

A festa sacro-profana é de fato um instantâneo em questão. A simulação não consegue obscurecer a rigidez da hierarquia social, nem apagar os preconceitos que a movem. O conteúdo teatralizado dessa fotografia lembra uma cópia empobrecida dos grandes eventos barrocos setecentistas, ainda que com certo ar de pastiche, por ocorrer em plena decadência configurada no momento posterior à queda da produção do ouro. A sociabilidade gestada no período seguinte, ainda que nova, não afastou definitivamente as lembranças das eras douradas, tampouco conseguiu infundir dinamismo à sociedade, mesmo que, levemente aparentado ao anterior. Se no século XIX, Minas não viu, propriamente, um contexto estagnado, também não ofereceu, em contrapartida, uma vida social intensa. Durante os oitocentos, o tempo de Minas caracterizou-se pelo movimento lento, pelo atenuamento do ritmo, criando uma vivência pachorrentamente marcada por relações sociais imediatas. Nesse contexto, fica de pé a possibilidade de manterem-se formas societárias passadistas, mormente nas cidades ligadas ao antigo núcleo mine-

rador. A permanência, no entanto, - não se resume a simples saudosismo, pois num universo mais ativo seria suplantada -, achase profundamente enraizada em grande parte da vida da Província.

Uma demonstração concludente dessa análise, parece-nos, encontra-se na feliz recomposição de um casamento na roça, realizada pelo viajante John Wells: "Encontramos o pai da noiva e o noivo, ambos altos, magros, quase homens brancos; o noivo, com cerca de quarenta e cinco anos de idade, parecia-se muito com um típico Don Quixote, um cavaleiro de semblante rude, pois verdadeiramente ele não parecia feliz ou de qualquer forma excitado. Ambos estavam vestidos com casacas negras, calças escuras, camisas brancas, colarinhos tremendamente altos e gravatas brancas. Estavam solenemente sentados num sofá de cana da Índia, flanqueados por meia dúzia de cadeiras de cada lado, nas quais estavam sentados os parentes masculinos mais próximos, também vestidos em preto, formando uma avenida em direção ao sofá. Tentamos nossas congratulações; nossos hóspedes levantaram-se solenemente à nossa chegada e baixaram profundamente a cabeça em sinal de reconhecimento. Esperávamos que nos fosse permitido congratular-nos com a noiva. Aquela era uma proposta inesperada, respondeu o pai: 'Ah! - sim - certamente - neste momento, isto é, ela está ocupada agora - não é nosso costume - desculpe-me - mais tarde'". Logo após a cerimônia religiosa, Wells volta a descrever os cônjuges como "um par curioso, um alto e magro, o outro baixo e atarracado, pareciam solenes e muito amedrontados, e particularmente amedrontados, tendo recebido nossas felicitações com apatia ... Os recém casados ocupavam uma das pontas da grande mesa, os pais a outra; ocupávamos nossos lugares com os amigos de casacos pretos, em

frente as senhoras. A mesa apresentava uma visão interessante; em frente de cada um estava um prato de sopa quente, e sobre a mesa havia quentes, frios e mornos: perus, frangos, patos, leitões, mocotós, carne de vaca, peixe frito, presunto, enormes pratos com tomates, feijões, farinha, batata doce, abóbora, mandioca salgada e doce. Espalhados entre os pratos havia frutas, doces, conservas, garrafas de cerveja, vinho, conhaque e cachaça ... Houve ainda muitos discursos e brindes com cerveja ou vinho ou ainda com qualquer bebida que tivesse mais próxima. Todo o tempo o noivo solene e sua noiva permaneceram imóveis e silentes, o homem olhando fixamente o horizonte a sua frente, a noiva olhando esgazeadamente seu prato". Ao anoitecer a festa recomeçava, e o viajante Wells que havia chegado à opulenta fazenda por volta de onze horas da manhã, juntamente com os demais convivas, foi chamado de volta à sala onde se realizara a cerimônia nupcial, viu então que "as senhoras tinham novamente ocupado seus lugares nos bancos e, em frente delas, o solene e silente 'par feliz' estava sentado, estoicamente olhavam o horizonte à frente"<sup>229</sup>. É notável o ri-

---

(229) WELLS, James W. *Exploring and travelling three thousand miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão*. Obra citada, páginas 237-239-240-242. No casamento produzido por Saint-Hilaire, destaca-se o momento dos brindes: "Cada vez que se toma do copo, faz-se um brinde à saúde de um assistente, que responde por uma saudação. Começam-se sempre esses brindes pelo dono da casa, e passa-se em seguida às pessoas de maior consideração. Frequentemente, um só copo de vinho serve a várias saúdes, e então nomeiam-se sucessivamente as pessoas a quem se quer brindar. Esse uso, que foi originariamente inspirado pela afabilidade, é extremamente incômodo. É preciso estar sempre atento para saber se alguém nos nomeou; é necessário ter cuidado em não infringir a ordem na qual

tualismo do comportamento, a fixidez das posições e, no limite, a hieratização das figuras. Até mesmo quando, no desenrolar da festa, os convidados de mais baixa extração social, que até então haviam permanecido do lado de fora da Casa Grande, - sendo servidos a parte numa algazarra gastronômica -, penetram o interior da moradia para servir-se de doces, aparentemente rompendo o ritual, na verdade, completavam-no, pois tinham o consentimento tácito dos donos da casa: "Então, transferiram-se para a sala de confeitos e atacaram com êxito a pilha de guloseimas. A satisfação era indubitavelmente grande, pelas erutações altas e frequentemente acompanhadas por expressões de 'Que bom jantar'; 'N'hor sim, muito gostoso, 'Estou cheio não posso mais'"<sup>230</sup>.

Nas Igrejas, mesmo na disposição espacial das pessoas, a hierarquia social estava preservada, como observou Saint-Hilaire, pois "as mulheres, sem distinção de classe, colocam-se ao meio da igreja agachadas ou de joelhos; os homens mais conhecidos e mais bem vestidos se postam dos dois lados, nesse espaço que acabei de descrever e que é separado do resto da nave por uma balaustrada; os negros, finalmente, e a gente da classe baixa fica à porta"<sup>231</sup>. A forma dos cumprimentos reve-

---

(229) CONT.- se devem fazer as saudações: é preciso, finalmente, aproveitar o momento em que a pessoa que se quer honrar não está conversando com o vizinho, e também não muito ocupada em comer, para poder, ouvir o brinde". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Obra citada, página 109.

(230) WELLS, James W. *Obra citada*, página 242.

(231) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Obra citada, página 63.

la igualmente, e com nitidez, a forte estratificação social: "O povo passava e todos saudavam nossos amigos (pessoas distinguidas), cada um de acordo com sua categoria, os *fazendeiros* com um abanar de mãos e um 'Como está? Como passou?; os *pequenos fazendeiros* com um 'Bão dias, Senhor', erguendo o chapéu; os *trabalhadores* estendiam suas mãos por uma benção, dizendo 'J' Cris' com a cabeça descoberta; todos conheciam nossos amigos e eles reconheciam a todos"<sup>232</sup>. Quando indivíduos das camadas subalternas encontravam-se no seu próprio espaço, rompia-se, efetivamente, o ritualismo e nestas condições poderia acontecer o 'regozijo de fato', como por exemplo no espaço de uma venda, descrita de forma preconceituosa por Saint-Hilaire, "os escravos passam uma parte dos momentos de liberdade que se lhes concedem e dos que podem furtar a seus senhores; é para lá que levam o produto de seus roubos, dos quais os proprietários das vendas não foram talvez os menores cúmplices; é aí que eles acabam de se corromper, comunicando-se reciprocamente seus vícios, e que esquecem, na embriaguez, a escravidão e suas misérias. Nada se pode comparar ao ruído confuso e discordante que reina nas vendas muito frequentadas, uns riem, outros discutem; todos falam com loquacidade; este aqui, sem ligar ao que se passa em redor, dança sapateando; aquele outro, encostado indolentemente à parede, canta com voz afinada uma canção bárbara, acompanhando-se de um instrumento mais bárbaro ainda"<sup>233</sup>.

---

(232) WELLS, James W. *Obra citada*, página 217.

(233) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. *Obra citada*, página 40. Quando Wells descreve o almoço servido para fora da casa da fazenda, durante o casamento, percebe-se a ruptura ple-

A sensação de transitoriedade da vida social e do restrito universo societário de Minas, pesam em todas as suas dimensões. "Em Minas, cada um é o seu próprio arquiteto ... Essa maneira tão rápida de construir casas tão frágeis deve contribuir muito para o nomadismo dos habitantes. Se suas habitações fossem mais sólidas e mais cômodas eles as deixariam com mais pesar, e achariam processos de cultura de terra mais compatíveis com uma longa permanência no mesmo lugar"<sup>234</sup>. A fragilidade das construções, fruto de uma sociedade com baixa capacidade de acumulação, concorria para a conformidade com uma vida rústica. Contrastando com um passado rico e ostentatório, no cotidiano dos fazendeiros do século XIX, "bem poucas pessoas conhecem o luxo e bons comodos da vida: habitam muitos anos em huma propriedade como quem está para abandoná-la a cada hora..."<sup>235</sup>. A rusticidade de uma fazenda em Araxá era, pa

---

(233) CONT.- na do ritualismo: "os peões procuravam as coisas boas como se eles estivessem assaltando uma fortaleza, cada um rapidamente atacando o que estivesse mais próximo, não importava o que pudesse ser - peixe, carne de porco, carne de vaca e verduras eram amontoadas sobre os pratos, sofregamente retalhados, o garfo dispensado, o convidado empurrava sua cadeira para trás, aproximava seu queixo do nível do prato, abria seus braços, e empurrava com sua faca o carregamento para dentro de sua boca espaçosa, dava uma ou duas voltas na língua, revirava os olhos brilhantes pelo esforço de engolir a enorme mistura ... A enorme mesa tornou-se um naufrágio em poucos minutos, juntas de aves foram reduzidas a esqueletos, bebidas misturadas indiscriminadamente e engolidas com grande quantidade de comida". WELLS, James W. *Obra citada*, página 243.

(234) D'ORBIGNY, Alcide. *Obra citada*, página 146.

(235) MATOS, Raimundo J.C. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Typografia Imperial e Constitucional J. Ville-neuve e Cia., 1936, página 66.

ra Saint-Hilaire, comum a muitas outras: "Embora essa fazenda não seja das menores, ela conta apenas, como tantas..., com um punhado de casinhas dispostas desordenadamente, entre as quais mal se distingue a do proprietário..."<sup>236</sup>. Na região entre a Serra da Canastra até Paracatú, o aspecto das propriedades não diferia muito..." a maioria da população da comarca não conhece nenhuma das comodidades às quais damos tanto valor ... As casas em que vivem são pequenas e escuras, e mesmo nas fazendas um pouco mais prósperas, a que pertence ao dono da propriedade não se diferencia dos alojamentos dos escravos"<sup>237</sup>. No sertão de Minas Gerais, a vida social restringe-se quase que exclusivamente ao universo familiar: "Numa região onde uma pequena população se acha disseminada sobre um vasto território não é possível haver sociedade; cada um fica entregue a si mesmo; a vida fica concentrada, como disse um escritor filósofo, no círculo estreito da família..."<sup>238</sup>.

Nas fazendas realmente ricas, a rotina diária dos proprietários, rompia o cotidiano da pobreza. "A vida do fazendeiro pode ser facilmente descrita. Levanta-se ao amanhecer e

---

(236) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Obra citada, página 135.

(237) Idem, *Ibidem*, página 119. Importante desdobramento da atividade agrícola nas pequenas fazendas foi o desenvolvimento da indústria têxtil doméstica, "fruto da insularidade das Minas", à qual cridita-se "importante fator de coesão numa sociedade dividida entre proprietários e não-proprietários". LIBBY, Douglas. *População e Mão-de-Obra Industrial na Província de Minas*. Tese de doutoramento em fase final de elaboração. São Paulo, 1986, exemplar xerografado, "Considerações Finais".

(238) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Obra citada, página 108.



um escravo traz-lhe o café e a bacia para lavar o rosto com o respectivo jarro, ambos de prata maciça. Depois de visitar o engenho, que, muitas vezes, começa a trabalhar às duas horas da manhã, e de andar a cavalo pelas plantações, para ver se os escravos estão malandrando, volta, entre 9 e 11 horas, para almoçar, em companhia da família, ou, se é celibatário, em companhia do feitor. As horas de sol são passadas, fazendo a sesta, ajudado por um copo de cerveja inglesa - que, muitas vezes, só é inglesa no nome - ou lendo os jornais ou recebendo visitas. O jantar é entre 3 e 4 horas, às vezes mais tarde, e é, invariavelmente acompanhado de café e charutos ou cigarros. Muitas vezes, o café é servido de novo, antes de se assentarem para o chá, com biscoitos e manteira ou conservas, e o dia termina com uma prosa em lugar fresco. A monotonia dessa vida de frade é quebrada por uma visita aos vizinhos ou a alguma cidade próxima. Quase todos os fazendeiros são excelentes cavaleiros e atiradores, interessadíssimos pela caça e pela pesca"<sup>239</sup>,

---

(239) BURTON, Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Obra citada, página 46. O 'outro lado' da vida da fazenda foi assim descrita pelo viajante Wells: "Ao clarear do dia todos estavam de pé em agitação; o velho Joaquim costumava vir ao meu quarto para uma primeira conversa enquanto eu preparava minha partida diária; ele estava sempre descalço, com seu casaco dependurado frouxamente sobre seus ombros, abotoado em torno de seu pescoço, ... mais tarde ele usualmente sentava-se em um banco sob a varanda em frente da casa, onde pela primeira vez eu o encontrei, e onde ele sentava-se todos os dias cheirando rapê, enrolando seus dedos, e olhando fixamente sobre o pátio ... Se a manhã esta fria, os velhos e decrepitos escravos da fazenda, cerca de nove ou dez homens e mulheres, reúnem-se em seus andrajos e arrepiados jazem em torno de uma fogueira de madeira no pátio

extremamente diferenciado em relação aos demais. Apesar do predomínio do universo rural, expresso nos horários da 'roça' no gosto por *hobbies* fortemente enraizados naquela realidade, o fazendeiro bem-posto é um homem dado a "luxos" impensáveis aos seus congêneres das regiões mais pobres. E de fato, o consumo de certos produtos deixam a entrever vínculos com centros urbanos mais fornidos de mercadorias, inclusive importadas. Para além disso, a estrutura de dominação escravista tem presença indelével nesse cotidiano, em cujas frestas vislumbram-se fortes clivagens sociais, nas quais os papéis de senhores e esvavos encontram-se claramente delineados.

A mais alta expressão dessa clivagem ocorreu na Zona da Mata mineira, onde surgiu um tipo específico de fazendeiro com 'pretensões aristocratizantes'. A casa grande sintetiza materialmente estas aspirações. Geralmente constituída por numerosos quartos e salas-de-estar "era, usualmente, mobiliada em excesso e desconfortável, mas havia exceções a regra", como a fazenda dos Silva Pinto em Juiz de Fora, distinguida por sua "extensa biblioteca, a qualidade do seu jantar e o decoro com o qual foi servido, (sua) orquestra de quinze figuras que executou uma interpretação da 'grande marcha de Lafayette' e o Hino Nacional brasileiro. São Mateus, possuída pela família

---

(239) CONT.- ... Colocam os bois nos carros, caçarolas de feijão e enormes tijelas com angú são colocadas nele para o desjejum, com as foices e enchadas, e sobretudo, escravos lentamente marchavam para a roça para colher ou plantar milho, feijão, arroz, mandioca, abóbora, inhame, batata comum ou doce, que são cultivados numa clareira num longo vale cerca de duas milhas no caminho para a cidade". WELLS, James W. *Obra citada*, páginas 160-161.

Tostes, de Juiz de Fora, era também notável por sua elegância. A Casa Grande ostentava uma sala de recepção reputadamente mais ornamentada do que qualquer outra em Minas, e toda a mansão estava mobiliada com cadeiras e camas importadas, bem como arcas de jacarandá brasileiro contendo cristais, porcelanas chinesa e candelabros"<sup>240</sup>. A busca incessante de prestígio social era o apanágio dessa elite, que trocava a racionalidade dos métodos de produção pelo consumo conspícuo. O estilo de vida incluía visitas ao Rio de Janeiro, estações de águas em Caxambú, educação dos filhos no seminário do Caraçá e na Faculdade de Direito de São Paulo, e a compra de casas nas principais cidades da região"<sup>241</sup>. "Nas noites de sábado com sua *entourage* de crianças, parentes, escravos e sicofantas (reuniam-se) para jogar fora os lucros do ano anterior como os poloneses e os russos"<sup>242</sup>. O estilo de vida dos fazendeiros da Mata, atípico em relação ao conjunto da Província, baseia-se em padrões sociais hauridos, em larga medida, no ambiente da Corte, cuja indelevel presença revela a extrema complexidade do quadro societário mineiro.

Nas novas zonas pioneiras, ao norte da região da Mata, os fazendeiros de café, a partir da segunda metade do século XIX, deparam-se com dificuldades extremas para instalarem as suas propriedades. Além do enfretamento dos índios e das febres, esses pioneiros foram obrigados a romper a densa vegetação da Mata Atlântica, que, sobretudo na época das chuvas, tornava as comunicações extremamente dificultosas. No vale do Rio

---

(240) BLASENHEIM, Peter Louis. *Obra citada*, página 44.

(241) Conforme BLASENHEIM. *Ibidem*, página 45.

(242) Idem, *Ibidem*, página 45.

Carangola, na vila de Tombos do Carangola, Alexandre Brethel, - francês da Bretanha, estabeleceu-se como farmacêutico e médico e depois como fazendeiro a partir do seu casamento -, deparou-se com uma realidade absolutamente diferente da sua terra natal. Na estação das águas, os caminhos precários quase impediam o deslocamento de homens, obrigando-os a vestirem somente "uma calça que eles arregaçam até os joelhos e uma camisa; eles usam um chapéu de palha de má qualidade, uma grande faca, e um longo bastão. Com esse equipamento eles estão prontos para todas as eventualidades do caminho, a escorregar na lama, a transpor os rios a nado, a matar uma cobra e se defender contra um bandido"<sup>243</sup>. A fazenda de Alexandre Brethel, no vale do Carangola, era de pequeno porte: "Nessa fazenda, viviam, em 1874, vinte e sete pessoas. Nada comparável à fazenda de Santana onde viviam 1.400 pessoas.... Nos Vidigal, o mais rico vizinho de Alexandre - sua fortuna era dez vezes maior que a de Brethel -, as senzalas podiam acolher duzentos ou trezentos escravos. A casa, também, seguia o plano clássico. No térreo, os armazéns e uma grande sala onde os visitantes entram, antes de subir a escada magestosa que os conduzirá ao primeiro andar. Uma sala contém as selas, os arreios, e o tronco que serve para o castigo dos escravos. Duas outras escadas dão acesso ao primeiro andar onde se sucedem quartos, salões, sala de jantar, cozinhas, banheiros à antiga com suas banheiras monumentais. A ala sul da casa, um grande salão "sem teto para esconder o madeiramento de grossas vigas dispostas de forma trançada, de belo

---

(243) MASSA, Françoise. *Alexandre Brethel, pharmacien et planteur français au Carangola. Recherche sur sa correspondance brésilienne*. 1862-1901, Paris, Klincksieck, 1977, página 43.

efeito". A duzentos metros dessa *casa grande*, encontram-se as senzalas feitas de barro, cobertas de telhas, pelos escravos. Um pouco mais longe, foi construída a capela. Na frente de casa grande encontra-se o terreiro onde os grãos de café são secados. Em frente, a serraria, acionada por uma roda d'água e o moinho, o *engenho*"<sup>244</sup>. As jovens regiões cafeeicultoras diferenciam-se, pois, das mais antigas, apenas no que tange às dificuldades inerentes às frentes pioneiras, preservando, todavia, a mesma estrutura social. O escravismo ao combinar-se com o dinamismo da produção, provoca efeitos sociais diversos daquelas regiões onde predominam as atividades de subsistência ou das cidades que passaram a conviver com a decadência. Evidencia-se, de saída, a extremação social, configurando-se um quadro hierárquico muito rígido, de onde emergem as esperadas reações dos escravos diante da violência de que são vítimas. Alexandre Brethel era "sensível ao clima de insegurança que reina nas fazendas. Ele fala frequentemente, em suas cartas, das mortes perpetradas pelos escravos sobre a pessoa do capataz. Uma vez ele alude ao castigo inflingido a um escravo, que quiz fugir após a tentativa de matar o feitor: "Este negro recebeu o chicote durante quinze dias; o chicote brasileiro faz jorrar sangue a cada golpe, bate-se sobre o peito e o dorso, cada dia abrem-se as chagas com uma faca e passa-se nela vinagre, aguardente, água de sal ou suco de limão"<sup>245</sup>. Apoiados sobre relações marcadas pela extrema coação, o cotidiano das fazendas

---

(244) MAURO, Frédéric. *La vie quotidienne au Brésil au temps de Pedro Segundo (1831-1889)*. Paris, Hachette, 1980, páginas 109-110. A análise de Mauro fundamenta-se no trabalho de Françoise Massa.

(245) Idem, *Ibidem*, página 107.

escravistas da Mata Mineira, não perde, totalmente, o ar parado, característico de outras partes da Província. As cartas minuciosas de Brethel, para seus parentes na França, registraram os detalhes da sua vida: "São duas horas após o meio dia; os trabalhadores amanhã, pela segunda vez, os cafezais; um pedreiro trabalha no térreo da casa, onde eu mandei construir um armazém para guardar ao menos 10.000 quilos de café. Guilhermina, Guieta<sup>(\*)</sup> lavam suas *lingeries* miudas; Joana e os dois pequenos mulatos gêmeos costumam à sombra de uma laranjeira, observando o arroz que seca ao sol contra o ataque dos frangos, dos patos e dos pintassilgos; a cozinheira prepara o jantar; Camilla, sua filha mais nova, dorme como aos dois anos; Rita, a lavadeira, bate a pesada roupa de cama no ribeirão; eu, eu te escrevo"<sup>246</sup>.

Como nas outras regiões mineiras, a vida social da Mata gira, predominantemente, no espaço da fazenda. O estilo de vida dos fazendeiros matenses, como vimos, difere significativamente, do predominante nas propriedades de agricultura destinada ao mercado interno. Aí, a separação dos espaços sociais perde alguma nitidez, na vivência quotidiana, pois, muitas vezes, os senhores e seus filhos labutam ao lado dos escravos e dos trabalhadores livres, na faina agrícola. Opostamente, os cafeicultores mineiros têm bem demarcado, no quotidiano, o afastamento entre o mundo do trabalho e a sua ambiência doméstica. Enquanto nas fazendas de café o universo escravo resta circunscrito, basicamente, nas senzalas, nas outras,

---

(\*) Sua mulher e sua filha.

(246) MAURO, Frédéric. *La vie quotidienne au Brésil au temps de Pedro Segundo (1831-1889)*. Obra citada, página 111.

a escravaria, comumente, aloja-se em casebres individualizados, em torno da moradia do proprietário. Na própria distribuição espacial, pode-se perceber a lógica que move esses contextos sociais. Evidentemente, não se pretende afirmar que, nas regiões exportadoras, a escravidão fora mais dura que nas zonas produtoras de alimentos. A compulsão ao trabalho deriva, de fato, em grande medida, da possibilidade de absorção pelo mercado, do excedente produtivo. É o caso do café, que, no período do auge exportador, faz acirrar-se o controle sobre os escravos. Diversamente, quando a mercantilização resulta de excedentes eventuais, ou realiza-se no mercado interno, a necessidade de enrijecer-se o controle sobre os escravos acaba minorada. As formas possíveis do relacionamento entre fazendeiros e escravos, modelam, portanto, o quadro da sociabilidade e a configuração mental da camada dominante. Quanto a esse aspecto, vale ressaltar certo vezo anti-capitalista nos produtores mineiros de café. Diversamente dos seus congêneres de São Paulo, os cafeicultores paulistas, parecem *pouco motivados pelo dinheiro em si mesmo*, capazes de jogar todo o lucro produzido no ano anterior. A racionalidade da acumulação encontra-se, senão totalmente ausente, pelo menos esmaecida nas mentes daqueles homens. A posse de riqueza transforma-se, desse modo, em meio para a conquista de prestígio, em lustroso cabedal para o exercício do poder no meio social. O consumo improdutivo carrega, pois, grande parcela do excedente acumulado. "Assim, os fazendeiros, frequentemente, não sabiam determinar, com precisão, a sua real situação financeira"<sup>247</sup>, o que os levava a uma dependência sistemática em relação ao aparelho cre

---

(247) BLASENHEIM, Peter Louis. *Obra citada*, página 48.

ditício estatal, que "emprestava dinheiro aos fazendeiros, recebendo em garantia suas terras e escravos"<sup>248</sup>. Por volta de 1880, as maiores fazendas da Mata estavam hipotecadas<sup>249</sup>. O Jornal o *Pharol*, "citava o luxo, vaidade e ostentação aristocrática como o vício preponderante dos proprietários da Mata e criticavam-nos pelo desperdício de seus lucros em frivolidades, ao invés, do investimento de capital em novos instrumentos para a agricultura ou melhoria na terra"<sup>250</sup>.

Explicar as diferenças entre a mentalidade dos agricultores mineiros e paulistas, extrapolaria o escopo desse trabalho. Não obstante, algumas considerações poderiam ser aventadas. Ao analisar as características da cafeicultura mineira, João Heraldo Lima, constata uma tendência ao baixo nível de acumulação, como resultado, principalmente, do esgotamento das terras sem a possibilidade correlata de aberturas de novas fazendas, por causa das limitações da fronteira agrícola. A economia cafeeira em Minas não conseguiu desenvolver um complexo econômico, capaz de gerar um dinamismo auto-sustentado<sup>251</sup>. Nesse sentido, a rentabilidade inferior limitaria o volume dos investimentos, provocando, no futuro, entraves à expansão produtiva. O vezo do menoscabo pelo trabalho, inerente a toda sociedade baseada na escravidão, se acentuaria, quando as possibilidades de crescimento ficassem coartadas. Em termos mais explícitos, se não se gestam condições efetivamente transforma-

---

(248) BLASENHEIM, Peter Louis. *Obra citada*, página 49.

(249) 80% das grandes fazendas estavam hipotecadas. Conforme Blasenheim, *Ibidem*, página 49.

(250) Idem, *Ibidem*, página 43.

(251) LIMA, João Heraldo. *Obra citada*, principalmente páginas 101 e 102.



doras, a probabilidade de cristalização social fica reafirmada. Talvez, tenha sido esse o caso dos fazendeiros de café de Minas. Senhores de escravos e proprietários de terras, mas gestores de unidades produtivas tendencialmente em crise ou estagnadas, solidificam-se nas suas posições, sendo levados a desenvolver comportamentos de cunho ritualístico. A ostentação - manifesta em gastos excessivos frente às disponibilidades efetivas de renda - expressa uma busca, nunca satisfeita, de relevo social, por via do consumo. Os cafeicultores mineiros teriam usado a riqueza mirando a diferenciação social, aproximando-se dos segmentos estamentalizados, vivenciando, tal qual os proprietários das lavras, a glória fugidia dos tempos dourados.

O espectro da decadência, por ser recorrente e manifestar-se em tempos diversos, ronda a vida social de Minas Gerais. Em todos os quadrantes do espaço mineiro e em diferentes épocas, é perceptível a longa duração da decadência. As fortunas não suportam mais que duas gerações e a bonança que bafejava o avô, nem sempre chegava ao filho e quase nunca ao neto, retratada, com primor, nessa expressão popular:

*"Capitão Tomê ouro em pō,  
Neto molambo sō..."*<sup>252</sup>.

Saint-Hilaire, semelhantemente, apontou a propensão dos filhos de homens enriquecidos a dissipar a herança paterna, corroborando o decantado ditado: "O pai taberneiro; o filho cavalheiro; o neto mendicante"<sup>253</sup>. Na Zona da Mata mineira, ainda ho-

---

(252) Extraído de: LATIF, Miran de Barros. *As Minas Gerais*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1960, página 192.

(253) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Obra citada, página 40.

je, é comum ouvir-se a frase: "Avô rico; filho nobre; neto po  
bre"<sup>254</sup>.

O acalento do passado pela memória, a esperança ja-  
mais exaurida de recuperar o mundo perdido, foram as formas  
mais sensíveis, encontradas pelos filhos de pais afortunados,  
para mitigar a decadência. Oliveira Martins desenhou com as co  
res da tragédia a situação do mineiro empobrecido: "Oscilando  
entre a esperança vã de um retôrno das maravilhosas mineiras,  
e a fatalidade de um regresso à vida agrícola, o proprietário,  
indeciso, mole, arrastava uma existência quase miserável. A la  
vra da mina não raro lhe absorvia o produto líquido da lavou-  
ra; e entretanto a sua paixão fazia desprezar a segunda, amar  
a primeira, 50 ou 60 escravos formavam o pessoal de uma gran-  
ja mineira de média importância"<sup>255</sup>. Apesar de proprietário de  
escravos, esses homens chapinhavam na maior miséria. A sua ca  
sa "era uma barraca miserável, com muros de taipa de barro, sem  
vidraças, roída pelo tempo e mal defendida contra as chuvas. O  
chão era a terra úmida e negra, sem ladrilhos nem sobrados, sa  
turada de imundícies, e endurecida pelo perpassar dos morado-  
res que viviam numa promiscuidade repugnante, homens e ceva-  
dos. Por camas tinham enxérgas duras para os amos, um couro ou  
uma esteira sôbre o chão para os servos"<sup>256</sup>. A pobreza encrava  
ra nos corpos e dirigia o humor das pessoas: "A ninhada das  
crianças folgava seminua, esfarrapada e descalça, as mulheres  
enfezadas e pobrementemente vestidas; e o chefe da casa, indolente

---

(254) Expressão corrente nas antigas áreas cafeicultoras de Mi  
nas.

(255) OLIVEIRA MARTINS. *O Brasil e as Colônias portuguesas*.  
Lisboa, Guimarães Editora, 1953, página 84.

(256) Idem, *Ibidem*, página 84.

mente embrulhado na capa, com os socos nos pés, vigiava o trabalho dos negros, lavando o cascalhinho com a sempre mantida esperança da descoberta de um depósito abundante de ouro"<sup>257</sup>. Diante da fria realidade vivida, o mineiro sustentava-se nos devaneios: "Entretanto, ia-se endividando; comprava fiado e caro, vegetava numa apatia feita de ilusões, e com ela crescia o mato pelos terrenos, já lavrados e a ignorância nas crianças que medravam em idade"<sup>258</sup>. Nem por isso, esse homem arrefecia totalmente a sua altivez, cultivada na certeza da condição de senhor: "O ver-se dono de escravos dava-lhe orgulho, a esperança de uma riqueza possível, confiança. A memória das opulências remotas, de que restava a bacia de prata onde o hóspede lavava as mãos ao passar de viagem, enchia-o de uma satisfação quase aristocrática"<sup>259</sup>. Decadente sim, porém senhor de escravos, cuja condição o referenda ao direito de devanear.

A questão da decadência, aliás, perpassa as mentes das pessoas oriundas das camadas dominantes e delinea as suas percepções. Helena Morley, filha de uma importante família de mineradores de Diamantina, retrata a sua condição de decadente e lamenta-se por não poder contorná-la, mais satisfatoriamente, por causa da posição de relevo dos seus: "Que economia seria para mamãe, agora que a lavra não tem dado nem um diamantino olho-de-mosquito, se pudéssemos ir à ponte todos os dias (local onde levavam roupas para outras pessoas), pois Renato e Nhonhô vendem tudo que trazem, no mesmo dia. Ainda se

---

(257) OLIVEIRA MARTINS. *O Brasil e as Colônias portuguesas*.  
Obra citada, página 84.

(258) Idem, *Ibidem*, página 84.

(259) Idem, *Ibidem*, página 84.

puдéssemos ficar na lavra com meu pai, ele não precisava trabalhar tanto"<sup>260</sup>. Impossibilitados, por sua origem, de lançar mão de expedientes práticos, para contornar a vida de penúria a que foram lançados e na ausência de uma mentalidade voltada para o cálculo, que lhes permitiria melhor administrar o pouco que lhes resta, essas pessoas alimentam-se de sonhos; "Estou convencida de que, se vovó dirigisse o dinheiro dela, nós não passaríamos necessidade e mamãe e meu pai não ficariam tão amofinados como ficam às vezes, por falta de um pedaço de papel sujo, o que a gente tem de dar maior valor do que a muita coisa boa na vida. Meu pai vive sempre esperando dar num cascalho rico; mas é só esperança, tóda a vida... Às vezes eu dou razão a seu Zé da Mata, da resposta que êle deu quando meu pai o foi convidar para entrar de sociedade num serviço de mineração. Êle disse: "Não, seu Alexandre, eu não deixo o meu negócio ou vendo o que tenho para procurar debaixo da terra o que eu não guardei lá!"<sup>261</sup>. Diversamente, formada no prazer de ver "o diamante estrelar no esmeril"<sup>262</sup>, a família mineradora de "alta estirpe" sente-se incapaz de mudar de ramo ou de negar a sua precedência, pois seria o mesmo que abandonar a fonte de sua identidade.

Em *Crônica da Casa Assassinada*, de Lúcio Cardoso, evidenciam-se, com força incoercível, os traços identificadores, que os símbolos, ainda que apagados, do passado conseguem preservar: "... de onde venha esse prestígio, que poder garantia a essa mansão em decadência o seu fascínio, ainda intato

(260) MORLEY, HELENA . OBRA CITADA , PAGINA 6 .

(261) Idem, *Ibidem*, página 51.

(262) Idem, *Ibidem*, pagina 88.

como uma herança política que não fora roída pelo tempo? Seu passado, exclusivamente seu passado, feito de senhores e sinhas... Meneses todos, que através de lendas, fugas e romances, de uniões e histórias famosas, tinham criado a "alma" da residência, aquilo que incólume e como suspenso no espaço, sobreviveria, ainda que seus representantes mergulhassem para sempre na obscuridade"<sup>263</sup>. A pura permanência da casa, esboço saliente e espectral na paisagem, evocava as lembranças de outrora e ressuscitava, na sua fantasmagória, a imaginação do esplendor e do poder primitivos da família: "... esses Meneses não sabiam o que significavam para a imaginação alheia, o valor da legenda que lhes cercava o nome, a sua força dramática e misteriosa, a poesia que os iluminava com uma luz frouxa e azulada. Sim, essas velhas casas mantinham vivo um espírito identificável, capaz de orgulho, de sofrimento e, por que não, de morte também, quando arrastadas à mediocridade e ao chão dos seres comuns"<sup>264</sup>. A identificação apesar da morte e a identificação na morte criam a sobrevivência da memória. Tentar refazer a vida em outros lugares ou em outras circunstâncias, significaria anular a origem e apagar a fonte primeira da identidade: "... a construção, e mais do que isto, a manutenção desta chácara, equivale a uma despesa inútil, e poderia ser poupada, se não achassem todos que abandonar Vila Velha, e esta mansão dispendiosa, fosse um definitivo ato de descrédito para a família. A verdade é que antes de desmembrarem a velha Fazenda do Baú, e dividirem as terras entre credores que pode-

---

(263) CARDOSO, Lúcio. *Crônica da Casa Assassinada*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1979, página 252.

(264) Idem, *Ibidem*, página 252.

riam muito esperar, teria sido melhor contemporizar com a situação, remodelando apenas a casa que hoje apodrece no contraforte da serra"<sup>265</sup>. O lento declínio da casa aparece conectado com a prolongada agonia dos seus habitantes, onde todos encontram-se irmanados até à desapareição total. Seria impensável buscar saídas para a sobrevivência dos seres ainda vivos, solução parcial que tornaria a todos mortos-vivos. "Se não puder obter dinheiro, como imagino que irá alegar, venda alguns desses móveis inúteis que entulham a chácara, venda essas velhas riquezas mortas, e produza o necessário para dar subsistência a quem vive ainda"<sup>266</sup>.

Os romances de Cornélio Pena navegam na mesma atmosfera carregada da decadência. Em *A Menina Morta*, por exemplo, a menina viva que absorve a alma da irmã morta, segue uma vida ritmada pelo convívio da decadência irreversível da fazenda<sup>267</sup>. Nas obras de Lúcio Cardoso e de Cornélio Pena, "a decadência das velhas fazendas e a modorra dos burgos interioranos compõem atmosferas imóveis e pesadas onde se moverão aquelas suas criaturas insólitas, oprimidas por angústias e fixações

---

(265) CARDOSO, Lúcio. *Crônica da Cassa Assassinada*. Obra citada, páginas 29-30.

(266) Idem, *Ibidem*, páginas 35-36. Poder-ser-ia estabelecer nesse passo uma relação entre a assimilação da morte pelos decadentes e a ritualização da morte no barroco: "O cadáver é o supremo adereço cênico, emblemático, do drama barroco do século XVII". BENJAMIN, Walter, *Origem do drama barroco alemão*. Tradução portuguesa, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984, página 242.

(267) PENA, Cornélio. *Romances Completos*. Rio de Janeiro, Editora Aguillar, 1958.

que o destino afinal consumará em atos imediatamente gratuitos, mas necessários dentro da 'lógica poética' da trama"<sup>268</sup>. Também no casarão de Rosalina, personagem da *Ópera dos Mortos*, o ar confinado do sobrado era pontilhado pela morte e pela solidão. Até nos momentos de prazer Rosalina não conseguia romper a sua condição de ente, há muito, falecido: "O seu corpo para ela era apenas um corpo. Só com o corpo se falavam, só com os corpos silenciosos se entendiam. Por que a alma e os olhos lhe

269

eram vedados. Dos mortos" . Impossível a convivência com pessoas de outra origem social, difícil chegar a um universo comum de identificação: "Chegava mesmo a pensar que elas nunca se encontravam: Cada uma seguia o seu caminho, seu encontro possível a não ser na morte. A morte de uma, significaria o fim da outra? Não, a morte do corpo sim - como o vaivém do pêndulo do relógio-armário (agora parado) - dava a ilusão de vários pêndulos que se sucedem (como a antiga imagem da flecha que voa, são várias flechas, não vôle mais)..."<sup>270</sup>. Como só se tocavam com os corpos, nem na morte teriam um verdadeiro encontro. "Porque os corpos se entendem, mas as almas não"<sup>271</sup>. Rosalina, no seu apego silencioso pelo sobrado, morre e assiste as mortes dentro dele. Já Gaiév de *O jardim das Cerejeiras* nem essa ventura consegue, e nublado pelo desespero que o envolve rompe o si

---

(268) BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1977.

(269) DOURADO, Autran. *Ópera dos Mortos*. 9ª edição, Rio de Janeiro, Editora Record, 1985, página 170.

(270) Idem, *Ibidem*, página 171.

(271) BANDEIRA, Manuel. "Arte de amar". In: *Estrela da Vida Inteira*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979, página 185.

lêncio, provavelmente a última morada da identidade, ao falar: "Meus amigos, meus caros, amados amigos. Ao deixar esta casa para sempre poderia eu silenciar? Deveria me reprimir e, nesta hora final, conter a emoção que me invade a alma?"<sup>272</sup>. Aqui, já não se busca mais o tempo perdido, já se desistiu da antiga vida, quando a emoção deixou de ser sopitada. Não mais existe continência, característica dos que, por diversas formas, como nas personagens de Lampedusa em *O Leopardo*, caminham tentando preservar-se nos comportamentos ritualizados.

A ritualização da decadência encontra na literatura forma privilegiada de expressão. O sentimento de estranhamento criado pela situação decadente, pode conter a possibilidade da emergência criativa. Na França, durante os anos de 1880-1886, emerge "o sentimento da existência de uma corrente intelectual e artística caracterizada pelo desenvolvimento de uma concepção dita "decadente da moral e da arte"<sup>273</sup>. Os escritores de Minas se não assumiram a decadência do ponto de vista da criação estética, absorveram-na como tema. Nesses versos de Drummond a trajetória decadente encontra-se inteira:

*"Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!"*<sup>274</sup>.

---

(272) TCHECOV, Anton. *O jardim das Cerejeiras*. Tradução portuguesa, Porto Alegre, LPM, 1983, página 73.

(273) Marquize - PONEY, Louis. *Le Mouvement décadent en France*. Paris, Presses Universitaires de France, 1986, página 17.

(274) ANDRADE, Carlos Drummond de. "Confidência de Itabirano" In: *Sentimento do Mundo*. Obra completa, Rio de Janeiro, Editora Aguillar, 1973, páginas 101-102.



A ritualização do passado como forma de preservar a identidade, encontra o seu *locus* privilegiado no universo das relações familiares. Os memorialistas mineiros, principalmente, têm sempre grande apreço por suas raízes. Em belas páginas críticas, de Pedro Nava, desponta esse sentimento atávico: "Eu não posso me lembrar senão de caso ou outro, das conversas de minha família... Se não recordo detalhes, fixei o espírito e a essência do que se dizia, principalmente do que não se dizia ... Jamais ouvi maledicência veiculada por meus pais e meus tios, como nunca ouvi palavras azedas de disputa na minha gente paterna"<sup>275</sup>. A vida familiar, além de sóbria, era vivida por assuntos superiores: "A conversa geral era cheia de preferências pelas idéias, pelas coisas e causas nobres, pelos assuntos intelectuais - estes, versados simplesmente, como moeda de todo dia... Cultivavam a modéstia, a discrição, a compostura e a ausência de ostentação. Tudo neles, mesmo o banal e o corriqueiro, jamais descia ao vulgar"<sup>276</sup>. A família era o núcleo essencial da identificação: "...aquela distinção moral e intelectual que eram as tônicas do grupo familiar dentro do qual acordei para a vida e que davam à nossa gente (coincidentemente naquele tempo e naquele espaço) a consciência de um lugar certo, adequado e devido na sociedade da época - onde eram úteis como peças de máquina - ... Tudo isto é que estava na base de nossa independência e de nossa liberdade, sentimentos que nos dão o que tantos desconhecem - este luxo e esta elegância de não pedir, de não querer, de deixar, de abandonar ... os ri

---

(275) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Memórias I. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, página 396.

(276) Idem, *Ibidem*, página 396.

caços, os importantes e os governos<sup>277</sup>. Buscou-se a distinção da família mineira, complicada pela ausência de suporte material, na elegância do rústico: "... a casa-grande de Minas em toda a beleza de sua simplicidade de planos e em toda a dignidade de suas dependências vastas. Essa dignidade não era diminuída pelos novilhos e pelos porcos... porque só nas fazendas sofisticadas de hoje é que o gado, o mugido, o ronco... foram afastados do dono. Aquela porcaria era porcaria opulenta, porcaria de boiardo, porcaria de quem tem e gosta de ouvir a sua posse"<sup>278</sup>. A nobilitação das famílias rurais brasileiras, presente nas páginas dos memoralistas, se diz respeito a um certo estilo estamentalizado dos proprietários da terra, como já vimos, tem por função principal permitir a preservação da identidade, através da memória. Nasce, daí, toda uma forma imaginária de valorização do passado. Haveria, também, no memoralismo, "uma estratégia a que recorrem muitas vezes intelectuais dominados"<sup>279</sup>.

Deste modo, as memórias constituem-se em artifícios do autor para obtenção de reconhecimento intelectual<sup>280</sup>. Em nosso exemplo, ocorreria casamento entre procura da identidade e o seu reconhecimento no passado com a tentativa de obtenção de elevado conceito intelectual. Nesse sentido, a existência de um imaginário já pré-formado, como o de Minas, colabora para que ambas as operações sejam passíveis de êxito. Um mi

---

(277) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Obra citada, página 396.

(278) Idem, *Ibidem*, página 169.

(279) MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha. (estudo clínico dos anatolianos)*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977, página 16.

(280) Conforme MICELI, Sérgio. *Ibidem*, página 17.

to no qual a figura de Quixote seja parte integrante, recria, de saída, toda uma aura de nobilitamento. As memórias só podem consagrar, o que o pensamento mítico, antecipadamente, já consagrara. O memorialismo mineiro tem por isso, função duplicada: reafirmar o mito e, através dele, promover o autor. A figura da família mineira, evocada por esse imaginário, foi sempre integrada e suave: "Meu pai, comerciante próspero, dividia seu tempo entre as lides comerciais e os acontecimentos familiares. Tratava-nos com energia mas também com bondade. Sabia dosar a severidade e a brandura... Minha mãe nunca nos punia. Deixava essa tarefa para meu pai. Isso, aliás, era comum nos lares daquela época"<sup>281</sup>. A família guardava pureza intrínseca e preservava-se mesmo, das contaminações que o escravismo, por ventura, provocava: "O nosso meio familiar, muito antes de 88, já estava expurgado dos defeitos de sensibilidade e desvios da moralidade que o cativoiro distinguem sobre os senhores"<sup>282</sup>. A esse respeito aliás, os viajantes foram prolíferos em passagens exaltadoras da família mineira. Saint-Hilaire não se cansou de sublinhar a harmonia desses lares: "Paramos numa fazenda situada numa baixada e onde fui perfeitamente recebido. O dono da casa ofereceu-me seu jantar... O que sobretudo lhe valorizava e polidez era seu ar de satisfação e bondade. Depois do jantar, os filhos do meu hospedeiro, dos quais os mais velhos têm de vinte a vinte e cinco anos, pediram ao pai, respeitosamente, a benção e beijaram-lhe as mãos"<sup>283</sup>.

---

(281) CAPANEMA, José. *Oh! Dias da minha infância*. Belo Horizonte, Editora Maciel, 1979, página 130.

(282) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Obra citada, página 68.

(283) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Obra citada, páginas 51-52. "Conversei muito com a dona da casa, que me pareceu ótima mãe de família, piedosa, apegada aos filhos, ao marido e aos seus deveres". Idem, *Ibidem*, página 42.

A família torna-se o repositório da identidade por que a decadência, - que jamais é pessoal -, mesmo quando atinge todo um segmento da sociedade, só é percebida e sentida pelo sujeito, no plano das relações imediatas. De outro lado, o apego ao passado, enquanto forma de preservação da identidade, pode originar certo culto à família, vista como símbolo da vitória de um tempo glorioso. É por isso que as memórias significam a tentativa de recuperação, no nível do imaginário, da antiga posição social da família, ou mesmo da fantasia que se criou em torno dela<sup>284</sup>. Esse complexo processo de recriação, por vezes próximo e por vezes afastado do real, faz do memorialismo um tipo de produção que adquire caráter ritualístico. Dessa forma, a decadência, não só constitui memórias como recupera a dimensão ritualística. Não estaria aí o pendor dos mineiros para o memorialismo? Essa tendência não se assentaria sobre a realidade fluida de uma camada social, que não consegue assegurar, de maneira permanente, a sua posição? Não se estaria buscando, através das memórias e das ações ritualizadas, manter diferenças e relevo sociais, a despeito da existência concreta? A partir desse conjunto de perguntas tentamos orientar a nossa análise.

Tracejamos o perfil da sociabilidade em Minas, intentando realçar os componentes importantes à geração do mito. Nesse passo, agregaríamos a própria presença do mito como ele

---

(284) Pedro Nava explicita o poder de recriação da memória: "... é impossível restaurar o passado na pureza. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas". NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Memórias II. 4ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, página 282.

mento dessa sociabilidade e enquanto modelador de práticas sociais, dentre as quais as memórias constituem expressão can-dente. As práticas sociais de determinados agentes mediadas por um *habitus*<sup>285</sup>, brotaram de um padrão societário que, na sua ma-nifestação primeva, conferiu concretude a um imaginário, que foi essencialmente ritualizado. Tal passado, ao combinar-se com a temporalidade lenta do século XIX, com o persistente ritua-lismo - já agora produto de nova realidade - e com as peculia-ridades do universo societário aí imperante, criou condições para a emergência do pensamento mítico. Ainda assim, a cons-trução mítica não ganharia vida, caso a problemática, viven-ciada no presente, por seres sociais, não lhes colocassem ques-tões e oportunidades objetivas para a mobilização de um tipo de imaginário. E estas questões e estas possibilidades foram repostas, incessantemente, aos mineiros, pelas peculiaridades da sua própria história; pela frieza do tempo que enredou a sua vida social; pelo espectro da decadência que rondou a sua classe dominante. Da vivência dessa realidade, nessa evasão, surgiu um pensamento particular, que ganhou vida, porque já de-tinha uma história. Para recuperar a memória, "basta ter pas-sado, sentido a vida; basta ter, como dizia Machado, "padeci-

---

(285) Utilizamos-nos da noção de *habitus* no sentido de Bourdieu: O "... *habitus* - princípio gerador de estratégias incons-cientes ou parcialmente controladas tendentes a assegu-rar o ajustamento às estruturas de que é produto tal princípio - constitui apenas um particular da lei que define as relações entre as estruturas, o *habitus* e a prática, segundo a qual as aspirações subjetivas tendem a ajustar-se às oportunidades objetivas". BOURDIEN, Pier-re. "O mercado de bens simbólicos". In: *A economia das trocas simbólicas*. Introdução e organização de Sérgio Mi-celi. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974, página 160.

do no tempo"<sup>286</sup>. Mas também é preciso que o passado se perpetue nas mentes de hoje e seja a impressão de uma chama que nunca se apaga, vivificada pelo sopro aquecido dos memorialistas. Como nessas palavras: "Prefiro deixar a memória vagar, ir, vir, parar, voltar... os fatos da memória. Para apresentá-los, cumpre dar sua raiz ao passado, sua projeção ao futuro. Seu desenrolar não é o da estória única mas o de várias... Tenho de subir e descer níveis navegados de comporta em comporta - pasado abaixo, futuro acima - sempre dentro dum presente passageiro, provisório, erradio e fugitivo. Meu barco sobe e desce, adianta e recua num círculo luminoso cercado de trevas... tenho de olhar para o que vem e para o que foi"<sup>287</sup>.

---

(286) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Obra citada, página 346.

(287) NAVA, Pedro. *Beira Mar*. Memórias IV. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979, página 176.

C A P I T U L O V

C U L T U R A E P O L I T I C A

1 . O LUGAR DA MEMÓRIA

Da análise da configuração social de Minas, empreendida no Capítulo IV, destacaríamos determinadas características, responsáveis pela emergência das especificidades da história mineira. Recapitulemos, pois. A natureza do tempo histórico em Minas - na Capitania conectado à dinâmica do desenvolvimento europeu, e pós decadência da mineração - definido pelo caráter lento, ao associar dois momentos essencialmente distintos, expressa a essência da sociedade aí gerada e reproduz um tipo particular de sociabilidade. Os traços da sociabilidade do século XIX, apesar das diferenças intra-regionais, apoiaram-se em relações sociais imediatas, mesmo na região cafeeira, já que dela não se originaram impulsos verdadeiramente transformadores.

É de se notar, todavia, que em Minas oitocentista o processo de ruralização não conseguiu destruir *in totum* a vida urbana, uma vez que a estrutura produtiva ligada ao mercado interno, recria um espaço social dotado de maior autonomia e faz nascer, por isso mesmo, várias pequenas cidades. Além do mais, o imaginário, ligado aos metais e às pedras preciosas, continuou vicejando no período posterior. Fortemente acalentado nas antigas cidades mineradoras, esmaecido nas outras partes da Província, jamais esteve totalmente ausente. Nesse sentido, o ritmo modorrento, característico de grande parte da vida social de Minas durante o século XIX, concorreu a conservar nas mentes dos mineiros as imagens gloriosas do passado. Aliás, a própria preservação do tempo anterior, ao fazer parte do universo social seguinte, já aponta para as peculiaridades dessa



sociedade, que continuou a olhar para trás, com um misto de nostalgia e de apreço exagerado, demonstrando o aparecimento de certo deslocamento entre as visões que se formaram e a realidade das Minas setecentistas. Noutra plano, a permanência dos dias passados no imaginário, demonstra a incapacidade da teia social de gerar novos projetos ou, pelo menos, a impossibilidade de uma classe social de lidar, adequadamente, com a sua realidade e controlar, com mais segurança, as virtualidades futuras. E de fato, ainda que a estagnação ou a decadência não tenham ocupado o universo societário de Minas, o que se seguiu rompeu a dinâmica anterior. Daí, a tendência ao ritualismo na convivência social, que no passado, como nos oitocentos, serviu para delimitar os lugares naquela sociedade, não obstante se encontrarem, em cada etapa, movidos por lógicas diferentes. De qualquer forma, a realidade social de Minas, no século XIX, encaminhou-se para certa autonomia, criando uma sub-cultura singular, fruto do amálgama entre o passado e o presente, que se poderia denominar por *mineirismo*. O mineirismo constitui-se, portanto, na expressão de uma sub-cultura regional. A manifestação quotidiana do mineirismo é a *mineirice*, enquanto um modo de aparecimento das práticas sociais inerentes aos mineiros e que servem para distinguí-los de outros tipos regionais. A *mineiridade* exprime, em contrapartida, uma visão que se construiu a partir da realidade de Minas e das práticas quotidianas dos mineiros<sup>1</sup>. Por fundar a figura abstrata dos mineiros,

---

(1) Utilizamo-nos, aqui, de uma caracterização do mineirismo, mineirice e mineiridade diversa da existente na literatura sobre Minas. Para Afonso Arinos o mineirismo é a dimensão cultural e a mineirice é a política. A mineiridade constitui-se numa síntese das duas: "... ou seja, o enlace da cultura com a política, do mineirismo com a mineirice, pa

a mineiridade tem as características do mito; esses ao identificarem-se com essa construção absorvem o pensamento mítico e colaboram para a sua permanência; o mito quando politicamente instrumentalizado, adquire dimensão ideológica. Memorialistas e literatos, ao navegarem no mar dessas concepções, reproduzem o imaginário tecido sobre Minas. Em suma, sob várias formas expressivas, por diversas circunstâncias e em diferentes momentos, a mineiridade permeia certas práticas sociais. Pensamos que a produção cultural dos mineiros e o desenrolar da sua política no plano nacional, encontram-se profundamente entrecidos na história de Minas e nas visões que floresceram a partir dessa realidade. Conformá-las e analisá-las é a tarefa que nos impusemos nesse capítulo.

A produção memorialística mineira não é apenas extremamente vasta; mas, sobejamente imbuída das particularidades dos mineiros e das especificidades do Estado. Nesse sentido, poderíamos afirmar que os memoralistas mineiros encontram-se impregnados de um forte sentimento da mineiridade, entendida, nesse passo, *na sua dimensão exclusivamente identificadora*. Isto é, tais obras localizam-se no centro do imaginário de Minas e contribuem, significativamente, para recriá-lo e revivê-lo. Esses memoralistas, quando voltam-se para as singularidades das suas histórias, ao dirigirem-se para o seu passado

---

(1) CONT.- ra chegar à síntese da mineiridade". ARINOS, Afonso. *Discurso de recepção a Tancredo Neves na Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, 1983, página 42. Para Alceu Amoroso Lima a mineirice define-se na seriedade, recolhimento e honestidade, típicas dos mineiros. Conforme LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas. (Ensaio de Sociologia Regional Brasileira)*. São Paulo, Editora Abril, 1983, páginas 86-87.

e tentarem recuperar as suas identidades, empreendem uma viagem na companhia dos seus conterrâneos. Em termos mais explícitos, queremos ressaltar o tão decantado caráter dos mineiros, como componente mediador dessas auto-expressões, permeando o fluxo narrativo e imiscuindo-se nas lembranças. Os memorialistas de Minas possuem o sentimento marcante da sua origem e definem-se como mineiros, para além da percepção de pertencerem a uma cidade, uma vila, uma propriedade rural. Por isso, em grande parte das memórias, entra em cena a aura indefinível e envolvedora da mineiridade. As memórias, desse ponto de vista, localizam-se no centro do terreno entre os codificadores do mito e a produção literária dos mineiros, demarcando a dupla fronteira de um universo comum. A produção dos memorialistas situa-se, pois, na faixa intermediária, delimitando a concepção mítica do discurso literário.

Para mais, a fixação de Minas nessas autobiografias, que por si só seria extremamente atraente, resulta de uma absorção particular do tempo, perpassando a feitura da obra. Comumente, a exposição rompe a linearidade. Com frequência, despontam reflexões sobre o gênero memorialístico, além da incorporação da linguagem poética<sup>2</sup>. A ligação com Minas aflora tanto nos livros densos e elaborados, quanto nos mais prosaicos.

---

(2) Antonio Cândido analisa 3 exemplos de autobiografias (Drummond, Murilo Mendes e Nava) onde as dimensões ficcional e poética encontram-se mescladas.

MELLO E SOUZA, Antonio Cândido de. "A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas". *IV Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, Edições do Cinquentenário da U.F.M.G., Imprensa Universitária, 1977, páginas 41-67.

Nas memórias de Nava, "há uma identificação com esses supostos traços culturais e psicológicos mineiros"<sup>3</sup>. Há, para além disso, a demonstração de uma busca incessante do caráter mineiro, do perfil das suas cidades, das regiões mais inerentemente típicas de Minas, enfim, toda uma tentativa de rastrear as origens e de afastar os componentes espúrios<sup>4</sup>. A partir de Minas, o autor busca conceber a identidade cultural brasileira, como se fosse natural, passar por aí para pensar o conjunto. Nessas palavras, exorta a pureza da raiz lusitana: "O Brasil é sempre menos de portugueses imigrantes e mais de indesejáveis entrantes ... Eu sei que não é possível princípios racistas no Brasil. Mas ao menos tenhamos uma imigração onde se procure manter a boa unidade do galinheiro. Não falo em unidade racial, Deus me livre! Peço é unidade cultural ... Mantenhamo-nos um pouco caboclos (orgulhosamente), bastante mulatos (gloriosamente), mas, principalmente, sejamos lusitanos. Vinde a nós, *portugas, galegos*"<sup>5</sup>. Quando o Brasil não entra em cena, Minas costuma fazer-se presente: "O tom saudosista re-

---

(3) Dias, Fernando Correia. "O prisma de Nava". In: *Líricos e Profetas. Temas de vida intelectual*. Brasília, Thesaurus Editora, 1984, página 68.

(4) "E essa impressão é que teriam sentido todo tempo os naturais de Diamantina conferindo-lhe aquele cunho de ser uma das cidades mais portuguesas e marítimas de Minas - já que Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João e São José D'El Rei mantêm mais nítido um caráter que lhes foi dado pelas épocas Filipinas: São burgos mais espanhóis que lusíadas". NAVA, Pedro. *Galo das Trevas*. Memórias V. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1981, páginas 444-445.

(5) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Memórias I. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984, páginas 206-207.

corta toda a obra, embora; em nenhum momento, dê a impressão de 'uma Minas' que já foi perdida"<sup>6</sup>. Tanto no primeiro, quanto no segundo exemplos, o enfoque autobiográfico aloja-se no interior de um universo mais geral, - Minas e o Brasil - rompendo, por essa via, o imediatismo das lembranças ancoradas no estrito círculo das vivências singulares<sup>7</sup>.

Os livros de Pedro Nava encontram-se repletos de indagações sobre a natureza do gênero memorialístico. No conjunto dessas passagens, pode-se perceber a emergência de toda uma reflexão, que se insere no interior dos problemas universais da vida. Para o autor, "escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo. Essa franqueza assenta em quem escreve se amparando, assistindo, socorrendo - na solidão terrível da existência. Seria insensato não aproveitar tal ocasião de darmos a nós mesmos o que pudermos de verdade e companhia"<sup>8</sup>. Assim, a memorialística conecta-se às dimensões mais gerais da trajetória humana, resultando da "solidão terrível da existência". A produção de textos de cunho

---

(6) RANGEL, José. *Como o tempo passa...* Rio de Janeiro, A Encadernadora S/A, s/d, página 4.

(7) Antonio Cândido chama a atenção para a tendência universalizadora do memorialismo mineiro: "...depois de *Marília de Dirceu*, tomemos *Minhas recordações* como exemplo da capacidade mineira de inserir o eu no mundo; de mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares, - num avesso de autobiografia estritamente individualista do tipo Nabuco, cujo interesse diferente está em reduzir o geral à contingência do particular". MELLO E SOUZA, Antonio Cândido de. *Obra citada*, páginas 44-45.

(8) NAVA, Pedro. *Beira Mar*. Memórias IV. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979, página 198.

inerentemente pessoais desdobra-se, também, na possibilidade de empreender-se uma auto-análise, definida na procura incessante da própria verdade. As memórias, por fim, ganham contornos universais na medida em que, através delas, conseguimos nos oferecer um motivo de ruptura com o nosso isolamento, percebido no prisma intrinsecamente pessoal, mas suplantado, depois, ao instaurarmos a essência do nosso íntimo. "Escrever memórias é animar e prolongar nosso *alter ego*"<sup>9</sup>. Mas expressar-se dessa forma é "fazer tábua rasa das imposições familiares, das vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social. Impõe-se a tomada cilicial do que João Ribeiro batizou a 'filosofia do exílio'. Não só no sentido dado pelo mestre ao isolamento necessário ao trabalho, mas principalmente, à obrigatória ruptura com os próximos e destes sobretudo com aqueles a quem só nos liga exclusivamente o costume, a convivência, a mera coincidência - jamais a verdadeira afeição ... O que convém dizer é que lembrando estamos provocando o esquecimento. Depois de escrito, o que foi ressuscitado estará, então, definitivamente morto"<sup>10</sup>. Por isso, o memorialismo, quando provoca o aparecimento da própria verdade, carrega, juntamente com o fluxo abissal da sinceridade, vagas de solidão depurada. Compõem-se memórias para apagar o isolamento; no processo de feitura da escrita cortam-se os nexos convencionais com o mundo; recuperando-se, assim, num patamar superior, a essência mais profunda da vida, porque a solidão que a caracteriza foi filtrada. Sai-se, portanto, de um ponto, e a ele se retorna, reconciliando-se com a grandeza universal da existência, na

---

(9) NAVA, Pedro. *Beira Mar*. Memórias IV, Obra citada, página 198.

(10) Idem, *Ibidem*, páginas 198-199.

eternidade da sua pureza.

As memórias, então, significam um longo processo de imersão característica no passado, cujo ponto terminal é a infância, enquanto repositório das promessas irrealizadas, momento incorruptível da vida e dimensão irresgatável da existência. O memorialista é o homem que ousa empreender solitariamente essa viagem repleta de percalços, movido pela crença do canto primal, apoiado pela ilusão de deparar-se com a transparência do ser, antes do toque viciado do mundo. As memórias são, ao mesmo tempo, a criação de um abrigo para as desventuras; através delas reencontram-se as origens, descansa-se no corrimão da vida: "Manoel Bandeira, que era amigo do rei, ia-se embora pra Pasárgada. Ai! de mim, sem rei amigo nem amigo rei, que quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste, triste ("... Mas triste de não ter jeito...") só quero reencontrar o menino que já fui. Assim, quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na de meu sobrado..."<sup>11</sup>. Na recuperação da infância, percebe-se a fuga em relação às circunstâncias existenciais, nota-se o descontentamento frente ao vivido, entrevê-se o aparecimento do bálsamo das lembranças. Voltamos para os primeiros anos, procurando afastar-nos de um meio social com cujos princípios não compartilhamos, numa espécie de restauração do período de onde brotaram as nossas recordações mais pessoais <sup>12</sup>. O memorialismo, assim entendido, possui o significado, dentre

---

(11) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Obra citada, página 340.

(12) Conforme, HALBWACHS, Maurice. *La Mémoire Collective*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950, página 57.

tantos outros, do descontentamento com o presente. Ora, queremos preservar o passado, apenas quando os dias atuais afiguram-se, aos nossos olhos, como altamente lesivos em diversos sentidos. Daí, essa vontade de preservação, esse saudosismo, essa procura tenaz do tempo primitivo. Como nessas palavras: "Paracatú progride, é inegável, e eu observo com certa tristeza. Felizmente a Matriz e o Rosário estão tombados (preservados) pelo serviço do Patrimônio Histórico. Dentro de poucos anos nada mais restará da antiga vila colonial a não serem essas igrejas, mudas e silenciosas testemunhas do grande passado extinto"<sup>13</sup>.

O memorialismo mineiro tem marcada tendência universalizante, apesar dos seus fios tecidos na nostalgia do passado. Há, mesmo, nas obras autobiográficas dos mineiros, uma vontade expressa de conformar perfís universais: "Em meu o Menino da Mata e seu Cão Piloto descrevo os tipos eternos, os paradigmas, as matrizes, dos quais todos os outros, que depois topei na vida, na dura caminhada empreendida, não são senão meras cópias aumentadas, *posters*, ampliações caprichadas, cheias de satisfação. Se as minhas tiveram sorte, ... então com elas acontecerá, o mesmo que sucedeu a Chichikov, o personagem de Gogol, que espanta o mundo até hoje por suas patuscadas, a compra das 'almas mortas', e que gostará de possuir a centésima parte das qualidades de Pavel Ivánovich, todas criaturas de Deus, que habitavam a aldeia em que viveu o grande romancista russo, e hoje povoam a alma das pessoas sensíveis no mundo inteiro ... Quantas e quantas vezes, não só na vida ... deparei,

---

(13) MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *A alma do tempo*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979, página 261.



exatamente, os personagens que descrevo em *O Menino da Mata*. Vi às centenas, através de Cervantes, Swift, Turgueneff, personagens iguaizinhos aos que fruímos na leitura. Daria Mikhailovna, ou Dimitri Nikolalvitch Rudine"<sup>14</sup>. Aqui, procura-se a identificação explícita entre as figuras interioranas da Região da Mata mineira, com personagens da literatura universal. Dessa forma, a concepção universalizadora das pessoas e do universo retratado foi, conscientemente, pretendido. Por isso, o autor acalenta o desejo de elaborar uma obra, que porventura possa assemelhar-se em valor criativo, às produzidas em outras plagas.

A percepção do *modus-faciendū* das memórias e do impulso inicial das lembranças acham-se clarificados no decurso do próprio processo elaborativo. Assim, o gênero memorialístico, se é fluido do ponto de vista do enquadramento<sup>15</sup>, possui uma dimensão originária consciente. O que não permanece manifesto são os motivos desencadeadores das recordações: "o conjunto de tudo isto, a amálgama desse passado só me invade integralmente coesa, ao estímulo das impressões casuais e raras que funcionam para a memória como ponto crioscópio. Um cheiro de asfalto quente à primeira pancada de chuva, um pregão cortando os ares... Como uma solução pesada os sais se cristalizam na exa

---

(14) MOREIRA, Vivaldi. *O Menino da Mata e seu Cão piloto. Memórias Síncopadas*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1981, páginas 14 e 15.

(15) A partir de uma tentativa de enquadramento das Memórias, empreendida por Wilson Martins, pode-se perceber a extrema heterogeneidade dessas obras literárias. MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Volume VII (1933-1960). São Paulo, Editora Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1979, página 400.

tidão sem fissura do poliedro. A vida presto se coagula, um instante estava (como banda de cinema em máquina de projeção enguiçada) e amanhece novamente"<sup>16</sup>. O poder de fazer renascer o passado e torná-lo o presente, subjaz, pois, na escuridão in sondável da reminiscência. "Isto que ficou dos que se foram, e que não foi. Oh a melodia nítida se ouvindo, na viola há muito recolhida. A mão rugosa, brincando numa rosa, tão suave, a mão e a rosa, na ilusão do vento. Saudade objetiva e subjetiva. Que me eterniza amor"<sup>17</sup>.

As memórias, se são instrumentos de autopreservação e se desdobram na possibilidade de conferir relevo social a seus autores, quando bem trabalhadas, manifestam aquela ambigüidade e abertura, próprias das obras realmente seminais. Nessa vertente, aloja-se a densa produção proustiana, brotada da reminiscência do tempo e das viagens por espaços já vividos: "Assim, quando acordava no meio da noite, e como ignorasse onde me achava no primeiro instante nem mesmo sabia quem era; tinha apenas, na sua singeleza primitiva, o sentimento da existência, tal como pode fremir no fundo de um animal; estava mais desapercibido que o homem das cavernas"<sup>18</sup>. Mas após esse desprendimento fugidio do pensamento em relação ao corpo, espou-

---

(16) NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Memórias II. 4ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986, página 251.

(17) NEVES, Libério. *Pequena Memória de Terra Funda*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971, página 33. Este livro costitui-se num exemplo vivo do cruzamento entre a língua-gem poética e ficcional.

(18) PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. No Caminho de Swann*. Tradução portuguesa, 8ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1983, página 13.

ca a memória como se flutuasse suavemente por espaços e tempos passados: "Mas aí a lembrança - não ainda do local em que me achava, mas de alguns outros que havia habitado e onde poderia estar - vinha a mim como um socorro do alto para me tirar do nada de onde não poderia sair sozinho; passava num segundo por cima de séculos de civilização e a imagem confusamente entrevista de lampiões de querosene, depois de camisas de gola virada, recompunham pouco a pouco os traços originais do meu próprio eu"<sup>19</sup>. A recuperação do eu pressupõe rememorar a presença indelével dos outros. Quando isso ocorre, configura-se a memória, enquanto uma operação eminentemente coletiva e aí, e tão somente aí, reconciliamo-nos conosco e até com o nosso próprio corpo: "Sua memória, a memória de suas costelas, de seus joelhos, de suas espáduas, lhe apresentava sucessivamente vários dos quartos onde havia dormido, enquanto em torno dele as paredes invisíveis, mudando de lugar segundo a forma da peça imaginada, redemoinhava nas trevas... e meu corpo, o flanco sobre o qual eu repousava, fiel zelador de um passado que meu espírito nunca deveria esquecer, me recordava a chama cristal da Boêmia, em forma de urna suspensa do teto por leves correntes, a lareira de mármore de Viena, no meu quarto de dormir, em Combray, na casa de meus avós, em remotos dias que naquele instante eu julgava atuais..."<sup>20</sup>. Através da experiência da recordação, readquirimos, pois, a nossa condição de seres sociais e imersos na história, que vivenciaram um passado, de onde auferiram os elementos integrantes da memória. A

---

(19) PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. No Caminho de Swann*. Obra citada, página 13.

(20) Idem, *Ibidem*, páginas 13 e 14.

memória tem, portanto, "uma função coletiva"<sup>21</sup>.

O memorialismo mineiro entrelaça-se intimamente com esse apego à riqueza da história de Minas e até às particularidades geográficas do Estado. O magnetismo de Minas sobre seus filhos aparece no culto à sua paisagem e no reconhecimento da sua força modelar: "De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos"<sup>22</sup>.

Do solo calcário nasceram os mineiros, das "montanhas inteiras de ferro. Valados e socavões atulhados de ouro. Ouro de todo jeito... Solo imantado, metálico,... que segurou firmemente o pé errante dos paulistas... Ficaram na terra e foram-fomos! - ficando mineiros..."<sup>23</sup>. Esses liames com a terra definem a centralidade da vida nos laços irrefreáveis com o passado: "Minhas calças cresciam. Minha mãe denunciou que eu tinha de partir, era preciso cumprir a estrada ganga crescendo para o leste. Enrosquei os braços na mangueira do quintal, o visgo da solidão ante-sofrida era a força que eu tive, e que não tinha. E a mesma força soluçou (na voz que me orvalhava) o necessário de partir: além dos olhos a estrada ganga se recompunha estrada, por onde esperam os horizontes móveis"<sup>24</sup>. A partida e o exílio, parte integrante da história dos mineiros, subjazem nas suas memórias e expressam-se nesse agarramento

---

(21) HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris, Librairie Félix Alcan, 1925, página 392.

(22) NAVA, Pedro, *Bau de Ossos*. Obra citada, página 19.

(23) Idem, *Ibidem*, página 122.

(24) NEVES, Libério. *Obra citada*, página 78.

ao solo<sup>25</sup>.

Se a conformação do relevo e o humus da terra são vistos pelo ângulo particularizador, a crença de possuir-se uma história dotada de eventos superiores, enaltece esses memorialistas que se definem, sobretudo, como mineiros. "O caminho Novo das Minas, além de caminho comercial, econômico, estratégico e político, é a estrada violenta e dolorosa do ouro, do quinto, da capitação, dos registros, do fisco... o que viu descerem os Inconfidentes em ferros. Via gloriosa, via dolorosa do mineiro - com as estações da sua paixão"<sup>26</sup>. O fluir dos momentos marcantes de Minas pelo Caminho Novo confere-lhe grandeza incomum e, por analogia, estabelece-se conexão entre a paisagem e a história. Concomitantemente, a valorização dos mineiros encontra-se ligada às características sólidas e altas neiras do solo de Minas: "Era desses amigos de cem anos, como temos em Minas Gerais... Zezé pertencia àquela raça dos jequitibás da montanha: sólidos, plácidos, árvores que nos trazem, mais que admiração, o sentimento de confiança"<sup>27</sup>. Nesses termos, o culto do passado de Minas caminha ao lado do reconheci

---

(25) "Enraizava-se em mim o amor da terra.

. . . . .  
Daí este desejo

de repousar a fronte encanecida  
na poeira do teu solo e adormecer chorando,

. . . . .  
Daí este desejo

de revocar as sombras do passado".

RESENDE, Enrique. *Estórias e Memórias*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1970, páginas 81-82.

(26) NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. Obra citada, página 144.

(27) MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *A Alma do Tempo*. Obra citada, página 1043.

mento da alta envergadura dos mineiros. Através das lembranças prefiguradas na memória, os homens reproduzem situações por eles vividas e acham-se convencidos da sua exatidão, e assim, atribuem a elas uma desproporção e um valor, que não possuíram de fato<sup>28</sup>. O resultado final de todas essas operações resulta num permanente inventário da tradição que, de tão perseguido, faz desconfiar sobre o seu veraz poder. E de fato, "o culto do passado, longe de ligar os corações dos homens à sociedade, os desprende"<sup>29</sup>. Por isso, o exagero no afago de episódios e de pessoas que passaram, pode ser sintoma de desenraizamento social e de tentativa de recuperação da identidade remetida aos tempos pretéritos. O exílio, aliás, joga papel significativo nesses casos.

O espectro do exílio está sempre no encalço dos mineiros. Em verdade, desde a decadência da mineração, a diáspora mineira subsequente recolocou o problema do afastamento do local de nascimento. Nas décadas posteriores, e até no próprio século XX, os geralistas viam-se compungidos a abandonar o seu Estado e a tentarem sobreviver em outras plagas. Se é certo que os motivos da migração não foram sempre os mesmos para o conjunto dos 'exilados', não há dúvida de que, para a maior parte dos mineiros, a partida para novas regiões prende-se à impossibilidade de sobrevivência na sua terra de origem. Para os 'letrados', a ruptura dos laços natais esteve fortemente conectada à imersão no aparelho de Estado, absorvidos que fo-

---

(28) Conforme HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Obra citada, página 154.

(29) Idem, *Ibidem*, página 151.

ram pelo regime, principalmente a partir dos anos 30.<sup>30</sup> Há ainda, aqueles que sempre tiveram os olhos voltados para fora, como é exemplo Murilo Mendes: "Ainda menino eu já colava pedaços da Europa e da Ásia em grandes cadernos. Eram fotografias de quadros e estátuas, cidades, lugares, monumentos, homens e mulheres ilustres, meu primeiro contato com um futuro universo de surpresas ... Cedo começou minha fascinação pelos dois mundos, o visível e o invisível"<sup>31</sup>. Em quaisquer dos motivos, todavia, o apartamento do universo originário significa a inexistência de condições econômicas, sociais e culturais, capazes de satisfazer às aspirações desses seres.

Se a carreira pública "permitiu aos herdeiros dos ramos empobrecidos da classe dirigente resgatar o declínio social a que se viam condenados assumindo diferentes tarefas na divisão do trabalho de dominação"<sup>32</sup>, inseriu, no plano do desejo, certa sensação de deslocamento e de irrealização pessoais. Talvez por isso, "quase toda a literatura brasileira, no passado como no presente, é uma literatura de funcionários públicos"<sup>33</sup>. Pensamos que o memorialismo, tão praticado pelos mineiros, resulta, em grande parte, da impressão permanente de marginalidade social.

---

(30) Para uma análise das relações entre os intelectuais e o Estado, ver o penetrante estudo de MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1979.

(31) MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*. Rio de Janeiro, Editora Sabiã, 1968, página 170.

(32) MICELI, Sérgio. *Obra citada*, páginas 133-134.

(33) ANDRADE, Carlos Drummond de. "A Rotina e a Quimera". "Passeio na Ilha". In: *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1973, página 242.

A produção de obra memorialística, se floresce, certamente, no terreno da procura de posição social e intelectual proeminente<sup>34</sup>, amarra-se, no nível propriamente expressivo, ao saudosismo e até à melancolia. Para o escolástico Alberto Magno, o temperamento mais propício às memórias é aquele povoado pela "melancolia seco-quente à melancolia intelectual"<sup>35</sup>. Para nós interessa, sobretudo, compreender o porque de uma realidade social criar situações para a emergência do memorialismo.

As condições históricas de Minas, geradoras de um ritmo lento do tempo e criadoras de todo um universo social, que tende para a preservação de laços societários imediatos, podem gestar, do ponto de vista dos agentes, certa tendência à valorização do passado, uma vez que não surgem novas situações históricas capazes de absorvê-los e integrá-los em outro tecido social. Para além disso, a flutuação da classe dominante - dada a permanente sombra da decadência - se promove a necessidade de exílio, até por motivos compensatórios (nítidos naqueles que ocupam postos no funcionalismo público), recria um imaginário de saudosismo denso. Muito provavelmente, o facto de esses memorialistas identificarem-se sobretudo como mineiros, está conectado à fluidez de virtualidades não configuradas. A desilusão absoluta faz nascer manifestações negadoras

---

(34) Sobre a relação entre o memorialismo e a busca de relevo social e intelectual, ver MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha (Estudo Clínico dos Anatolianos)*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.

(35) Conforme LE GOFF, Jacques. "Memória". In: *Enciclopédia Einaudi*. Volume I, *Memória-História*. Trad. port., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, página 32.



do passado e afirmadoras do presente e do futuro. A saudade, ao contrário, é sempre um sentimento que brota da consciência do vivido, da importância que se atribui aos eventos desenrolados antes. Enquanto afirmação de um passado, as lembranças benéficas implicam numa certa projeção para o futuro. O saudosismo só afasta, em definitivo, o presente, quando nele coabitamos com a ausência e aí localizamos as nossas desventuras. Por isso, os memorialistas encaram a infância e a juventude como os momentos privilegiados das suas vidas. Neste tempo de esperanças fecundas residem as suas valorizações; nesta época de vida imaculada, tremulam todas as promessas e convivem todas as benesses. Por isso, a família adquiriu importância fundamental, transformando-se no elemento mediador entre o memorialista e o mundo por ele retratado. Desse modo, através das memórias, emerge uma visão socializada da família e obscurecem-se as mudanças sociais que alteram a sua feição, ao emergirem confundidas as diferentes gerações<sup>36</sup>. A família fica preservada como num instantâneo fotográfico, sem que se dê conta do seu tom, já há muito, descorado<sup>37</sup>.

O memorialismo, assim caracterizado, tende a reproduzir uma concepção de mundo repleta de tradicionalismo e, comumente, conservadora. De fato, se observarmos as memórias es

---

(36) Nesses casos, "eu não estaria mais tão longe deles, porque meus pais não estão mais tão longe de mim... as diferenças ou as semelhanças entre as gerações que logo se repleem... e se afastam uma da outra, logo se juntam e se confundem". HALBWACHS, Maurice, *La Mémoire Collective*. Obra Citada, página 56.

(37) Bourdieu analisou o album de família como elemento de integração. Cf. BOURDIEU, Pierre. *Un Art Moyen. Essai sur les Usages Sociaux de la Photographie*. Paris, Minuit, 1965.

critas pelos mineiros, veremos saltar toda uma recriação positiva das cidades do interior. Existe mesmo um processo extremamente acentuado de edenização dos pequenos espaços urbanos e da vida rural. Nesses termos, esses livros de memórias guardam profunda homologia com o universo social de Minas, cujo desenvolvimento deu-se no transcurso do século XIX. As obras profundamente enraizadas nessa realidade compõem a categoria das memórias predominantemente locais<sup>38</sup>. Haveria ainda aquelas de feitio estritamente pessoal, isto é, as memórias de cunho confessional<sup>39</sup>. Ao lado delas, agrupam-se os livros que estropiam o mundo interiorano ou a exclusiva confissão: e que são as

---

(38) BARROS, J. Wanderley C. *Memórias de um prefeito do interior*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1979; LIMA, Renato Augusto de. *Memórias de um delegado de polícia*. Belo Horizonte, 1972; PEQUENO, Waldemar. *Um advogado aí pelos Sertões*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1966; RANGEL, José. *Como o tempo passa...* Rio de Janeiro, 1940; SANTOS, Luiz Gonzaga dos. *Memórias de um carpinteiro*. Belo Horizonte, Editora Bernardo Alvares, s/d.; VASCONCELLOS, Salomão de. *Memórias de uma república de estudantes*. Belo Horizonte, s/d..

(39) ALMEIDA, Maria Stella Vargas de. *Pesadelo que Dura...* Juiz de Fora, ESDEVA, 1984; ARNO, Ciro. *Memórias de um estudante*. 2ª edição, 1885-1906; ARREGUY, Maria da Glória D'Avila. *Memórias de uma professora*. Belo Horizonte, 1956; BENEDITA, D. *Memórias de uma professora primária*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1970; BRAGA, Belmiro. *Dias idos e vividos*. Rio de Janeiro, Oficina Gráfica Renato Americano, 1936; DIAS, Rodrigues. *Recordações dos tempos idos. Renovar... é viver*. Belo Horizonte, Editora São Vicente, s/d.; CAPANEMA, José. *Oh! Dias da minha infância!* Editora Littera Maciel, 1979; CARVALHO, Daniel. *De outros tempos*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, s/d.; CARVALHO, Daniel. *Capítulos de memórias*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1957; GUIMARÃES, Honório. *Por lareiras*

memórias de dimensão universalizante<sup>40</sup>. É importante salientar que, mesmo nos dois primeiros grupos, raramente a preocupação com o geral encontra-se de todo ausente. Nesse passo, cabe indagar-se sobre as condições sociais que tornaram possível, a uma realidade tão restrita, a produção de memórias que tracejam problemáticas universais. De imediato pode-se afir-

- 
- (39) CONT.- *onde me aqueci* ou *Romance da minha vida*. Belo Horizonte. Gráfica Breiner, 1945; RACHE, Pedro. *Homens de Ouro Preto. Memórias de um estudante*. Rio de Janeiro. A Coelho Branco Filho Editor, 1954; RESENDE, Antonio de Lara. *Memórias. De Belo Vale ao Caraça*. Belo Horizonte, Edição do Autor, 1970; RESENDE, Antonio Lara. *Da Serra do Caraça à Serra do Veu de Noiva*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972; RESENDE, Enrique de. *Estórias e Memórias*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1970; RIBEIRO, Arinos. *Memórias de um mineiro sexagenário*. São Paulo, Editora Martins, s/d.; RIBEIRO, Firmino Matias. *Memórias de um lavrador farmacêutico*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1975.
- (40) CARDOSO, Lúcio. *Memórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970; MACHADO, Paulo M. *Menino Feliz*. Belo Horizonte, Edições Movimento Perspectiva, 1965; MELLO FRANCO, Afonso Arinos. *A Alma e o Tempo*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1983; MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*. Rio de Janeiro, Editora Sabiã, 1968; MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão piloto*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1981; MORLEY, Helena. *Minha Vida de menina*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1963; NAVA, Pedro, *Bau de Ossos*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983; NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1974; NAVA, Pedro. *Chão de Ferro*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1976; NAVA, Pedro. *Beira Mar*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1978; NAVA, Pedro. *Galo das Trevas*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1981; NAVA, Pedro. *O Círio Perfeito*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983; NEVES, Libério. *Pequena memória de Terra Funda*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1974.

mar que ha uma incorporação especial do sentido do tempo, que ao se combinar com os traços históricos fundamentais de Minas, faz originar o vezo pelo universal.

Para quem escreve memórias, a dimensão temporal é imprescindível. As memórias nascem, portanto, da impregnação do tempo passado e da consciência de uma época vivenciada intensamente sob a sensação do não retorno, por mais que ela se faça presente no âmbito do imaginário. Todavia, uma coisa é conceber uma estrutura narrativa definida na linearidade temporal, e outra, bem diferente, é deixar mesclarem-se as várias grandezas do tempo<sup>41</sup>. As memórias de Pedro Nava são exemplares nesse sentido, chegando a explicitar a imbricação dos tempos: "O passado e o presente não são coisas estáveis tornadas interpenetráveis pela memória que arruma e desarruma as cartas que vai embaralhando. O passado não é ordenado nem imóvel - pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na *simultaneidade* e na *multiplicidade* das visagens que se depõem, se desarranjam, combinam-se umas às outras e logo se repelem, construindo não um passado mas vários passados ... Vão e vêm segundo as solicitações da *realidade atual* - também fictícia porque sempre em desgaste e capaz de instituir contemporaneidade com o passado, igual à que pode estabelecer com o futuro - tornando de vidro as barreiras do tempo"<sup>42</sup>. A coexis

---

(41) Quando as memórias não diferenciam as dimensões temporais, elas adquirem o caráter narrativo pois, na narrativa "o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros". TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. Trad. port., 2ª edição, São Paulo, Editora Perspectiva, 1970, página 22.

(42) NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Obra citada, página 365.

tência na obra dos diversos momentos do tempo, emerge um estilo de narração altamente complexo, onde a ordem de aparecimento dos acontecimentos foge à cronologia e apoia-se na reminiscência. "Umas imagens puxam as outras e cada sucesso entregue assim devolve tempo e espaço comprimidos e expande, em quem evoca essas dimensões, revivescências povoadas do esquecido e pronto para renascer ... às vezes não adianta violentar e querer lembrar. Não vem. A associação de idéias parece livre, salta, mas há uma coação que a compele e que também nos defende... Somos conduzidos pela preferência do espírito que é fuga, distração, descanso lúdico... Ave solta"<sup>43</sup>. Rompe-se, assim, a pretensão do relato verídico e, principalmente, a convenção temporal. As memórias possuidoras do pendor universalizante, *perdem a dimensão temporal, mas assumem a temporalidade*.

As memórias de Murilo Mendes são exemplos expressivos dessa tendência de abandono do temporal, em nome da temporalidade. Senão vejamos: "As pitangas temporãs. O tempo tempo rão. O tempo-será. As temporãs do tempo. O tempo da onça. As temporas da onça. O tampão do tempo. O temporal do tempo . Os tambores do tempo. As mulheres temporãs. O tempo atual, superado por um tempo de outra dimensão, e que não é aquele tempo. Temporizemos"<sup>44</sup>. Explicita-se, nessa passagem, a incorporação da temporalidade e não da cronologia temporal, temporalidade que se torna ainda mais visível, quando pensamos as memórias de Murilo Mendes no conjunto. De fato, a Juiz de Fora pintada em *A Idade do Serrote* perdeu a concretude do retrato

---

(43) NAVA, Pedro, *Bau de Ossos*. Obra citada, página 344.

(44) MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*. Obra citada, páginas 9 e 10.

ao adquirir a dimensão etérea do devaneio<sup>45</sup>. Para além disso, a ordem narrativa ao perder a característica temporal, organiza-se em torno da reminiscência que, por sua vez, combina lembranças do passado com reflexões atuais sobre o sentido dos acontecimentos da vida. Quando se refere a um caso de amor da sua juventude, rememora-o, da seguinte maneira: "Teresa tinha ciúmes, eu chamava a lua de Sílvia, certas moças de estrêlas. Também eu era ciumento: alguns rapazes disputavam-me Teresa. À sua aparição termômetros masculinos subiam. Atrás de mim já me espreitavam certas poesias, prontas para me apunhalar. A tensão lírica igualava a tensão física. O medo, excitando-nos, queimava-nos. Súbitamente comecei a compreender que eu fazia também um pouco de teatro. Mas não é o amor uma representação teatral?"<sup>46</sup>. Nesse sentido, o constante trânsito da reminiscência para a autoreflexão faz aparecer um tipo de memória, cujo caráter de relato do vivido desapareceu, abrindo espaço para a emergência da temporalidade.

Não é casual, que essas autobiografias, como argutamente observou Antonio Cândido, por estarem ligadas à linguagem literária, expressam um amálgama entre experiências e valores universais<sup>47</sup>. Para o autor de a *Formação da literatura brasileira*, essa tendência do memorialismo mineiro persiste indelevelmente incrustada em certas manifestações literárias de Minas<sup>48</sup>

---

(45) Conforme MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Obra citada*, página 51.

(46) MENDES, Murilo. *Obra citada*, página 147.

(47) Conforme MELLO E SOUZA, Antônio Cândido, *Obra citada*, página 68.

(48) Idem, *Ibidem*, página 68.

"É o caso da combinação frequente entre, de um lado, o gosto pela confiança e a fixação quase obsessiva pelo lugar de nascimento; de outro, o desejo de traduzí-los em termos que os arranquem das condições particulares em que foram gerados, para lhes dar uma espécie de intemporalidade, pelo desvinculamento em relação ao local e individual"<sup>49</sup>. Esse enleio contraditório nascido da combinação entre o sentimento atávico e o desprender-se dele, encontra-se ao nosso ver, profundamente embricado na história mineira.

A história de Minas, como vimos, assentou-se sobre duas dimensões temporais nítidas: a primeira vigiu durante o período minerador e estava conectada aos movimentos gerais da sociedade européia; a segunda, após a decadência da mineração, criou um tempo histórico modorrento que, no plano da sociedade, fez emergir um quadro societário dominado por relações imediatas e que tendiam a se preservar. Desse modo, o movimento histórico de Minas caminhou no sentido oposto à acumulação, pois saiu de um vívido contexto urbano para um universo dominado por pequenas cidades e, principalmente, pela zona rural. Todavia, a vida social de Minas oitocentista, no seu todo, não florescem do terreno da decadência e da estagnação. Apesar da letargia do tempo histórico, a sociedade que se seguiu à era da extração dos metais, não recriou o declínio, pois apoiou-se em outros princípios organizacionais. Por isso, a história de Minas não conviveu apenas com duas temporalidades, mas sobretudo, teve o seu momento de maior dinamismo no passado. Se dessa junção particular pôde, segundo as linhas da nossa análise, vicejar o pensa -

---

(49) Idem, *Ibidem*, página 68.

mento mítico, também nela reside, ao lado de outras, as explicações para o caráter local e universal das memórias.

O tempo mítico é abstrato e ahistórico exatamente por confundir presente, passado e futuro. O memorialismo que flui das reminiscências também os mistura. Assim, haveria certa homologia entre a construção mítica e o memorialismo de pendor universalizante. Ambos compartilham de uma certa vontade de preservação do passado, fortemente marcada no mito e nuancada nas memórias. O mito, ao parar o tempo, promove a identidade abstrata dos homens e os memorialistas repousam-se nas imagens formadas nas visões do passado, de onde sorvem os seus princípios identificadores. Também eles compactam da idéia de que "a imobilidade das coisas que nos cercam talvez lhes seja imposta pela nossa certeza de que essas coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento perante elas"<sup>50</sup>. Mito e memória desenvolvendo, de forma correlata, vocação para fixar o passado, adquirem dimensões ritualísticas<sup>51</sup>. A ritualização mítica manifesta-se em momentos convencionais ou de formalização explícita e, no memorialismo, na revivescência ritualizada do passado. Essa tendência a imobilizar o passado confere à memória estado de pureza, enquan-

---

(50) PROUST, Marcel. *Obra citada*, página 13.

(51) Sobre a relação entre ritualismo e memória ver: LE GOFF, Jacques. *Obra citada*, página 26. "A *anamnesis* (reminiscência) é uma espécie de iniciação como a revelação de um mistério". BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo. T. A. Queiroz Editor, 1979, página 48. Também os ritos pressupõem a iniciação onde a natureza do cerimonial é revelada.



to sorvedouro da história na vacuidade do tempo, apoiada na reminescência.

*"Sinto o tempo passado em cada pedra que piso  
o passado me envolve, paio sobre as  
igrejas e assisto à ressurreição dos mortos.  
Sou apenas memória"<sup>52</sup>.*

Assumir integralmente a memória significa romper as barreiras do tempo, articular o passado no presente, tal como os mitos que são voltados para as origens, de onde retiram os princípios da identidade. Deixar-se permear pelo passado pres<sup>u</sup>põe o estabelecimento com o mesmo, de total empatia, erigin<sup>d</sup>o-o em responsável pela identidade do agente. O imaginário memorialístico, nessas condições, inclina-se para a superaval<sup>o</sup>rização daquele cotidiano, promovendo a fixidez do tempo. Nas palavras de Emílio Moura "a mitização da vida cotidiana, dos objetos familiares enriqueceu tempo e meu espaço, tirando-me o apetite para os trabalhos triviais"<sup>53</sup>. A banalidade cotidiana foi então ultrapassada, aprisionada pelo pensamento mítico. Dessa forma, esse tipo de memória começa a operar de maneira semelhante à reflexão mítica, onde se insinuam os arquétipos construtores do imaginário <sup>54</sup>.

No memorialismo mineiro, tais dimensões, como vimos, estão muito presentes, podendo, até mesmo, nutrir-se das concepções forjadas sobre Minas. Daí, os livros corresponden -

---

(52) MOURA, Emílio. "Ouro Preto" Apud Pedro Nava, *O Círio Perfeito*. Memórias VI. 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, página 369.

(53) MOURA, Emílio. *Obra citada*, , página 172.

(54) Sobre a presença dos arquétipos no imaginário ver: DURAND, Gilbert. *Les Structures Anthropologiques de l'imaginaire*.

tes apresentarem algum parentesco com *À la Recherche du temps perdu*, a obra-prima do gênero, criadora da "nova memória romanesca, por recolocar a cadeia "mito-história-romance"<sup>55</sup>. Talvez, por essa razão, as memórias possuam "faculdade épica por excelência"<sup>56</sup>, uma vez que nas epopéias o tempo passado e as reminiscências são categorias fundantes<sup>57</sup>.

Caberia, além do mais, estabelecer conexões entre o mito construído sobre a história de Minas,— possuidor de pretensões explicativas para o conjunto da história brasileira — e o memorialismo de caráter universalizante. A mineiridade adquire certa dimensão épica, por apoiar-se no imaginário tecido sobre o destino dos inconfidentes. Em contrapartida, o gênero memorialístico, cuja natureza épica lhe é inerente, parece forma adequada de atualização e aquisição desse imaginário<sup>58</sup>. O equacionamento entre o memorialismo mineiro e

---

(54) Cont. - *Introduction à l'archétypologie générale*. 10a. edição, Paris, Dunod, 1984.

(55) LE GOFF, Jacques. *Obra citada*, página 43. Também Antônio Cândido aponta para as afinidades entre a obra de Pedro Nava e a de Proust. MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Obra citada*, página 57.

(56) BOSI, Ecléa. *Obra citada*, página 48.

(57) Lukács estabeleceu relações entre o tempo épico e as recordações: LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Tradução portuguesa, Lisboa, Editorial Presença, s/d. *Grande Sertão: Veredas* do mineiro Guimarães Rosa é, provavelmente, o romance da literatura brasileira, cuja dimensão épica foi melhor realizada.

(58) Aquisição e atualização são, para Florès, as relações fundamentais da memória e que se manifestam em "*Conduitas observáveis* separadas por um intervalo temporal de duração variável". FLORES, César. *La Mémoire*. 4a. edição, Paris, Presses Universitaires de France, 1982, página 5.

a história de Minas passa, portanto, pela virtualidade da incorporação mítica do passado, mas também pela viabilidade de mantê-lo vivo na memória. Essas condições ocorreram em Minas. De um lado, todo um passado suscitador de devaneios e provedor da seiva alimentadora do imaginário; de outro, um tempo histórico titubeante para promover transformações, rupturas, projetos integradores <sup>59</sup>. Virtualmente, essa sociedade enseja a probabilidade da cristalização do passado que, ao combinar-se com questões sociais específicas vivenciadas pela camada socialmente dominante e com os problemas enfrentados pela região no concerto do país, impôs a necessidade do exercício político. A vivência da política, todavia, tracejou um caminho peculiar. O mito político de Minas, sorveu no período ilustrado a essência da sua justificação, talvez como forma de contornar a crise, na certeza de reencontrar o lugar perdido, mesmo que o novo espaço esteja reduzido em suas proporções.

(59) Uma boa expressão da lentidão do tempo em Minas, encontra-se nessas palavras de Helena Morley: "Durante o dia não precisávamos de relógio... temos a corneta do quartel, que toca até nove horas. Depois dessa hora o relógio de mamãe é o galo, que não regula muito bem. Já nos tem pregado boas peças... Antigamente eu acreditava na hora do galo porque, na Boa Vista, a gente pergunta a hora a um mineiro, ele olha para o sol e diz... Por isso eu pensava que o sol marcava a hora durante o dia e o galo durante a noite". MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 7a. edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1963, páginas 77-78.

## 2 . A VIVÊNCIA DA POLÍTICA

As falas dos políticos mineiros são peças exemplares relacionadas ao nosso tema, pois em seus discursos, desde o Império até os dias atuais, podemos localizar componentes do mito da mineiridade. A recorrência a esses princípios num longo período de tempo, deve ligar-se à permanência de um certo ritmo social<sup>60</sup>, que repõe, de diferentes formas e em diversos momentos, questões similares. De outro lado, o uso sistemático do imaginário sobre Minas, revela o caráter mítico do mesmo e a possibilidade da sua incorporação à sociedade. Reversivamente, a contínua assimilação mítica, no plano coletivo, reatualiza e revigora esse tipo de discurso, conferindo-lhe tal dimensão de veracidade que se torna difícil distinguir o imaginário do real, isto é, da própria sociedade. É bem verdade, que a possibilidade mobilizadora das elaborações urdidas no imaginário social, aloja-se na configuração e na dinâmica da história. Desse modo, os mitos que se originam na teia da história humana coletiva, quando incorporados, voltam-se para ela sob a forma de práticas, assumindo feição ideológica.

Trabalhar com os mitos políticos numa vasta escala temporal, como é o caso da presente tese, implica descurar os significados diferentes e renovados, que brotaram das motivações particulares, porque resultam de contextos e problemá-

---

(60) Giradert analisa a relação entre o apego "aos tempos de antes" e a perenidade de um ritmo de vida. GIRADERT, Raoul. *Mythes et Mythologies politiques*. Paris, E'ditions du Seul, 1986, página 97.

ticas extremamente variados. Assim, os m6veis das pr6ticas dos agentes sociais n6o s6o sempre os mesmos, pois se forjaram em situa76es sociais espec6ficas. Por serem produtos e produtores da sua hist6ria, os homens permanecem inextricavelmente absorvidos pelas quest6es do seu tempo, fazendo com que suas a76es apresentem-se envoltas no v6u que encobre cada momento. Todavia, as constela76es m6ticas possuem a caracter6stica de atravessarem per6odos hist6ricos bastante diversos, impondo o reconhecimento da persist6ncia de quest6es n6o superadas. A introje76o dos mesmos princ6pios, 6 sintoma de que algo n6o mudou, ainda que os m6veis 6ltimos dos atos nas7am, evidentemente, de situa76es novas. Por considerarmos a dimens6o pol6tica da mineiridade, fomos compelidos a perder as nuan7as e os pontos de clivagem da hist6ria de Minas e do Brasil. Contudo, a mania de evoca76o de um certo passado n6o 6 tamb6m um modo de enfrentar os pontos de resist6ncia da sociedade e, nessa medida, apreender um componente importante da nossa hist6ria? A consci6ncia da fixa76o, n6o ser6 uma forma de super6-la? Reviver os ritos pol6ticos de uma sociedade, n6o ser6 uma maneira de compreend6-la? Perceber a intromiss6o do passado nas novas propostas, n6o ser6 um modo de captar as dire76es futuras? Por isso, as an6lises centradas nas grandes dura76es n6o se constituem sempre em estudos menos profundos ou de menor significado hist6rico. As estruturas n6o se transformam na mesma intensidade do ritmo fe6rico dos eventos, que as suscitam. Noutra prisma de considera76es, o movimento estrutural n6o possui igual intensidade nas diferentes sociedades e, principalmente, n6o 6 sempre id6ntico nas v6rias etapas da hist6ria. Desse modo, refletir sobre as perman6ncias 6 tamb6m pensar historicamente, enfocando-as sob o

aspecto da extensão, ainda que perdendo, por certo, a riqueza dos detalhes. A história na sua essencialidade, enquanto criação exclusiva dos homens, define a condição da humanidade. A natureza histórica dos seres sociais, portanto, obriga-os a sofrerem a inviabilidade do retorno. E nesse sentido inclusivo, a história é a permanência com a qual convivemos a cada momento, porque ocupa, ubiqüamente, todos os nossos espaços.

Não é com a intemporalidade do tempo histórico, evidentemente, que ora nos ocupamos, mas com um tempo que tende a se perpetuar, pois desenvolveu a vocação imaginária pelo atemporal. No imaginário político mineiro, o apego ao tempo anterior é uma constante<sup>61</sup>. Flutua no presente, mas com os relógios estancados nas horas passadas. A visão dos dias de hoje nutre-se dos eflúvios emanados nas eras de outrora e delas retira um incoercível desejo de realizar, no futuro, o já há muito acontecido.

Entre os elementos formadores da constelação mítica de Minas, encontra-se a idéia de que os mineiros são portadores da missão de promover a unidade nacional. Bernardo Pereira de Vasconcellos, estadista mineiro de intensa atuação no período imperial, passou para a história do pensamento político, como defensor intransigente dos princípios da unidade nacional. Propugnador veemente da centralização do poder do Estado, recusava qualquer tentativa de instituir-se, no Brasil, um federalismo de tipo americano<sup>62</sup>. Considerava o republica-

---

(61) Sobre a fixação do mito político com o passado ver. GIRARDET, Raoul. *Ibidem*, página 98.

(62) Conforme SOUZA, Octávio Tarquínio. *Bernardo Pereira de Vasconcellos e seu tempo*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1937, página 150.

nismo nocivo à unidade da jovem nação e, por isso, punha-se a deblaterar contra as idéias republicanas, afirmando a monarquia constitucional<sup>63</sup>. Vasconcellos foi tão enfático na afirmação dos seus princípios, que um seu biógrafo ponderou: "Essa affabilidade e essa hospitalidade eram marcas da sua índole mineira. Mas, embora affavel... não poupava o adversário"<sup>64</sup>. O pragmatismo norteava as suas ações, como se pode perceber nessas palavras: "estou (ciente) que se deve diminuir os laços da centralização, mas não de um jacto, que faça dar um grande salto... Em taes materias o mais conveniente é seguir a experiência"<sup>65</sup>.

Falas, como essas, eivadas de um pragmatismo conservador, recorrentes na vida política brasileira, tinham como função preservar a inteireza do Poder Imperial<sup>66</sup>. Quando, no Ministério de 1931, Bernardo Vasconcellos redigiu a sua *Exposição de Princípios*, sem deixar dúvidas sobre sua posição em prol da unidade do Poder Monárquico, e dos instrumentos utilizados para obtê-la: "Convencidos da grande importância da unidade do governo determinamos concertar em comum, não só os nossos planos, como também os meios próprios para executá-los. Há nessa unidade e na própria responsabilidade que esperamos encontrar a força indispensável para manter a ordem publica e promover a publica prosperidade. Sendo necessário harmonizar

---

(63) Idem, *Ibidem*, página 27.

(64) Idem, *Ibidem*, página 32.

(65) VASCONCELLOS, Bernardo Pereira. Apud Octávio Tarquínio de Souza. *Obra citada*, página 150.

(66) Sobre a preocupação de Bernardo com a preservação do Poder Imperial ver: VASCONCELLOS, Salomão. *Bernardo Pereira de Vasconcellos*. Belo Horizonte, 1953, página 4.

com os seus princípios as diversas partes da Administração , para que todos se movão na mesma direção, o Ministério trabalhará sisudamente para transmitir-lhes esse sentimento de unidade, e para as fazer marchar no sentido da gloriosa Revolu - ção de 7 de abril..."<sup>67</sup>. A idéia da prosperidade conectada à noção de ordem que já existia, portanto, no cenário político do Brasil, subordinava-se à preocupação com a unidade. Ao mesmo tempo, Vasconcellos percebia a necessidade de criar-se um corpo administrativo bem ordenado, imprescindível à centrali - zação política. Adverte aos opositores à política centralista do governo, quando expõe a ordem transmitida "aos corpos da força de mār e terra... para manterem com denodo a honra na - cional, e conservarem a subordinação e disciplina no regaço da paz, inacessível às sugestões criminosas da rebelião e das fações"<sup>68</sup>. Na defesa da Constituição do Estado Nacional emi - tiu o seu mais célebre pronunciamento: "Fui liberal, quando a liberdade era então nova no país, estava na aspiração de to - dos, mas não nas leis, nas idéias praticas, e o poder era tu - do. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os princi - pios democraticos tudo ganharam e muito comprometeram; a so - ciedade, que então corria o risco pelo poder, corre agora o risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quis, quero hoje servi-la, quero salvá-la e porisso sou regressis - ta. Não sou transfuga, não abandono a causa que defendo no dia dos seus perigos, de sua fraqueza: deixo-a no dia que

---

(67) VASCONCELLOS, Bernardo Pereira de. "Exposição dos princí - pios do Ministério da Regência, em nome do Imperador, fei - ta à Assembléia Geral do Brasil" In: *Manifesto político e exposição de princípios*. Brasília, Editora da Universi - dade de Brasília, 1978, página 169.

(68) Idem, *Ibidem*, página 171.



tão seguro é o seu triunfo, que até o excesso a compromete..."<sup>69</sup>. Nessa mensagem de insofismável expressão dos princípios do Estado, desponta a cautela do político conservador<sup>70</sup>. Aliás, no acirrado debate entre liberais e conservadores, esses últimos exprimiam, com grande ímpeto, os princípios da formação do Estado<sup>71</sup>. Nessa vertente, o mineiro Bernardo foi um defensor valoroso dessas idéias.

Deve-se notar, todavia, que muito embora Vasconcellos desenvolvesse sua atividade política nessa direção, manifestava, em suas falas, a relação entre a sua origem mineira e os ideais da nacionalidade. Acusado de incoerente, por se apegar ao universo restrito da sua Província, obtemperou: "tenho provincialismo, não o nego; o meu sangue, o meu coração, eu todo sou mineiro, e poderá haver patriotismo sem provincialismo?"<sup>72</sup>. Em outras ocasiões, referendou as suas liga

---

(69) Discurso de Bernardo Pereira de Vasconcellos em resposta ao Ministro Clemente Pereira. Apud Salomão de Vasconcellos. *Obra citada*, página 27.

(70) Para José Murilo de Carvalho os principais políticos que representaram o princípio do "fortalecimento do poder central" entre 1932 e 1941, foram "Bernardo Pereira de Vasconcellos e seu discípulo político, Paulino José Soares de Sousa, Visconde do Uruguai". CARVALHO, José Murilo. "A Composição social dos partidos políticos imperiais". *Cadernos do Departamento de Ciência Política*, número 2, Dezembro de 1974, páginas 5 e 6.

(71) Para uma análise da atuação dos conservadores no sentido de exprimir os princípios do Estado ver: MATOS, Ilmar Rorloff de. *O Tempo Saquarema*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, 1984, exemplar mimeografado.

(72) Fala de Bernardo Pereira de Vasconcellos retirada do prefácio de Francisco Rodrigues de Paiva, à edição de 1899, da *Carta aos Senhores eleitores da província de*

ções com a sua terra de origem. Na *Carta aos Eleitores Mineiros* exaltou os laços que o identificavam com Minas ao se perguntar: "que maior galardão, que outras honras pode ambicionar um coração verdadeiramente mineiro?"<sup>73</sup>. No mesmo documento, aludiu à vocação libertária dos mineiros: "Os mineiros, gente intrépida e ciosa de sua liberdade, nunca consentiram que os Reis de Portugal lhes lançassem impostos: quase todos os que hoje paga aquela Província foram estabelecidos pelas Câmaras, bem como o método de sua arrecadação; só depois de aniquilados pelo despotismo, é que os mineiros se sujeitaram a pagar impostos, em que não tinham convindo seus representantes. A história de um novo tributo em Minas é tinta de sangue; aquela gente briosa não depôs as armas algumas vezes sem que lhe fizessem amplas concessões, e os seus Governadores, todos tiranos e soberbos, não raras vezes desceram de seus altos intentos"<sup>74</sup>. Em suma, nas falas de Bernardo Pereira de Vasconcellos, já se evidenciam certos traços constantemente absorvidos por políticos mineiros das épocas seguintes. Quando Vasconcellos qualifica a gente mineira de "intrépida e ciosa da sua liberdade", está se referindo ao caráter libertário nascido no século XVIII, elemento fundante da leitura mítica. Da mesma forma, ao definir-se sobretudo como mineiro, mas preocupado com os valores da nacionalidade, delineia outro componente essencial do mito, qual seja, a idéia de que Minas encarna o conjunto do país. A manifestação

---

(72) Cont.- *Minas Gerais*, reproduzida em VASCONCELLOS, Bernardo Pereira, *Obra citada*, página 6.

(73) VASCONCELLOS, Bernardo Pereira. Apud Salomão de Vasconcellos, *Obra citada*, página 63.

(74) VASCONCELLOS, Bernardo Pereira. *Obra citada*, página 107.

dessas idéias ocorrendo na primeira metade do século XIX, não permite afirmar-se, peremptoriamente, que a construção do mito esteja concluída, pois seu uso explícito, é bem posterior àquela época. A nossa intenção, contudo, ao sublinharmos essas passagens, foi mostrar como os traços componentes da mineiridade, visíveis nos viajantes, aparecem igualmente nos discursos políticos da época. Por isso, se o costume de lançar-se mão das especificidades de Minas cristaliza-se depois, a gênese desse hábito reside na primeira metade do século XIX.

Teófilo Ottoni, opositor ferrenho de Bernardo de Vasconcellos na política provincial, atribui aos mineiros as mesmas características de insubmissão e de amor à liberdade: "A liberdade e a indústria têm entre si uma filiação recíproca. A aliança entre os dois princípios é antiga na província. Data da dominação portuguesa... O Brasil continuava sequestrado do resto do mundo, mas o instinto da liberdade atraiu até o interior de Minas, a notícia das maravilhas que a independência estava produzindo nos Estados Unidos... O quebramento dos teares trouxe a Inconfidência. O *Libertas quæ sera tamen*, inscrito na gloriosa bandeira de 1789, simbolizava também um tear reerguido sobre essas quinas vaidosas..."<sup>75</sup>. Esse discurso de cristalina manifestação ideológica— ainda que de analogia inadequada e movido por interesses imediatos— deixa clara a instrumentalização do passado de Minas. O episódio da Inconfidência entra a serviço dos mais diversos desígnios e

---

(75) OTTONI, Teófilo. "Carta ao Barão de Pouso Alto". Apud CHAGAS, Paulo Pinheiro. *Teófilo Ottoni. Ministro do Povo*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1978, página 350.

aqui, conectado às aspirações industrializantes de Ottoni e à sua admiração pela história americana. Em outras ocasiões, ressucitou-se a conjura mineira, com o fito de se promoverem interesses de influência e de participação políticas, principalmente nos momentos cruciais da história brasileira. Para nós, interessa salientar a identificação do discurso com a origem, com o passado sedicioso de Minas, de fácil evidência, pois já no Império surgiu uma memória sobre Minas apoiada no século XVIII.

As falas de Tancredo Neves primam por enunciar os princípios de preservação do poder do Estado, no compasso do movimento inconfidente. Em 1962, Tancredo, na aula inaugural da Universidade de Minas Gerais, enfatizou a proeminência do Estado, afirmando a sua exclusividade na conformação da sociedade<sup>76</sup>. Presidente eleito pelo Colégio Eleitoral, reafirmou a necessidade da unidade da pátria, agora aliada ao movimento insurrecional de Minas contra a dominação metropolitana; No discurso então pronunciado<sup>77</sup> e que já analisados noutra ocasião, estabelece uma relação mítica entre a Inconfidência e o sentido de nossa história. É notável que nesse discurso, a sedição mineira

---

(76) O "Estado... somente ele, no uso de sua autoridade, pode assumir a indispensável liderança na orientação e no planejamento da ação comum". NEVES, Tancredo. O Regime Parlamentar e a Realidade Brasileira". Belo Horizonte, *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. nº 21, 1962, página 27.

(77) NEVES, Tancredo. "Discurso como presidente eleito do Brasil pelo Colégio Eleitoral - 15-01-85". Reproduzido por Vera Alice Cardoso da Silva e Lucília de Almeida Neves Delgado, *Tancredo Neves: A trajetória de um liberal*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985, página 290.

sempre invocada no sentido de reafirmar o pendur dos motanheses para a liberdade, apareça agora como o símbolo mais reluzente da história do Brasil. "As insurreições libertárias", percebidas no prisma da derrota, o são, todavia, de forma alvissareira, uma vez que abafadas em nome da unidade nacional, transferindo-se, por isso, a vitória para o movimento símbolo ainda que derrotado, isto é, para a Inconfidência. O triunfo, paradoxalmente, brotou assim de um revés. O reconhecimento explícito do ganho definitivo confere ao mito expressão máxima, pois que atinge, nessa hora, o seu ponto supremo de onde desponta a sua superação.

O discurso de Tancredo Neves harmoniza-se à postura de Bernardo Pereira de Vasconcellos na questão da unidade nacional. O Estado afigura-se como repositório da nacionalidade, enquanto cadinho onde se misturam e se integram os mais diferentes materiais, que concentra todos os esforços, que dimana centelhas ordenadoras da sociedade. A Instituição-Estado passa a ser, assim, o alvo predileto dos políticos mineiros, de longínqua tradição regional, numa espécie de reconhecimento do poder central como fonte fundamental do exercício da política.

Os políticos das alterosas explicam a vocação de Minas para promover a unidade do país, também a partir da mediterraneidade do Estado dentro do território nacional. Para João Pinheiro, "o Estado de Minas Gerais, pela sua posição central entre os demais; pela origem da população, vinda em massa, no correr do século XVIII, de todos os pontos povoados do Brasil... resume, em seu próprio solo, as belas qualidades do solo da Pátria, e em seu próprio povo as do povo

brasileiro"<sup>78</sup>. Minas como que se constitui no país, pois seus limites bordejam todas as regiões, e a colocam como órgão central no corpo da nacionalidade: "As nossas fronteiras, de toda parte, ligando-nos ao norte como ao sul do Brasil, a este e a oeste, não nos permitem nenhum isolamento, e os bons como os maus dias da Pátria, como os de qualquer Estado irmão, atuam intensamente sobre o coração mineiro, capaz da reciprocidade, da estima, ... em que repousará a unidade do Brasil, próspero, grande e sempre livre"<sup>79</sup>. O uso recorrente da palavra coração não é casual nesses discursos. Milton Campos assim se expressou em discurso de saudação ao Presidente Dutra: "as próprias palpitações e os anseios do coração mineiro, num movimento de convergência que bem traduz as indesviáveis determinações da unidade nacional. (Sendo) imperioso acentuar a vocação da unidade nacional que marcou sempre a evolução política e econômica do... Estado... Minas, pela sua posição geográfica central e pelas determinantes de suas condições econômicas e sociais, representa verdadeiramente o cerne da naciona-

---

(78) PINHEIRO, João. "Manifesto-programa do candidato do Partido Republicano Mineiro à presidência do Estado - 12-2-1906". In *João Pinheiro. Documentário sobre a sua vida*. Organizado por Francisco de Assis Barbosa. Belo Horizonte, Publicações do Arquivo Público Mineiro, nº 1, 1966, página 159. Publicado também em: BARBOSA, Francisco de Assis e LEITE NETO, Leonardo. *Idéias Políticas de João Pinheiro*. Brasília, Senado Federal, 1980, página 197. Para uma caracterização da figura política de Milton Campos: RACHE, Pedro Demóstenes. *Homens de Minas*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1947. Ver também: SANTOS, João Dornas dos. *Figuras da Província*. Belo Horizonte, Editorial Panorama, 1949.

(79) Idem, *Ibidem*, páginas 225-226.

lidade. Daí o sentimento profundo de brasilidade..."<sup>80</sup>.

As concepções de que Minas, por sua posição geográfica, contém mais intrinsecamente a nação, criam uma idéia mitificada de espaço, porque gera a ilusão de se poder encontrar, no espaço presente, os episódios do passado<sup>81</sup>. Ao mesmo tempo, a noção do espaço invariante e incapaz de perder quaisquer das suas partes, recria uma forma de pensamento que assume integralmente a permanência do tempo. Nesse aspecto, haveria profunda analogia entre o memorialismo mineiro e a utilização política da mineiridade. O mito, por ser ahistórico, pressupõe a existência de uma memória válida, além de perene, para um conjunto amplo de homens. Nesse sentido, as falas dos políticos de Minas refazem um caminho parecido ao das obras dos memorialistas. Tanto na elaboração mítica, quanto nas memórias, a mescla entre passado, presente e futuro pressupõe o desaparecimento das diferenças entre tempo e espaço. No que diz respeito às manifestações públicas dos políticos de Minas, tempo e espaço são assumidos como extensões importantes do caráter mineiro: "Duas categorias marcam de profunda realidade a vida humana: o tempo que pertencemos e que assinala em cada um de nós as inspirações de sua origem para projeção no futuro. O lugar é o lugar onde nascemos, onde nos formamos- e onde preparamos nossas forças para enfrentar o que há de vir"<sup>82</sup>. Dessa forma, as conceituações de tempo e espaço supõem ligações com as origens e, pois, com o passado, mas

---

(80) CAMPOS, Milton. *Compromisso Democrático*. Belo Horizonte, Secretaria da Educação e Cultura de Minas Gerais, 1951, páginas 98-99.

(81) Conforme HALBWACHS, Maurice. *La Mémoire Collective*. Obra citada, página 167.

(82) CAMPOS, Milton. *Obra citada*, página 353.

de maneira a suportar a imprevisibilidade do futuro, através da certeza medrada na garantia da imutabilidade espaço-temporal. A partir daí, é possível firmar a simbiose entre Minas e o Brasil. A idéia de nação enseja uma categorização abstrata do tempo e do espaço. Correlatamente, a mitificação de uma época referida a um lugar determinado, contém o pressuposto abstrato. Daí, acontecer, entre as concepções de Minas e da nacionalidade, homologia de princípios, validando afirmações como: "Servir a Minas é servir à nação"<sup>83</sup>.

Nesse quadro, Minas desponta nos discursos, como o eixo do equilíbrio brasileiro, reivindicando "a honrosa missão de mediadora entre as forças políticas que se desávieram em contendas acidentais"<sup>84</sup>. A centralidade geográfica de Minas corresponde, no plano da política, o equilíbrio. Ainda mais uma vez, Milton Campos: "Dessa condição de centro geográfico é natural que decorram muitas consequências, não apenas de ordem física e econômica, mas também de ordem humana e política. O centro é, por definição, ponto de convergência e nucleação, dando a idéia de síntese, de dureza e de estabilidade... Humanamente ou politicamente, o centro dá as largas perspectivas, que habilitam a ver as paisagens num círculo abrangente e alcançam os horizontes mais distantes. Não há a limitação de um trecho ou de um corte, mas a visão global. E daí vem a possibilidade da comparação instantânea entre altos e baixos, os claros e os escuros das

---

(83) BIAS FORTES, José Francisco. *Vocação de Minas*, (Discursos). Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1960, página 142. Para uma caracterização do político Bias Fortes: RACHE, Pedro Demosthenes. *Outros homens de Minas*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1948.

(84) Idem, *Ibidem*, página 37. "Minas exerce sua missão agregadora, compondo a unidade na diversidade, com sentido



paisagens circundantes, produzindo as reações contraditórias cuja síntese é o equilíbrio... O equilíbrio, eis o traço característico da índole mineira e que é, ao mesmo tempo, sua glória e seu drama. Porque o equilíbrio exige esforço excepcional, em contraste com as facilidades dos ímpetos, dos impulsos, das posturas despreocupadas. É como o meio termo, onde Aristóteles colocava a virtude, e que é sempre posição apagada e odiosa, sob o impacto dos extremos fáceis, brilhantes, espetaculares e atraentes. Quem se coloca nos extremos conta com as facilidades sedutoras, inclusive com a ilimitação, que seduz como a liberdade, mas atrai como o aleísmo. No meio, há a pressão dos lados e surge a necessidade de reagir, de medir e de compor"<sup>85</sup>. Desse longo trecho, surgem as características mais típicas atribuídas ao genio político dos mineiros. Acrescentaram-se novos elementos às determinações geográficas responsáveis pela criação do espírito moderado dos mineiros, uma vez que o relevo permite a ampliação do alcance do olhar. Minas é o equilíbrio porque pode enxergar mais longe, a sua visão abrange todo o horizonte. Essa capacidade superior dos mineiros, expressa na moderação, é trabalhada, todavia, no prisma da renúncia à liberdade. Daí, o aspecto dramático por ela assumida. O discurso de Milton Campos enfatiza, de um lado,

---

(84) Cont.- orgânico imprescindível"... MENDONÇA, Antônio Aurieliano Chaves de. "Minas, Centro de equilíbrio do desenvolvimento nacional". In: *IV Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1977, página 248.

(85) CAMPOS, Milton. *Obra citada*, páginas 92-93.

a transcendência de Minas sobre as outras regiões; de outro, alude ao sacrifício que a posição de superioridade exige. Além do mais, a idéia do esforço inerente às posturas equilibradas, traz juntamente consigo a concepção de política enquanto atividade sublimada. Esforço implica, necessariamente, autorepressão, por sua vez criadora de comportamentos racionalizados. A ênfase no papel de fiel-da-balança exercido por Minas no conjunto do país, está justificada, a partir do afastamento da liberdade ilimitada. A política, portanto, é prática inerentemente comedida, guiada por uma racionalidade que brota no terreno do autocontrole. Deste ponto de vista, deixar-se seduzir pelos impulsos é incompatível com o exercício da boa política, uma vez que eles perturbam o andamento da racionalidade. Derrotam-se os desejos incontidos, em nome de uma razão instrumentalizada<sup>86</sup>, porque voltada para a destruição dos contrastes criadores de desequilíbrios. O exercício político, assim entendido, constitui-se numa atividade ascética- por ser produto do sacrifício nascido do esmagamento dos sonhos. É toda uma ação que se aparenta com as artimanhas de Ulisses, que venceu as suas provações utilizando-se da as-

---

(86) A noção de razão instrumental está desenvolvida na *Dialética do Iluminismo*, como fruto do pensamento ilustrado. Nessa obra, a racionalidade instrumental é conectada à idéia de domínio. Analisado a partir da Epopéia Grega. ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. *Dialéctica del Iluminismo*. Tradução espanhola, Buenos Aires, Editora Sur, 1971. Auerbach analisa o aspecto estático dos homens e coisas na Odisséia. Esses, quando estão em movimento, movem-se num espaço perceptível. AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura Ocidental*. Tradução portuguesa, 2a. edição, São Paulo, Editora Perspectiva, 1976, página 2.

túcia e da renúncia<sup>87</sup>. Não é casual, pois, que o primeiro expresse nas suas falas uma visão mítica e o segundo, ele próprio, seja personagem de um mito.

O ascetismo político desemboca na moderação e no senso da ordem e da estabilidade políticas. Note-se que esses atributos aparecem, em alguns discursos, conectados à idéia de civilização: "A nossa evolução de povo civilizado oferece permanentemente o exemplo de um processo de equilíbrio que, pelos métodos compreensivos da moderação e do exato sentido das coisas, forma a estabilidade das instituições e a normalidade da vida social"<sup>88</sup>. O comedimento atribuído aos mineiros é, pois, dado civilizacional, produto da vida cultural que nasceu e berçou entre as montanhas. A cultura desenvolvida

---

(87) Conforme ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. *Ibidem*, página 76.

(88) CAMPOS, Milton. *Obra citada*, páginas 212 e 213. Essa idéia encontra-se, também, desenvolvida em Tancredo Neves, para quem "ser mineiro não é ser radical, e ser radical não é ser mineiro". Entrevista de Tancredo Neves concedida a Vera Alice Cardoso da Silva e Lucília de Almeida Neves Delgado. *Obra citada*, página 103. Em Bias Fortes, que alude ao "equilíbrio e moderação da grei montanhesa". *Obra citada*, página 12. Em Juscelino Kubitschek, que considera a agitação política "sintoma de uma só e grave enfermidade". KUBITSCHEK, Juscelino. *Meu caminho para Brasília. A experiência da humildade*. 1º volume, Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1974, página 119. Em Arthur Bernardes, "rompido o equilíbrio, rompe-se o systema que é a ordem, harmonia e segurança, isto é, não mais existe governo, mas apenas um simulacio de governo". "Discurso de Arthur Bernardes em Belo Horizonte quando da volta do exílio". Reproduzido por Júlio Barata, *A palavra de Arthur Bernardes*. Rio de Janeiro, 1934, página 95. Sobre Bernardes ver: LIMA, Alberto de Souza. *Arthur Bernardes perante a história*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1983.

em Minas emerge como expressão máxima da sociedade brasileira, "que obriga o mineiro a descortinar horizontes muito mais amplos que os brasileiros de outros Estados"<sup>89</sup>. Agregue-se a isso, fatores de ordem psíquica: "que o fato do mineiro ter vivido isolado obriga o mineiro a uma introspecção profunda. Todo o mineiro é um meditativo, todo mineiro é um homem voltado para a sua interiorização ou o aprofundamento de suas forças internas, suas forças interiores"<sup>90</sup>. A introversão dos mineiros coroa a moderação e o equilíbrio, por implicar uma permanente atitude avaliadora das circunstâncias. E essa, tão pensada, natural inclinação do temperamento mineiro, aparece na visão dos políticos de Minas, de maneira altamente valorizada e até enobrecedora: "Em verdade, o meio-termo é uma posição de coragem, daquela tranqüila e determinada coragem que resulta da convicção sincera e refletida"<sup>91</sup>. O equilíbrio definidor da centralidade política transforma-se em "posição do espírito"<sup>92</sup>. Por isso, concebeu-se o equilíbrio como qualidade sobranceira, apegada "à dignidade do povo mineiro, respondendo pela sua tradicional altivez, incompatível com quais-

---

(89) Entrevista de Tancredo Neves concedida a Vera Alice Cardoso da Silva e Lucília de Almeida Neves Delgado. *Obra citada*, página 104.

(90) Idem, *Ibidem*, página 104. "O mineiro, homem sóbrio e resignado, que sabe dominar as suas inquietações com uma compostura perfeita e emocionante". KUBITSCHKE, Juscelino. "Discurso do Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira". In: *Jornal Minas Gerais*, 1 de fevereiro de 1951, página 1.

(91) CAMPOS, Milton. *Obra citada*, página 94.

(92) "O equilíbrio — O centro é a posição do espírito". CAPA NEMA, Gustavo. In: *Pensamentos*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Governo; Coordenadoria de Cultura, 1983, página 100.

quer gestos que possam degradá-lo"<sup>93</sup>.

As noções de equilíbrio e moderação não possuem, obviamente, significado político exclusivo, o mesmo não se dando contudo, com a de conciliação. Os políticos de Minas Gerais apresentam-se como artífices primorosos dos momentos de conciliação da sociedade brasileira. A conciliação política — de larga tradição no pensamento brasileiro —<sup>94</sup> apareceu no Império, ligada à figura do mineiro Honório Hermeto, Marquês de Paraná<sup>95</sup>. A conciliação, além disso, ressurgiu sempre conectada à questão da unidade nacional, quando os problemas políticos tornam-se significativamente mais espinhosos. Não casualmente, Honório Hermeto passou para a história do Império, como a figura central da arte conciliatória, entre liberais e conservadores. Euclides da Cunha menciona-o em relação aos episódios ocorridos em 1848: "e sobretudo com o Marquês de Paraná, na quadra que uma intuição de gênio resumiu na palavra

---

(93) "Discurso de Antonio Carlos em 21.05.1930". In: *A Palavra do Presidente Antonio Carlos na Campanha da Aliança Liberal*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1930, página 156. A sequência do discurso é a seguinte: "Sejamos serenos. Saibamos manter o equilíbrio de nossas vontades, para que as nossas decisões sejam justas". página 156. Nessa passagem, a aliteração de Quixote parece ligada à ponderação de Sancho. Remetemos o leitor para o Capítulo III deste trabalho.

(94) Para Michel Debrun, a conciliação é o principal arquétipo-político-ideológico-brasileiro. DEBRUN, Michel. *A conciliação e outras estratégias*. São Paulo, Livraria Brasiliense, 1983, páginas 122 e 136.

(95) Para uma análise do Marquês de Paraná: SOUSA, Otávio Tarquínio de. "Vultos do Império". *História dos fundadores do Império do Brasil*. Volume VIII, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1957; GOUVEIA, Maurílio de. *Marquês do Paraná. Um varão do Império*. 2a. edição, Rio de Janeiro, 1962.

*conciliação*: a harmonia completa dos lutadores, ultimando-se inteiramente a admirável evolução monárquica, no equilíbrio dos partidos"<sup>96</sup>. Dessa forma, na interpretação de Euclides, na política desenvolvida por Paraná a conciliação prende-se ao senso de proporção das forças em contenda, essencial ao bom andamento das instituições. A conciliação visa à permanência do poder do Estado, entendida no plano da neutralização de correntes políticas diversas. A definição da imagem conciliatória de Paraná, foi confeccionada por homens que viveram intensamente a política no período imperial. José de Alencar reportando-se à constituição do gabinete Paraná comenta: "é verdade que a tarefa do Governo era ainda mais difícil e mais delicada do que a de organizar um sistema nas circunstâncias ordinárias e aplicá-lo; porque era preciso para auxiliar essa crise salutar que se operava nas cousas, atender aos menores acidentes, conciliar tôdas as ambições, acalmar alguns despeitos, neutralizar, enfim, tôdas as causas que podiam obstar o desenvolvimento dessa transição lenta, por meio da qual o País deveria passar de um período de organização a um futuro de progresso e melhoramento"<sup>97</sup>. A conciliação afigura-se, pois, como etapa transicional, concebida para absorver as dissensões e imprescindível à tecitura de um futuro

---

(96) CUNHA, Euclides da. *À Margem da História do Brasil*. 3a. edição, Porto, Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, 1922, páginas 304 e 305.

(97) ALENCAR, José. Apud Maurílio Gouveia. *Obra citada*, página 234. Para João Camilo de Oliveira Torres, Paraná nunca foi um conciliador, mas um moderado.: "Daí têmos a organização de um governo moderado, que não seria, propriamente de conciliação". TORRES, João Camilo de Oliveira. "Paraná e a conciliação". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, nº 1, dezembro de 1956, página 95.

promissor. Produto da habilidade política pessoal, a conciliação passa a resultar das qualidades inerentes a alguns homens. Nessas ocasiões, ocorre, comumente, excessiva personalização de políticos, tidos como fundamentais à tecitura do novo pacto. Desse ponto de vista, as atitudes conciliatórias surgem envoltas no véu do conservadorismo, uma vez que a necessidade de se atribuírem todos os méritos a certas personalidades, descobre a fragilidade das instituições políticas. Ao mesmo tempo, a política — atividade coletiva por excelência —<sup>98</sup> transforma-se em seara cultivada por indivíduos talhados, por seus atributos, para uma ação efetiva. Quando ocorrem eventos dessa natureza, significa que os seres sociais foram totalmente absorvidos pelo imaginário político, uma vez que lhe é próprio o desaparecimento das fronteiras entre o individual e o coletivo<sup>99</sup>.

O discurso de Tancredo Neves, como presidente eleito pelo Colégio Eleitoral, é primoroso no sentido de explicitar a nossa análise, pois, em seus trechos mais fortes é evocada a unidade nacional, enquanto sub-produto da conciliação mineira. A urdidura da unidade nacional significa a reconstrução do Estado, no compasso da conciliação, célula-mater responsável pelo desenho da fisionomia da nova sociedade. "Dentro dessa ordem de idéias, a conciliação, construindo o entendimento,

---

(98) Hannah Arendt analisa as distinções entre o mundo público e o mundo privado. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução portuguesa, 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária, 1983, especialmente Capítulo II, "As esferas pública e privada".

(99) Conforme, GIRARDET, Raoul. *Obra citada*, página 183.

deve ser vista como o convênio a administrar a transição rumo à nova duradoura institucionalização do Estado"<sup>100</sup>. Por isso, a conciliação revela-se a mola do "entendimento entre o povo e o governo, a Nação e o Estado". O entendimento, todavia, dirige-se, primordialmente, para o Estado, para a "preservação da integridade da soberania nacionais"<sup>101</sup>. No Estado as diferenças não se erguem para serem administradas ou, mesmo, reconhecidas, contrariamente, elas se harmonizam no seu interior. Convivem enquanto partes aliadas, ajustadas e, portanto, as distinções remanesçam enquanto elos idênticos e solidários da mesma corrente, isto é, a Nação modula-se na voz do Estado. Para promover façanha dessa magnitude, exigem-se qualidades excepcionais. O locutor adquire, por isso, tom salvacionista<sup>102</sup>. "Vim em nome da conciliação"<sup>103</sup>. E, "vim para promover as mudanças"<sup>104</sup>. Assiste-se, desse modo, ao jogo da personalidade redentora ajustada ao talento de quem maneja, com maestria, a habilidade política.

A alusão ao caráter redentor do líder, torna esse discurso, peça exemplar do imaginário político. E de fato, dentre as características do imaginário político, encontra-se o

---

(100) "Discurso de Tancredo Neves, no Colégio Eleitoral". *Obra citada*, página 290. Milton Campos desenvolve a idéia da missão congregadora de Minas em prol da unidade nacional. CAMPOS, Milton. *Obra citada*, página 320.

(101) "Discurso de Tancredo Neves". *Obra citada*, páginas 294 e 296.

(102) Devo à Josildeth Consorte a idéia do caráter redentor expresso no discurso de Tancredo Neves.

(103) "Discurso de Tancredo Neves". *Obra citada*, página 292.

(104) Idem, *Ibidem*, página 295.



privilegiamento de certos períodos do tempo da memória, que são fixados de maneira sacralizada<sup>105</sup>. A unção de Tiradentes, para exercer o papel de artífice da liberdade e da nação brasileiras, possui dimensões de um intróito místico<sup>106</sup>. Paralelamente, os fatos acontecidos durante a doença de Tancredo Neves assemelham-se aos passos do calvário e, não casualmente, a figura de Tiradentes foi lembrada a todo momento. O desenlace, daqueles dias de aflição deu-se no mesmo dia da morte do inconfidente, conferindo, por si só, ao evento, forte carga simbólica e realimentando o imaginário tecido em torno da figura de um redentor. A morte de Tancredo Neves, todavia, não se encontra isenta de outros significados capazes de simbolizar, concomitantemente, a ultrapassagem da imagem mítica de Tiradentes. Apesar do inconfidente flutuar, no discurso de Tancredo Neves, como elemento fundante da nacionalidade, aparece, pela primeira vez, no mesmo, frente à exteriorização do imaginário mítico de Minas, a referência ao futuro nascido do presente e não do passado. "Assim sendo, a Pátria não é o

---

(105) Conforme GIRARDET, Raoul. *Obra citada*, página 98.

(106) A utilização de Tiradentes nas expressões políticas de Minas, não se restringe aos discursos mais conhecidos. "Era militar o primeiro mártir da República brasileira e caber-vos a honra de pisardes o mesmo chão, olhando as altivas montanhas de Minas Gerais que foram o berço da nobre revolta que se devia iniciar ao grito heróico do legendário patriota de vencer ou morrer". PINHEIRO, João. *Idéias políticas de João Pinheiro*. Obra citada, página 117. "Não foi inútil o sacrifício dos heróis e precursôres ... Não se malogrou o sonho generoso dos inconfidentes de Minas Gerais". FORTES, Bias. *Obra citada*, página 150. A reprodução iconográfica de Tiradentes assemelha-se, significativamente, à imagem de Jesus Cristo.

passado, mas o futuro que construímos com o presente"<sup>107</sup>. Essa frase pode conter o reconhecimento da complexidade atual da sociedade brasileira, quiçá, a magnitude dos problemas resultantes dessa conjuntura<sup>108</sup>. Possui, além do mais, destinatário certo: os antigos partícipes do regime autoritário. Pela disposição das frases no discurso, percebe-se que a ênfase no futuro gerado a partir do presente, já faz parte dos trilhos iniciais, despontando o tom profético no final. Junto com a acuidade da percepção de Tancredo Neves para as difíceis questões do país e com a expressão de suas alianças com setores políticos mais modernos, emerge do discurso uma forma de construção de profundo significado.

Cabe lembrar que não se encontra ausente, da fala de Tancredo, a idéia da renúncia e do sacrifício, que vigoraram até a vitória no Colégio Eleitoral: "Não foi fácil chegar até aqui. Nem mesmo a antecipação da certeza da vitória, nos últimos meses, apaga as cicatrizes e os sacrifícios que marcaram a história da luta que agora se encerra"<sup>109</sup>. A noção de sacrifício, de forte componente mítico, como vimos, liga-se

---

(107) Discurso de Tancredo Neves". *Obra citada*, página 288. Dentre os políticos mineiros, foi Juscelino Kubitschek o único a falar constantemente do futuro: "...Meus olhos se estendiam para a contemplação de horizontes bem mais amplos e recuados. Olhava para o futuro. Tentava surpreender, nas dobras dos anos, que haveriam de vir, os contornos de uma imagem diferente para o mundo..." KUBITSCHKEK, Juscelino. *Obra citada*, página 89.

(108) Estamos nos referindo, nesse passo, às profundas transformações econômicas e sociais dos últimos anos e os problemas pressupostos por elas.

(109) "Discurso de Tancredo Neves". *Obra citada*, página 290.

a uma dimensão catastrófica da história<sup>110</sup>. A validade do sacrifício repousa num universo simbólico arcaico, que intenta reforçar o coletivo contra o individual<sup>111</sup>. O que se pretende, em última instância, é impor um certo tipo de racionalidade e fazê-la predominante face às expressões divergentes. Nesse quadro, pode-se entender a conciliação, calcada em relações políticas controladas pelos vitoriosos e, por isso, distante da idéia de equilíbrio harmônico das forças sociais. De outro lado, o apelo ao sacrifício conecta-se à revivescência da imagem do salvador. Assumindo o papel de redentor, Tancredo criou um *analogon* com a trajetória de Tiradentes. E, nesse momento, concretiza-se a figura mítica do Inconfidente na pessoa de Tancredo, significando, pois, a morte desse tipo de imaginário político, senão em definitivo, pelo menos no que diz respeito ao seu poder anterior. Também por isso, a morte de Tancredo possui grande significação simbólica e assim foi percebida: "Minas não esteve indiferente a tudo isso. Uniu-se. Comandou a restauração política. Praticou a conciliação ativa. Foi decisiva na busca da renovação da nacionalidade. Sacrificou um de seus grandes. Sintetizou, uma vez mais, por anseios e atos, a alma nacional"<sup>112</sup>. Não esteve ausente, de outro lado, a percepção de epílogo, representado pela morte de Tancredo Neves: "Sobrariam... velhas lideranças políticas pela sua

---

(110) Sobre a relação entre o sacrifício e uma concepção catastrófica da história ver: ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. *Obra citada*, página 69.

(111) Idem, *Ibidem*, página 70.

(112) PIMENTA, Haydn Coutinho. "Apresentação". *III Seminário sobre a economia mineira*. Belo Horizonte, Cedeplar/U.F.M.G., 1986, página 1.

dimensão nacional, pelo seu carisma, pela sua habilidade, mas que certamente perderiam representatividade inclusive pelo seu próprio desaparecimento"<sup>113</sup>.

Nessa perspectiva, a questão fundamental da política mineira extrapola os limites regionais, porque no universo das suas práticas e das suas percepções o nacional jamais esteve ausente do horizonte. O poder do Estado afigura-se, portanto, como a miragem política dos mineiros. Honório Hermeto, além de Vasconcellos, foram no Império, políticos seduzidos pela questão do Estado. Quando Ministro da Justiça, em 1832, o Marquês de Paraná dirigiu-se aos seus pares, com as seguintes palavras: "Sim, senhores, vós tendes destruído o poder absoluto. Dêle já não restam vestígios. Resta-nos agora, para consumardes vossa obra, reconstruir o poder constitucional, armando-o de leis e instituições que lhe dêem força capaz de defender a liberdade do Império e a Monarquia Constitucional, se elas se acharem em perigo"<sup>114</sup>. Há pontos de convergência entre essa fala e o discurso de Tancredo Neves, no Colégio Eleitoral: "a primeira tarefa de meu governo é a de promover a organização institucional do Estado"<sup>115</sup>. Em si mesmas, tais expressões não ganhariam a importância que adquiriram, se não

---

(113) DINIZ, Clélio Campolina. "O paradoxo mineiro: fortalecimento econômico e enfraquecimento político". *Ibidem*, página 336.

(114) LEÃO, Honório Hermeto Carneiro. Apud Maurílio de Gouveia, *Obra citada*, página 56.

(115) "Discurso de Tancredo Neves". *Obra citada*, página 289. Uma perspectiva autoritária dessa concepção encontra-se em Francisco Capos: "Da Constituição, portanto, e somente dela, derivam as atribuições dos três poderes. O que foi conferido pelo povo não pode ser retirado pelos seus

estivessem articuladas à concepção de que Minas simboliza a nação. Nesse sentido, o pensamento sobre Minas sintetiza, magistralmente, esse princípio tão apregoadado pelos políticos : "Felizmente, desde o Império, Minas Gerais tem sabido corresponder a essas demonstrações, atuando com eleição na política nacional, visando aos interesses superiores da nacionalidade"<sup>116</sup>.

O desenvolvimento dessas construções manifesta - se no prisma da vocação de Minas e dos seus políticos para manterem as características do Brasil. Minas teria absorvido os mais genuínos valores da nacionalidade, por ser afeiçoada à tradição: "Podeis estar certos de que Minas tem como uma de suas características o culto ao passado e o apêgo às tradições... O passado entre vós vale, sobretudo, como um estímulo e as tradições são um fio invisível, mas atuante de orientação para o futuro"<sup>117</sup>. Por isso, o Estado de Minas Gerais teria preservado os atributos fundamentais do antigo Brasil ; Nem Juscelino, o político mineiro de expressão mais moderna , fugiu a esse tipo de sedução: o mineiro, "soube conservar, apesar das muitas transformações da hora presente, as qualidades mestras do velho Brasil, um vivo sentimento dos valores eternos, sem os quais tudo o mais não tem significação ou sen

---

(115) Cont.- representantes..." CAMPOS, Francisco. *Discursos parlamentares*. Brasília, Câmara dos Deputados, 1979, página 27.

(116) VALLADARES, Benedito. *Obra citada*, página 261. Esse conceito surge, às vezes, sob a idéia de que Minas ultrapassa os preconceitos regionalistas: "Todo o Brasil sabe que Minas não alimenta preocupações regionalistas, nem outro qualquer interesse senão servir à Pátria. E neste empreendimento é que reside a nossa força na comunhão

tido",<sup>118</sup>.

A incorporação política do imaginário mineiro enfatiza a dimensão da memória e, por isso, os discursos dos seus representantes possuem, no mais das vezes, tom memorialístico. Novamente, nessa passagem, Tancredo Neves é exemplar: "Nesta hora, de forte exigência interior, recorro à memória de Minas, na inspiração familiar, e na fé revelada na paz das igrejas de São-João-DeI-Rei. Tantas vezes renovada em minha vida, é a esta memória, com sua inspiração e sua fé, que recorrerei, se a tentação do desalento vier a assaltar-me."<sup>119</sup>. Memória e profetismo casam-se perfeitamente nesse discurso, que é absolutamente racional em relação à conciliação e ao projeto político que contém<sup>120</sup>. Na verdade, as atitudes conciliatórias implicam em controle absoluto da situação vivida e é nesse quadro, que se insere a habilidade política. A própria utilização do mito, faz parte integrante dessa capacidade, arditosamente concebida, de preservar lugar importante no

---

(116) Cont.- brasileira". Idem, *Ibidem*, página 245.

(117) CAMPOS, Milton. *Obra citada*, página 142.

(118) KUBITSCHER, Juscelino. "Discurso do Governador Juscelino Kubitschek de Oliveira". *Obra citada*, página 1.

(119) "Discurso de Tancredo Neves". *Obra citada*, página 295.

(120) Não há nenhuma incongruência entre o tom redentor do discurso e a presença de um projeto racional. "A concepção racional do mundo está encerrada, em germe, dentro do mito do redentor". A psicologia social das religiões mundiais". In: *Ensaio de Sociologia*. Organização e Introdução de H.H. Gerth e C. Wright Mills. Tradução portuguesa, 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1971, página 317.

nível da política nacional. Daí, a racionalidade e o pragmatismo virarem componentes essenciais das práticas dos políticos mineiros<sup>121</sup>. Provavelmente, esses dois traços advêm de uma assimilação particular do liberalismo por parte dos mesmos.

É comum afirmar-se o caráter ambíguo do liberalismo brasileiro<sup>122</sup>. Apoiado sobre uma sociedade marcada pela exclusão social e, por conseguinte, pela inexistência de cidadania, o liberalismo tornou-se apanágio dos setores dominantes, adquirindo, por essa via, caráter predominantemente conservador<sup>123</sup>. A retórica liberal, contudo, jamais esteve ausente do cenário político brasileiro, deixando entrever que ela não se constituiu em mero artifício<sup>124</sup>, mostrando-se até mesmo bas-

---

(121) Há profunda relação entre racionalidade e pragmatismo. "A paz é sempre esquiva conquista da razão política." Discurso de Tancredo Neves. *Obra citada*, página 288.

(122) Sobre a ambigüidade do liberalismo brasileiro podem se consultar, entre outros: COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*, 2a. edição, São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1979. SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977. NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As desventuras do liberalismo. Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984. DEBRUN, Michel. *A Conciliação e outras estratégias*. *Obra citada*. BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro. 1945-1965*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1981.

(123) Sobre o caráter conservador do liberalismo, no processo de formação da nação: NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Obra citada*; principalmente páginas 66 e 69.

(124) A esse respeito ver: SCHWARTZ, Roberto. *Obra citada*.

tante adequada aos projetos implementadores da conciliação nacional. A conciliação surge como uma necessidade irrevogável quando a sociedade não possui mecanismos legítimos, garantidores do fluxo normal da sucessão política ou dos momentos de transição. Por isso, o liberalismo adaptado à conciliação legítima elites políticas dissidentes, que se auto-arvoram representantes dos desígnios nacionais<sup>125</sup>. Nesse cenário, aloram-se os políticos mineiros.

O projeto de participação política de Minas, no plano federal, assentou-se numa contradição. De um lado, a perda de significado econômico do Estado, principalmente, depois do desenvolvimento da economia cafeeira em São Paulo, nem sempre se fez acompanhar de um declínio político correspondente; de outro lado, a atuação política dos mineiros que, tendem, na República Velha, a se dar de forma homogênea no plano federal, não manteve nenhuma unidade no nível estadual. Ao contrário, internamente, a política mineira segmentava-se de alto a baixo, por dissensões locais, cuja expressão mais candente incidia nos conflitos municipais, mormente, nos períodos eleitorais<sup>126</sup>. Nesse contexto, a influência política dos mineiros,

---

(125) Sobre a questão das elites políticas dissidentes e o liberalismo: DEBRUN, Michel. *Obra citada*, principalmente página 15. Segundo a análise de Vera Alice Cardoso da Silva e Lucília Almeida Neves Delgado o liberalismo de Tancredo Neves "...tem feição peculiar, adaptada ao pressuposto da excelência da conciliação". SILVA, Vera Alice Cardoso e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Obra citada*, página 34.

(126) Para a análise dos conflitos políticos municipais ver a obra clássica de: LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O Município e o Regime representativo no Brasil*. 2a. edição, São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1975.



que se respaldava, é claro, no maior colégio eleitoral do país, advinha, principalmente, da sua vinculação com o Estado Brasileiro. "Minas aceitava e, de fato, dependia da União tentando estruturar esse relacionamento com vantagens"<sup>127</sup>. Os mineiros percebiam estarem em posição subordinada frente a São Paulo e a necessidade de contornar esse declínio relativo, através das benesses do Poder Central. Minas Gerais, desse modo, "ocupava uma posição privilegiada para pedir favores econômicos ao governo federal em troca de apoio político"<sup>128</sup>. A

---

(126) Cont.- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros anseios*. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1976; PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquia (1889-1943)*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979. Para uma análise de um conflito entre coronéis mineiros: MARTINS, Rodrigo Baptista. *A Masorca. (O coronelismo e a violência no processo político brasileiro)*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1977. Para um equacionamento dessa bibliografia: MARTINS, Amilcar Filho. "Clientelismo e Representação em Minas Gerais durante a primeira República: Uma crítica a Paul Cammack". *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Vol. 27, nº 2, Rio de Janeiro, 1984, páginas 175 a 197.

(127) WIRTH, John. *O fiel da balança Minas Gerais na Federação brasileira. 1889-1937*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982, página 231. Sobre a relação clientelística do Estado de Minas Gerais com o Governo Federal: BOMENY, Helena Maria Bousquet. "A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos 30". In: *Regionalismo e Centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Coordenação de Angela Maria de Castro Gomes. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980, páginas 133 a 233.

(128) Idem, *Ibidem*, página 232.

política desenvolvida por Minas Gerais teve, portanto, caráter clientelístico, dado o tipo de vínculo que desenvolveu com o Governo Federal<sup>129</sup>. Tratou-se, em suma, de um projeto político de participação importante, porém subordinada. Na elaboração de tal projeto, mobilizou-se todo um imaginário, ofertado pelo passado de Minas. Desse vasto e precioso material medrou a concepção de que Minas continha a nacionalidade, o que correspondia, no plano do exercício político, à tentativa de exercer influência sobre o Estado. Nessa dimensão, *a mineiridade politicamente assimilada enseja um tipo de representação ideológica, que se manifesta no plano da prática dos agentes sociais*. Por isso, o componente político do mito resultou da vivência de uma crise: economia de Minas subordinada a São Paulo e incapacidade da sua classe dominante, de desenvolver um projeto político autônomo.

A ruralização da economia de Minas, durante o século XIX, florescida no terreno da decadência dos veios mineradores, poderia significar um processo de retomada, de expansão dos novos setores. Tal não aconteceu. Mesmo a economia do café, na Zona da Mata mineira, ficou longe, em dinamismo, da cafeicultura de São Paulo. Os plantadores de café de Minas ficaram à mercê do Estado, e no fim do período imperial o Banco

---

(129) Conforme FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder. Formação do patronato político brasileiro*. 4a. edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1977, página 705. SILVA, Vera Alice Cardoso. *A política regionalista e o atraso da industrialização em Minas Gerais (1889-1920)*. Belo Horizonte, 1977, (mimeografado), página 106; MARTINS, Amilcar Filho. *A Economia Política do café com leite (1900-1930)*. Belo Horizonte, U.F.M.G./PROEDO, 1981, página 133.

do Brasil concedeu moratória aos fazendeiros, cujos empréstimos superavam aos dos seus congêneres das outras regiões<sup>130</sup>. Minas Gerais se não vive, propriamente, situação estagnada, debate-se numa economia pouco ativa, sem condições de absorver os seres sociais num padrão societário dinâmico. Nesse quadro, a classe dominante em Minas vive perseguida pelo espectro da decadência, expondo a fragilidade da sua sustentação material. Quando comparada à paulista, a oligarquia mineira era "frouxamente vinculada ao sistema produtivo, e por outro, (era)... alto (o) grau de vinculação da oligarquia paulista à atividade econômica"<sup>131</sup>. Assim, dada a fragilidade da classe dominante<sup>132</sup>, desenvolveu-se em Minas, a necessidade da articulação política, para fazer frente à urgência das questões econômicas e sociais. Dessas especificidades, emergiu um tipo particular de político.

O político mineiro típico é o profissional liberal e não o fazendeiro<sup>133</sup>. Consequentemente, essa elite política era essencialmente urbana, domiciliada, predominantemente, em

---

(130) Conforme BLASENHEIM, Peter Louis. *A Regional History of the Zona da Mata in Minas Gerais, Brazil: 1870-1906*. Ph. D, Staneford University, 1982, exemplar mimeografado ,

(131) MARTINS, Amilcar Filho. *A Economia Política do Café Com Leite*. Obra citada, página 99.

(132) A elite mineira "... era... uma elite econômica conhecida não pela grande riqueza, que de fato não existia em Minas". WIRTH, John. *Obra citada*, página 122.

(133) "A predominância de advogados é óbvia. "Os fazendeiros não controlavam a política no nível mais alto". Idem, *Ibidem*, página 219.

Belo Horizonte<sup>134</sup>. As conexões entre os políticos e a classe dominante, adquiriram feição bastante mediatizada. Na análise sobre a estrutura ocupacional da política mineira, Orlando de Carvalho constatou: 1) - Crescente diminuição dos políticos ligados às atividades econômicas fundamentais; 2) - participação significativa dos profissionais liberais<sup>135</sup>. Na bancada estadual a distribuição ocupacional conforma o seguinte perfil: "as profissões liberais atingem 78% do total e os funcionários a 9,8%. Na UDN, os advogados formam 86% da bancada. No PSD, o predomínio é dos médicos, com 40%, seguidos dos advogados com 32%. Quanto aos deputados federais, "as profissões liberais alcançam a porcentagem ainda amior, de 87%. A UDN tem

---

(134) Consultar a tabela 5.4 elaborada por John Wirth. *Ibidem*, página 215. "A pirâmide oligarquica tinha no topo uma aristocracia de fazendeiros, industriais, baqueiros e comerciantes cheios de alianças e casamentos entre si. Eles eram os possuidores, os proprietários, os donos, os senhores de tudo na cidade - inclusive suas forças morais - o pensamento, a opinião, o jornal, o púlpito. Eram os titulares dos cargos públicos preenchidos nas eleições a bico-de-pena..." NAVA, Pedro. *Galo das Trevas*. Obra citada, página 302. A vida dessa elite urbana era, no entanto, sóbria: "Nas casas não havia nenhum luxo, mas sensível abundância; nenhuma etiqueta ou cerimônia, mas compostura e boas maneiras". FRANCO, Afonso Arrinos de Melo. *A Alma do Tempo*. Obra citada, página 21.

(135) CARVALHO, Orlando. "A estrutura ocupacional da política mineira". *Sociologia*. São Paulo, Volume XV, nº 4, outubro de 1953. Apesar dos dados de Orlando de Carvalho terem sido elaborados no período da democratização pós-ditadura Vargas, o perfil dos políticos mineiros não se alterou.

91% de advogados e o PDS 47%, dando aos médicos 23% de seus lugares"<sup>136</sup>. O predomínio dos médicos na bancada pessedista a testa o caráter mais clientelístico desse partido <sup>137</sup>. É Sabido que os clínicos são os caciques da política interiorana em Minas. De outro lado, a preponderância dos bacharéis na UDN remete ao caráter jurídicista do partido, encarnado em políticos, igualmente conservadores, porém de êxitos eleitorais discutíveis nos pleitos municipais. Milton Campos, entre outros, foi grande expressão dessa vertente, e as suas falas reproduzem o pragmatismo jurídico, nutrido, provavelmente, nas idéias filosóficas de James Mill e de Beutham: "que a constituição seja realmente o que deve ser... um instrumento de governo que permita, através da manutenção das instituições e da ação harmônica e independente dos poderes, a conquista da felicidade para o povo... a legalidade deve ser a única posição dos verdadeiros democratas"<sup>138</sup>.

---

(136) Idem, *Ibidem*, página 392.

(137) A esse respeito ver: MICELI, Sérgio. "Carne e Osso da Elite Política Brasileira Pós 1930". In *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Brasil Republicano, Boris Fausto (org.). Volume 3º, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1983, página 591. Essa obra contém um penetrante estudo sobre a composição da elite política. Para uma análise do PDS: HIPOLITO, Lucia. *De raposas e reformistas. O PDS e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985.

(138) CAMPOS, Milton. *Obras citadas*, página 36. Para uma análise da concepção liberal em Milton Campos: SALLES, Bento Teixeira de. *Milton Campos. Uma vocação liberal*. Belo Horizonte, 1975; MOREIRA, Vivaldi. *Milton Campos: Política e Letras*. Brasília, Senado Federal, 1972; PEREIRA, Francelino. *Milton Campos. Um homem de influência*, Brasília, Imprensa Nacional, 1972.

O perfil dos políticos mineiros aparece, assim, como singular, singularidade que se manifesta na própria dificuldade dos setores dominantes cuidarem diretamente da política. A essa fragilidade social corresponde certa independência daqueles frente aos últimos, ou, pelo menos, a existência de relações bastante mediatas entre o momento da prática política e o domínio da produção. Estabelecem-se, dessa forma, camadas superpostas do exercício do poder. No âmbito local, os chefes políticos são, predominantemente, fazendeiros, ligados nos planos estadual e federal a alguns representantes desses setores. Denominados geralmente de "coronéis", são peças importantes nos momentos eleitorais. No município, as conexões entre as atividades produtivas e a política, são claramente visíveis. Esses chefes políticos utilizam-se do controle que exercem sobre os eleitores, para anferirem vantagens de ordem material, barganhando votos pelo uso privado das instituições públicas. A "política maior" é exercida por deputados e executivos, provenientes dos quadros profissionais do Estado.<sup>139</sup> O predomínio desses "políticos ilustrados" nos cargos de maior importância, durante a Primeira República, por exemplo, criou representantes possuidores "de excelentes dotes profissionais"<sup>140</sup>, que ocupavam a presidência das Comissões legislati-

---

(139) Conforme FLEISCHER, David V. "A Cúpula Mineira na República Velha. Origens sócio-econômicas e recrutamento de Presidentes e Vice-presidentes do Estado e de deputados federais". *V Seminário de Estudos Mineiros. A República Velha em Minas*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982, página 31.

(140) Idem, *Ibidem*, página 25.

vas de relevo<sup>141</sup>. O fato não deixa de ser paradoxal, tendo em vista, a debilidade relativa da economia de Minas Gerais.

Esse conjunto de especificidades criou condições para a emergência de um político de corte profissional<sup>142</sup>, de um político que desenvolveu uma vocação política<sup>143</sup>. Político cujo prestígio se estranha no âmago da sua atuação política e percebe que o "essencial da política é a própria política"<sup>144</sup>.

---

(141) Esta elite política ilustrada, formou-se na esteira dos critérios de recrutamento usados pelo PRM, que possuía políticos que eram escolhidos, diretamente, pelo Presidente da Província. Conforme FLEISCHER, D.V. *Ibidem*, página 25. Para uma análise do PRM em Minas: RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais: O Novo RPM (1889-1906)*, Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982. Para uma análise do controle do poder político em Minas, durante o Império: HORTA, Cid Rebelo. "Famílias governamentais de Minas Gerais". *Segundo Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1956, páginas 43-91.

(142) Utilizamo-nos dessa categoria no sentido Weberiano, isto é, a partir da noção de "vocação política". WEBER, Max. "A política como vocação". In: *Ensaio de Sociologia*. Obra citada. A idéia do profissionalismo dos políticos mineiros é desenvolvida também, por: MARTINS, Amílcar Filho. "Clientelismo e representação em Minas Gerais durante a primeira república". *Obra citada*, página 196; SILVA, Vera Alice Cardoso e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Obra citada*, página 37.

(143) "Ser político é um vocação". KUBITSCHER, Juscelino. *Meu caminho para Brasília. A escalada Política*. Volume II, Rio de Janeiro, Editora BLOCH, 1976, página 149.

(144) Frase de Tancredo Neves retirada de: WEFFORT, Francisco C. "Grandeza de um conservador". *Folha de São Paulo*, 20 de abril de 1986, página 14.

Nesse quadro, o Estado e a organização do poder configuram-se fundamentais. As expressões desses políticos dirigem-se, necessariamente, para o Estado Nacional, ainda quando, nas suas diligências, visam ao regional. Daí, ser-lhes inescapável uma visão de conjunto dos problemas políticos. Nos momentos de crise e de transição, eles se tornam peças essenciais a uma sociedade na qual a conciliação é a contrapartida da inexistência de cidadania segura<sup>145</sup>. A habilidade política dos mineiros nasceu, no fundo, do trato com as questões políticas nacionais, até pela necessidade de encaminhar, adequadamente, as questões referentes ao seu Estado. Esse tipo de político profissional, que já detinha boas condições de representatividade – dado a sua origem nos segmentos intelectualizados – para desenvolver o manejo político, aperfeiçoa-o no contato com os problemas públicos. O fenômeno da representação política está, pois, no cerne da própria atividade<sup>146</sup>.

Entre a classe social e os seus representantes políticos, estabelece-se um jogo complexo, capaz de fazer despon-

---

(145) Para uma análise da conciliação. MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil. Contribuição ao Estudo da Formação Brasileira*. 3a. edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980. Sobre a conciliação na República Velha: DULCI, Otávio Soares. "As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia". *Ciências Sociais hoje*. 1984. São Paulo, Editora Cortez, 1984, páginas 7 a 32. Sobre a política de conciliação mineira nos anos 30: BOMENY, Helena Maria Bousquet. *Obra citada*.

(146) Sobre as articulações da atividade política e a representação: BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia. Uma defesa das regras do jogo*. 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1986, páginas 22 e seguintes.



tar os princípios da construção do Estado<sup>147</sup>. Nessas ocasiões, principalmente, a mineiridade é mobilizada e revive na cena social brasileira, revestindo-se de uma *missão* privilegiada, e constituindo-se em resposta política às soluções de cunho conciliatório. Através do apelo mítico cria-se uma espécie de comunhão entre o Estado e a sociedade, entre dominantes e dominados. A morte de Tancredo Neves, mostrou, por isso mesmo, enorme simbologia, acentuada pelo fato do próprio mito repousar sobre o sacrifício de Tiradentes. O tom redentor do discurso de Tancredo Neves recupera a sacralidade da imagem do Inconfidente, que passou para a história brasileira, como o homem que morreu pela liberdade<sup>148</sup>. Vida e morte emergem inde

---

(147) A natureza e constituição do Estado brasileiro vem sendo amplamente discutidos na literatura: cf LAMOUNIER, Bolivar. "Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação", In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III - *O Brasil Republicano* (sob a direção de Boris Fausto), 2º vol. Sociedade e Instituições, 2a. edição, São Paulo, Editora Difel, 1978, páginas 342-374; URICOECHEA, Fernando. *O Minotauro Imperial. A Burocratização do Estado patrimonial brasileiro no século XIX*, São Paulo, Difel, 1978; CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem. A elite política imperial*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1978; SCHWARTZMANN, Simon. *São Paulo e o Estado Nacional*. São Paulo, Difel, 1975; SAES, Decio. *A formação do Estado burguês no Brasil (1888/1891)*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985.

(148) "A civilização ocidental sempre glorificou o herói, o sacrifício da vida pela cidade, o Estado, a nação; raramente indagou se a cidade estabelecida, o Estado ou a nação eram dignos do sacrifício". MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução portuguesa, 4a. edição, Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1969, página 19.

levelmente conectadas, permitindo a Minas "continuar fiel a si mesma e ao seu destino"<sup>149</sup>. Afinal, os dois momentos ligaram-se inextricavelmente e formaram o imaginário mineiro, povoado pelos inconfidentes e por Quixotes dotados da vontade férrea de sobrevivência. Provavelmente, a verdadeira sobrevivência do imaginário mineiro esteja flutuando nas obras dos seus escritores. Minas, produtora de políticos ilustrados voltados para a preservação dos problemas nacionais, concebeu escritores com os pés imantados no seu solo, mas com mentes e olhos seduzidos, infielmente, pelos horizontes distantes.

(149) FRANCO, Afonso Arinos de Melo. "Continuidade e atualidade de políticas de Minas". In: *IV Seminário de Estudos Mineiros*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1977, página 39.

3 . O ESPAÇO DA LITERATURA

As primeiras obras produzidas nas Minas do século XVIII, já apresentam a peculiaridade de compor um perfil literário, onde os traços universalizantes manifestam-se fortemente marcados. A análise dessas particularidades ultrapassa, evidentemente, os objetivos do presente trabalho, além de ter sido admiravelmente desenvolvida, por Antônio Cândido, em a *Formação da Literatura Brasileira*. Todavia, e apenas para exemplificar, chamamos a atenção para a produção da Arcádia Mineira que contém, mormente na sua expressão lírica, os temas predominantes da poética ocidental<sup>150</sup>. Nesse sentido, as Liras de Gonzaga, por exemplo, são bastante significativas

" Tu, Marília, agora vendo  
de amor o lindo retrato,  
contigo estarás dizendo  
que é êste o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
que Cupido é deus suposto:  
se há Cupido, é só teu rosto,  
que êle foi quem me venceu"<sup>151</sup>.

O sentimento que o poeta devota à sua amada, expressa-o, através de uma imagética formada nos cânones universais. Daí, ser inquietante observar que esse amor vivido numa realidade colonial, possa ser manifestado numa linguagem, em princípio, es-

---

(150) Conforme CÂNDIDO, Antonio e CASTELLO José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira. Das origens ao romantismo*. 4a. edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971, página 130.

(151) GONZAGA, Tomás Antonio. Lira 1". In: *Obras Completas*. Edição crítica de Rodrigues Lapa, Rio de Janeiro, 1942.

tranha àquele ambiente. Apesar disso, as *Liras* de Gonzaga re-  
produzem dimensões do mundo, nas quais se inserem:

"Tu verás, Marília, com cativos  
tirarem o cascalho e a rica terra,  
ou dos cercos dos rios caudalosos,  
ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro  
do pesado esmeril a grossa areia,  
e já brilharem os granetes de orro  
no fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,  
queimar as capoeiras ainda novas,  
servir de adubo à terra a fértil cinza,  
lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes  
das secas folhas do cheiroso fumo;  
nem espremer entre as dentadas rodas  
da doce cana o sumo." 152

Todas as figuras presentes nesses versos, dizem respeito a um universo estranho à Europa, pois saíram da realidade colonial. A sequência das *Liras*, no entanto, retorna aos temas universais:

"Verás em cima da espaçosa mesa  
altos volumes de enredados feitos;  
ver-me-ás folhear os grandes livros,  
e decidir os pleitos.

Enquanto resolver os meus consultos,  
tu me farás gostosa companhia,

---

(152) Idem, *Ibidem*, "Lira 5".

lendo os fastos da sábia, mestra História,  
e os cantos da poesia.

Lerás em alta voz, a imagem bela,  
eu, vendo que lhe dás o justo aprêço,  
gostoso tornarei a ler de nôvo  
o cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,  
Marília, não lhe invejes a ventura,  
que tens quem leve à mais remota idade  
a tua formosura."<sup>153</sup>

Essa co-presença de imagens locais e externas, agasalhadas numa expressão poética com características universais, torna a literatura mineira oitocentista portadora de significado inestimável, àqueles trabalhos que buscam rastrear, como o presente, as relações entre uma determinada sociedade e o tipo de cultura por ela gerado. Tais traços poderiam ser encontrados em outros autores da mesma época, como Cláudio, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga, até o ponto deste último convidar Glaura a chegar ao verde tronco da mangueira. As *Cartas Chilenas*, semelhantemente, constituem-se num conjunto poético conclusente, do que vimos dizendo até agora. Nesse poema satírico, a mescla de imagens e forma expressiva universais com a temática local tem a força incoercível das construções fincadas na terra, mas com a frente para o além-mar; como nesses versos

"Qual negra tempestade, que carrega  
As nuvens de Copins e de Formigas,  
Que crião com as chuvas longas asas:  
Assim o nosso Chefe traz consigo

---

(153) Idem, *Ibidem*, "Lira 5".

*Arribação infame de bandalhos,*  
Que gérão também asas com a muita  
Nociva audácia, que lhes dá seu amo.  
Na corja dos marotos apparece  
*Um magriço mulato,* aquem o Chefe  
Por occultas razões estima, e preza.  
Talvez que n'outro tempo lhe levasse  
Os miudos papeis às suas damas.  
Occupação distincta, que já teve  
Um famoso Mercurio, que comia  
Sentado à meza dos mais altos Deoses.  
Deseja o nosso Chefe, que este lucre  
Quatrocentas oitavas pelo menos:  
E para que não saião do seu bolso,  
Descobre ésta feliz, a nova idéia.  
Dispõe dos bens alheios como próprios,  
No *publico Theatro de Lupesio.* 154

A dimensão universalizante da literatura de Minas, e vidente já nos oitocentos, e que se confirma nos livros de memórias, origina-se, segundo Antônio Cândido, da capacidade dos escritores mineiros se colocarem dentro de um âmbito geral, numa espécie de "projeção humanística da preocupação com o eu"<sup>155</sup>. Entender todos os aspectos intervenientes no processo

---

(154) *Cartas Chilenas. Fontes textuais.* Edição crítica de Tarquínio J.B. de Oliveira, São Paulo, Editora Referência, 1972, página 267.

(155) MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. "A autobiografia política e ficcional na literatura de Minas". *Obra citada*, página 69.

de desenvolvimento dessas potencialidades ultrapassa o escopo desta tese. Chamaremos, contudo, atenção, para determinados traços da sociedade, que se constituiu em Minas, que ofereceram, provavelmente, virtualidades para a criação de uma literatura deste feitio. Evidentemente, e utilizando um truismo, a obra literária não sendo apenas reprodução do social, não existe independentemente de seus contextos. Há situações sociais e momentos da história mais prolíficos que outros. Será esse, talvez, o caso de Minas Gerais, que ofereceu condições propícias ao aparecimento de grandes literatos, cujas obras deixaram impressões indelévels na literatura brasileira. Drummond e Guimarães Rosa constituem-se em exemplos notáveis de escritores, que entraram para a intemporalidade literária. A nossa análise, agora estará centrada, basicamente, na produção desses dois autores, onde atentaremos para os componentes importantes à caracterização das relações entre o ambiente social de Minas e as produções literárias respectivas.

Dentre os elementos que poderíamos denominar conjunturais na obra drummondiana, figura a vida cultural de Belo Horizonte nos anos vinte. Pedro Nava retorna como o mestre da narração de eventos por ele vividos: "Quando se olham os mapas históricos de Paris, vemos seu início, Lutécia, circunscrito à *cité*, à Ilha de São Luis, depois seu extravasamento nas duas margens... Mas a cidade enjamba cada limite que se lhe dá e Paris continua... Assim também Belo Horizonte. Quem caminha nas calçadas de Aimorés, Sergipe, João Pinheiro e Guajaráras, que se avizinham da Boa Viagem, está perlustrando, na *Cidade de Minas*, o que foi a *cité* para Paris. Está na Lutécia sertaneja... a Rua da Bahia. Não a Rua da Bahia de hoje.

A de ontem. A dos *anos vinte*. A de todos os tempos, a sem fim no espaço, a inconclusa nos amanhã. Nela andarão sempre as sombras de Carlos Drummond de Andrade, de seus sequazes, cúmplices, amigos, acólitos, satélites..."<sup>156</sup>. A rua da Bahia era onde as rodas de intelectuais se reuniam, aonde aqueles espíritos preocupados com a cultura e a política iam à procura de contatos que rompessem o ar modorrento da capital de Minas. Porque "Belo Horizonte era então, mais que hoje um centro meio rural. Cidade adiantada, mas sertaneja, longe do mar e das suas influências, a capital mineira realiza constantemente uma considerável imigração interna, de gente rude do campo. Belo Horizonte funcionava, e ainda funciona, como uma espécie de filho civilizador. Diferentemente das grandes metrópoles litorâneas, que se civilizam com as contribuições transatlânticas, a minha cidade era um núcleo de civilização que educava o sertanejo"<sup>157</sup>. Belo Horizonte possuía, pois, papel civilizador para mineiros oriundos dos pequenos núcleos urbanos e das zonas rurais. A nova capital começava a construir-se como polo a fornecer alguma centralidade à dispersão característica de Minas; de repente, os mineiros tinham um lugar para se fixarem; em poucos anos, a moderna Cidade de Minas começou a conviver com mentes inquietas, seduzidas pela vida que corria depois das montanhas. Nava guardou a memória desses acontecimentos: "Pelos jornais acompanhávamos o mundo daquele 1926 - dos Whirling Twenties années folles em cheio... Descobrimos que tínhamos de tomar partido em nossa terra de-

---

(156) NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Obra citada, páginas 143-144 e 145.

(157) FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *A alma do tempo*, obra citada, página 152.



pendendo também do que nos viesse do resto do mundo"<sup>158</sup>. A ainda sertaneja Belo Horizonte entrava no compasso de uma melodia, que atordoava os ouvidos de sizudos mineiros. Crescia a vida boêmia da cidade que começava a se pensar metrópole<sup>159</sup>. "Afimil chegou a hora de descermos... Aurélio, no seu dicionário, dá vinte e oito acepções do verbo descer. Não cita a vigésima nona, a que tinha curso em Belo Horizonte, a partir de dez e meia da noite. Dessa hora em diante, descer era fazê-lo para os cabarês, os lupanares - para a zona prostibular da cidade, em suma"<sup>160</sup>. Apesar do ar farfalhante que a cidade, paulatinamente, assumia, a capital mineira ainda experimentava grande apego ao gosto provinciano da vida e "as marcas daquele mundo caduco"<sup>161</sup> envolviam-na como ponto de resistência de uma atmosfera, que teimava em abandoná-la.

A roda dos intelectuais que frequentavam a rua da Bahia, composta, entre outros, por Abgar Renault, Pedro Aleixo, Gustavo Capanema, Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, João Pinheiro Filho, João Alfonsus, Mário Casassanta, Afonso Arinos de Melo Franco e Pedro Nava<sup>162</sup>, deixava entrever o significado que, no futuro, esses homens te-

---

(158) NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. Obra citada, página 322.

(159) "A Metrôpole - e diziam *Metrôpole* para machucar - atingira os oitenta mil habitantes". ANJOS, Cyro dos. *A Menina do Sobrado*. 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1979, página 237.

(160) NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. Obra citada, página 34.

(161) ANJOS, Cyro dos. *Obra citada*, página 234.

(162) Conforme, SCHWARTZMAN, Simon et alii. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984, página 23.

riam para Minas e para o país. Essas personagens reuniam qualidades intelectuais inestimáveis para a caracterização da provinciana cidade da *belle-époque* mineira. Todos eles distinguiram-se nas tarefas a que se dedicaram, constituindo-se mesmo Drummond, em poeta referencial das nossas letras. O próprio Drummond falou sobre aqueles dias, vividos de maneira inusual para a sóbria sociedade belorizontina: "Os debates versavam sobre literatura, arte, ciência, desportos, regimes políticos e alimentares, bailes, finanças, o temporal e o espiritual. Fazia-se livremente a crítica de homens e costumes. Nenhum valor era aceito por simples tradição ou presunção; tinha de ser analisado miúda e implacavelmente... Despreocupados de qualquer conveniência de partido ou indivíduo, os circunstantes tinham aquela ferocidade intelectual, espontânea e gratuita, sem a qual não medra o livre exame... Como a atitude do grupo fosse meramente especulativa, o governo sempre vigilante quanto aos fermentos da dissolução, deixava-o existir... Na realidade, porém, estes intelectuais interceptavam na rua da Bahia o trânsito ascendente para o palácio da Liberdade e; ao tropismo excessivo para o poder constituído que ameaça constituir-se em traço novo da índole montanhesa, opunham o espírito da sátira, de equilíbrio e de revisão. Tínhamos assim a rua da Bahia levando ao governo e ao mesmo tempo se afastando dele"<sup>163</sup>. Muitos desses moços que buscavam os ares da *Livraria Alves* na rua da Bahia, se tornaram, nos dias

---

(163) ANDRADE, Carlos Drummond de. Apud Simon Schwartzman et alii. *Ibidem*, página 25.

vindouros, parte do poder constituído e realizaram, na prática, um tipo de convivência que marcou a vida social das elites de Minas, qual seja o trânsito contínuo entre intelectuais e políticos. Nesse sentido, recuperaram um traço tradicional do movimento político da Inconfidência, levado a efeito por letrados absorvidos pelos problemas políticos da sua capitania. Essas relações infiltravam-se, portanto, nos ares da Belo Horizonte da época. Nava reproduz as suas experiências de relacionamento com os ocupantes do Palácio da Liberdade: No "dia seguinte, às sete e meia, no Palácio da Liberdade. Fomos... Subimos pelo velho elevador do Palácio da Liberdade, peça extraordinária da belle-époque... D. Julieta e os filhos entraram junto com dois amigos da casa, fomos para uma sala pequena de refeições que servia habitualmente à família. Era simples. D. Julieta sentou-se à cabeceira tendo à sua direita suas filhas... O Chico Pires é eu; à esquerda o marido, um amigo que percebi chamar-se Vinico, outro de que não guardei o nome e um moço que chegou depois de todos abancados e que era o José Bonifácio Olinda de Andrade (Dedê) irmão de Fábio - que ocupava a outra cabeceira. A comida era um trivial dos mais singelos, servido à mineira, as travessas e as sopeiras postas em cima da mesa. Bebida, água pura, de filtro. Sobremesa, nossa sólida goiabada de Ponte Nova com queijo de Minas. Aqueles Andradas e Araújo Lima faziam uma família sem nenhuma sofisticação -vivendo com bons modos e simplicidade"<sup>164</sup>. Percebe-se, no relato acima, que o afastamento dos intelectuais da rua da Bahia com o círculo do poder mineiro não foi absoluto, e nem se distanciaram totalmente os ouvidos dos cantos de se-

---

(164) NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. Obra citada, página 345.

dução. Apesar disso, o término da rua da Bahia na ampla praça onde se alojava o poder, não conseguiu impedir que os horizontes, divisados por esses intelectuais, não ficassem circunscritos ao ritualismo do Palácio da Liberdade. A insubmissão grassava, mas tendia a manifestar-se através da postura estética. Nessa fonte de rejeição aos cânones culturais predominantes, beberam, avidamente, os modernistas de Minas.

"Os modernistas não questionam apenas a velha ordem literária, caracterizada pelo academismo, por sua linguagem formalista, pela gravidade vazia. Questionam também o comportamento da oligarquia, notadamente o autoritarismo bernardista. Questionam o conservantismo da sociedade... Usam duas vias: a da difusão dos produtos literários provocativamente inovadores e a turbulência grupal abertamente manifestada em público"<sup>165</sup>. A geração modernista de Minas desenvolveu uma rebeldia a seu modo. No plano das ações, esses *enfants gatés* dos anos vinte, exerceram uma atitude de integração crítica da tradição intelectual de Minas, que remonta ao século XVIII e passa por Alphonsus de Guimaraens, rejeitando, paralelamente, o academicismo dominante no início do século<sup>166</sup>. Desse modo, os modernistas mineiros não romperam, *in-totum*, os elos que os ligavam ao lugar, à região, à cultura do seu Estado. Não obstante, deixaram os sentidos alertas para absorver questões

---

(165) DIAS, Fernando Correia. "Literatura E(m) mudança: tentativa de periodização". *II Seminário sobre a Cultura mineira*. (Período Contemporâneo). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1980, página 129.

(166) Conforme: DIAS, Fernando Correia. *Ibidem*, página 130.

mais amplas, e que ultrapassavam o restrito universo de Minas<sup>167</sup>. A própria Belo Horizonte era uma capital urbanística-mente moderna, mas que continha um estilo de vida provinciano, criando uma ambiência que mesclava arrojo e diferenciação ao conservadorismo unidimensional. Os jovens intelectuais da cidade transitaram nesse espaço de contradições, a tal ponto que as suas obras reverberam trinados aparentemente dissonantes. Amarrados às origens e ao mundo estrito e modorrento do seu Estado, alcançaram o feito de universalizar personagens rusticamente delicadas e provincianamente cosmopolitas, com que se enfrentavam. Revestiram a lentidão do tempo de Minas com a ebulição dos problemas febrís, próprios aos centros afluentes.

Tiveram, ao mesmo tempo, a tranqüilidade necessária — ofertada pelo ritmo pouco dinâmico de suas vidas — à absorção voraz dos acontecimentos externos. Seres bifrontes adaptaram-se, talvez por isso, perfeitamente ao exílio, mas refizeram em outros espaços e momentos os vínculos de outrora. Tornaram-se cosmopolitas, mas enterraram o coração em Minas e até nas suas pequenas cidades de nascimento. Eles foram, de fato, os "novos inconfidentes", porque realizaram, no plano da arte, a pretensão política dos rebeldes coloniais, corporificada na idéia de colocar Minas no concerto mundial. Combinaram a rusticidade dos tempos do passado, mas persistentes no presente, às dimensões mais cultivadas da modernidade. Belo Horizonte sintetizava, integralmente, união dos contrastes, o espaço de Minas Gerais. Mário de Andrade percebeu, com agudeza, a vida social da capital mineira:

---

(167) Conforme: DIAS, Fernando Correia. *Ibidem*, página 131.

"Na fazenda do Barreiro recebem opulentamente.  
Os pratos nativos são índices na nacionalidade.  
Mas no Grande Hotel de Belo Horizonte servem ã  
francesa.  
Et bien! Je vous demande un toutou!  
Venha a batata-doce e o torresmo fondant!" 168.

A junção dos contrários permanece flutuando na provinciana vida belorizontina da mocidade de Eduardo: "Você sabe, nunca falei nisso porque esperava que um dia você viesse conversar comigo... eu já sabia do seu caso com essa moça ... Acontece que essas coisas o povo fala muito, meu filho, não perdoa nada. E ainda mais se levarmos em conta a situação da moça, sua posição social..."<sup>169</sup>. Sintoma de persistência? Com certeza. Mas já agora, após a geração dos intelectuais da rua da Bahia, o tempo absorveu os eflúvios que eles deixaram pairados no ar e, "em 1944, Belo Horizonte, reviveu, com enorme intensidade, os anos heróicos do modernismo"<sup>170</sup>. A nova geração, a de 1945, pôde semear um terreno já arado. Nem por isso, ficou menos ligada ã sua terra, ou abandonou aquele conagraçamento que distinguia os membros do antigo grupo. Ao contrário, foram rebeldes de outros tempos; da insubmissão e do apego à Minas retiraram de todos os anteriores, o mesmo gosto pelo pensamento humanístico que brotou no longínquo século

---

(168) ANDRADE, Mário de. "Noturno de Belo Horizonte" (1924).  
In: *Poesias Completas*. 6a. edição, São Paulo, Livraria  
Martins Editora, 1980, página 126.

(169) SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 50a. edição. Rio  
de Janeiro, Editora Record, 1986, página 126.

(170) Dias, Fernando Correia. *João Alphonsus: Tempo e Modo*.  
Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1965.

XVIII<sup>171</sup>. Os escritores mineiros perseguiram o tempo da história de Minas, através de uma expressão literária moderna. Revisitaram, assim, conhecidas paisagens, tentando abrigar-se "numa região que realmente não se acha no espaço e sim no tempo"<sup>172</sup>. No meio do caminho, encontraram a temporalidade, essência universal da vida.

As obras de Drummond e Guimarães Rosa merecem, por si mesmas, tratamento isolado, fruto da sua inesgotável riqueza. A temática e o escopo desta tese, todavia, aconselham prescindir da ação correspondente, mesmo porque nossos modestos objetivos impõem limites naturais à interpretação em profundidade, das múltiplas facetas contidas nas mesmas. Por isso, destacaremos, da vasta produção de Drummond e Rosa, apenas alguns exemplos isolados, característicos das relações entre específico e geral, entre tempo e temporalidade. Buscamos, em suma, prescrutar a presença do imaginário mineiro em expressões norteados por princípios fundamentalmente universais.

Na poética drummondiana, como já observou Affonso Romano de Sant'Anna<sup>173</sup>, tempo e memória mesclam-se na teia criativa. Nesse sentido, a poesia de Drummond persegue fios

---

(171) Conforme DIAS, Fernando Correia. "Literatura e(m) mudança: tentativa de periodização". *Obra citada*, página 131. Sobre a dimensão humanística da literatura mineira, ver também: MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. "A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas". *Obra citada*.

(172) ANJO, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 10a. edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1979, página 71.

(173) SANT'ANNA, Afonso Romano. *Carlos Drummond de Andrade: Análise da Obra*. 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1977.

semelhantes aos dos memorialistas e dos políticos de Minas. Evidentemente, não se trata de estabelecer identidades, de igual natureza entre tipos tão diferenciados de discursos e nem de sustentar, que a obra de Drummond possui o mesmo significado das memórias e das falas políticas, mas sim apontar para o fato de que, em Minas, se formou uma constelação imaginária apoiada no tempo e na reminiscência. A memória, enquanto componente da poesia do autor, encontra-se, assim, explícita em inúmeros versos. Como nestes:

"As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas  
essas ficarão". 174

Essa visão do passado, terminado e distante, mas, que permanece na memória do autor, está conectado às suas experiências outrora vividas. E é aqui que o espectro de Minas ronda a poesia de Drummond. Em *Lição das Coisas, Terras* expressa essa ligação:

"Serro Verde                      Serro Azul  
As duas fazendas de meu pai  
aonde nunca fui  
Miragens tão próximas  
pronunciar os nomes  
era tocá-las"<sup>175</sup>.

(174) ANDRADE, Carlos Drummond de. "Memória". (Claro Enigma). In: *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1973, página 239.

(175) Idem. "Terras." (*Lição das Coisas*) *Ibidem*, página 326.



Neste poema assistimos ao aparecimento da memória em estado absoluto de pureza, pois, embora o poeta nem conhecesse em realidade as fazendas, podia tocá-las imaginariamente. A poesia seguinte, encontra inocência no passado e, de novo, o mundo rural é objeto de valorização:

"Vejo o Retiro: suspiro  
no vale fundo.  
Retiro ficava longe  
do mundo aceanomundo.  
Ninguém sabia da Rússia  
com sua foice  
A morte, escolhia a forma  
breve de um coice.  
Mulher, abundavam negras  
socando milho.  
Rês morta, urubus rasantes  
logo em concílio.  
O amor das éguas rinchava  
no azul do pasto.  
E criação e gente, em liga,  
tudo era casto". 176

A reminiscência tornada elemento importante da expressão literária em Drummond, absorve, necessariamente, a dimensão-tempo:

"Nenhum igual àquele  
A hora no bolso do colete é furtiva,  
a hora na parede da sala é calma,  
a hora na incidência da luz é SILENCIOSA  
Mas a hora no relógio da Matriz é grave  
como a consciência.

E repete. Repete.

Impossível dormir, se não a escuto.

Ficar acordado, sem sua batida.

Existir, se ela emudece.

Cada hora é fixada no ar, na alma,

continua soando na surdez.

Onde não há mais ninguém, ela chega e avisa

Varando o pedregal da noite.

Som para ser ouvido no longilonge

do tempo da vida.

Imenso

No pulso,

este relógio vai comigo."<sup>177</sup>

A solidez das horas do relógio da Matriz repercute o "tempo da vida". É o tempo maior, não fugidio dos relógios de bolso, nem mesmo o plácido tempo da parede. Tempo da consciência, enfim, entranhado por ressoar batidas sem possibilidade de interrupção. A matriz prende-se à memória, num tempo definido, mas os ecos do seu relógio ligam-se à intemporalidade da existência. O poema *O relógio* parte de uma imagem definida na reminiscência, para romper, em seguida, a demarcação convencional do tempo, conseguindo deslocar o objeto do seu lugar originário, projetando-o para o espaço do indefinível. A montagem desse poema reproduz, com mestria, o que Affonso Romano de Sant'Anna denominou por "movimento... de diástole e sístole da consciência temporal"<sup>178</sup>, na obra drummondiana.

---

(177) Idem. "O relógio." (Boitempo) *Ibidem*, páginas 370 e 371.

(178) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Obra citada*, página 85.

Isto é, o autor parte da singularidade para recriar a intemporalidade universal. Por isso, a criação de Drummond insere-se nos quadros da temática literária contemporânea, uma vez que "falta-lhes a segurança ou continuidade do universo newtoniano, tão bem medido entre a *res extensa* e a *res cogitans*. Suas vidas caracterizam-se por serem instantes mais ou menos isolados, e as figuras parecem recortadas como numa *Colage*"<sup>179</sup>. A descoberta da volaticidade da existência recoloca, nessa medida, o apego à intemporalidade, como forma de preservação<sup>180</sup>. A consciência de uma validade transcendente ao imediatamente vivido, confere dimensão trágica à expressão artística moderna, nascida do descompasso entre a ilusão de real e a essência mesma das coisas. O hiato que se estabelece entre esses dois planos da realidade, cria um distanciamento em relação ao mundo; suscitando múltiplas formas de rejeição. Nesse processo, o sentido da existência passa a ser buscado em dimensões, que se afastam do imediato conhecido. Em *A Máquina do Mundo* encontra-se explícita a consciência de um universo superior e deslocado do visível:

"a máquina do mundo se entreabriu  
para quem de a romper já se esquivava  
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se magestosa e circunspecta,  
sem emitir um som que fosse impuro  
nem um clarão maior que o tolerável  
.....  
toda uma realidade que transcende

(179) Idem, *Ibidem*, página 29.

(180) Retiramos de Affonso Romano de Sant'Anna a idéia da suspensão do tempo. *Ibidem*, página 29.

a própria imagem sua debruxada  
no rosto do mistério, nos abismos."<sup>181</sup>

O reconhecimento de uma "realidade que transcende" à própria aparência, remonta a processos de vida obscuros, sobre os quais não se exerce nenhum controle. Talvez por isso, o poeta tenha desdenhado a revelação, que se antepôs diante dos seus olhos. As imagens que lhe foram ofertadas, dizem respeito ao segredo indizível da vida e, nessa medida, a origem e a identidade do mundo flutuam na sua retina:

"olha, repara, ausculta: essa riqueza  
sobrante a toda pérola, essa ciência  
sublime e formidável, mas hermética,  
essa total explicação da vida,  
esse nexo primeiro e singular;  
que nem concebes mais, pois tão esquivo  
se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo."<sup>182</sup>

Nesses versos, a opacidade foi rompida. Em seguida, o poeta dá se conta da oferenda:

"As mais soberbas pontes e edifícios,  
o que nas oficinas se elabora,  
o que pensado foi e logo atinge  
distância superior do pensamento,  
os recursos da terra dominados,  
e as paixões e os impulsos e os tormentos

---

(181) ANDRADE, Carlos Drummond de. "A Máquina do Mundo". (Claro Enigma). *Obra citada*, página 271.

(182) Idem, *Ibidem*, página 272.

e tudo que define o ser terrestre  
ou se prolonga até nos animais  
e chega às plantas para se embeber  
no sono rancoroso dos minérios,  
dá volta ao mundo e torna a se engolfar  
na estranha ordem geométrica de tudo,  
e o absurdo original e seus enigmas,  
suas verdades altas mais que todos  
monumentos erguidos à verdade;  
e a memória dos deuses, e o solene  
sentimento da morte, que floresce  
no caule da existência mais gloriosa."<sup>183</sup>

A antevisão da origem do universo permite que se atinja os "designios dos deuses" e, nesse momento, todos os enigmas são revelados. Ora, não é outra a pretensão do pensamento mítico que se assenta sobre a explicação da origem e explicita os princípios identificadores dos seres e do mundo. Merquior considerou o lirismo filosófico de Drummond "manifestação do estilo mítico", por ultrapassar as dimensões expressivas confissionais e individualizantes<sup>184</sup>. Similarmente, as construções míticas visam ao coletivo, na medida em que tentam impor uma visão global e comum a todos os homens. Evidentemente, não se quer, com essas considerações, colocar em compartimentos iguais a poesia drummoniana e o pensamento mítico. No entanto, uma vez assumida a viabilidade de ruptura da

---

(183) Idem, *Ibidem*, página 272.

(184) Conforme MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. 2a. edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1976, páginas 194-195.

história, a mitificação desponta no universo de possibilidades. Descobrir o segredo é chegar à origem, através da revelação da essência de tudo. O que diferencia a expressão artística apoiada na intemporalidade do pensamento mítico é que a primeira emerge na esteira da negação do mundo, enquanto a segunda pressupõe a certeza, a afirmação. A intemporalidade expressiva cria obras da maior qualidade artística, por pressupor uma visão da falsidade do real<sup>185</sup>, e é isso que as torna universais. De outro lado, a identidade, nascida do pensamento mítico pressupõe a relação de equivalência entre ela e o mundo; a obra de arte, diferentemente, contradiz essa relação, ao desprezar o mundo circundante. Enquanto o mito reproduz um discurso ideológico, a expressão artística, verdadeiramente significativa, articula a utopia.

Dessa forma, não deixa de ser peculiar o fato de um poeta tão intrinsecamente mineiro, como Drummond, ter criado uma obra de significação universal. Segundo Affonso Romano de Sant'Anna, "com Drummond - diferentemente do que sucedeu com alguns poetas modernistas - ocorreu um equilíbrio entre o localismo e o universalismo. A província (Minas Gerais, Brasil) é aí apresentada não somente num tom ingênuo, mas, principalmente, através de uma perspectiva crítica"<sup>186</sup>. De fato, a dimensão ingênua manifesta-se em inúmeros poemas, entre os quais

---

(185) "Assim a transformação artística viola o objeto natural, mas o violado é, ele próprio, apressivo; assim, a transformação estética é libertação". MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. 3a. edição, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1969.

(186) SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Obra citada*, página 59.

destacariamos *Prece de Mineiro no Rio*:

"Espírito de Minas, me visita,  
e sobre a confusão dessa cidade,  
onde voz e buzina se confundem,  
lança teu claro raio ordenador." 187

Todavia, nesse mesmo poema, Minas perde concreticidade, adquirindo a dimensão etérea frutificada no solo da imaginação ultrapassadora.

"Mas abre um portulano ante meus olhos  
que a teu profundo mar conduza, Minas,  
Minas além do som, Minas Gerais." 188

A dimensão crítica do Brasil aparece, por exemplo, em Hino Nacional:

"Precisamos descobrir o Brasil!  
Escondido atrás das florestas,  
com a água dos rios no meio,  
o Brasil está dormindo, coitado.  
Precisamos colonizar o Brasil.  
. . . . .  
Precisamos educar o Brasil.  
Compraremos professores e livros,  
Assimilaremos finas culturas,  
abriremos *dancings* e subvencionaremos as elites.  
Precisamos louvar o Brasil.  
Não é só um país sem igual.  
Nossas revoluções são bem maiores  
do que quaisquer outras; nossos erros também.

---

(187) ANDRADE, Carlos Drummond de. "Prece de Mineiro no Rio."  
(A vida passada a limpo). *Obra citada*, página 304.

(188) Idem, *Ibidem*, página 305.

E nossas virtudes? A terra das sublimes pa-  
 xões...  
 os Amazonas inenarráveis... os incríveis João  
 Pessoas...

Precisamos acordar o Brasil!

Se bem que seja difícil caber tanto oceano e  
 tanta solidão  
 no pobre coração cheio de compromissos...

.....

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!

Tão majestoso, tão sem limites, tão despropo-  
 sitado,

.....

Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o  
 Brasil.

Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os  
 brasileiros?"<sup>189</sup>.

Para José Guilherme Melquior, a significação de Drummond resulta do fato de o poeta ter dirigido "o olhar do lirismo para o significado humano do estilo existencial moderno"<sup>190</sup>. No poema *Nudez*, o ser anônimo, típico das sociedades contemporâneas, busca a intemporalidade definidora da modernidade literária:

"Não cantarei amores que não tenho,  
 e, quando tive, nunca celebrei.  
 Não cantarei o riso que não rira

---

(189) Idem, "Hino Nacional." (Brejo das Almas). *Obra citada*, página 89.

(190) MERQUIOR, José Guilherme. *Obra citada*, página 244.



e que, se risse, ofertaria a pobres.

Minha matéria é o nada.

Jamais ousei cantar algo de vida:

se o canto sai da boca ensimesmada,

é porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa,

Nem sabe a planta o vento que a visita.

Ou sabe? Algo de nós acaso se transmite,

mas tão disperso, e vago, tão estranho,

que, se regressa a mim que o apascentava,

o ouro suposto é nele cobre e estanho,

estanho e cobre,

e o que não é maleável deixa de ser nobre,

nem era amor aquilo que se amava.

. . . . .

A morte sem os mortos; a perfeita

anulação do tempo em tempos vários,

Essa nudez, enfim além dos corpos,

a modelar campinas no vazio

da alma, que é apenas alma, e se dissolve."<sup>191</sup>

O homem, que brota nesses versos, vive uma trajetória comezinha, que jamais se desdobrou em grandes feitos. Não há motivos, pois, para universalizar-se na mediocridade. Por isso, nem se ousa cantar a própria vida. Aqui, explicita-se a rejeição ao mundo, presente no anseio da morte sem os mortos e na dissipação do temporal, em nome da procura fluida, porém a

(191) ANDRADE, Carlos Drummond de. "Nudez" (A vida passada a limpo). *Obra citada*, páginas 295 e 296.

única possível, da essência minimamente permitida<sup>192</sup>. Esse ser pequeno e aprisionado pela mesquinhez da vida, reencontra-se na modéstia da sobrevivência limitada. Logo, a rejeição do mundo não se faz em prol de projetos grandiosamente arquitetados.

Não há um projeto social explícito na obra de Drummond no sentido do engajamento político. Aliás, o próprio autor reconheceu a sua dificuldade em inserir-se politicamente em partidos ou movimentos: "Sou animal político ou apenas gostaria de ser?... Minha suspeita é que o partido, como forma obrigatória de engajamento, anula a liberdade de movimentos, a faculdade que tem o espírito de guiar-se por si mesmo e estabelecer ressalvas à orientação partidária. Nunca pertenceria a um partido, isto eu já decidi... Há uma contradição indissolúvel entre minhas idéias ou o que suponho minhas idéias, e talvez sejam apenas utopias consoladoras, e minha inaptidão para o sacrifício particular, crítico e sensível, em proveito de uma verdade geral, impessoal, às vezes dura, senão impiedosa. Não quero ser um energúmeno, um sectário, um apaixonado ou um frio domesticado, conduzido por palavras de ordem. Como posso convencer a outros, se não me convenço a mim mesmo?"<sup>193</sup> Essa ausência de engajamento político partidário ex-

---

(192) É possível perceber-se em *Vida Menor* a mesma problemática:  
"Não o morto nem o eterno ou o divino,  
Apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente  
e solitário vivo.

Isso eu procuro." (Rosa do Povo).

Idem, *Ibidem*, página 156.

(193) ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Observador no escritório*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1985, página 31.

pressa uma vontade de manter liberdade de ação que, no plano poético, manifesta-se sob o prisma da universalidade do ser, apesar e, como decorrência, da rejeição ao mundo. Nesse sentido, a obra de Drummond contém certa visão trágica da vida, como produto do reconhecimento da impossibilidade, talvez, de construir algo de realmente válido no mundo<sup>194</sup>. Se estamos certos, ocorreria similaridade entre a poesia drummondiana e a visão de mundo do jansenismo, analisado por Goldmann<sup>195</sup>. As saídas possíveis na poesia de Drummond expressam-se, predominantemente, na ironia, no humor e no distanciamento<sup>196</sup>. Por essa via, a temporalidade emerge conferindo caráter universal à sua obra. Não é outra, na nossa opinião, a problemática de Guimarães Rosa.

*Grande Sertão: Veredas*, expressão máxima do universo rosiano, recria na figura do sertanejo o homem universal. Riobaldo, matador e jagunço, não é, todavia, o herói coberto de certezas. Ao contrário, Guimarães Rosa transformou a sua personagem principal, num homem ocupado pela dúvida permanente<sup>197</sup>. A frase ontológica, repetida incessantemente pelo jagunço, "viver é muito perigoso", diz respeito à impossibilida

- 
- (194) José Guilherme Merquior, argutamente, chama a tenção para o niilismo da obra de Drummond, que, "não passa, no fundo, de uma estratégia intelectual radicalmente lúcida e liberadora". *Obra citada*, página 244.
- (195) Sobre a visão trágica jansenista presente numa atitude de rejeição do mundo, ver a obra clássica: GOLDMANN, Lucien. *Le dieu Caché. Etude sur la vision tragique dans les Pensées de Pascal e dans le théâtre de Racine*. Paris, Gallimard, 1959.
- (196) Para uma análise do humor em Drummond: MERQUIOR, José Guilherme. *Obra citada*. Para esse autor, "o humor, opondo-se ao patético, corrói o drama". página 224. A pro-

de de deciframento do enigma. A sensação de incompletude e de fluidez da vida acompanha as falas da personagem: "Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou"<sup>198</sup>. Se tudo é mutável, não há como se fixar nesse mundo, a sua riqueza enseja a volatilidade da existência. Daí, a realidade assume feição definida, transitória, rompendo a concretude do espaço-sertão. Exatamente, "a fluidez do real leva o espírito a ir além da aparência; buscando "não o caso inteirado em si, mas a sôbre-coisa, a outra coisa"<sup>199</sup>.

A dúvida existencial exprime-se na incapacidade de Riobaldo articular um projeto definido. O projeto encarnado em Diadorim assusta Riobaldo, que medita sobre a sua própria impotência: "Diadorim só falava nos extremos do assunto... E eu

- (196) Cont.- blemática do distanciamento expressa-se na problemática do *gauche*, primorosamente analisada por Affonso Romano de Sant'Anna. *Obra citada*, especialmente parte 2.
- (197) A dúvida existencial de Riobaldo encontra-se sugerida na análise de Antonio Cândido: CANDIDO, Antonio. "O homem dos avessos". In: *Tese e Antítese*, 3a. edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978, página 137.
- (198) ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, 19a. edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984, página 21.
- (199) CÂNDIDO, Antônio. "Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa". In: *Vários Escritos*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1970, página 170.

tinha medo. Medo em alma. Não respondi. Não adiantava. Diadorim queria o fim. Para isso a gente estava indo"<sup>200</sup>. Riobaldo segue o companheiro, porque se sente preso a um destino, contra o qual não adianta resistir, perdendo o autogoverno: "O que era isso, que a desordem da vida podia sempre mais do que a gente?"<sup>201</sup>. O mundo caótico, transformado e incontrolável pelo "diabo na rua, no meio do redemoinho". Esse é o sertão de Riobaldo, "nos gerais confins"<sup>202</sup>. O espaço da dúvida e da constante transitoriedade expressas, magistralmente, nessas frases: "O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?! ... Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia"<sup>203</sup>. O homem verdadeiro é, pois, o homem do eterno percurso, o ser que não se fixa, personagem de passagem. Dessa forma, o mundo pintado por Guimarães Rosa excede a capacidade humana de controlá-lo, fazendo de Riobaldo um herói falhado, isto é, um anti-herói. Nesse passo, as personagens tecidas por Drummond e Rosa tocam-se, compartilhando da mesma ambigüidade, definida pela presença - ausência no interior do mundo. Esclarece-se, assim, o significado da frase de Riobaldo, "o sertão é o mundo"<sup>204</sup>.

(200) ROSA, João Guimarães. *Obra citada*, página 28.

(201) Idem, *Ibidem*, página 331.

(202) Idem, *Ibidem*, página 178.

(203) Idem, *Ibidem*, páginas 567 e 568.

(204) Walnice Galvão analisa a presença em *Grande Sertão: Veredas* de conjuntos dentro de outros. GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso. Um estudo sobre a ambigüidade em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972, especialmente capítulo 9. A frase "o sertão é o mundo" atesta essas superposições. Janine Potelet, comentando as obras dos viajantes sobre o Brasil, chama a atenção

Segundo Antônio Cândido, "nesta grande obra combinam-se o *míto* e o *logos*, o mundo da fabulação lendária e o da interpretação racional, que despertam a mente de Riobaldo, nutrem a sua introspecção tateante e extravassam sobre o sertão"<sup>205</sup>. A estrutura mítica de *Grande Sertão* prende-se ao caráter épico do relato, corroborado pela dimensão memorialística. De fato, em *Grande Sertão* não se encontra ausente a epopéia de cunho memorialístico que, no entanto, perdeu a grandiosidade das personagens movidas pela unidimensionalidade da certeza. A dúvida de Riobaldo constitui-se numa desconfiança movida pela desacralização do mundo. Em essência, Riobaldo não é homem impelido ao sacrifício; mal ou bem, acaba reconstituindo a sua vida. Por isso, *Grande Sertão* diferencia-se das epopéias clássicas, uma vez que a racionalidade intromete-se no interior da obra, desmistificando o mundo. De outro lado, a presença de um destino pujante inviabilizando a realização da escolha pessoal, possui características épicas. Mas o reconhecimento da inviabilidade da vontade cria a aporia existencial. Nessa medida, a visão de mundo manifesta na obra, distancia-se das concepções ideológicas, apoiadas na idéia da autorealização individual. O homem ativo e dominador do mundo encontra-se ausente de *Grande Sertão: Veredas*, tornando o livro uma expressão afastada do conceito burguês de vida. A obra é crítica, desse ponto de vista, porque a personagem se submete aos princípios

---

(204) Cont.- para a dificuldade desses nomes em circunscrever o sertão. Conforme POTELET, Janine. *Le Brésil vu par les voyageurs français 1816-1840. Temoignages et Images*. Thèse pour le doctorat d'Etat. Université de Paris X, páginas 289-290.

(205) CÂNDIDO, Antônio. "O homem dos avessos". *Obra citada*, página 139.

imanentes do mundo ou à "desordem natural das coisas, que é a sua ordem recôndida"<sup>206</sup>. Assim, o projeto é inexistente, uma vez que o controle sobre a realidade escapa à moldagem dos homens, impossível, portanto, de ser transmitido<sup>207</sup>.

A intransferibilidade do projeto como fruto de circunstâncias incompreensíveis está tematizada em *A Terceira Margem do Rio*. Pensamos localizar nesse conto de difícil entendimento, semelhanças com a problemática de Grande Sertão<sup>208</sup>. Em primeiro lugar, sublinharíamos a dificuldade de controlar e compreender o sentido dos acontecimentos: "A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade"<sup>209</sup>. A impotência frente ao mundo, aí manifesta, repõe a hesitação, a ambigüidade: "Sou doido? Não... Ninguém é doido. Ou, então, todos"<sup>210</sup>. A personagem inquire-se tal como Riobaldo, que se pergunta sobre a existência do diabo. Semelhantemente a Riobaldo, o filho tentando seguir o projeto do pai, desemboca no medo: "*Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora,*

---

(206) GALVÃO, Walnice Nogueira. *Obra citada*, página 130.

(207) Para Heitor Martins, a obra de Guimarães Rosa é anti-progressista. MARTINS, Heitor. *Do barroco a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1983, página 30.

(208) Advertimos o leitor que fazemos uma leitura bastante livre do conto. Temos consciência da dificuldade de compreender os múltiplos significados aí presentes. "Para escrever a respeito dessa estória, seria necessário uma mão iluminada como a de Guimarães Rosa". GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mitológica Rosiana*. São Paulo, Editora Ática, 1978, página 40.

(209) ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do Rio." In: *Primeiras estórias*. 12a. edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1981, página 29.

(210) Idem, *Ibidem*, página 31.

o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas as vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa! ...E eu estremeci profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me atirei de lá, num procedimento desatinado" <sup>211</sup>. Trânsito de medo a personagem recua, impossibilitado de completar o projeto e pergunta-se: "Sou homem, depois desse falimento?"<sup>212</sup>. A impotência diante do inusitado e do incontrollável registra o poder do mundo sobre os homens. Em *Grande Sertão: Veredas* o sertão é o mundo; em *A terceira margem do Rio* a torrente das águas define o mundo. Em ambos, a intemporalidade da travessia. Nos dois, a mesma dimensão mítica corporificadas no sertão e no Rio<sup>213</sup>. Se *Grande Sertão* "tematiza o tempo, numa figuração da temporalidade"<sup>214</sup>; *A terceira margem do Rio* não opera de forma diferente<sup>215</sup>.

---

(211) Idem, *Ibidem*, páginas 31 e 32.

(212) Idem, *Ibidem*, página 32.

(213) Para Benedito Nunes, "o pensamento poético de *Grande Sertão: Veredas* – está na juntura da temporalidade, que nos redime da pura sucessão, e do destino, desdobrando em contingência: a *Travessia* no mundo, o sertão mítico, sob a paciência de Deus e a impaciência do Diabo". NUNES, Benedito. "A Matéria Vertente". In: *II Seminário de Ficção Mineira. De Guimarães Rosa aos nossos dias*. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983, página 23.

(214) Idem, *Ibidem*, página 18.

(215) Na interpretação de Walnice Galvão, "a estória de Guimarães Rosa habitualmente desbanaliza o lugar-comum das duas margens, a da vida e a da morte, introduzindo uma



Em *A hora e vez de Augusto Matraga*, Guimarães Rosa reassume o caráter conjuntural e cíclico da existência<sup>216</sup>. O episódio da partida de Dionôra com o seu Ovídio esclarece a dimensão conjuntural: "— Dionôra, você vem comigo... Ou eu saio sôzinho por êsse mundo, e nunca mais você há-de me ver! Mas Dona Dionôra foi tão pronta, que êle mesmo se espantou"<sup>217</sup>. A vida de Dionôra definiu-se naquele instante transitório, fugaz, não resultando de um projeto claramente arquitetado. Em contrapartida, a vida de Matraga fecha um círculo perfeito, a altivez, a decadência e a retomada, como se ele tivesse um destino a cumprir. A recuperação, todavia, dá-se num estilo diverso ao ponto de partida; o tempo vivido interpunha-se entre os dois momentos: "Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem Bem!... Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso; não me fale nisso mais..."<sup>218</sup>. A travessia da vida transformou-a personagem, agora marcado para sempre, pelo caminho que percorrera. O desenlace da existência de Nhô Augusto

- 
- (215) Cont.- terceira margem. As duas margens do rio situam-se em firmes e reconfortantes coordenadas de tempo e espaço; a terceira escapa para uma dimensão desconhecida". GALVÃO, Walnice Nogueira. "Do lado de cá." *Obra citada*, página 38. A ruptura da demarcação espaço-temporal pressupõe recriar a complexidade do universo e assumir a dimensão indefinida da vida.
- (216) ROSA, João Guimarães. "A hora e vez de Augusto Matraga." In: *Sagarana*. 17a. edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1974.
- (217) Idem, *Ibidem*, página 331.
- (218) Idem, *Ibidem*, página 365.

cumpriu o ciclo, quando o destino o redimiu na morte. A metáfora da vida transitória encontra-se explícita no episódio da morte de Joãozinho Bem-Bem. Matranga não projetou a luta, ao contrário, tentou evitá-la e só se decidiu diante do inevitável. Joãozinho Bem-Bem, semelhantemente, resistiu até o movimento do não retorno: "Joãozinho Bem-Bem se sentia prêso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa, e êle nesse ponto era bem-assistido, sabendo prever a viragem dos climas e conhecendo por instinto as grandes coisas"<sup>219</sup>. Em ambos, a mesma presença da vida contingente, dos minutos nos quais o mundo se transforma<sup>220</sup>.

As obras de Guimarães Rosa, analisadas acima, parecem possuidoras de uma reflexão comum: o caráter contingente e transitório da vida, a inexistência de uma antevisão do futuro, visto que os homens não detêm a lógica do mundo, e nem o subordinam. Por isso, a saga de Riobaldo e de Matranga implicou em subordinação aos ditames do tempo. A personagem de *Grande Sertão: Veredas* toma, no fim, consciência do império do tempo sobre os homens: "Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor..."<sup>221</sup>. A submissão ao tempo tornando-se um dos elementos fundantes dessas obras, converteu-as em expressões de grandeza universal. Nesse passo, tecem-se relações entre o tempo histórico de Minas e a temporalidade da produção literária desses escritores mineiros.

---

(219) Idem, *Ibidem*, página 367.

(220) Fábio Lucas observou as mesmas características nos romances de Autran Dourado: Estabelece-se "um mosaico de situações dramáticas associadas por invisíveis cordões que o acaso ou o destino vão tecendo." LUCAS, Fábio. "A ficção de Fernando Sabino e Autran Dourado". In: *II seminário de Ficção Mineira*. Obra citada, página 184.

(221) Idem, *Grande Sertão: Veredas*. Obra citada, página 565.

Vimos que a construção mítica sobre Minas pressupõe a criação de elos indissolúveis entre o passado e o futuro. Nesse sentido, o pensamento mítico opera a anulação do tempo, que é sempre presente, ao urdir fios de continuidade entre momentos há muito consumados e os anos vindouros. O tempo é permanente no mito, por causa da sacralização do passado que se pretende reviver no futuro. Analisamos as conexões entre o pensamento da mineiridade e o tempo histórico efetivo de Minas. A face modorrenta da sociedade mineira resulta, assim, de uma longa duração temporal, atestando a incapacidade de gerar rupturas, ou de promover novos momentos históricos.

Do ponto de vista da classe dominante mineira esse marasmo significou permanente tendência à flutuação social, tendo em vista a incapacidade de promover saídas para contornar a crise. Enfim, não se gestam novos projetos integradores, resultando numa atitude de estranhamento diante do mundo, fruto da impossibilidade de exercer controle sobre a própria trajetória. A vida, nessas circunstâncias, vira travessia e resignação diante dos acontecimentos. A decadência cria o anti-herói<sup>222</sup>.

Em outro prisma de considerações, caberia ressaltar, que a expressão da mineiridade assume e integra o nacional. Projeta-se no conjunto, oferecendo identidade aos mineiros e aos brasileiros. Nesse ponto, cruzam-se a construção da mi-

---

(222) O anti-herói, enquanto personagem literária, compõe as figuras de *O Cabo das Tormentas*. FRIEIRO, Eduardo. *O Cabo das Tormentas*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981. Biografias de escritores mineiros podem ser encontradas em: OLIVEIRA, Martins de. *História da literatura Mineira. (Esquema de interpretação e notícias bibliográficas)*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1963.

neiridade e as visões elaboradas sobre a cultura brasileira, perseguida pela busca da identidade. Existe, então, um eixo comum entre a mineiridade e a temática fundamental do pensamento brasileiro. Em suma, a subcultura mineira ao extrapolar o regional, enseja a viabilidade da resolução desse problema recorrente.

Nesse nível de reflexão, a obra dos escritores mineiros projeta a ultrapassagem do dilema, uma vez que a literatura de Minas transforma o local em universal<sup>223</sup>. Semelhantemente, o regionalismo só pode afirmar-se na medida em que cria o nacional no qual se insere. Assim, a homologia entre essas duas faces da mesma expressão cultural mineira fica a descoberto. O lado político do imaginário de Minas revela a dimensão claramente ideológica; a manifestação literária erige

---

(223) Se observarmos a obra poética de Alphonsus de Guimarães, perceberemos a mescla entre local e universal. Alphonsus, poeta totalmente provinciano, é das expressões máximas do simbolismo brasileiro. GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesias*. Edição dirigida e revista por Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1938. Cronistas e contistas mineiros exprimem a mesma combinação. A esse respeito ver: *Crônicas Mineiras*. São Paulo, Editora Ática, 1984; *Histórias Mineiras*. São Paulo, Editora Ática, 1984; *Contos Mineiros*. São Paulo, Editora Ática, 1984. Para uma análise do conto em Minas: PRADO, Antonio Arnoni. "Sobre a situação do Conto em Minas." In: *II Seminário de ficção Mineira*. Obra citada, páginas 81-97; ARRIGUCI, Davi. "Minas. Assombro e Aneotas. (Os contos fantásticos de Murilo Rubião)". *Ibidem*, páginas 41-66. Para uma interpretação do romance mineiro atual: LAFETÁ, João Luiz. "O romance atual (Considerações sobre Oswaldo França Jr., Rui Mourão e Ivan Ângelo)". *Ibidem*, páginas 197-219.

a possibilidade de superação ideológica ao inserir-se no universo cultural moderno. A literatura é, pois, o ponto máximo de desenvolvimento do imaginário mineiro; nascida e nutrida no "drama histórico" de Minas Gerais, expresso na incapacidade de mudança das condições objetivas de vida<sup>224</sup>. A persistência histórica fez dos mineiros homens submetidos ao signo do provisório:

"A casa foi vendida com todas as lembranças  
todos os móveis todos os pesadelos  
todos os pecados cometidos ou em via de cometer  
a casa foi vendida com seu bater de portas  
com seu vento encanado sua vista do mundo  
seus imponderáveis  
por vinte, vinte contos"<sup>225</sup>.

---

(224) Buscamos relações de homologia e não de derivação mecânica entre a obra literária e a sociedade. "A obra literária não é apenas a expressão duma situação histórica objetiva que a orientaria e destinaria em definitivo... como se sabe, ultrapassa tal determinação". MACHEREY, Pirre. *Para uma teoria da produção literária*. Tradução portuguesa, Lisboa, Editorial Estampa, 1971, página 70. No entanto, como o centro desse trabalho é a compreensão de uma determinada sociedade, e não da literatura em si, o enfoque privilegiado pode ser o social. A literatura, para nós, constitui-se em fonte importante à apreensão de um certo tipo de sociedade. Sobre a literatura enquanto fonte de análise ver: LE GOFF, Jacques. "Les Mentalités. Une histoire ambiguë". In: *Faire de l'histoire. Nouveaux Objets*. Vol. III. Paris Gallimard, 1974.

(225) ANDRADE, Carlos Drummond de. "Liquidação". (Boitempo). In: *Poesia completa e prosa*. Obra citada, página 380.

Por isso, puderam encarnar a "solidão de milhões de corpos nas casas, nas minas, no ar"<sup>226</sup>.

(226) Idem. "América." (Rosa do Povo). *Ibidem*, página 194.

C O N S I D E R A Ç Õ E S

F I N A I S

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Difícil recompor o longo caminho percorrido nesta tese. Refazer todos os passos, relacionar todos os momentos analíticos, dar forma final ao já construído, além da incoerência, infundiria em nós e, talvez, no leitor, uma sensação de inútil redundância. Relembramos, no entanto, de forma abreviada, as vias fundamentais do trabalho.

Partimos da caracterização do regional, destacando o modo como foi percebido e analisado pela historiografia. Rastreamos suas linhas mestras, tentando compreendê-las em cada ângulo da construção do objeto. Chegamos a delinear a presença de concepções diferentes a respeito do regionalismo. O regional que fluía das obras consideradas, estava longe de configurar uma explicação consensual e, por isso, deixava a descoberto certas questões fundamentais das Ciências Humanas. De fato, a inexistência de concordância conceitual resultava da própria complexidade da história e da dificuldade de apreendê-la na sua inteireza. Frequentemente, o privilegiamento de certas dimensões do real, faz negligenciar aspectos igualmente significativos que, uma vez abandonados, criam fendas desagregadoras na estrutura do conjunto analítico.

Das visões derivadas da análise historiográfica, passamos às imagens, emitidas pelo Brasil, recolhidas na rede da sensibilidade romântica. Mostramos as mudanças dessas impressões, na literatura de viagens do século XIX. Não casualmente, os novos viajantes encontram-se inseridos na base da construção do mito, uma vez que a mudança na maneira de olhar o Novo Mundo, desdobrou-se numa perspectiva mais generosa do



Brasil, imprescindível ao imaginário mítico. O princípio da identidade pressupõe uma visão positiva, e não negativa. Impensável construir-se a identidade sobre concepções detratórias.

A coerência entre a sensibilidade romântica e a gênese do pensamento mítico mineiro, salienta-se na alusão às personagens da novela Cervantina. Quixote e Sancho simbolizando a decadência do estilo de vida cavalheiresco, definem a situação das Minas nos inícios dos oitocentos, sob o impacto do declínio evidente. A longa agonia da mineração adentra o século XIX. Reviver, imaginariamente, um ideal nobre, expressa a vontade de preservar um passado percebido, apenas, nas suas centelhas luminosas. A recorrência aos setecentos fez-se necessária, como configuração da base original dos mineiros.

Os inconfidentes, dourados na imersão das Minas, surgem em cena como personagens de uma tragédia, mas promovendo, no último ato, a redenção dos brasileiros, porque conformaram a nacionalidade. Em consequência, a descendência deles gerada dotou-se de qualidades superiores. Filhos cultos e devotados aos ideais democráticos possuíam, como se não bastasse, gentileza, sobriedade, lhanza no trato. A arquitetura mítica, nesse passo, entra em processo de acabamento. Reviver tais atributos, é reforçar virtualidades esboçadas no pensamento mítico.

Localizamos o ritualismo mineiro através de sua dimensão integradora, no âmbito da confraria mineira. De outro lado, expusemos a sua face política, voltada para o conjunto do país. Convencidos da superioridade da sua índole, os mineiros reafirmam-na no contexto nacional. Ritualisticamente tra-

balhado, o imaginário mineiro abriu espaços para a codificação. Desponta, aqui, a mineiridade revigorada pela seiva que percorreu o corpo do mito, permitindo-lhe alçar-se as alturas das grandes edificações. Apresentada como símbolo da nacionalidade, Minas ensejou a missão de representar o Brasil. Entender porque papel dessa magnitude. pôde ser-lhe atribuído, norteou as nossas reflexões seguintes.

Perscrutando, desse marco, o tempo histórico de Minas e as imagens dele forjadas, refizemos as etapas essenciais de sua história, na tentativa de recuperar o lento ritmo. A vida material e a sociabilidade daí resultantes, ofereceram apoio histórico à emergência simbólica da mineiridade. Reversivamente, a apropriação do imaginário mineiro, revelava-se nas práticas sociais dos agentes históricos. As ações tecidas no passado reverberam nos atos do presente, abrindo espaços para o nascimento da memória de Minas.

Memorialismo, política e literatura apareceram como dimensões — inextricavelmente ligadas, mas também exclusivas — da realidade mineira. As memórias, de cunho universalizante, ofereceram poderosos contributos à nutrição do imaginário mineiro. Os políticos mobilizaram a memória do passado, no exercício de suas práticas, enquanto lídimos portavozes de uma história transformada em tradição inquestionável. Os escritores mineiros amarrados à origem, construíram uma expressão literária universal. A absorção do imaginário na obra literária desses escritores, não impediu que a "direção do olhar" voltasse para espaços indivisíveis. Ponto máximo de desenvolvimento do imaginário, a literatura aponta para a superação deste, ao conformar uma problemática humana transcendente. Nesse

momento, Minas ultrapassou seus limites e perdeu o caráter de finido no prisma do regional.

Saimos da caracterização do regional e a ele, agora transfigurado, chegamos no fim do trabalho. Após essa longa viagem de reconstrução do imaginário mineiro, percebemos que havíamos perdido a Minas regional, transformada em parte integrante de um mundo que extravasou suas fronteiras. De fato, construímos e analisamos um objeto movido pelo enleio da procura e da descoberta. Da autodescoberta, também. Mas, principalmente, pela vontade de recompor uma memória que parece caminhar para o desenlace. Nessa trajetória, fomos, muitas vezes, sucumbidos pela sedução do tema. Em outros momentos, lutamos vigorosamente contra ele, tentando emergir e chegar à superfície. Se obtivemos êxito, o tempo o dirá, e rendemo-nos à inevitabilidade da contingência humana. Cabe ressaltar, todavia, que a paixão nos envolveu na voracidade dos seus sentimentos contraditórios. Consolamo-nos com as palavras de Alain Besancon em *Histoire et experience du moi*: "A história é feita tanto de razão quanto de paixão:" E com as de Jean Starobinski em *La litterature - le texte et l'interprete*: "Ora, estes meios - linguagem e pensamento, conceitos e métodos - que são eles? São os "objetos" do passado tornados nossos através da interpretação dos nossos antecessores; dos quais nós somos, agora, herdeiros mais ou menos satisfeitos".

B I B L I O G R A F I A

I - VIAJANTES

- AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elizabeth Cary - Viagem ao Brasil. (1865-1866). Tradução portuguesa, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.
- ASSIER, Adolphe, d' - Le Brésil Contemporain - Races - Moeurs - Institutions - Paysage. Paris, Duranol et Lauride Lebraires, 1867.
- BURTON, Richard - Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho (1868). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- \_\_\_\_\_ - Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico. Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- CALDLEUGH, Alexander - Travels in South America during the years 1819, 20, 21; Containing on account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile. London, John Murray, 1825.
- DENIS, Ferdinand - Brasil (1816 -1831). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- FREIREYSS, G. M. - Viagem ao Interior do Brasil (1814). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1982.
- GARDNER, George - Viagem ao Interior do Brasil (1836-47). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- JACOB, Rodolpho (org.). - Collectanea de Cientistas Estrangeiros (Assumptos Mineiros). Publicação do Centenário de Minas Gerais, Volume I, Mawe e Eschwege. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1922.

- MATOS, Raimundo José da Cunha - Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas e Goiás. Rio de Janeiro, Typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Ca., 1836.
- MAWE, John - Viagens pelo interior do Brasil (1808-1809). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- ORBIGNY, Alcide, d' - Viagem Pitoresca através do Brasil (1826). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PARANAGUÁ, Joaquim Nogueira de - Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo Interior do Paiz. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1905.
- RIBEYROLLES, Charles - Brasil Pitoresco. Tradução portuguesa, São Paulo, Livraria Editora Martins, 1941.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de - Viagem às Nascentes do Rio São Francisco (1816-1822). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- \_\_\_\_\_ - Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais (1816-1822). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- \_\_\_\_\_ - Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil. Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- \_\_\_\_\_ - Segunda Viagem do Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo (1822). Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SPIX, J. B. e MARTIUS, K. Ph. - Viagem pelo Brasil (1817-1820).  
Tradução portuguesa, Belo Horizonte, Editora Ita  
tiaia; São Paulo, Editora da Universidade de Sã  
Paulo, 1981.

WELLS, James W. - Exploring and Travelling three Thousands Miles  
Trough Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão (1885). Lond  
on, Sompson Low, Manston, Seane & Rivington, 1886.

II - MEMORIALISTAS

- ALMEIDA, Maria Stella Vargas de - Pesadelo que Dura... Juiz de  
Fora, ESDEVA, 1984.
- ARNO, Ciro - Memórias de um estudante. 2ª edição, 1885-1906.
- ARREGUY, Maria da Glória D'Ávila - Memórias de uma professora. Be  
lo Horizonte, 1956.
- BARROS, J. Wanderley C. - Memórias de um prefeito do interior. Belo  
Horizonte, Imprensa Oficial, 1979.
- BENEDITA, D. - Memórias de uma professora primária. Belo Horizonte,  
Imprensa Oficial, 1970.
- BRAGA, Belmiro - Dias idos e vividos. Rio de Janeiro, Oficina  
Gráfica Renato Americano, 1936.
- CARDOSO, Lúcio - Memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
- CAPANEMA, José - Oh! Dias da minha infância! Editora Littera Ma  
ciel, 1979.
- CARVALHO, Daniel - De outros tempos. Rio de Janeiro, Editora Jó  
sé Olympio, s.d.
- \_\_\_\_\_ - Capítulos de memórias. Rio de Janeiro, Editora José  
Olympio, 1957.
- DIAS, Rodrigues - Recordações dos tempos idos. Renovar... é viver.  
Belo Horizonte, Editora São Vicente, s.d.
- GUIMARÃES, Honório - Por lareiras onde me aqueci Ou Romance de minha  
vida. Belo Horizonte, Gráfica Beiner, 1945.
- LIMA, Renato Augusto de - Memórias de um delegado de polícia. Belo  
Horizonte, 1972.



- MACHADO, Paulo M. - Menino Feliz. Belo Horizonte, Edições Movimento Perspectiva, 1965.
- MELLO FRANCO, Afonso Arinos - A Alma e o Tempo. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1983.
- MENDES, Murilo - A idade do Serrote. Rio de Janeiro, Editora Sabiá, 1968.
- MOREIRA, Vivaldi - O menino da mata e seu cão piloto. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1981.
- MORLEY, Helena - Minha vida de menina. 7ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1963.
- NAVA, Pedro - Baú de Ossos. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983.
- \_\_\_\_\_ - Balão Cativo. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1974.
- \_\_\_\_\_ - Chão de Ferro. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1976.
- \_\_\_\_\_ - Beira Mar. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1978.
- \_\_\_\_\_ - Galo das Trevas. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1981.
- \_\_\_\_\_ - O Círio Perfeito. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983.
- NEVES, Libério - Pequena memória de Terra Funda. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.
- NEVES, Waldemar - Um advogado af pelos Sertões. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1966.

- RACHE, Pedro - Homens de Ouro Preto. Memórias de um estudante. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho Editor, 1954.
- RANGEL, José - Como o tempo passa... Rio de Janeiro, 1940.
- RESENDE, Antonio de Lara - Memórias. De Belo Vale ao Caraça. Belo Horizonte, Edição do Autor, 1970.
- \_\_\_\_\_ - Da Serra do Caraça à Serra do Véu de Noiva. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972.
- RESENDE, Enrique de - Estórias e Memórias. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1970.
- RIBEIRO, Arinos - Memórias de um mineiro sexagenário. São Paulo, Editora Martins, s.d.
- RIBEIRO, Firmino Matias - Memórias de um lavrador farmacêutico. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1975.
- SANTOS, Luiz Gonzaga dos - Memórias de um carpinteiro. Belo Horizonte, Editora Bernardo Alvares, s.d.
- VASCONCELLOS, Salomão de - Memórias de uma república de estudantes. Belo Horizonte, s.d.

III - LITERATOS

ANDRADE, Carlos Drummond de - Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro, Aguillar Editora, 1973.

\_\_\_\_\_ - As Impurezas do Branco. 3ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Editora José Olympio, 1976.

\_\_\_\_\_ - Corpo: novos poemas. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Record, 1984.

\_\_\_\_\_ - O observador no escritório. Rio de Janeiro, Editora Record, 1985.

\_\_\_\_\_ - (Org.). - Brasil, a Terra e Alma. Minas Gerais. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1967.

ANDRADE, Mário de - Macunaíma. O herói sem nenhum caráter. 21ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1985.

\_\_\_\_\_ - Poesias Completas. Obras completas de Mário de Andrade, II vol., 5ª edição, São Paulo, Livraria Martins Editora; Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1980.

ANJOS, Cyro dos - O amanuense Belmiro. 10ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979.

\_\_\_\_\_ - A menina do sobrado. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, Instituto Nacional do Livro e Ministério da Educação e Cultura, 1979.

ARINOS, Affonso - Pelo Sertão (1898). Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981.

BANDEIRA, Manuel - Estrela da Vida Inteira. 7ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979.

BRAGA, Rubem - "Almoço em Minas" IN: Diário Carioca, 18 de ja  
neiro de 1948.

CARDOSO, Lúcio - Crônica da Casa Assassinada. 2ª edição, Rio de  
Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1979.

Cartas Chilenas. Fontes Textuais - Edição e Comentários Críticos de  
Tarquínio J.B. de Oliveira, São Paulo, Editora Re  
ferência, 1972.

Contos Mineiros - Vários autores. São Paulo, Editora Ática, 1984.

Crônicas Mineiras - Vários autores. São Paulo, Editora Ática,  
1984.

DOURADO, Autran - Lucas Procópio. Rio de Janeiro, Editora Re  
cord, 1985.

\_\_\_\_\_ - Ópera dos Mortos. 9ª edição, Rio de Janeiro, Editora  
Record, 1985.

\_\_\_\_\_ - O Risco do Bordado. 9ª edição, Rio de Janeiro, Edito  
ra Record, 1982.

Exposição do Novo Livro Alemão no Brasil (1971) - Organizada por  
"Ausstellungs-und Messe-Gimbh des Börsenvereins  
des Deutschen Buchhandels", de Frankfurt, em cola  
boração com o Instituto Cultural Brasileiro-ale  
mão, 1971.

FRIEIRO, Eduardo - O Cabo das Tormentas. Belo Horizonte, Editora  
Itatiaia, 1981.

GONZAGA, Tomás Antonio - Obras Completas. Edição Crítica de Ro  
drigues Lapa, Rio de Janeiro, 1942.

GUIMARAENS, Alphonsus - Poesias. Edição dirigida e revista por  
Manuel Bandeira. Ministério da Educação e Saúde,  
1938.

- Histórias Mineiras - Vários autores. São Paulo, Editora Ática, 1984.
- MEIRELLES, Cecília - Romanceiro da Inconfidência. Crônica Trovada da Cidade de San Sebastian. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983.
- OLIVEIRA, Torquínio J.B. de (org.). - As cartas chilenas. Fontes textuais. São Paulo, Editora Referência, 1972.
- PENA, Cornélio - Romances Completos. Rio de Janeiro, Editora Aguillar, 1958.
- PROUST, Marcel - Em busca do tempo perdido. No caminho de Swann. Trad. portuguesa, 8ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1983.
- QUEIROZ, Raquel de - "Mineiros". IN: 100 Crônicas Escolhidas. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1955.
- ROSA, João Guimarães - Grande Sertão: Veredas. 18ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_ - Sagarana. 17ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1974.
- \_\_\_\_\_ - Primeiras Estórias. 12ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981.
- \_\_\_\_\_ - Estas Estórias. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_ - Ave, Palavra. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.
- SABINO, Fernando - O encontro marcado. 50ª edição, Rio de Janeiro, Editora Record, 1986.

SABINO, Fernando - A inglesa deslumbrada. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Record, 1982.

\_\_\_\_\_ - O Grande Mentecapto. Relato das Aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações. Rio de Janeiro, Editora Record, 1979.

TCHECOV, Anton - O jardim das Cerejeiras. Trad. portuguesa, Porto Alegre, LZPM, 1983.

IV - POLÍTICOS

BARATA, Júlio - A palavra de Arthur Bernardes. Rio de Janeiro, 1934.

BARBOSA, Francisco de Assis (org.). - João Pinheiro. Documentário sobre a sua vida. Belo Horizonte, Publicações do Arquivo Público Mineiro, nº 1, 1966.

BIAS FORTES, José Francisco - Vocaçãõ de Minas (Discursos). Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1960.

CAMPOS, Francisco - Discursos parlamentares. Brasília, Câmara dos Deputados, 1979.

CAMPOS, Milton - Compromisso Democrático. Belo Horizonte, Secretaria da Educação e Cultura de Minas Gerais, 1951.

CAPANEMA, Gustavo - Pensamentos. Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Governo; Coordenadoria de Cultura, 1983.

"Discurso de posse de Tancredo Neves na Academia Mineira de Letras, em 24 de fevereiro de 1983". IN: Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, 1983.

GOUVEIA, Maurílio de - Marquês do Paraná. Um varão do Império. 2ª edição, Rio de Janeiro, 1962.

KUBITSCHK, Juscelino - Jornal Minas Gerais. 01 de fevereiro de 1951.

\_\_\_\_\_ - Meu caminho para Brasília. 1º volume - A experiência da humildade. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1974.

\_\_\_\_\_ - Meu caminho para Brasília. 2º volume - A escalada política. Rio de Janeiro, Editora Bloch, 1976.

- MAGALHÃES, Dario de Almeida - "Discurso de Saudação a Walther Moreira Sales". IN: Carlos Drummond de Andrade (org.). - Brasil, Terra e Alma. Minas Gerais. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1967.
- MELO FRANCO, Afonso Arinos de - Discurso de recepção a Tancredo Neves na Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, 1983.
- MENDONÇA, Antônio Aureliano Chaves de - IV Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1977.
- MOREIRA, Vivaldi - Milton Campos: política e letras. Brasília, Senado Federal, 1972. 7
- NEVES, Tancredo de Almeida - "Aula inaugural". IN: Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, nº 21, 1962.
- A Palavra do Presidente Antonio Carlos na Campanha da Aliança Liberal. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1930.
- PEREIRA, Francelino - Milton Campos, um homem de influência. Brasília, Imprensa Nacional, 1972.
- SILVA, Vera Alice Cardoso & DELGADO, Lucília de Almeida Neves - Tancredo Neves. A Trajetória de um Liberal. Petrópolis, Editora Vozes / Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.
- VASCONCELLOS, Bernardo Pereira de - "Exposição dos princípios do Ministério da Regência, em nome do Imperador, feita à Assembléia Geral do Brasil". Manifesto político e exposição de princípios. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1978.



V - ENSAÍSTAS

DIAS, Fernando Correia - A Imagem de Minas. Ensaio de Sociologia Regional. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.

LATIF, Miran de Barros - As Minas Gerais. 3ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1960.

LIMA, Alceu Amoroso - Voz de Minas (Ensaio de Sociologia Regional Brasileira). São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MACHADO, Alcântara - Vida e morte do Bandeirante. Belo Horizonte, Livraria Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

NAVA, Pedro - "Brasil-médico". IN: Carlos Drummond de Andrade. Brasil, Terra e Alma. Minas Gerais. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1967.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José - Evolução do Povo Brasileiro. 2ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

\_\_\_\_\_ - Pequenos estudos de Psicologia Social. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.

PRADO, Paulo - Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira. 2ª edição, São Paulo, Ibrasa / MEC, 1981.

SENNA, Nelson de - A Terra Mineira. Rio de Janeiro, Pimenta de Mello, 1923.

TORRES, João Camilo de Oliveira - O Homem e a Montanha. Introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira, 1944.

TORRES, João Camilo de Oliveira - Interpretação da Realidade Brasileira. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973.

VASCONCELLOS, Sylvio - Mineiridade. Ensaio de Caracterização. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968.

VI - HISTORIADORES

BARBOSA, Waldemar de Almeida - História de Minas. Belo Horizonte, Editora Comunicação, 3 vols., 1979.

\_\_\_\_\_ - A verdade sobre Tiradentes. Belo Horizonte, Edição do Instituto de História, Letras e Arte, s.d.

\_\_\_\_\_ - A Capitânia de Minas Gerais. Edição Comemorativa dos 250 anos da Capitânia. Belo Horizonte, s.d.

BRANDÃO, Wellington - Caminhos de Minas (Cousas e Vultos). Belo Horizonte, Editora Livraria Oscar Nicolai, 1958.

JOSÉ, Oiliam - Tiradentes. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

LIMA JÚNIOR, Augusto de - A Capitânia das Minas Gerais. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

SANTOS, Joaquim Felício dos - Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio (Província de Minas Gerais). 4ª edição, Belo Horizonte, Livraria Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

TÔRRES, João Camilo de Oliveira - História de Minas. Rio de Janeiro, Editora Record, 1963.

VASCONCELLOS, Diogo de - História Antiga das Minas Gerais. 4ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 2 vs., 1974.

\_\_\_\_\_ - História Média de Minas Gerais. 4ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1974.

VII - ESTUDOS

1. Obras sobre Minas

- ANDRADE, Mário de - "O Aleijadinho". IN: Aspectos das Artes Plásticas no Brasil. São Paulo, Livraria Martins Editora, s.d.
- ARRIGUCI JÚNIOR, Davi - "Minas, Assombro e Anedotas (Os Contos Fantásticos de Murilo Rubião)". IN: Seminário de Ficção Mineira II (de Guimarães Rosas aos nossos dias). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983.
- ÁVILA, Affonso - Resíduos Seiscentistas em Minas. Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 2 volumes, 1967.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida - A decadência das Minas e a fuga da Mineração. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1971.
- \_\_\_\_\_ - Negros e Quilombos em Minas Gerais. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1972.
- BLASENHEIM, Peter Louis - A Regional History of the Zona da Mata Mineira 1870-1906. Ph.D., Stanford University, 1982, exemplar xerografado.
- BOMENY, Helena Maria Bousquet - "A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos 30". IN: Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30. Coordenações de Angela Maria de Castro Gomes. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- BOSCHI, Caio César - Os leigos e o poder (Irmandades leigas e política colonizadora em Minas gerais). São Paulo, Editora Ática, 1986.

- BOSCHI, Caio César - "Os históricos compromissos mineiros: riqueza e potencialidade de uma espécie documental". IN: ACERVO - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.1, n.1, jan-jun, 1986.
- BRANT, Fernando - "Minas não há mais?". I Seminário de Economia Mineira. Diamantina, 1982; Belo Horizonte, CEDEPLAR, 1986.
- CARVALHO, Daniel de - "A formação histórica de Minas Gerais". IN: Carlos Drummond de Andrade. Brasil, Terra e Alma. Minas Gerais. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1967.
- \_\_\_\_\_ - "O algodão em Minas". IN: Anais da Primeira Conferência Algodoeira. Vol. III.
- CARVALHO, Orlando - "A estrutura ocupacional da política mineira". IN: Sociologia. Vol. XV, nº 4, (São Paulo, 1953).
- CHAGAS, Paulo Pinheiro - Teófilo Ottoni. Ministro do Povo. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1978.
- COSTA, Iraci del Nero da - Populações Mineiras. IPE-USP, 1981.
- COSTA FILHO, Miguel - "Engenhos e Produção de Açúcar em Minas Gerais". IN: Revista de História da Economia Brasileira. Número 1, Ano I, junho, 1953.
- CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da - "A Literatura em Minas Gerais no Século XIX". IN: III Seminário sobre a Cultura Mineira (século XIX). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1982.
- DEAN, Warren - "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". The Hispanic American Historical Review, vol. 63, number 3, 1983.

DIAS, Fernando Correia - João Alphonsus: tempo e modo. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1965.

\_\_\_\_\_ - "O prisma de Nava". IN: Líricos e Profetas. Temas de vida intelectual. Brasília, Thesaurus Editora, 1984.

\_\_\_\_\_ - "Literatura e(m) Mudança: Tentativa de periodização". IN: II Seminário sobre a cultura mineira (período contemporâneo). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1980.

DINIZ, Clélio Campolina - "O paradoxo mineiro: fortalecimento econômico e enfraquecimento político". III Seminário sobre a economia mineira. Belo Horizonte, CEDEPLAR / UFMG, 1986.

DULCI, Otávio Soares - "As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia". Ciências Sociais hoje. São Paulo, Editora Cortez, 1984.

ELLIS, Myriam - Contribuição ao Estudo do Abastecimento das Áreas Mineradoras no Brasil do século XVIII. Rio de Janeiro, MEC, 1960.

ENGERMAN, Stanley L. e GENOVESE, Eugene D. - "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". The Hispanic American Historical Review, Vol. 63, number 3, 1983.

FLEISCHER, David S. - "A cúpula mineira na República Velha. Origens sócio-econômicas e recrutamento de presidentes e vice-presidentes do estado e de deputados federais". IN: V Seminário de Estudos Mineiros. A República velha em Minas. Belo Horizonte, UFMG / PROED, 1982.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo - "Continuidade e atualidade política de Minas". IV Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, UFMG, 1977.

- FRIEIRO, Eduardo - O Diabo na Livraria do Cônego. 2ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- \_\_\_\_\_ - "Fantasias em torno do Mito de Minas". IN: Páginas de Crítica e outros escritos. Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora, 1955.
- GALVÃO, Walnice Nogueira - As formas do falso. Um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- \_\_\_\_\_ - Mitológica rosiana. São Paulo, Editora Ática, 1978.
- GOMES, Paulo Emílio Salles - Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.
- GUERZONI FILHO, Gilberto - Política e Crise do Sistema Colonial em Minas Gerais 1768-1808. Universidade Federal de Ouro Preto, 1986.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - "Metais e Pedras Preciosas". IN: Sérgio Buarque de Holanda (org.). História Geral da Civilização Brasileira. A Época Colonial, Tomo I, volume 2, 2ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965.
- \_\_\_\_\_ - "A mineração: Antecedentes luso-brasileiros". IN: História Geral da Civilização Brasileira. Sérgio Buarque de Holanda (org.). A Época Colonial, Tomo I, volume 2, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- HORTA, Cid Rebelo - "Famílias governamentais de Minas Gerais". II Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, UFMG, 1956.

IGLÉSIAS, Francisco - Política econômica do governo provincial mineiro (1835-1889), Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1958.

\_\_\_\_\_ - Três séculos de Minas, edição do 8º Festival de Inverno, Ouro Preto, s.d.

\_\_\_\_\_ - "Minas Gerais". IN: História Geral da Civilização Brasileira. Sérgio Buarque de Holanda (org.). Tomo II, 2º volume, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.

\_\_\_\_\_ - "Periodização da História de Minas". IN: Revista Brasileira de Estudos Políticos. XXIX, julho de 1970.

LACERDA, Elizabeth M. e FONSECA, Eda Marli. Mineiriana. Belo Horizonte, Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG, 1986.

LACOMBE, Américo Jacobina - "Origem da indústria de tecidos em Minas Gerais". Digesto Econômico. São Paulo, julho, 1947.

LAFETÁ, João Luiz - "O Romance Atual (Considerações sobre Oswaldo França Jr., Rui Mourão e Ivan Ângelo)". IN: II Seminário de Ficção Mineira (de Guimarães Rosa aos nossos dias). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983.

LANNA, Ana Lúcia Duarte - A Transformação do Trabalho. A Passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira: 1870 - 1920. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1985.

\_\_\_\_\_ - "A Organização do Trabalho Livre na Zona da Mata Mineira: 1870-1920". III Seminário de Economia Mineira, Diamantina, 1986.



- LEITE, Ilka Boaventura - Negros e Viajantes em Minas Gerais (século XIX). Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.
- LEITE, Mário - Paulistas e Mineiros Plantadores de Cidades. São Paulo, EDART, 1964.
- LELOUP, Yves - Les Villes de Minas Gerais. Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine, Université de Paris, 1970.
- LEVY, Maria Bárbara - "Crédito e Circulação Monetária na Economia da Mineração". III Seminário de Estudos Mineiros. Diamantina, 1986.
- LIMA, Alberto de Souza - Arthur Bernardes perante a história. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1983.
- LIMA, João Heraldo - Café e Indústria em Minas Gerais. (1870 - 1920). Petrópolis, Editora Vozes, 1981.
- LINHARES, Maria Yedda Leite - "O Brasil no século XVIII e a Idade de Ouro: a propósito da problemática da decadência". IN: Seminário sobre a Cultura Mineira no período colonial. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979.
- LUCAS, Fábio - "A Ficção de Fernando Sabino e AuTRAN Dourado". IN: II Seminário de Ficção Mineira (de Guimarães Rosa aos nossos dias). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983.
- LUNA, Francisco Vidal - Minas Gerais: Escravos e Senhores. IPE-USP, 1981.
- LUNA, Francisco Vidal e CANO, Wilson - "A Reprodução natural de escravos em Minas Gerais (século XIX) - Uma hipótese". IN: Economia Escravista em Minas Gerais. Cadernos do IFCH Unicamp, nº 10, 1983.

LUNA, Francisco Vidal e COSTA, Iraci del Neroda - Sinopse de alguns trabalhos de demografia histórica referentes a Minas Gerais. III Encontro Nacional da ABEP, Vitória, 1982.

MACHADO, Lourival Gomes - Barroco Mineiro. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.

MARTINS, Heitor - Do Barroco a Guimarães Rosa. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1983.

MARTINS FILHO, Amílcar - A Economia política do café com leite. (1900 - 1930). Belo Horizonte, UFMG - PROED, 1981.

\_\_\_\_\_ - "Clientelismo e representação em Minas Gerais durante a Primeira República: Uma Crítica a Paul Cammack". Dados. Revista de Ciências Sociais. Vol. 27, nº 2, (Rio de Janeiro, 1984).

MARTINS, Roberto Borges - Growing in Silence: The Slave Economy of Nineteenth - Century Minas Gerais, Brasil. Vanderlitt University, Nashville, 1981, exemplar xerografado.

\_\_\_\_\_ - "Minas Gerais no Século XIX: Tráfico e Apego à Escravidão numa Economia Não-Exportadora". IN: Separata da revista Estudos Econômicos, São Paulo, 13 (1), jan/abr, 1983.

\_\_\_\_\_ - "A Indústria Têxtil Doméstica de Minas Gerais no Século XIX", separata CEDEPLAR, Belo Horizonte, s.d.

MARTINS, Roberto Borges e MARTINS, Maria do Carmo Salazar - "As Exportações de Minas Gerais no Século XIX". Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, Número especial sobre a economia mineira, nº 58, janeiro, 1984.

- MARTINS, Roberto Borges e MARTINS FILHO, Amílcar - "Slavery in a Nonexport Economy: Nineteenth - Century Minas Gerais Revisited". IN: The Hispanic American Historical Review. Vol. 63, number 3, august 1983.
- MARTINS, Rodrigo Baptista - A Mazorca. O coronelismo e a violência no processo político brasileiro. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1977.
- MASSA, Françoise - Alexandre Brethel, pharmacien et planteur français au Carangola. Recherche sur sa correspondance brésilienne. (1862-1901). Paris, Klincksieck, 1977.
- MAXWELL, Kenneth - A Devassa da Devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil - Portugal (1750-1808). Trad. portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1978.
- MELLO E SOUZA, Antônio Cândido de - "Minas não há mais ?" I Seminário de Economia mineira. Diamantina, 1982; Belo Horizonte, CEDEPLAR, 1986.
- \_\_\_\_\_ - "A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas". IN: IV Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, Edições do Cinquentenário da UFMG, Imprensa Universitária, 1977.
- MELLO E SOUZA, Laura - Desclassificados do Ouro. A pobreza mineira no século XVII. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de - "A Economia Mineira no Século XIX". Primeiro Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, 1957.
- MERQUIOR, José Guilherme - Verso universo em Drummond. 2ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1976.
- Minas Gerais: Os Viajantes Estrangeiros. Edição Especial do 4ª Aniversário, Minas Gerais, Suplemento Literário, números 213, 214 e 215, setembro/outubro, 1970.

- NUNES, Benedito - "A Matéria Vertente". IN: II Seminário de ficção mineira (de Guimarães Rosa aos nossos dias). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983.
- OLIVEIRA, Martins de - História da Literatura mineira. (Esquema de interpretações e notícias bibliográficas). 2ª edição, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1963.
- PAIVA, Clotilde Andrade e MARTINS, Maria do Carmo Salazar - "Minas Gerais em 1831: Notas sobre a estrutura ocupacional de alguns municípios". IN: III Seminário de Estudos Mineiros. Diamantina, 1986.
- PAULA, Flôriano Peixoto de - "Vilas de Minas Gerais no Período Colonial". Revista Brasileira de Estudos Políticos. nº 19, julho, 1965.
- PAULA, João Antônio de - "Os limites da Industrialização Colonial: a Industrialização em Minas Gerais no Século XVIII". IN: Revista Brasileira de Estudos Políticos. nº 58, Belo Horizonte, 1984.
- \_\_\_\_\_ - Dois Ensaios sobre a Gênese da Industrialização em Minas Gerais: A Siderúrgica e a Indústria Têxtil. CEDEPLAR, Belo Horizonte, s.d.
- \_\_\_\_\_ - Minas Gerais no Século XVIII: Esboço de História e Economia. CEDEPLAR, Belo Horizonte, s.d.
- PIMENTA, Haydn Coutinho - "Apresentação". III Seminário sobre a economia mineira. Belo Horizonte, CEDEPLAR / UFMG, 1986.
- PRADO, Antônio Arnoni - "Sobre a Situação do Conto em Minas". IN: II Seminário de Ficção Mineira (de Guimarães Rosa aos nossos dias). Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de - Formação da Estrutura de dominação em Minas Gerais. o novo PRM. (1889-1906). Belo Horizonte, UFMG - PROED, 1982.

SALLES, Bento Teixeira de - Milton Campos, uma vocação liberal. Belo Horizonte, 1975.

SALLES, Fritz Teixeira de - Vila Rica do Pilar. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

SANT'ANA, Afonso Romano de - Carlos Drummond de Andrade: análise da obra. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1977.

\_\_\_\_\_ - "Minas, não há mais ?" IN: I Seminário de Economia Mineira. Diamantina, 1982; CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais, 1986.

SCHWARTZMANN, Simon et alii - Tempos de Capenema. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, EDUSP, 1984.

SILVA, Vera Alice Cardoso - A política regionalista e o atraso da industrialização (1889-1920). Belo Horizonte, 1977. (mimeografado).

\_\_\_\_\_ - "Fontes de história regional: subsídios para estudos comparativos e temáticos". IN: ACERVO - Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 1, jan-jun, 1986.

SLENES, Robert W. - "Os Múltiplos de Porcos e Diamantes: A Economia Escravista de Minas no Século XIX". Cadernos IFCH Unicamp. Campinas, 1985.

\_\_\_\_\_ - "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". The Hispanic American Historical Review. Vol. 63, number 3, 1983.

- SOUZA, Octávio Tarquínio - Bernardo Pereira de Vasconcellos e seu tempo. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1937.
- SOUZA, Washington Peluso A. - "As lições das vilas e cidades de Minas Gerais". IV Seminário de Estudos Mineiros, Belo Horizonte, 1977.
- \_\_\_\_\_ - "Aleijadinho - símbolo da cultura autônoma". IN: Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, nº 48, janeiro de 1979.
- STARLING, Heloísa M. Murgel - Os senhores das Gerais. Os novos Inconfidentes e o golpe militar de 1964. Petrópolis, Editora Vozes, 1986.
- TORRES, João Camilo de Oliveira - "Paraná e a Conciliação". Revista Brasileira de Estudos Políticos. nº 1, dezembro, 1956.
- VASCONCELLOS, Salomão - Bernardo Pereira de Vasconcellos. Belo Horizonte, 1953.
- VASCONCELLOS, Sylvio - Vila Rica. Formação e desenvolvimento - residências. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956.
- VIANNA, Hélio - "A economia mineira do século XVII". IN: Primeiro Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, 1956.
- WIRTH, John D. - O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira. 1889-1937. Trad. portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.
- ZEMELLA, Mafalda P. - O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII. Boletim nº 118, da FFCL da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1951.

VII - ESTUDOS

2. Obras sobre o Brasil

- ARRUDA, José Jobson de Andrade - O Brasil no Comércio Colonial. São Paulo, Editora Ática, 1980.
- \_\_\_\_\_ - "A produção econômica". IN: Maria Beatriz Nizza da Silva (org.). O Império Luso-brasileiro (1750-1822). Lisboa, Editora Estampa, (no prelo).
- \_\_\_\_\_ - "A prática econômica setecentista no seu dimensionamento regional". Revista Brasileira de História. nº 10, Produção e Transgressões; São Paulo, Editora Marco Zero, 1985.
- AZÉVEDO, Fernando de - A Cultura Brasileira. Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil. 4ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- \_\_\_\_\_ - "A Sociologia e a Antropologia no Brasil". IN: As Ciências no Brasil. Volume II, Fernando de Azevedo (org.). São Paulo, Editora Melhoramentos, s.d.
- BASTIDE, Roger - Brasil, Terra de Contrastes. 10ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1980.
- \_\_\_\_\_ - As religiões africanas no Brasil. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Pioneira, 1981.
- BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita - A UDN e o Udenismo, ambigüidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_ - O Governo Kubitschek. Desenvolvimento econômico e estabilidade política. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1976.
- BOSI, Alfredo - História Concisa da Literatura Brasileira. 2ª edição, São Paulo, Editora Cultrix, 1977.

- BOXER, C.R. - A Idade de Ouro do Brasil. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Nacional, 1969.
- BRASILEIRO, Ana Maria - "O federalismo cooperativo". Revista Brasileira de Estudos Políticos. nº 39, julho, 1974.
- CÂNDIDO, Antonio - Formação da Literatura Brasileira. (Momentos Decisivos). 5ª edição, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora, 2 volumes, 1975.
- \_\_\_\_\_ - Tese e Antítese. Ensaios. 3ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.
- \_\_\_\_\_ - Vários escritos. São Paulo, Duas Cidades, 1970.
- \_\_\_\_\_ - "Poesia, Documento e História". IN: Brigada Ligeira. (Ensaios). São Paulo, Editora Martins, 1945.
- \_\_\_\_\_ - "Dialética da malandragem". Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros. nº 8, São Paulo, 1970.
- CÂNDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo - Presença da Literatura Brasileira. Das Origens ao Romantismo. 4ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.
- CANO, Wilson - "Padrões diferenciados das principais regiões cafeeiras (1850-1930)". Estudos Econômicos. nº 15, (2), maio/agosto, 1985.
- CARDOSO, Ciro Flamarion - Agricultura, Escravidão e Capitalismo. Petrópolis, Vozes, 1982.
- CARDOSO, Fernando Henrique - O Modelo Político Brasileiro e outros ensaios. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- \_\_\_\_\_ - Autoritarismo e Democratização. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1975.



CARDOSO, Fernando Henrique - "Dos Governos Militares a Prudente - Campos Salles". IN: FAUSTO, Boris (diretor). História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, tomo III, volume 1, 1975.

CARDOSO DE MELLO, João Manuel - O Capitalismo Tardio (Contribuição à Revisão Crítica da Formação e Desenvolvimento da Economia Brasileira). São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

CARVALHO, José Murilo de - A construção da ordem. A elite política imperial. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.

\_\_\_\_\_ - "A composição social dos partidos políticos imperiais". Cadernos do Departamento de Ciência Política. número 2, dezembro, 1974.

CAVA, Ralph della - Milagre em Joazeiro. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.

COSTA, Emilia Viotti - Da Monarquia à República. Momentos decisivos. 2ª edição, São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1979.

CUNHA, Euclides da - Os Sertões. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963.

\_\_\_\_\_ - À margem da História do Brasil. 3ª edição, Porto, Livraria Chardron, 1922.

DEBRUN, Michel - A conciliação e outras estratégias. São Paulo, Livraria Brasiliense, 1983.

DORNAS FILHO, João - Aspectos da Economia Colonial. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1958.

\_\_\_\_\_ - "Tropas e Tropeiros". Primeiro Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, 1957.

- ELLIS JÚNIOR, Alfredo - "O Ciclo do Muar". Revista de História. São Paulo, 1950.
- FAORO, Raymundo - Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro. 5ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 2 volumes, 1979.
- FERNANDES, Florestan - Sociedade de classes e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- \_\_\_\_\_ - A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- \_\_\_\_\_ - Circuito fechado. São Paulo, Hucitec, 1976.
- \_\_\_\_\_ - A Ditadura em questão. 2ª edição, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1982.
- FERNANDES, Heloísa Rodrigues - Política e segurança. Força Pública do Estado de São Paulo: fundamentos históricos-sociais. São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1974.
- FORJAZ, Maria Cecília S. - "De como 'a autonomia do político' aprisionou os cientistas sociais brasileiros". Cadernos de Opinião. nº 14, outubro/novembro, 1979.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho - Homens Livres na Ordem Escravocrata. 2ª edição, São Paulo, Editora Ática, 1976.
- FREYRE, Gilberto - Casa Grande & Senzala. 13ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- \_\_\_\_\_ - Sobrados e Mucambos. Decadência do patriciado rural e desenvolvimento urbano. 6ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 2 volumes, 1981.
- \_\_\_\_\_ - Interpretação do Brasil. (Aspectos da Formação Social Brasileira como processo de amalgamento de Raças e Culturas). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1947.

- FRIEIRO, Eduardo - O Brasileiro não é triste. Belo Horizonte, Ami  
gos do Livro, 1931.
- FURTADO, Celso - Formação Econômica do Brasil. Rio de Janeiro, Edi  
tora Fundo de Cultura, 1963.
- GALVÃO, Walnice Nogueira - Saco de gatos. Ensaios críticos. São  
Paulo, Duas Cidades, 1976.
- GOULART, José Alípio - Brasil do Boi e do Couro. Edições GRD,  
Rio de Janeiro, 1966.
- \_\_\_\_\_ - Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil. Rio de Janeiro,  
Conquista, 1961.
- HIPPOLITO, Lúcia - De raposas e reformistas. O PSD e a experiência  
democrática brasileira (1945 - 1964). Rio de Janeiro,  
Editora Paz e Terra, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - Raízes do Brasil. 4ª edição, Brasília,  
Editora Universidade de Brasília, 1963.
- \_\_\_\_\_ - Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e co  
lonização do Brasil. 2ª edição, São Paulo, Companhia  
Editora Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_ - "A Herança Colonial - sua desagregação". IN: Sér  
gio Buarque de Holanda (diretor). História Geral da  
Civilização Brasileira. 2ª edição, São Paulo, Difusão  
Européia do Livro, tomo II, volume 1, 1965.
- \_\_\_\_\_ - Caminhos e Fronteiras. 2ª edição, Rio de Janeiro, Li  
vraria José Olympio Editora, 1975.
- IGLÉSIAS, Francisco - "Revisão de Raymundo Faoro". Cadernos do  
Departamento de Ciência Política. nº 3, Universidade Fe  
deral de Minas Gerais, março, 1976.

- KEINERT, Rubem César - Regionalismo e Anti-Regionalismo no Paraná. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1978. (Exemplar mimeografado).
- LAMBERT, Jacques - Os dois Brasis. 12ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1984.
- LAMOUNIER, Bolivar - "Formação de um pensamento autoritário na Primeira República: uma interpretação". IN: História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III - O Brasil Republicano. Boris Fausto (org.). Volume 2º, São Paulo, Difel, 1978.
- LARA, Silvia Humold - Campos da Violência. Estudo sobre a relação senhor-escravo na Capitânia do Rio de Janeiro, 1750 - 1808. São Paulo, Tese de Doutorado, 1986. (Exemplar mimeografado).
- LEAL, Vitor Nunes - Coronleísmo, Enxada e Voto. (O Município e o Regime Representativo no Brasil). 2ª edição, São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1975.
- LEITE, Dante Moreira - O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia. 3ª edição, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976.
- LENHARO, Alcir - As Tropas da Moderação. São Paulo, Editora Símbolo, 1979.
- \_\_\_\_\_ - "Rota Menor - o movimento da economia mercantil de subsistência no Centro-Sul do Brasil (1808 - 1831)". Anais do Museu Paulista. Tomo XXVIII, São Paulo, 1977 - 1978.
- LEVINE, Robert M. - A Velha Usina. Pernambuco na Federação Brasileira (1889 - 1937). Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1980.

LIMA, Heitor Ferreira - Formação Industrial do Brasil. (Período Colonial). Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1961.

LINHARES, Maria Yedda - História do abastecimento; Uma problemática em questão (1530 - 1918). Rio de Janeiro, BINAGRI - Bibioteca Nacional de Agricultura, s.d.

\_\_\_\_\_ - O problema do abastecimento de uma perspectiva histórica. R. de Janeiro, 1978. (Exemplar mimeografado).

LINHARES, Maria Yedda e TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos - História da Agricultura Brasileira: Combates e Controvérsias. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

LOVE, Joseph - O Regionalismo Gaúcho e as Origens da Revolução de 1930. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Perspectiva, 1975.

\_\_\_\_\_ - A locomotiva. São Paulo na Federação Brasileira (1889 - 1937). Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.

MAGALHÃES, Basílio - Expansão Geográfica do Brasil Colonial. Rio de Janeiro, EPASA, 1944.

MARTINS, José de Souza - Empresário e empresa na biografia do Conde Matarazzo. Rio de Janeiro, Edição do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1967.

MARTINS, Luciano - A Revolução de 1930 e seu significado político. s.d. (Exemplar mimeografado).

MATTA, Roberto da - Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1980.

- MATTA, Roberto da - A casa e a Rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- MATTOS, Ilmar Rollof - O Tempo Saquarema. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1984. (Exemplar mimeografado).
- MAURO, Frédéric - La vie quotidienne au Brésil an temps de Pedro Segundo (1831 - 1889). Paris, Hachette, 1980.
- \_\_\_\_\_ - "A Conjuntura Atlântica e a Independência do Brasil". IN: 1822. Dimensões. Carlos Guilherme MOTTA (org.). São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- MELLO, Evaldo Cabral de -, Rubro Veio. O Imaginário da Restauração Pernambucana. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
- MENDES, Elizabeth de Camargo - Os viajantes no Brasil: 1808 - 1822. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- MERCADANTE, Paulo - A Consciência conservadora no Brasil. Contribuição ao estudo da formação brasileira. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.
- MICELI, Sérgio - Poder, Sexo e Letras na República Velha. (Estudo Clínico dos anatólios). São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.
- \_\_\_\_\_ - Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920 - 1945). São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1979.
- \_\_\_\_\_ - "Carne e osso da elite política brasileira pós 1930". IN: História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III - Brasil Republicano. Direção de Boris FAUSTO, volume 3º, São Paulo, Editora Difel, 1983.

- MONBEIG, Pierre - Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Hucitec e Editora Polis, 1984.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira - Os Errantes do Novo Século. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1974.
- MOTA, Carlos Guilherme - Atitudes de Inovação no Brasil (1789 - 1801). Lisboa, Livros Horizonte, s.d.
- \_\_\_\_\_ - Ideologia da Cultura Brasileira (1933 - 1974). São Paulo, Editora Ática, 1977.
- \_\_\_\_\_ - Nordeste: 1817. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio - As desventuras do Liberalismo. Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984.
- NOVAIS, Fernando Antônio - Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777 - 1808). São Paulo, Editora Hucitec, 1979.
- \_\_\_\_\_ - "A proibição das manufaturas no Brasil e a política econômica portuguesa no fim do século XVIII". IN: Revista de História. São Paulo, nº 67, 1966.
- \_\_\_\_\_ - "Passagens para o Novo Mundo". Novos Estudos CEBRAP. nº 9, São Paulo, 1984.
- OLIVEIRA, Francisco de - Elegia para uma Re(li)gião. Sudene, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.
- OLIVEN, Ruben George - "A fabricação do Gaúcho". IN: Ciências Sociais Hoje - 1984. São Paulo, Editora Cortez, 1984.
- OLIVEN, Ruben George - Violência e cultura no Brasil. 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1983.

- ORTIZ, Renato - Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- PANG, Eul-Soo - Coronelismo e Oligarquias (1889 - 1934). A Bahia na Primeira República Brasileira. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.
- PINTO, Virgílio Noya - O Ouro Brasileiro e o Comércio Anglo - Português. (Uma contribuição aos estudos da economia atlântica no século XVIII). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.
- POTELET, Jeanine - Le Brésil vu par les voyageurs Français. 1816-1840. Témoignages et Images. Paris, Thèse pour le doctorat d'Etat, Université de Paris X.
- PRADO JÚNIOR, Caio - Formação do Brasil Contemporâneo. 6ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1961.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1976.
- \_\_\_\_\_ - O Messianismo no Brasil e no Mundo. São Paulo, Editora Dominus e Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- QUEIRÓZ JÚNIOR, Teófilo de - Preconceitos de cor e a mulata na literatura brasileira. São Paulo, Editora Ática, 1975.
- RODRIGUES, José Honório - Conciliação e Reforma no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982.
- SAES, Décio - A formação do Estado burguês no Brasil (1888-1891). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- SCHWARZ, Roberto - Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do Romance brasileiro. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977.



- SCWARZ, Roberto - "Nacional por subtração". Folha de São Paulo, 7 de junho de 1986.
- SCHWARTZ, Stuart B. - Sugar Plantation in the Formation of Brazilian Society. Bahia, (1550 - 1833). Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- SCHWARTZMANN, Simon - São Paulo e o Estado Nacional. São Paulo, Difel, 1975.
- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy - Regionalismo nordestino. Existência e consciência da desigualdade regional. São Paulo, Editora Moderna, 1984
- SIMONSEN, Roberto C. - História Econômica do Brasil. (1500-1820). 6ª edição, São Paulo, Editora Nacional, 1969.
- SINGER, Paulo - Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo, Editora Nacional, 1974.
- SOUZA, Bernardino José de - Ciclo do Carro de Bois no Brasil. São Paulo, Editora Nacional, 1958.
- SOUSA, Octávio Tarquínio de - História dos fundadores do Império do Brasil. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 10 volumes, 1957.
- SOUZA, Laura de Mello - Sabbats e Calunds. Feitiçaria, práticas mágicas e religiosidade popular no Brasil Colonial. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985.
- SOUZA, Terezinha Oliva de - Impasses do Federalismo Brasileiro. Sergipe e a Revolução de Fausto Cardoso. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1985.
- TRIGUEIRO, Oswaldo - "A Crise do Federalismo". Revista Brasileira de Estudos Políticos. nº 11, junho, 1961.

URICOECHEA, Fernando - O Minotauro imperial. A burocratização do Estado patrimonial brasileiro no Século XIX. São Paulo, Difel, 1978.

VIANNA, Francisco José de Oliveira - Instituições Políticas Brasileiras. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 2 volumes, 1955.

WEFFORT, Francisco Correia - "Grandeza de um conservador". Folha de São Paulo, 20 de abril de 1986.

VII - ESTUDOS

3. Obras Gerais

ANDERSON, Perry - Lineages of the Absolutist State. London, Verso Edition, 1979.

ARIÈS, Philippe - História da Morte no Ocidente. Da Idade Média aos nossos dias. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1977.

- "L'Histoire des Mentalités". IN: La Nouvelle Histoire. Les Encyclopedies du Savoir Moderne. Sob a direção de Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel, Paris, CEPL, 1978.

ARRUDA, José Jobson de Andrade - "O Século de Braudel". IN: Novos Estudos CEBRAP. Vol. 2, nº 4, abril, 1984.

- "O Mediterrâneo de Braudel". IN: Anais do Museu Paulista. Tomo XXIII, São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_ Revolução Industrial e Capitalismo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

- "Immanuel Wallerstein e o Moderno Sistema Mundial". Revista de História. nº 15, julho dezembro, 1983.

\_\_\_\_\_ - Raízes do Industrialismo Moderno. Tese de Livre Docência, exemplar xerografado, São Paulo, 1982.

ÁVILA, Affonso - O lúdico e as projeções do mundo barroco. 2ª edição, São Paulo, Editora Perspectiva, 198

BOBBIO, Norberto - O futuro da democracia. Uma defesa das regras do jogo. 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1986.

- BOSI, Ecléa - Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979.
- BOWRA, C.M. - La imaginación romántica. Tradução espanhola, Madrid, Taurus Ediciones, 1972.
- BRAUDEL, Fernand - O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II. Tradução portuguesa, Lisboa, Livraria Martins Fontes Editora, 2 volumes, 1983.
- La dynamique du Capitalisme. Paris, Anthaud, 1985.
- L'Identité de la France. Espace et Histoire. Paris, Anthaud, Flammarion, 1986.
- BUSQUETS, Júlio - Introducción a la sociologia de las nacionalidades. Madrid, Edicusa, 1971.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de - "Sur l'Introduction et diffusion des chiffres arabes au Portugal". IN: Bulletin des études portugaises et de l'Institut français au Portugal. Lisboa, vol. XX, 1957.
- CHAUNU, Pierre - Histoire et Décadence. Paris, Librairie Académique Perrin, 1981.
- DELUMEAU, Jean - Naissance et affirmation de la Reforme. Paris, Press Universitaires de France, 1965.
- DUCHET, Michele - Antropologie et Histoire au Siècle des Lumières. Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvétius, Diderot. Paris, François Maspero, 1971.
- FALCÓN, Francisco José Calazans - A Época Pombalina. (Política Econômica e Monarquia Ilustrada). São Paulo, Editora Ática, 1982.
- FERNANDES, Florestan - Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

- FRANÇA, Eduardo d'Oliveira - Portugal na época de restauração. Tese apresentada ao concurso de Cátedra à Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1951.
- FOUGEYROLLAS, Pierre - Por une France Fédérale - vers l'unité européenne pour la révolution régionale. Paris, Editions Denöel, 1968.
- GERBI, Antonello - La disputa del nuevo mundo. História de uma polémica (1750-1900). Trad. espanhola, Fundo de Cultura Econômica, 1960.
- GOLPE, E. Menéndez - Valdés - Separatismo y unidad (una mistificación histórica). Madrid, Seminários y Ediciones, 1973.
- GUENÉE, Bernard - O Ocidente nos séculos XIV e XV (Os Estados). Tradução Portuguesa, São Paulo, Livraria Pioneira Editora / Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- HAUSER, Arnold - História Social de la literatura y el arte. Tradução espanhola, Madrid, Ediciones Guadarrama, 3 volumes, 1969.
- HECKSCHER, Eli - La Época Mercantilista. Tradução espanhola, México, Fundo de Cultura, 1944.
- HOBBSAWM, Eric - "A invenção das tradições". IN: Eric Hobsbawn e Terence Ranger. A Invenção das tradições. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1984.
- HUIZINGA, Johan - El Otoño de la Edad Media. Estudios sobre las formas de vida y del Espiritue durante los siglos XIX y XV en Francia y en los Países Bajos. Tradução espanhola, 6ª edição, Madrid, Selecta de Revista de Occidente, 1965.

Consideramos, todavia, que inexistindo real declínio das atividades produtivas, visto terem elas se rearticulado de novo modo, isto não exclui, quer a percepção da crise pelos agentes sociais, quer a existência de perda cultural mais ampla e de deterioração do antigo viço urbano. Na dimensão cultural, parece ser complicado negar o enfraquecimento: "Os escritores da geração anterior representam o ponto máximo da contribuição brasileira ao Arcadismo da literatura comum; comparados a eles, os que veremos doravante marcam acentuado desnível, levando-nos a refletir sobre o fato que, nas correntes literárias, fastígio é frequentemente véspera do declínio"<sup>171</sup>. No que diz respeito ao espaço urbano, John Mawe salientou o visível decaimento de Vila Rica: "A cidade é de extensão considerável, mas menos povoada que no tempo das minas ricas. Poucos habitantes, excetuado os lojistas, têm ocupação..."<sup>172</sup> Além do mais, caberia provavelmente considerar que, no plano do imaginário, a presença da mística do ouro, levava aqueles homens a perceberem a agricultura como inferior. Por isso, embuidos da magia do eldorado, aos mineiros "a atividade agrícola parece constituir para muitos apenas em pálido substitutivo"<sup>173</sup>. Até as famílias de muitas gerações de agricultores não escapam da nostalgia do ouro: "ocuparam as terras próximas de Januária por muitos anos e foram agricultores nos bons e velhos tempos da

---

(171) CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira. (Momentos decisivos)*. 5ª edição, 1º volume (1750-1836), São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1975, página 191.

- MILLS, Wright - A Elite do Poder. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1962.
- MORINEAU, Michel - Incroyables gazettes et fabuleux métaux. Le retour des trésors américains d'après les gazettes hollandaises (XVI<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles). Cambridge, Cambridge University Press et Editions Maisons des Sciences de L'Homme, Paris, 1986.
- OLIVEIRA MARTINS, J. P. - O Brasil e as Colônias portuguesas. Lisboa, Guimarães Editora, 1953.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães - Magia e Capitalismo. Um estudo antropológico da publicidade. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- SCHWARTZ, Stuart B. e LOCKHART, James. Early Latin America. A History of Colonial Spanish America and Brazil. Nova York, Cambridge University Press, 1983.
- SEMMELE, Bernard - The rise of free trade imperialism. Cambridge, Cambridge University Press, 1970.
- TALMON, J.L. - Romantismo e Revolta. Europa (1815-1848). Tradução portuguesa, Lisboa, 1967.
- VILAR, Pierre - "El tiempo del Quijote". IN: Crecimiento y Desarrollo. Economía e História. Reflexiones sobre el caso español. Barcelona, Editora Ariel, 1964.
- WALLERSTEIN, Immanuel. El Moderno Sistema Mundial. La Agricultura Capitalista y los Orígenes de la Economía - Mundo Europeo en el siglo XVI. Tradução espanhola, 2ª edição, México, Editora Siglo Veintiuno, 1979.

VII. ESTUDOS

4. Obras Teóricas

- ADORNO, T.W. - Dialéctica Negativa. Tradução espanhola, Madrid, Taurus Ediciones, 1984.
- "La critica de la cultura y la sociedad". IN:Prismas. Tradução espanhola, Barcelona, Ediciones Ariel, 1962.
- ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. - "Cultura y administración". IN: Sociológica. Tradução espanhola, 2ª edição, Madrid, Ediciones Taurus, 1971.
- Dialéctica del Humanismo. Tradução espanhola, Buenos Aires, Editorial Sur, 1971.
- ALTHUSSER, Louis - La revolución teórica de Marx. Tradução espanhola, 3ª edição, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 1971.
- ARENDT, Hannah - A condição humana. Tradução portuguesa, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1983.
- On revolution. London, Perquin Books, 1973.
- AUERBACH, Erich - Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental. Tradução portuguesa, 2ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1976.
- BARTHES, Roland - Mitologias. Tradução portuguesa, 2ª edição, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1975.
- BENJAMIN, Walter - Origem do drama barroco alemão. Tradução portuguesa, apresentação e notas de Sérgio Rouañet, São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.



- BENOIST, Jean-Marie - "Conclusiones". IN: L'Identité. Séminaire dirigé par Claude Lévi-Strauss. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
- BESANÇON, Alain - Histoire et expérience du moi. Paris, Flammarion, 1971.
- BOURDIEU, Pierre - A Economia das Trocas Simbólicas. Organização e Introdução de Sérgio Miceli. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_ - Un art moyen. Essai sur les usages sociaux de la photographie. Paris, Minuit, 1965.
- CASTORIADIS, Cornelius - A Instituição Imaginária da Sociedade. Tradução portuguesa, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1986.
- COHN, Gabriel - Sociologia da Comunicação. Teoria e Ideologia. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1973.
- DURAND, Gilbert - Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Introduction à l'archétypologie générale. 10ª edição, Paris, Dunod, 1984.
- DURKHEIM, Émile - De la División del Trabajo Social. Tradução espanhola, Buenos Aires, Editorial Schapire, 1967.
- \_\_\_\_\_ - Las formas elementales de la vida religiosa. Tradução espanhola, Buenos Aires, Editorial Schapire, 1968.
- FLORES, César - La mémoire. 4ª edição, Paris, Presses Universitaires de France, 1982.
- FOUCAULT, Michel - As Palavras e as Coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas. Tradução portuguesa, Lisboa, Editora Portugália, 1967.

- FOUCAULT, Michel - Microfísica do Poder. Organização e Introdução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979.
- GIRADERT, Raoul - Mythes et mythologies politiques. Paris, Éditions du Seuil, 1986.
- GODELIER, Maurice - "Mythe et histoire. Réflexions sur les fondements de la pensée sauvage". IN: Annales Économiques. Sociétés Civilisations. n<sup>os</sup> 3 e 4, Mai-Out, 1971.
- GOLDMANN, Lucien - Le dieu caché Études sur la vision tragique dans es Pensées du Pascal et dans le théâtre de Racine. Paris, Libraire Gallimard, 1955.
- GOUREVITCH, A. Y. - "Le temps come problème D'Histoire Culturelle". IN: Les Cultures et le temps. Introdução de Paul Ricoeur, Paris, Payot / Unesco, 1975.
- GRAMSCI, Antonio - Os Intelectuais e a organização da cultura. Tradução portuguesa, -Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.
- GREEN, André - "Atome de parenté et relations œdipiennes". IN: L'Identité. Paris, Libraire Plon, 1985.
- GUATTARI, Felix - Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. Tradução portuguesa, 2ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- HALBWACHS, Maurice - Les Cadres Sociaux de la Mémoire. Paris, Librairie Félix Alcan, 1925.
- La Mémoire Collective. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- HEGEL, G.W.F. - Leçons sur la philosophie de l'Histoire. Tradução francesa, 3ª edição, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1970.

- HELLER, Agnes - Historia y vida cotidiana. A portación a la Sociologia Socialista. Tradução espanhola, México, Editorial Gryjaldo, 1985.
- JUNG - "Cristo-Arquétipo". IN: Dialética do Indivíduo. O Indivíduo na natureza, história e cultura. Massimo CANEVACCI (org.). Tradução portuguesa, 2ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
- KOLAKOWSKI, Leszek - A presença do mito. Tradução portuguesa, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1972.
- LÉVI-STRAUSS, Claude - "Raça e História. IN: Raça e Ciência I. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.
- \_\_\_\_\_ - O totemismo hoje. Tradução portuguesa, Petrópolis, Editora Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_ - Antropologia Estrutural. Tradução portuguesa, Editora Tempo Brasileiro, 1967.
- \_\_\_\_\_ - El pensamiento Salvaje. Tradução espanhola, México, Fondo de Cultura Económica, 1964.
- \_\_\_\_\_ - La potière jalouse. Paris, Librairie Plon, 1985.
- \_\_\_\_\_ - L'Identité. Paris, Librairie Plon, 1985.
- \_\_\_\_\_ - "Le temps du mythe". IN: Annales. Economies, Sociétés, Civilisations. nos 3 e 4, maio-agosto, 1971.
- LUKÁCS, George - Historia y consciencia de clase. Estudios de dialéctica marxista. Tradução espanhola, México, Editorial Grijalbo, 1969.
- \_\_\_\_\_ - Teoria do Romance. Tradução portuguesa, Lisboa, Editorial Presença, s.d.

MACHEREY, Pierre - Para uma teoria da produção literária. Tradução portuguesa, Lisboa, Editorial Estampa, 1971.

MANNHEIM, Karl - Ideologia e Utopia. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_ Ensayos de sociología de la cultura. Hacia una sociología del espíritu, el problema de la "Intelligentsia", la democratización en la cultura. Tradução espanhola, 2ª edição, Madrid, Aguilar Ediciones, 1963.

MARCUSE, Herbert - Raison et Révolution. Hegel et la naissance de la théorie sociale. Tradução francesa, Paris, Les Éditions de Minuit, 1968.

Ideologia da sociedade industrial. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1969.

Eros e Civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução portuguesa, 4ª edição, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1969.

MARX, Karl - O Capital. Crítica da Economia Política. Tradução portuguesa, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 5 volumes, 1971.

O Capital. Livro I, Capítulo VI. (Inédito). Tradução portuguesa, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich - La Ideología Alemana. Tradução espanhola, Buenos Aires, Ediciones Pueblos Unidos, 1973.

POULANTZAS, Nicos - Poder político y clases sociales en el Estado capitalista. Tradução espanhola, 2ª edição, México, Siglo Veintiuno Editores, 1970.

- POULANTZAS, Nicos (org.) - O Estado em Crise. Tradução portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1978.
- SILVEIRA, Paulo - Do lado da História (uma leitura crítica da obra de Althusser). São Paulo, Livraria Editora Polis, 1978.
- STAROBINSKI, Jean - "La Littérature, Le Texte et L'Interprète". IN: Faire de L'Histoire. Nouvelles approches. Volume II. Sob a direção de Jacques LE GOFF et Pierre NORA. Paris, Gallimard, 1974.
- TODOROV, Tzvetan - As estruturas narrativas. Tradução portuguesa, 2ª edição, São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.
- VERÓN, Eliseo - Ideologia, Estrutura e Comunicação. Tradução portuguesa, São Paulo, Editora Cultrix, 1970.
- WEBER, Max - Economia y Sociedad. Tradução espanhola, 2ª edição, México, Fondo de Cultura Económica, 2 vols., 1969.
- A ética protestante e o espírito do capitalismo. Tradução portuguesa, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1967.
- \_\_\_\_\_ Sobre la teoría de las ciencias sociales. Tradução espanhola, Barcelona, Ediciones Península, 1971.
- Ensaio de Sociologia. Tradução portuguesa, 2ª edição, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1971.

VIII - OUTRAS OBRAS CITADAS

A Carta de Pero Vaz de Caminha - Edição crítica de Jaime Cortesão.  
Lisboa, Editora Portugália, s.d.

ANTONIL, André João Andreoni - Cultura e Opulência do Brasil por suas Minas e Drogas. (Texto da edição de 1711). Introdução e notas de Alice P. Canabrava, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1967.

- Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas  
Texte de l'édition de 1711, traduction et commentaire critique par A. MANSUY, Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine, Paris, 1968.

Aureo Throno Episcopalis... - Lisboa, 1749.

COELHO, J.J. Teixeira - Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais (1780). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo XV, 2ª edição, 1888.

COUTO, José Vieira - "Memória sobre a Capitania de Minas Gerais". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. CXXXV.

MACHADO, Siman Ferreira - Triunfo Eucharistico... Lisboa, 1734.

Memoria q' J.M. Siqueira Presb. Secular Professor Real da Filosofia Rac.<sup>al</sup> e Moral da Vã do Cuyabã Academico da R<sup>l</sup>. Academia das Sciencias de LXº Enviou a M.<sup>ma</sup> Academia sobre a decadência Atuas das Tres Cap.<sup>nias</sup> de Minnas e os Meios d'a Reparar no anno de 1802. IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de. Monções. 2ª edição, São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1976.

MONLEVADE, J. A. - Memória , de 12-12-1853. Apêndice à Mensagem 1854, de Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos.

Relatório do Marquês de Lavradio (1779). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo V, 1842.

Roteiro do Maranhão e Goiaz pela Capitania do Piauí (Fins do Século XVIII). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LXII, parte 1, 1900.